

O UNIVERSO HOLOGRÁFICO



Traduzido, Corrigido e Adaptado por

Gulland Greyl

05-01-2022

SINTESE

Quase todo mundo está familiarizado com hologramas - imagens tridimensionais projetadas no espaço com o auxílio de um laser. Dois dos pensadores mais eminentes do mundo acreditam que o próprio universo possa ser um holograma gigante, literalmente um tipo de imagem ou construção criada, pelo menos em parte, pela mente humana. O físico David Bohm da Universidade de Londres, protegido de Einstein e um dos físicos quânticos mais respeitados do mundo, e o neurofisiologista Karl Pribram de Stanford, um arquiteto da nossa compreensão moderna do cérebro, desenvolveu uma nova maneira notável de ver o universo. A sua teoria explica não apenas muitos dos problemas não resolvidos da física, mas também ocorrências misteriosas como a telepatia, experiências fora do corpo e de quase morte, sonhos "lúcidos" e até experiências religiosas e místicas, como sentimentos de unidade cósmica e curas milagrosas. Apresentando agora um prefácio de Lynne McTaggart, O Universo Holográfico de Michael Talbot, é um trabalho marcante cujas emocionantes conclusões continuam a ser comprovadas pela mais avançada física, cosmologia e teoria das cordas de hoje.

Índice

Agradecimentos.....	5
Prefácio.....	7
Introdução	12
Parte 1	19
Capítulo 1.....	1
O CÉREBRO COMO HOLOGRAMA.....	1
A DESCOBERTA	3
A VISÃO TAMBÉM É HOLOGRÁFICA	7
OUTROS QUEBRA-CABEÇAS EXPLICADO PELO MODELO HOLOGRÁFICO DO CÉREBRO	9
A VASTIDÃO DA NOSSA MEMÓRIA.....	9
A NOSSA CAPACIDADE DE RECORDAR E ESQUECER.....	10
MEMÓRIA ASSOCIATIVA.....	10
A NOSSA CAPACIDADE DE RECONHECER COISAS FAMILIARES	10
MEMÓRIA FOTOGRÁFICA	11
A TRANSFERÊNCIA DE HABILIDADES APRENDIDAS	12
SENSAÇÕES DOS MEMBROS FANTÁSTICOS E COMO CONTRUÍMOS UM “MUNDO-LÁ-FORA”	12
SUPORTE EXPERIMENTAL PARA O CÉREBRO HOLOGRÁFICO	14
A LINGUAGEM MATEMÁTICA DO HOLOGRAMA.....	14
O DANÇARINO COMO FORMA DE ONDA	16
A REAÇÃO DA COMUNIDADE CIENTÍFICA.....	17
PRIBRAM ENCONTRA BOHM	18
Capítulo 2.....	21
O COSMOS COMO HOLOGRAMA	21
BOHM E INTERCONETIVIDADE	24
UM MAR VIVO DE ELETRONS	25
A DESILUSÃO DE BOHM.....	26
UM NOVO TIPO DE CAMPO E A BALA QUE MATOU LINCOLN	27
SE QUER SABER ONDE ESTÁ, PERGUNTE AOS NÃO-LOCAIS.....	28
DIGITE O HOLOGRAMA.....	30
ORDENS ENVOLVIDAS E REALIDADES DESDOBRADAS	33
A TOTALIDADE INDIVISA DE TODAS AS COISAS.....	34
CONSCIÊNCIA COMO UMA FORMA MAIS SUTIL DE MATÉRIA	35
A ENERGIA DE UM TRILHÃO DE BOMBAS ATÓMICAS EM CADA CENTRÍMICO CÚBICO DE ESPAÇO	37
SUPORTE EXPERIMENTAL PARA O UNIVERSO HOLOGRÁFICO DE BOHM	38
A REAÇÃO DA COMUNIDADE DE FÍSICA	39

PRIBRAM E BOHM JUNTOS.....	39
Parte 2	21
Capítulo 3.....	41
O MODELO HOLOGRÁFICO E A PSICOLOGIA	41
OS SONHOS E O UNIVERSO HOLOGRÁFICO	42
PSICOSE E A ORDEM IMPLÍCITA.....	44
SONHOS LÚCIDOS E UNIVERSOS PARALELOS.....	46
APANHANDO BOLEIA NO SUBTERRÂNEO INFINITO	47
TERAPIA HOLOTRÓPICA.....	52
VÓRTICES DE PENSAMENTOS E MÚLTIPLAS PERSONALIDADES.....	52
UMA FALHA NA ESTRUTURA DA REALIDADE	56
Capítulo 4.....	61
EU CANTO O CORPO HOLOGRÁFICO	61
JOGOS MENTAIS DE BASQUETEBOL	65
A FALTA DE DIVISÃO ENTRE SAÚDE E DOENÇA.....	66
O PODER DE CURA DO NADA	68
TUMORES QUE DERRETEM COMO BOLAS DE NEVE NUM FOGÃO QUENTE.....	70
UMA DROGA FUNCIONA REALMENTE?.....	71
AS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE DA PERSONALIDADE MÚLTIPLA.....	74
GRAVIDEZ, TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS E EXPLORAÇÃO DO NÍVEL GENÉTICO.....	77
IMAGENS PROJETADAS FORA DO CÉREBRO	86
LEIS CONHECIDAS E DESCONHECIDAS.....	87
MICROSSISTEMAS DE ACUPUNTURA E O HOMENZINHO NA ORELHA.....	88
APROVEITANDO OS PODERES HOLOGRÁFICOS DO CÉREBRO.....	92
Capítulo 5.....	95
UM BOLSO CHEIO DE MILAGRES	95
O GREMLIN NA MÁQUINA.....	98
A PSICOCINESE EM MAIOR ESCALA	101
PSICOCINESE EM MASSA NA FRANÇA DO SÉCULO XVIII	103
REPROGRAMAÇÃO DO PROJETOR CÓSMICO CINEMATOGRÁFICO.....	106
AS LEIS DA FÍSICA COMO HÁBITOS E REALIDADES PONTENCIAIS E REAIS	109
A CONSCIÊNCIA CRIA OU NÃO PARTÍCULAS SUBATÓMICAS, ESSA É A QUESTÃO	111
VOCÊ PODE CONSEGUIR ALGO POR NADA.....	118
MUDANDO A IMAGEM INTEIRA	124
O QUE SIGNIFICA TUDO ISTO?.....	127
Capítulo 6.....	133
VENDO HOLOGRAFICAMENTE.....	133

O CAMPO DE ENERGIA HUMANO	135
O CAMPO DE ENERGIA DA PSIQUE HUMANA	139
MÉDICOS QUE VÊEM O CAMPO DE ENERGIA HUMANO.....	141
PADRÕES HOLOGRÁFICOS DO CAOS	143
DO QUE É FEITO O CAMPO DE ENERGIA HUMANO?	147
IMAGENS TRIDIMENSIONAIS NA AURA.....	147
FILMES NA AURA	149
AVALIAÇÃO HOLOGRÁFICA DO CORPO	151
VISÃO RAIOS-X.....	152
VISÃO INTERNA E XAMANISMO	154
O CAMPO DE ENERGIA COMO PROJETO CÓSMICO	155
UMA REALIDADE PARTICIPATIVA	156
A MENTE E O CAMPO DE ENERGIA HUMANO.....	158
Parte 3	132
Capítulo 7.....	161
TEMPO FORA DA MENTE.....	161
O PASSADO COMO HOLOGRAMA	163
FANTASMAS DO PASSADO	165
O FUTURO HOLOGRÁFICO.....	168
TODOS NÓS SOMOS PRECOGNITIVOS.....	171
HOLOSALTOS DE FÉ	172
AS COISAS SOMBRIAS DA ALMA.....	174
PENSAMENTO COMO CONSTRUTOR.....	180
UMA INDICAÇÃO DE ALGO MAIS PROFUNDO.....	182
TRÊS ÚLTIMAS EVIDÊNCIAS	183
Capítulo 8.....	189
VIAJANDO NO SUPERHOLOGRAMA.....	189
EFCs COMO UM FENÓMENO HOLOGRÁFICO.....	193
A EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE.....	197
UMA EXPLICAÇÃO HOLOGRÁFICA DA EXPERIÊNCIA QUASE-MORTE.....	201
O CÉU COMO HOLOGRAMA	203
CONHECIMENTOS INSTANTÂNEOS	205
PLANOS DE VIDA E PISTAS DE TEMPO PARALELO	209
PODE COMER MAS NÃO PRECISA DE O FAZER.....	211
INFORMAÇÕES SOBRE O REINO DE QUASE-MORTE DE OUTRAS FONTES.....	212
A TERRA DE LUGAR NENHUM	215
IMAGENS INTELIGENTES E COORDENADAS DA LUZ.....	217

MAIS REFERÊNCIAS À LUZ.....	218
SOBREVIVÊNCIA NO INFINITO	220
UM BRILHO ESPIRITUAL INEGÁVEL.....	222
QUEM SÃO OS SERES DE LUZ?	225
O UNIVERSO OMNIJETIVO	228
Capítulo 9.....	239
REGRESSO AO TEMPO DOS SONHOS.....	239
A VELA E O LASER	242
O FUTURO DA IDEIA HOLOGRÁFICA	243
A NECESSIDADE DE UMA REESTRUTURAÇÃO BÁSICA DA CIÊNCIA	246
UM IMPULSO EVOLUCIONÁRIO PARA UMA CONSCIÊNCIA SUPERIOR	249
Gullan Greyl	253
COMENTÁRIOS E OBSERVAÇÕES.....	253

Agradecimentos

Escrever é sempre um esforço colaborativo e muitas pessoas contribuíram para a produção deste livro de várias maneiras. Não é possível citar todos eles, mas alguns que merecem menção especial incluem: David Bohm, Ph.D., e Karl Pribram, Ph.D., que foram generosos com seu tempo e as suas ideias, e sem cujo trabalho este livro não teria sido escrito.

Barbara Brennan, MS, Larry Dossey, MD, Brenda Dunne, Ph.D., Elizabeth W. Fenske, Ph.D., Gordon Globus, Jim Gordon, Stanislav Grof, MD, Francine Howland, MD, Valerie Hunt, Ph. D., Robert Jahn, Ph.D., Ronald Wong Jue, Ph.D., Mary Orser, F. David Peat., Ph.D., Elizabeth Rauscher, Ph.D., Beatrice Rich, Peter M. Rojcewicz, Ph.D., Abner Shimony, Ph.D., Bernie S. Siegel, MD, TM Srinivasan, MD, Whitley Strieber, Russell Targ, William A. Tiller, Ph.D., Montague Ullman, MD, Lyall Watson, Ph.D., Joel L. Whitton, MD, Ph.D., Fred Alan Wolf, Ph.D., e Richard Zarro, que também foram generosos com o seu tempo e ideias.

Carol Ann Dryer, pela sua amizade, percepção e apoio, e pela generosidade infinita quando se trata de partilhar o seu profundo talento.

Kenneth Ring, Ph.D., por horas de conversa fascinante e por apresentar-me os escritos de Henry Corbin.

Stanley Krippner, Ph.D., por reservar um tempo para me ligar ou me deixar cair uma nota sempre que ele encontrasse qualquer pista nova sobre a ideia holográfica.

Terry Oleson, Ph.D., pelo seu tempo e por gentilmente me permitir usar o seu diagrama do "homenzinho no ouvido".

Michael Grosso, Ph.D., pela conversa instigante e por me ajudar a rastrear várias obras de referência obscuras sobre milagres.

Brendan O'Regan, do Instituto de Ciências Noéticas, pelas suas importantes contribuições ao assunto dos milagres e por me ajudar a rastrear informações sobre os mesmos.

Meu amigo de longa data, Peter Brunjes, Ph.D., por usar os seus contatos com a universidade para ajudar-me a obter várias obras de referência difíceis de encontrar.

Judith Hooper, por emprestar-me vários livros e artigos da sua extensa coleção de materiais sobre a ideia holográfica.

Susan Cowles, M.S., do Museu de Holografia de Nova York, por ajudar-me a pesquisar ilustrações para o livro.

Kerry Brace, por partilhar os seus pensamentos sobre a ideia holográfica no que se refere ao pensamento hindu, e de cujos escritos eu peguei emprestado

a ideia de usar o holograma da Princesa Leia do filme *Guerra nas Estrelas* para abrir o livro.

Marilyn Ferguson, a fundadora do *Boletim Cérebro/Mente*, que foi uma das primeiras escritoras a reconhecer e escrever sobre a importância da teoria holográfica, e que também foi generosa com o seu tempo e pensamento. O leitor atento notará que o meu resumo da visão do universo que surge quando consideramos as conclusões de Bohm e Pribram em conjunto, no final do Capítulo Dois, é na verdade apenas uma ligeira reformulação das palavras que Ferguson usa para resumir o mesmo sentimento no seu livro best-seller *A Conspiração Aquariana*. A minha incapacidade de apresentar uma maneira diferente e melhor de resumir a ideia holográfica deve ser vista como um testemunho da clareza e sucinta de Ferguson como escritora.

A equipe da Sociedade Americana para Pesquisas Psíquicas pela assistência na busca de referências, recursos e nomes de indivíduos pertinentes.

Martha Visser e Sharon Schuyler pela sua ajuda na pesquisa do livro.

Ross Wetzsteon do *Village Voice*, que me pediu para escrever o artigo que deu início a tudo.

Claire Zion da Simon & Schuster, quem primeiro sugeriu que eu escrevesse um livro sobre a ideia holográfica.

Lucy Kroll e Barbara Hogenson por serem as melhores agentes possíveis.

Lawrence P. Ashmead da Harpercollins, por acreditar no livro, e John Michel, pela sua edição gentil e perspicaz.

Se houver alguém que eu inadvertidamente deixei de fora, por favor, perdoem-me. A todos, nomeados ou não, que me ajudaram a dar à luz este livro, meus sinceros agradecimentos.

Prefácio

Como qualquer bom escritor de ficção científica com gosto pelo jornalismo, Michael Talbot gostava de vasculhar a ciência de ponta em busca de ideias. Na década de 1980, Talbot encontrou por acaso todas as experiências obscuras francesas realizadas por um palestrante júnior para a sua tese de doutoramento. Foi um projeto audacioso; Alain Aspect, um Ph.D., candidato à Escola Superior Normal de Cachan, fora de Paris, decidiu demonstrar isso, pelo menos em um aspeto. Albert Einstein estava errado.

Aspect estava a examinar uma característica estranha da física quântica chamada "não-localidade" ou "emaranhamento". Como Niels Bohr, um pioneiro vencedor do Prêmio Nobel da física quântica, descobriu, uma vez que as partículas subatômicas, como elétrons ou fótons, entram em contato, elas permanecem para sempre influenciadas umas pelas outras instantaneamente e sem razão aparente, ao longo de um tempo ou de qualquer distância.

Quando as partículas estão emaranhadas, as ações de uma sempre influenciarão a outra na mesma direção ou na direção oposta, não importa o quanto elas estejam separadas. Eles agem como um par de amantes perdidos que são forçados a separar-se e viver independentemente para sempre, mas que continuam não apenas a saber os movimentos um do outro, mas também a imitar todas as atividades do outro pelo resto dos seus dias.

Albert Einstein recusou-se a aceitar a não-localidade, depreciando a teoria como "ação fantasmagórica à distância". Einstein afirmou que esse tipo de ligação instantânea não poderia ocorrer porque exigiria que as informações viajassem mais rápido do que a velocidade da luz, que ele considerava o limite externo absoluto da rapidez com que uma coisa pode afetar outra. Mesmo as partículas subatômicas não deveriam ser capazes de afetar outras partículas mais rápido do que o tempo que a primeira levaria para viajar para a segunda na velocidade da luz.

Em 1972, John Bell, um físico irlandês, concebeu um método simples de testar a verdade da não-localidade fazendo medições em um par de partículas quânticas que antes estiveram em contato, mas agora estavam separadas. A nossa visão de mundo de senso-comum sustenta que uma medida será maior do que a outra e, portanto, demonstrará a sua "desigualdade". Se a desigualdade fosse "violada", seria uma evidência de que as duas partículas estavam emaranhadas.

A Desigualdade de Bell, como o teorema ficou conhecido, permaneceu um experimento de pensamento inteligente até que o experimento na vida real de Aspect mostrou que quando dois fótons eram disparados de um único átomo, a medição de um foton instantaneamente afetava a posição do segundo foton. O que quer que tenha acontecido com um era idêntico ou exatamente o oposto do

que aconteceu com o outro. Uma comparação das medidas mostrou que ambas eram iguais. Algum fio invisível parecia estar a conectar essas partículas quânticas através do espaço, para fazê-las seguir umas às outras para sempre.

Aspect tinha demonstrado conclusivamente que as partículas podiam viajar mais rápido do que a velocidade da luz. Mas ele também produziu importantes evidências iniciais de que na camada mais baixa da matéria, as coisas estão interligadas.

O experimento de Aspect teve pouca divulgação popular, mas Talbot reconheceu imediatamente a sua importância. Ele ficou particularmente impressionado com a interpretação das descobertas de Aspect apresentadas por David Bohm, um físico da Universidade de Londres. Na opinião de Bohm, com um pequeno experimento, Aspect havia destruído os próprios alicerces da física: a matéria não podia mais ser considerada separada e individual, mas deveria ser vista como fundamentalmente interligada.

Como escreve Talbot: "Bohm acredita que a razão pela qual as partículas subatômicas são capazes de permanecer em contato umas com as outras, independentemente da distância que as separa, não é porque estão a enviar algum tipo de sinal misterioso para frente e para trás, mas porque a sua separação é uma ilusão. Ele argumenta que em algum nível mais profundo de realidade tais partículas não são entidades individuais, mas são, na verdade, extensões do mesmo algo fundamental."

Bohm era um defensor antigo da ideia de que uma realidade objetiva e "dura" não existia, de facto. Ele acreditava que o mundo estava envolvido em um estado "implicado" e usou como modelo um holograma.

Um holograma é, em certo sentido, um arquivo quântico, no qual a informação é envolvida - armazenada - em ondas quânticas. Num holograma de laser clássico, um feixe de laser é dividido. Uma parte é refletida por um objeto - digamos, uma maçã - e a outra é refletida por vários espelhos. Eles são então reunidos e capturados em um pedaço de filme fotográfico. O resultado na placa - representando o padrão de interferência dessas ondas - assemelha-se a um estranho conjunto de círculos concêntricos.

No entanto, quando você projeta um feixe de luz do mesmo tipo de laser através do filme, o que você vê é uma imagem virtual tridimensional totalmente realizada da maçã. Um exemplo perfeito disso é a imagem da Princesa Leia gerada pelo R2-D2 no Episódio IV da série *Star Wars*.

Bohm considerava o universo uma gigantesca Sede de Informação de "Totalidade Ininterrupta", em que tudo no universo já está presente em algum domínio invisível além do tempo e do espaço - um campo de todas as possibilidades - para ser chamado e "explicado", ou manifestado, quando

necessário. Como Talbot escreve. "Deve ser visto como uma espécie de depósito cósmico de "Tudo O Que É".

Talbot também encontrou Karl Pribram, um neurocientista que passou a acreditar que a nossa percepção do mundo ocorre como resultado de uma leitura complexa e transformação de informações em um nível diferente de realidade. Pribram acreditava que o cérebro usa ondas quânticas, como um holograma, para armazenar grandes quantidades de informações. Os nossos cérebros leem essas informações e, a partir delas, criam o mundo tridimensional, da mesma forma que a imagem da Princesa Leia pode ser recriada quando um dos lasers originais brilha na placa fotográfica. Mais importante, esse modelo também deu a Pribram um modelo de como o cérebro pode realizar tarefas localizadas, mas também processar ou armazenar informações como um todo.

Em *O Universo Holográfico*, Talbot pegou nessas ideias e executou-as. Talbot foi um dos primeiros defensores da ideia de que todo o universo era um organismo gigante inseparável. "Tudo interpenetra tudo e, embora a natureza humana possa procurar categorizar, classificar e subdividir os vários fenômenos do universo, todas as repartições são necessariamente artificiais e toda a natureza é, em última análise, uma teia contínua", escreve ele, "Apesar da sua aparente solidez, o universo é no fundo um fantasma, um holograma gigantesco e esplendidamente detalhado."

O "Tudo no Pequeno" era o aspeto da holografia que mais fascinava Talbot - a ideia de que cada minúscula porção da informação codificada contém a imagem inteira. Se você fosse cortar a sua chapa fotográfica da Princesa Leia em pequenos pedaços, e brilhar um feixe de laser em qualquer um deles, uma imagem completa da princesa emergiria.

Michael Talbot nunca soube do destino do seu livro como um clássico no campo da ciência e espiritualidade. Com apenas 38 anos, ele morreu de leucemia linfocítica crônica em maio de 1992, um ano depois da publicação de *O Universo Holográfico* - bem antes de terminar o trabalho da sua vida.

No entanto, *O Universo Holográfico* tornou-se um poderoso memorial para ele. Com o passar dos anos, ele manteve uma popularidade consistente e o motivo não é difícil de encontrar. Esta é uma história que ressoa profundamente em nós. Muitas pessoas reconhecem, de uma forma muito visceral que, fundamentalmente, somos todos um; a cada dia, vemos mais evidências do todo pequeno em nossas vidas.

Felizmente, a ciência está a alcançar a clarividência de Talbot; ele ficaria encantado com muitos dos estudos mais recentes em todas as ciências, não apenas na física quântica, demonstrando que as coisas são muito menos individuais do que pensávamos que eram. Uma nova história científica está a surgir oferecendo evidências de que toda a matéria existe em uma vasta rede

de conexões. O aspecto mais importante da vida não é mais a coisa - é a relação *entre* as coisas.

Ao longo dos anos, senti uma conexão com Talbot além do nosso amor comum por este assunto e a minha admiração pelo seu livro esplêndido. Partilhámos um editor da HarperCollins do falecido Larry Ashmead, que conduziu o meu livro *O Campo*. A popularidade do *O Universo Holográfico* é uma homenagem a Larry Ashmead e à sua própria visão de futuro, tanto quanto ao talento de Talbot. Ambos ficariam satisfeitos com o extraordinário poder de permanência deste livro.

Lynne McTaggart

Dezembro de 2010

0

UNIVERSO

HOLOGRÁFICO

Introdução

No filme *Star Wars*, a aventura de Luke Skywalker começa quando um feixe de luz sai do robô Artoo Detoo e projeta uma imagem tridimensional em miniatura da Princesa Leia. Luke assiste fascinado enquanto a escultura fantasmagórica de luz implora por alguém chamado Obi-Wan Kenobi para ajudá-la. A imagem é um holograma, uma imagem tridimensional feita com o auxílio de um laser, e a magia tecnológica necessária para fazer tais imagens é notável. Mas o que é ainda mais surpreendente é que alguns cientistas estão a começar a acreditar que o próprio universo é uma espécie de holograma gigante, uma ilusão esplendidamente detalhada nem mais nem menos real do que a imagem da Princesa Leia que inicia Luke em sua busca.

Dito de outra forma, há evidências que sugerem que o nosso mundo e tudo nele - de flocos de neve a bordos a estrelas cadentes e elétrons girando - também são apenas imagens fantasmagóricas, projeções de um nível de realidade tão além do nosso que está literalmente além do espaço e tempo.

Os principais arquitetos desta ideia surpreendente são dois dos mais eminentes pensadores: o físico David Bohm da Universidade de Londres, um protegido de Einstein e um dos físicos quânticos mais respeitados do mundo; e Karl Pribram, neurofisiologista da Universidade de Stanford e autor do livro clássico de neuropsicologia *Languages of the Brain*. Curiosamente, Bohm e Pribram chegaram às suas conclusões de forma independente e trabalhando em duas direções muito diferentes. Bohm convenceu-se da natureza holográfica do universo só depois de anos de insatisfação com as teorias convencionais, a incapacidade de explicar todos os fenômenos encontrados na física quântica. Pribram ficou convencido por causa do fracasso das teorias padrão do cérebro em explicar vários enigmas neurofisiológicos.

No entanto, depois de chegar aos seus pontos de vista, Bohm e Pribram rapidamente perceberam que o modelo holográfico explicava uma série de outros mistérios também, incluindo a aparente incapacidade de qualquer teoria, não importa quão abrangente, para dar conta de todos os fenômenos encontrados na natureza; a habilidade de indivíduos com audição em apenas um ouvido de determinar a direção de origem de um som; e nossa capacidade de reconhecer o rosto de alguém que não vimos por muitos anos, mesmo que essa pessoa tenha mudado consideravelmente nesse ínterim.

Mas a coisa mais surpreendente sobre o modelo holográfico era que de repente fazia sentido para uma ampla gama de fenômenos tão elusivos que geralmente foram categorizados fora da área de compreensão científica. Isso inclui telepatia, precognição, sentimentos místicos de unidade com o universo e até psicocinésia, ou a capacidade da mente de mover objetos físicos sem que ninguém lhes toque.

Na verdade, rapidamente tornou-se evidente para um número cada vez maior de cientistas, que abraçaram o modelo holográfico, que este ajudou a explicar virtualmente todas as experiências paranormais e místicas, e na última meia dúzia de anos, continuou a galvanizar os pesquisadores e a lançar luz sobre um número crescente de anteriormente inexplicáveis fenômenos. Por exemplo:

- Em 1980, o psicólogo da Universidade de Connecticut, Dr. Kenneth Ring, propôs que as experiências de quase morte poderiam ser explicadas pelo modelo holográfico. Ring, que é presidente da Associação Internacional para Estudos de Quase-Morte, acredita que tais experiências, assim como a própria morte, nada mais são do que a mudança da consciência de uma pessoa de um nível do holograma da realidade para outro.
- Em 1985, o Dr. Stanislav Grof, chefe de pesquisa psiquiátrica do Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland e professor assistente de psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, publicou um livro no qual concluiu que os modelos neurofisiológicos existentes do cérebro são inadequados e apenas um modelo holográfico pode explicar coisas como experiências arquetípicas, encontros com o inconsciente coletivo e outros fenômenos incomuns experimentados durante estados alterados de consciência.
- Na reunião anual de 1987 da Associação para o Estudo dos Sonhos, realizada em Washington DC, o físico Fred Alan Wolf fez uma palestra em que afirmou que o modelo holográfico explica os sonhos lúcidos (sonhos excepcionalmente vívidos em que o sonhador percebe que está desperto). Wolf acredita que esses sonhos são, na verdade, visitas a realidades paralelas, e o modelo holográfico permitir-nos-á desenvolver uma "física da consciência" que nos permitirá começar a explorar mais plenamente esses níveis de existência em outras dimensões.
- Em seu livro de 1987 intitulado *Synchronicity: The Bridge Between Matter and Mind*, o Dr. F. David Peat, um físico da Universidade Queen no Canadá, afirmou que as sincronicidades (coincidências que são tão

incomuns e tão psicologicamente significativas que não parecem ser resultado apenas do acaso) podem ser explicadas pelo modelo holográfico. Peat acredita que tais coincidências são, na verdade, "falhas no tecido da realidade". Eles revelam que os nossos processos de pensamento estão muito mais intimamente ligados ao mundo físico do que se suspeitava até agora.

Essas são apenas algumas das ideias instigantes que serão exploradas neste livro. Muitas dessas ideias são extremamente controversas. Na verdade, o modelo holográfico em si é altamente controverso e de forma alguma aceito pela maioria dos cientistas. No entanto, e como veremos, muitos pensadores importantes e impressionantes apoiam-no e acreditam que pode ser a imagem mais precisa da realidade que temos até hoje.

O modelo holográfico também recebeu algum suporte experimental dramático. No campo da neurofisiologia, vários estudos corroboraram as várias previsões de Pribram sobre a natureza holográfica da memória e da percepção. Da mesma forma, em 1982, um experimento marcante realizado por uma equipa de pesquisa liderada por um físico Alain Aspect, do Instituto de Ótica Teórica e Aplicada, em Paris, demonstrou que a teia de partículas subatômicas que compõe o nosso universo físico - a própria estrutura da realidade - possui o que parece ser uma propriedade "holográfica" inegável. Essas descobertas também serão discutidas no livro.

Além da evidência experimental, várias outras coisas acrescentam peso para a hipótese holográfica. Talvez as considerações mais importantes sejam o caráter e as realizações dos dois homens que organizaram a ideia. No início das suas carreiras, e antes que o modelo holográfico fosse sequer um vislumbre em seus pensamentos, cada um acumulou realizações que inspirariam a maioria dos pesquisadores a passarem o resto das suas vidas acadêmicas a descansar sobre os louros deles. Na década de 1940, Pribram fez um trabalho pioneiro no sistema límbico, uma região do cérebro envolvida com as emoções e o comportamento. O trabalho de Bohm em física do plasma na década de 1950 também é considerado um marco.

Mas ainda mais significativo, cada um se distinguiu de maneira diferente. É uma maneira que mesmo os homens e mulheres mais realizados raramente podem chamar de seu, pois não é medido por mera inteligência ou mesmo talento. É medido pela coragem, a tremenda determinação necessária para defender as próprias convicções, mesmo diante de uma oposição esmagadora. Enquanto era estudante de graduação, Bohm fez doutorado com Robert Oppenheimer. Mais tarde, em 1951, quando Oppenheimer foi submetido ao perigoso escrutínio do Comitê de Atividades Antiamericanas do senador Joseph McCarthy, Bohm foi chamado para testemunhar contra ele e recusou. Como resultado, ele perdeu o emprego em Princeton e nunca mais lecionou nos Estados Unidos, mudando-se primeiro para o Brasil e depois para Londres.

No início da sua carreira, Pribram enfrentou um teste de coragem semelhante. Em 1935, um neurologista português chamado Egas Moniz concebeu o que considerava o tratamento perfeito para doenças mentais. Ele descobriu que, ao perfurar o crânio de um indivíduo com uma picareta cirúrgica e separar o córtex pré-frontal do resto do cérebro, ele poderia tornar dóceis os pacientes mais problemáticos. Ele chamou o procedimento de *lobotomia pré-frontal* e, na década de 1940, ele tornou-se uma técnica médica tão popular que Moniz recebeu o Prêmio Nobel. Na década de 1950, a popularidade do procedimento continuou e tornou-se uma ferramenta, como as audiências de McCarthy, para eliminar os indesejáveis culturais. Seu uso foi tão aceito para esse propósito que o cirurgião Walter Freeman, o mais franco defensor do procedimento nos Estados Unidos, escreveu sem vergonha que as lobotomias "transformaram os desajustados da sociedade em bons cidadãos americanos", "esquizofrênicos, homossexuais e radicais".

Durante esse tempo, Pribram entrou no cenário médico. No entanto, ao contrário de muitos dos seus colegas, Pribram sentiu que era errado mexer tão imprudentemente no cérebro de outra pessoa. Suas convicções eram tão profundas que, enquanto trabalhava como um jovem neurocirurgião em Jacksonville, Flórida, ele se opôs à sabedoria médica aceita na época recusando-se a permitir que qualquer lobotomia fosse realizada na enfermaria ele era supervisionado. Mais tarde, em Yale, ele manteve sua posição controversa, e as suas opiniões então radicais quase o fizeram perder o emprego.

O compromisso de Bohm e Pribram de defender aquilo em que acreditam, independentemente das consequências, também é evidente no modelo holográfico. Como veremos, colocar a sua reputação nada desprezível por trás de uma ideia tão polêmica não é o caminho mais fácil que qualquer um poderia ter tomado. Tanto a sua coragem quanto a visão que demonstraram no passado novamente adicionam peso à ideia holográfica.

Uma prova final a favor do modelo holográfico é o próprio paranormal. Este não é um ponto pequeno, pois nas últimas décadas um notável corpo de evidências foi acumulado sugerindo que a nossa compreensão atual da realidade, a imagem sólida e reconfortante do mundo que todos nós adquirimos nas aulas de ciências do ensino médio, está errado. Como essas descobertas não podem ser explicadas por nenhum dos nossos modelos científicos padronizados, a ciência basicamente ignorou-as. No entanto, o volume de evidências atingiu o ponto em que essa situação não é mais sustentável.

Para dar apenas um exemplo, em 1987, o físico Robert G. Jahn e a psicóloga clínica Brenda J. Dunne, ambos da Universidade de Princeton, anunciou que após uma década de experimentação rigorosa no seu Laboratório de Pesquisa de Anomalias da Engenharia de Princeton, eles acumularam evidências inequívocas de que a mente pode interagir psiquicamente com a realidade física. Mais especificamente, Jahn e Dunne descobriram que apenas por meio da

concentração mental, os seres humanos são capazes de afetar a maneira como certos tipos de máquinas operam. Esta é uma descoberta surpreendente e que não pode ser explicada em termos da nossa imagem padronizada da realidade.

Isso pode ser explicado pela visão holográfica, no entanto. Por outro lado, como os eventos paranormais não podem ser explicados pelos nossos entendimentos científicos atuais, eles clamam por uma nova maneira de ver o universo, um novo paradigma científico. Além de mostrar como o modelo holográfico pode explicar o paranormal, o livro também examinará como as evidências crescentes em favor do paranormal, por sua vez, parecem realmente exigir a existência de tal modelo.

O facto de que o paranormal não pode ser explicado pela nossa visão de mundo científica atual é apenas uma das razões pelas quais permanece tão controverso. Outra é que o funcionamento psíquico costuma ser muito difícil de determinar em laboratório, e isso fez com que muitos cientistas concluíssem que, portanto, não existe. Essa aparente evasão também será discutida no livro.

Uma razão ainda mais importante é que, ao contrário do que muitos de nós acreditamos, a ciência não é isenta de preconceitos. Aprendi isso pela primeira vez há alguns anos, quando perguntei a um físico conhecido o que ele pensava sobre um determinado experimento parapsicológico. O físico (que tinha a reputação de ser cético em relação ao paranormal) olhou para mim e com grande autoridade disse que os resultados não revelaram "nenhuma evidência de qualquer funcionamento psíquico". Eu ainda não tinha visto os resultados, mas por respeitar a inteligência e a reputação do físico, aceitei o seu julgamento sem questionar. Mais tarde, quando examinei os resultados por mim mesmo, fiquei surpreso ao descobrir que o experimento havia produzido evidências impressionantes de habilidade psíquica. Percebi então que mesmo cientistas conhecidos podem possuir preconceitos e pontos cegos.

Infelizmente, esta é uma situação que ocorre com frequência na investigação do paranormal. Em um artigo recente na *Psicologia Americana*, o psicólogo de Yale Irvin L. Child examinou como uma série bem conhecida de experimentos de sonhos de ESP conduzida no Maimonides Medical Center em Brooklyn, Nova York, tinha sido tratada pela instituição científica. Apesar da dramática evidência de apoio à ESP descoberta pelos experimentadores, Child descobriu que o seu trabalho havia sido quase completamente ignorado pela comunidade científica. Ainda mais perturbador, no punhado de publicações científicas que se preocuparam em comentar os experimentos, ele descobriu que a pesquisa havia sido tão "gravemente distorcida" que a sua importância foi completamente obscurecida.

Como isso é possível? Um dos motivos é que a ciência nem sempre é tão objetiva quanto gostaríamos de acreditar. Vemos os cientistas com um pouco de admiração e, quando nos contam algo, estamos convencidos de que deve ser verdade. Esquecemos que eles são apenas humanos e sujeitos aos mesmos

preconceitos religiosos, filosóficos e culturais que todos nós. Isso é lamentável, pois, como este livro irá mostrar, há muitas evidências de que o universo abrange muito mais do que a nossa visão de mundo atual permite.

Mas por que a ciência é tão resistente ao paranormal em particular? Essa é uma questão mais difícil. Ao comentar sobre a resistência que experimentou às suas próprias visões heterodoxas sobre saúde, o cirurgião de Yale, Dr. Bernie S. Siegel, autor do livro best-seller *Amor, Medicina e Milagres*, afirma que é porque as pessoas são viciadas nas suas crenças. Siegel diz que é por isso que, quando você tenta mudar a crença de alguém, ela age como um viciado.

Parece haver muita verdade na observação de Siegel, que talvez seja por isso que tantos dos maiores insights e avanços da civilização foram recebidos a princípio com tal negação apaixonada. Somos viciados nas nossas crenças e agimos como viciados quando alguém tenta arrancar de nós o poderoso ópio dos nossos dogmas. E como a ciência ocidental dedicou vários séculos a não acreditar no paranormal, ela não vai abandonar o seu vício levemente.

Eu sou sortudo. Sempre soube que havia mais no mundo do que é geralmente aceito. Eu cresci numa família psíquica, e desde tenra idade eu experimentei em primeira mão muitos dos fenômenos dos quais falaremos neste livro. Ocasionalmente, e quando for relevante para o tópico em discussão, relatarei algumas das minhas próprias experiências. Embora possam ser vistos apenas como evidências anedóticas, para mim eles forneceram a prova mais convincente de que vivemos em um universo que estamos apenas a começar a compreender, e eu os incluo por causa do insight que oferecem.

Por último, porque o conceito holográfico ainda é uma ideia em formação e é um mosaico de muitos pontos de vista e peças de evidência diferentes, alguns argumentaram que não deveria ser chamado de modelo ou teoria até que esses pontos de vista díspares sejam integrados num todo mais unificado. Como resultado, alguns pesquisadores referem-se às ideias como paradigma holográfico. Outros preferem *analogia holográfica*, *metáfora holográfica* e assim por diante. Neste livro, e por causa da diversidade, empreguei todas essas expressões, incluindo *modelo holográfico* e *teoria holográfica*, mas não quero dizer que a ideia holográfica atingiu o status de modelo ou teoria no sentido mais estrito desses termos.

Nesse mesmo sentido, é importante observar que, embora Bohm e Pribram sejam os criadores da ideia holográfica, eles não abraçam todas as visões e conclusões apresentadas neste livro. Em vez disso, este é um livro que examina não apenas as teorias de Bohm e Pribram, mas também as ideias e conclusões de numerosos pesquisadores que foram influenciados pelo modelo holográfico e que o interpretaram de maneiras às vezes controversas.

Ao longo deste livro, também discuto várias ideias da física quântica, o ramo da física que estuda as partículas subatômicas (elétrons, prótons e assim por

diante). Como já escrevi sobre esse assunto, estou ciente de que algumas pessoas se intimidam com o termo física quântica e temem não conseguir entender os seus conceitos. A minha experiência ensinou-me que mesmo aqueles que não sabem matemática são capazes de compreender os tipos de ideias da física que são abordadas neste livro. Você nem mesmo precisa de uma formação científica. Tudo o que você precisa é de uma mente aberta se por acaso olhar uma página e vir um termo científico que não conhece. Reduzi esses termos ao mínimo e, nas ocasiões em que foi necessário usar um, sempre os explico antes de continuar com o texto.

Portanto, não tenha medo. Depois de superar o seu "medo da água", acho que vai achar que nadar em meio à física quântica com ideias estranhas e fascinantes é muito mais fácil do que pensava. Acho que você também descobrirá que ponderar algumas dessas ideias pode até mudar a maneira como você vê o mundo. Na verdade, espero que as ideias contidas nos próximos capítulos *mudem* a maneira como você vê o mundo. É com esse desejo humilde que ofereço este livro.

Parte 1

UMA NOTÁVEL NOVA VISÃO DA REALIDADE

Sente-se diante dos factos como uma criança pequena e esteja preparado para desistir de todas as noções preconcebidas, siga humildemente onde e para qualquer abismo que a Natureza conduza, ou você não aprenderá nada.

-T. H. Huxley

Capítulo 1

O CÉREBRO COMO HOLOGRAMA

Não é que o mundo das oportunidades esteja errado; não é que não existam objetos lá fora, de um nível de realidade. É que se você penetrar através de uma nova visão do universo com o sistema holográfico, você passará por uma visão diferente, uma realidade diferente. E essa outra realidade pode explicar coisas que até agora permaneceram inexplicáveis cientificamente: fenômenos paranormais, sincronicidades, a coincidência de eventos aparentemente significativa.

- Karl Pribram

em entrevista na Psychology Today

O quebra-cabeça que deu início a Pribram na estrada para formular o seu modelo holográfico foi a questão de como e onde as memórias são armazenadas no cérebro. No início dos anos 1940, quando ele começou a interessar-se por esse mistério, geralmente acreditava-se que as memórias estavam localizadas no cérebro. Cada memória que uma pessoa tinha, como a memória da última vez que você viu a sua avó ou a memória da fragrância de uma gardênia que você cheirou quando tinha dezasseis anos, acreditava-se ter uma localização específica em algum lugar nas células cerebrais. Esses traços de memória eram chamados de engramas e, embora ninguém soubesse do que um engrama era feito - se era um neurónio ou talvez até mesmo um tipo especial de molécula - a maioria dos cientistas estava confiante de que era apenas uma questão de tempo até que um fosse encontrado.

Havia motivos para essa confiança. A pesquisa conduzida pelo neurocirurgião canadense Wilder Penfield na década de 1920 ofereceu evidências convincentes de que memórias específicas tinham localizações específicas no cérebro. Uma das características mais incomuns do cérebro é que o próprio objeto não sente a dor diretamente. Desde que o couro cabeludo e o crânio tenham sido amortecidos com anestésico local, a cirurgia pode ser realizada no cérebro de uma pessoa totalmente consciente, sem causar dor.

Numa série de experiências marcantes, Penfield usou esse facto a seu favor. Enquanto operava no cérebro de epiléticos, ele estimulava eletricamente várias áreas das suas células cerebrais. Para sua surpresa, ele descobriu que quando estimulou os lobos temporais (a região do cérebro atrás das têmporas) de um dos seus pacientes totalmente conscientes, eles reviveram memórias de episódios passados das suas vidas em detalhes vívidos. Um homem repentinamente reviveu uma conversa que tinha tido com amigos na África do Sul; um menino ouviu a sua mãe a falar ao telefone e após vários toques no elétrodo de Penfield foi capaz de repetir toda a conversa; uma mulher viu-se na sua cozinha e podia ouvir o seu

filho a brincar do lado de fora. Mesmo quando Penfield tentou enganar os seus pacientes, dizendo-lhes que estava a estimular uma área diferente, quando não estava, ele descobriu que, quando tocava o mesmo local, isso sempre evocava a mesma memória.

No seu livro *O Mistério da Mente*, publicado em 1975, pouco antes da sua morte, ele escreveu: "Ficou evidente imediatamente que não eram sonhos. Eram ativações elétricas do registo sequencial da consciência, um registo que havia sido estabelecido durante a experiência anterior do paciente. O paciente "reviveu" tudo o que havia percebido naquele período anterior como num "retrospeto" de uma imagem em movimento.

Da sua pesquisa, Penfield concluiu que tudo o que já experimentámos está registado no nosso cérebro, desde o rosto de cada estranho que vimos na multidão até cada teia de aranha que vimos quando crianças. Ele raciocinou que era por isso que as memórias de tantos eventos insignificantes continuavam a surgir na sua amostragem. Se a nossa memória é um registo completo até mesmo das mais mundanas das nossas experiências quotidianas, é razoável supor que mergulhar aleatoriamente em um cronograma tão massivo produziria uma grande quantidade de informações insignificantes.

Como um jovem residente de neurocirurgia, Pribram não tinha motivos para duvidar da teoria do engrama de Penfield. Mas então aconteceu algo que mudaria o seu pensamento para sempre. Em 1946, ele foi trabalhar com o grande neuropsicólogo Karl Lashley no Laboratório de Biologia Primata de Yerkes, então em Orange Park, Flórida. Por mais de trinta anos, Lashley esteve envolvido na sua própria busca contínua pelos mecanismos elusivos responsáveis pela memória, e lá Pribram foi capaz de testemunhar os frutos do trabalho de Lashley em primeira mão. O que foi surpreendente foi que não apenas Lashley falhou em produzir qualquer evidência do engrama, mas a sua pesquisa realmente pareceu puxar o tapete de todas as descobertas de Penfield.

O que Lashley fez foi treinar ratos para realizar uma variedade de tarefas, como correr em um labirinto. Em seguida, ele removeu cirurgicamente várias partes dos seus cérebros e testou-as novamente. O seu objetivo era literalmente cortar a área do cérebro dos ratos que continha a memória da sua habilidade de corrida de labirinto. Para sua surpresa, ele descobriu que não importava que parte dos seus cérebros ele cortasse, ele não poderia erradicar as suas memórias. Frequentemente, as habilidades motoras dos ratos eram prejudicadas e eles tropeçavam desajeitadamente pelos labirintos, mas mesmo com a remoção de grandes porções dos seus cérebros, as suas memórias permaneceram teimosamente intactas.

Para Pribram, essas foram descobertas incríveis. Se as memórias possuíam localizações específicas no cérebro da mesma forma que os livros possuem localizações específicas nas prateleiras das bibliotecas, por que as extrações cirúrgicas de Lashley não tiveram qualquer efeito sobre elas? Para Pribram, a única resposta parecia ser que as memórias não estavam localizadas em locais específicos do cérebro, mas de alguma forma espalhadas ou

distribuídas por todo o cérebro. O problema era que ele não conhecia nenhum mecanismo ou processo que pudesse explicar tal estado de coisas.

Lashley estava ainda menos certo e escreveu mais tarde: "Às vezes sinto, ao revisar as evidências sobre a localização do traço de memória, que a conclusão necessária é que a aprendizagem simplesmente não é possível. No entanto, apesar de tais evidências contra ela, a aprendizagem às vezes ocorre.". Em 1948, Pribram recebeu uma oferta de um cargo em Yale e, antes de partir, ajudou a redigir trinta anos da monumental pesquisa de Lashley.

A DESCOBERTA

Em Yale, Pribram continuou a refletir sobre a ideia de que as memórias eram distribuídas por todo o cérebro e, quanto mais pensava nisso, mais convencido ficava. Afinal, os pacientes que tiveram partes do cérebro removidas por razões médicas nunca sofreram a perda de memórias específicas. A remoção de uma grande parte do cérebro pode fazer com que a memória do paciente se torne geralmente nebulosa, mas ninguém nunca saiu da cirurgia com qualquer perda seletiva de memória. Da mesma forma, os indivíduos que sofreram ferimentos na cabeça em colisões de automóveis e outros acidentes nunca esqueceram metade da sua família ou metade de um romance que leram. Mesmo a remoção de seções dos lobos temporais, a área do cérebro que tinha figurado de forma tão proeminente na pesquisa de Penfield, não criava nenhum arranhão nas memórias de uma pessoa.

O pensamento de Pribram foi ainda mais solidificado pela incapacidade de ele e de outros pesquisadores duplicarem as descobertas de Penfield ao estimular cérebros que não os dos epiléticos. Até o próprio Penfield foi incapaz de duplicar os seus resultados em pacientes não epiléticos.

Apesar da crescente evidência de que as memórias eram distribuídas, Pribram ainda não sabia como o cérebro poderia realizar uma façanha aparentemente mágica. Então, em meados da década de 1960, um artigo que leu na *Scientific American* descrevendo a primeira construção de um holograma atingiu-o como um raio. Não apenas o conceito de holografia era deslumbrante, mas forneceu uma solução para o quebra-cabeça com o qual ele vinha se confrontando.

Para entender por que Pribram estava tão animado, é necessário entender um pouco mais sobre hologramas. Uma das coisas que torna a holografia possível é um fenômeno conhecido como interferência. A interferência é o padrão cruzado que ocorre quando duas ou mais ondas, como ondas de água, ondulam uma através da outra. Por exemplo, se você lançar uma pedra num lago, esta produzirá uma série de ondas concêntricas que se expandem para fora. Se você lançar duas pedras num lago, obterá dois conjuntos de ondas

que se expandem e passam uma pela outra. O complexo arranjo de cristas e vales que resultam dessas colisões é conhecido como padrão de interferência.

Qualquer fenômeno semelhante a ondas pode criar um *padrão de interferência*, incluindo ondas de luz e de rádio. Como a luz laser é uma forma de luz extremamente pura e coerente, esta é especialmente boa para criar *padrões de interferência*. Ela fornece, em essência, a pedra perfeita e o lago perfeito. No entanto, só foi possível, até à invenção do laser, que os hologramas, como os conhecemos hoje, se tornassem possíveis.

Um holograma é produzido quando um único laser é dividido em dois feixes separados. O primeiro feixe é rebatido do objeto a ser fotografado. Enquanto o segundo feixe colide com a luz refletida do primeiro. Quando isso acontece, eles criam um padrão de interferência que é então gravado em um pedaço de filme (ver fig. 1).

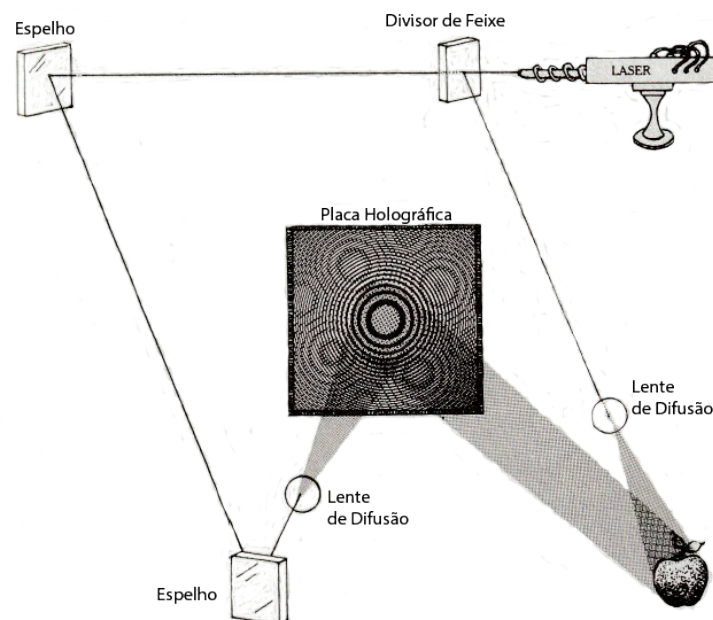


FIGURA 1.

Um holograma é produzido quando um único laser é dividido em dois feixes separados. O primeiro feixe é rebatido do objeto a ser fotografado, neste caso uma maçã. Então, o segundo feixe colide com a luz refletida do primeiro, e o padrão de interferência resultante é registrado no filme.

A olho nu, a imagem no filme não se parece em nada com o objeto fotografado. Na verdade, ele até se parece com os anéis concêntricos que se formam quando um punhado de pedras é lançado num lago (veja a fig. 2). Mas assim que outro feixe de laser (ou, em alguns casos, apenas uma fonte de luz brilhante) incide sobre o filme, uma imagem tridimensional do objeto original reaparece. A tridimensionalidade de tais imagens costuma ser assustadoramente convincente. Você pode realmente caminhar à volta de uma projeção

holográfica e visualizá-la de diferentes ângulos, como faria com um objeto real. No entanto, se você estender a mão e tentar tocá-lo, a sua mão passará por ele e você descobrirá que realmente não há nada lá (veja a fig. 3).

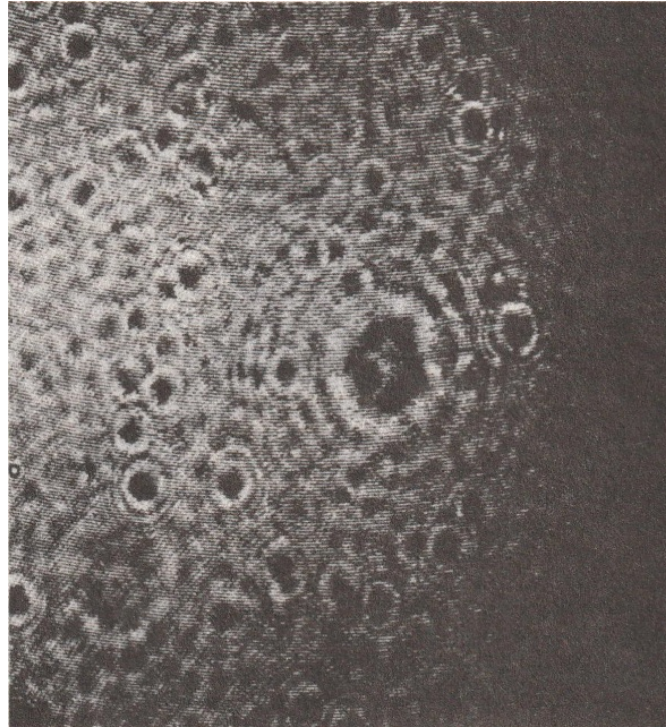


Figura 2. Um pedaço de filme holográfico contendo uma imagem codificada. A olho nu, a imagem no filme não se parece em nada com o objeto fotografado e é composta de ondulações irregulares conhecidas como padrões de interferência. No entanto, quando o filme é iluminado com outro laser, uma imagem tridimensional do objeto original reaparece.

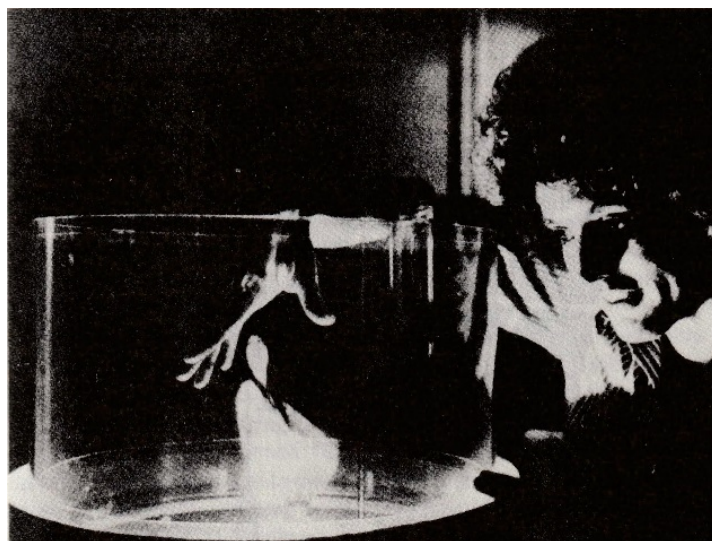


Figura 3. A tridimensionalidade de um holograma costuma ser tão estranhamente convincente que você pode realmente contorná-lo e visualizá-lo de diferentes ângulos. Mas se você estender a mão e tentar tocá-lo, a sua mão passará através dele. ["Celeste despiu-se." Estereograma holográfico de Peter Claudius, 1978. Fotografia de Brad Cantos, coleção do Museu de Holografia. Usado com permissão].

A tridimensionalidade não é o único aspecto notável dos hologramas. Se um pedaço de filme holográfico contendo a imagem de uma maçã for cortado ao meio e então iluminado por um laser, cada metade ainda conterá a imagem inteira da maçã! Mesmo que as metades sejam divididas várias vezes, uma maçã inteira ainda pode ser reconstruída a partir de cada pequena porção do filme (embora as imagens fiquem mais nebulosas à medida que as porções ficam menores). Ao contrário das fotografias normais, cada pequeno fragmento de um pedaço de filme holográfico contém todas as informações registradas no todo (ver fig. 4).*

Essa foi precisamente a característica que deixou Pribram tão empolgado, pois oferecia, finalmente, uma maneira de entender como as memórias podiam ser distribuídas em vez de localizadas no cérebro. Se fosse possível que cada porção de um pedaço de filme holográfico contivesse todas as informações necessárias para criar uma imagem inteira, então parecia igualmente possível que cada parte do cérebro contivesse todas as informações necessárias para recordar uma memória inteira.

* Deve-se notar que esta característica surpreendente é comum apenas a pedaços de filme holográfico cujas imagens são invisíveis a olho nu. Se você comprar um pedaço de filme holográfico (ou um objeto contendo um pedaço de filme holográfico) numa loja e puder ver uma imagem tridimensional sem nenhum tipo especial de iluminação, não o corte ao meio. Você só vai acabar ficar com pedaços da imagem original.

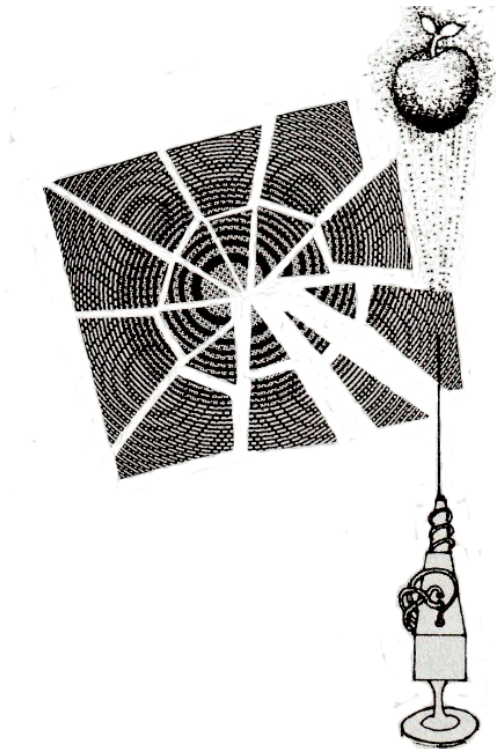


Figura 4. Ao contrário das fotografias normais, cada porção de um pedaço de filme holográfico contém todas as informações do todo. Assim, se uma placa holográfica for partida em fragmentos, cada peça ainda pode ser usada para reconstruir a imagem inteira.

A VISÃO TAMBÉM É HOLOGRÁFICA

A memória não é a única coisa que o cérebro pode processar holograficamente. Outra descoberta de Lashley foi que os centros visuais do cérebro também eram bastante resistentes à excisão cirúrgica. Mesmo depois de remover até 90 por cento do córtex visual de um rato (a parte do cérebro que recebe e interpreta o que o olho vê), ele descobriu que ainda podia realizar tarefas que exigiam habilidades visuais complexas. Da mesma forma, a pesquisa conduzida por Pribram revelou que até 98 por cento dos nervos óticos de um gato podem ser cortados sem prejudicar seriamente a sua capacidade de realizar tarefas visuais complexas.

Tal situação era equivalente a acreditar que o público de um filme ainda poderia desfrutar de um filme mesmo depois de 90% da tela do filme estar ausente, e os seus experimentos representaram mais uma vez um sério desafio para o entendimento padrão de como a visão funciona. De acordo com a principal teoria da época, havia uma correspondência direta entre a imagem que o olho vê e a maneira como essa imagem é representada no cérebro. Por outras palavras, quando olhamos para um quadrado, acreditava-se que a atividade elétrica no nosso córtex visual também possuía a forma de um quadrado (ver fig. 5).

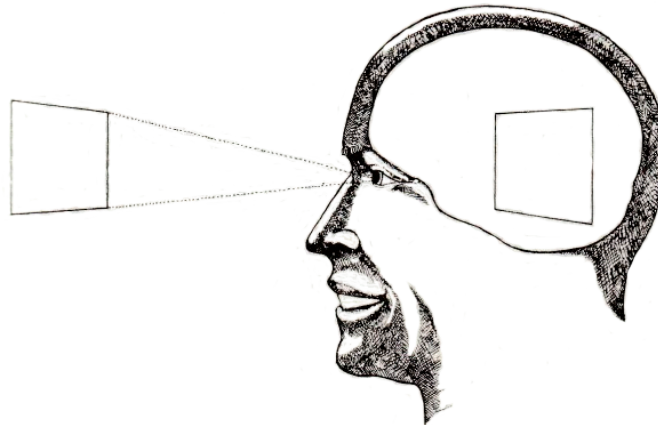


Figura 5. Os teóricos da visão acreditavam que havia uma correspondência um-a-um entre uma imagem que o olho vê e como essa imagem é representada no cérebro. Pribram descobriu que isso não é verdade.

Embora descobertas como as de Lashley parecessem desferir um golpe mortal nessa ideia, Pribram não ficou satisfeito. Enquanto estava em Yale, ele planeou uma série de experimentos para resolver o problema e passou os sete anos seguintes medindo cuidadosamente a atividade elétrica nos cérebros dos macacos enquanto eles realizavam várias tarefas visuais. Ele descobriu que não apenas não existia tal correspondência um-a-um, mas não havia nem mesmo um padrão discernível para a sequência em que os elétrodos disparavam. Ele escreveu sobre as suas descobertas: "Esses resultados experimentais são incompatíveis com a visão de que uma imagem semelhante a uma fotografia é projetada na superfície cortical."

Mais uma vez, a resistência do córtex visual à excisão cirúrgica sugeria que, como a memória, a visão também era distribuída e, depois que Pribram percebeu a holografia, começou a se perguntar se ela também era holográfica. A natureza do "todo em cada parte" de um holograma certamente parecia explicar como tanto do córtex visual poderia ser removido sem afetar a capacidade de realizar tarefas visuais. Se o cérebro estava a processar imagens empregando algum tipo de holograma interno, mesmo um pequeno pedaço do holograma ainda poderia reconstruir tudo o que os olhos estavam a ver. Também explicava a falta de correspondência direta entre o mundo externo e a atividade elétrica do cérebro. Novamente, se o cérebro estivesse a usar princípios holográficos para processar informações visuais, não haveria mais correspondência um-a-um entre a atividade elétrica e as imagens vistas semelhante ao que ocorre entre o redemoinho sem sentido de padrões de interferência em um pedaço de filme holográfico e a imagem do filme codificado.

A única questão que permanecia era qual fenômeno ondulatório o cérebro poderia estar a usar para criar tais hologramas internos. Assim que Pribram considerou a pergunta, ele pensou numa possível resposta. Era sabido que as comunicações elétricas que acontecem entre as células nervosas do cérebro, ou neurónios, não ocorrem sozinhas. Os neurónios possuem ramos como pequenas árvores e, quando uma mensagem elétrica chega ao fim de um desses ramos, ela irradia-se para fora, como faz a ondulação num lago. Como os neurónios são compactados de forma tão densa, essas ondas de eletricidade em expansão - também um fenômeno semelhante a ondas - estão continuamente a cruzar-se. Quando Pribram se lembrou disso, percebeu que eles estavam certamente a criar uma gama quase infinita e caleidoscópica de padrões de interferência, e estes, por sua vez, poderiam ser o que dão ao cérebro as suas propriedades holográficas. "O holograma estava lá o tempo todo na natureza da frente de onda da conectividade das células cerebrais", observou Pribram. "Simplesmente não tivemos a inteligência de perceber isso."

OUTROS QUEBRA-CABEÇAS EXPLICADO PELO MODELO HOLOGRÁFICO DO CÉREBRO

Pribram publicou o seu primeiro artigo sobre a possível natureza holográfica do cérebro em 1966 e continuou a expandir e refinar as suas ideias durante os anos seguintes. Ao fazê-lo, e à medida que outros pesquisadores tomaram conhecimento da sua teoria, percebeu-se rapidamente que a natureza distribuída da memória e da visão não é o único quebra-cabeça neurofisiológico que o modelo holográfico pode explicar.

A VASTIDÃO DA NOSSA MEMÓRIA

A holografia também explica como é que o nosso cérebro pode armazenar tantas memórias em tão pouco espaço. O brilhante físico e matemático húngaro John von Neumann certa vez calculou que, ao longo da vida média humana, o cérebro armazena algo na ordem de $2,8 \times 10^{20}$ (280.000.000.000.000.000.000) de bits de informação. Essa é uma quantidade impressionante de informações, e os pesquisadores do cérebro há muito que se esforçam para encontrar um mecanismo que explique essa capacidade tão vasta.

Curiosamente, os hologramas também possuem uma capacidade fantástica de armazenamento de informações. Ao alterar o ângulo em que os dois lasers atingem um pedaço de filme fotográfico, é possível registar muitas imagens diferentes na mesma superfície. Qualquer imagem assim gravada pode ser recuperada simplesmente iluminando o filme com um feixe de laser possuindo o mesmo ângulo dos dois feixes originais. Ao empregar esse método, os pesquisadores calcularam que uma polegada quadrada de filme pode armazenar a mesma quantidade de informação contida em cinquenta Bíblias!

A NOSSA CAPACIDADE DE RECORDAR E ESQUECER

Partes de um filme holográfico contendo várias imagens, como as descritas acima, também fornecem uma maneira de compreender a nossa capacidade de lembrar e esquecer. Quando tal pedaço de filme é segurado por um feixe de laser e inclinado para a frente e para trás, as várias imagens que ele contém aparecem e desaparecem num fluxo cintilante. Foi sugerido que a nossa capacidade de lembrar é análoga a apontar um feixe de laser em um pedaço de filme e evocar uma imagem específica. Da mesma forma, quando não somos capazes de lembrar algo, isso pode ser equivalente a iluminar vários feixes em um pedaço de filme de múltiplas imagens, mas não conseguir encontrar o ângulo certo para chamar a imagem / memória que estamos a procurar.

MEMÓRIA ASSOCIATIVA

Em Proust's *Swann's Way*, um gole de chá e uma mordida em um pequeno bolo em forma de vieira conhecido como *pequena madalena* fazem com que o narrador se veja subitamente inundado por memórias do seu passado. A princípio fica intrigado, mas depois, retraído, após muito esforço da sua parte, lembra que a sua tia costumava servir-lhe chá e madalenas quando ele era pequeno, e é essa associação que lhe mexeu com a memória. Todos nós já passamos por experiências semelhantes - o cheiro de um determinado alimento a ser preparado ou o vislumbre de algum objeto há muito esquecido - que de repente evocam alguma cena do nosso passado.

A ideia holográfica oferece uma analogia adicional para as tendências associativas da memória. Isso é ilustrado por outro tipo de técnica de registo holográfico. Primeiro, a luz de um único feixe de laser é refletida em dois objetos simultaneamente, digamos uma poltrona e um cachimbo. A luz refletida em cada objeto pode então colidir e o padrão de interferência resultante é capturado no filme. Então, sempre que a poltrona for iluminada com luz laser e a luz que se reflete na poltrona for passada através do filme, aparecerá uma imagem tridimensional do cachimbo. Por outro lado, sempre que o mesmo é feito com o cachimbo, aparece um holograma da poltrona. Portanto, se os nossos cérebros funcionam holograficamente, um processo semelhante pode ser responsável pela maneira como certos objetos evocam memórias específicas do nosso passado.

A NOSSA CAPACIDADE DE RECONHECER COISAS FAMILIARES

À primeira vista, a nossa capacidade de reconhecer coisas familiares pode não parecer tão incomum, mas os pesquisadores do cérebro há muito perceberam que é uma habilidade bastante complexa. Por exemplo, a certeza absoluta que sentimos quando avistamos um rosto familiar numa multidão de várias centenas de pessoas não é apenas uma emoção

subjetiva, mas parece ser causada por uma forma extremamente rápida e confiável de processamento de informações no nosso cérebro.

Num artigo de 1970 na revista científica britânica *Nature*, o físico Pieter Van Heerden propôs que um tipo de holografia conhecida como *holografia de reconhecimento* oferece uma maneira de entender essa habilidade.* Na holografia de reconhecimento, uma imagem holográfica de um objeto é registada de maneira usual, exceto que o feixe de laser é lançado num tipo especial de espelho conhecido como espelho de foco antes de atingir o filme não exposto. Se um segundo objeto, semelhante, mas não idêntico ao primeiro, for banhado em luz laser e a luz for refletida no espelho e no filme após ter sido revelado, um ponto de luz brilhante aparecerá no filme. Quanto mais brilhante e nítido for o ponto de luz, maior será o grau de semelhança entre o primeiro e o segundo objeto. Se os dois objetos forem completamente diferentes, nenhum ponto de luz aparecerá. Colocando uma fotocélula sensível à luz atrás do holográfico filme, pode-se realmente usar a configuração como um sistema de reconhecimento mecânico.

Uma técnica semelhante, conhecida como holografia de interferência, também pode explicar como podemos reconhecer as características familiares e não familiares de uma imagem, como o rosto de alguém que não vemos há muitos anos. Nessa técnica, um objeto é visto por meio de um pedaço de filme holográfico contendo a sua imagem. Quando isso é feito, qualquer característica do objeto que tenha mudado desde que a sua imagem foi originalmente gravada irá refletir a luz de forma diferente. Uma pessoa que olha através do filme fica instantaneamente ciente de como o objeto mudou e de como ele permaneceu o mesmo. A técnica é tão sensível que até mesmo a pressão de um dedo em um bloco de granito aparece imediatamente, e o processo tem aplicações práticas na indústria de teste de materiais.

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Em 1972, os pesquisadores da visão de Harvard Daniel Pollen e Michael Tractenberg propuseram que a teoria holográfica do cérebro pode explicar por que algumas pessoas possuem memórias fotográficas (também conhecidas como *memórias eidéticas*). Normalmente, os indivíduos com memória fotográfica passam alguns momentos a examinar a cena que desejam memorizar. Quando querem ver a cena novamente, eles "projetam" uma imagem mental dela, seja com os olhos fechados ou olhando para uma parede ou tela em branco. Num estudo com um desses indivíduos, uma professora de história da arte de Harvard chamada Elizabeth, Pollen e Tractenberg descobriram que as imagens mentais que

* Van Heerden, pesquisador do Polaroid Research Laboratories em Cambridge, Massachusetts, propôs na verdade a sua própria versão de uma teoria holográfica da memória em 1963, mas o seu trabalho passou relativamente despercebido.

ela projetava eram tão reais para ela que, quando lia a imagem de uma página do Fausto de Goethe, os seus olhos moviam-se como se ela fosse lendo uma página real.

Observando que a imagem armazenada em um fragmento de filme holográfico fica mais nebulosa à medida que o fragmento fica menor, Pollen e Tractenberg sugerem que talvez esses indivíduos tenham memórias mais vívidas porque, de alguma forma, têm acesso a regiões muito grandes dos seus hologramas de memória. Por outro lado, talvez a maioria de nós tenha memórias que são muito menos vívidas porque o nosso acesso é limitado a regiões menores dos hologramas de memória.

A TRANSFERÊNCIA DE HABILIDADES APRENDIDAS

Pribram acredita que o modelo holográfico também esclarece a nossa capacidade de transferir habilidades aprendidas de uma parte do nosso corpo para outra. Enquanto você está a ler este livro, pare um momento e trace o seu primeiro nome no ar com o cotovelo esquerdo. Você provavelmente descobrirá que isso é uma coisa relativamente fácil de fazer e, no entanto, com toda a probabilidade, é algo que você nunca fez antes. Pode não parecer uma habilidade surpreendente para si, mas na visão clássica de que várias áreas do cérebro (como a área que controla os movimentos do cotovelo) são "programadas" ou capazes de realizar tarefas *somente* após o aprendizado repetitivo fez com que as conexões neurais adequadas fossem estabelecidas entre as células cerebrais, isso é uma espécie de quebra-cabeça. Pribram ressalta que o problema se torna muito mais tratável se o cérebro convertesse todas as suas memórias, incluindo memórias de habilidades aprendidas, como escrever, em uma linguagem de formas de onda interferentes. Esse cérebro seria muito mais flexível e poderia distribuir as informações armazenadas com a mesma facilidade com que um pianista habilidoso transpõe uma canção de uma tonalidade musical para outra.

Essa mesma flexibilidade pode explicar como somos capazes de reconhecer um rosto familiar independentemente do ângulo de onde o estamos a ver. Novamente, uma vez que o cérebro memorizou um rosto (ou qualquer outro objeto ou cena) e o converteu numa linguagem de formas de onda, ele pode, em certo sentido, girar esse holograma interno e examiná-lo de qualquer perspectiva que desejar.

SENSAÇÕES DOS MEMBROS FANTÁSTICOS E COMO CONTRUÍMOS UM “MUNDO-LÁ-FORA”

Para a maioria de nós, é óbvio que os nossos sentimentos de amor, fome, raiva e assim por diante, são realidades internas, e o som de uma orquestra a tocar, o calor do sol, o cheiro de pão a assar, e assim por diante, são realidades externas. Mas não está tão claro como os nossos cérebros nos permitem distinguir entre os dois. Por exemplo, Pribram aponta que,

quando olhamos para uma pessoa, a imagem da pessoa está realmente na superfície das nossas retinas. No entanto, não percebemos a pessoa como estando nas nossas retinas. Nós os percebemos como estando no "mundo lá fora". Da mesma forma, quando batemos o dedo do pé, sentimos dor no dedo do pé. Mas a dor não está realmente no nosso dedo do pé. Na verdade, é um processo neurofisiológico que ocorre em algum lugar do nosso cérebro. Como, então, o nosso cérebro é capaz de pegar na multidão de processos neurofisiológicos que se manifestam como a nossa experiência, todos os quais são internos, e fazer-nos pensar que alguns são internos e outros estão localizados além dos limites da nossa massa cinzenta?

Criar a ilusão de que as coisas estão localizadas onde não estão é a característica quintessencial de um holograma. Como mencionei, se você olhar para um holograma, ele parece ter extensão no espaço, mas se você passar a mão por ele descobrirá que não há nada ali. Apesar do que os seus sentidos lhe dizem, nenhum instrumento detetará a presença de qualquer energia ou substância anormal onde o holograma parece estar a pairar. Isso ocorre porque um holograma é uma imagem *virtual*, uma imagem que parece estar onde não está e não possui mais extensão no espaço do que a imagem tridimensional que você vê de si mesmo quando se olha ao espelho. Assim como a imagem no espelho está localizada no prateado na superfície posterior do espelho, a localização real de um holograma está sempre na emulsão fotográfica na superfície do filme que o registra.

Outras evidências de que o cérebro é capaz de fazer-nos pensar que os processos internos estão localizados fora do corpo vêm do fisiologista vencedor do Prêmio Nobel Georg von Bekesy. Numa série de experimentos conduzidos no final dos anos 1960, Bekesy colocou vibradores nos joelhos de cobaias vendadas. Em seguida, ele variou as taxas de vibração dos instrumentos. Ao fazer isso, ele descobriu que poderia fazer os seus assuntos de teste experimentarem a sensação de que uma fonte pontual de vibração estava a saltar de um joelho para o outro. Ele descobriu que podia até mesmo fazer os seus sujeitos sentirem a fonte de vibração no espaço entre os seus joelhos. Em suma, ele demonstrou que os humanos têm a capacidade de experimentar sensações aparentemente em localizações espaciais onde não têm absolutamente nenhum recetor sensorial.

Pribram acredita que o trabalho de Bekesy é compatível com a visão holográfica e lança luz adicional sobre como as frentes de onda interferentes - ou no caso de Bekesy, fontes interferentes de vibração física - permitem que o cérebro localize algumas das suas experiências além dos limites físicos do corpo. Ele acha que esse processo também pode explicar o fenómeno do membro fantasma ou a sensação experimentada por alguns amputados de que um braço ou perna em falta ainda está presente. Tais indivíduos costumam sentir câibras, dores e formigamentos assustadoramente realistas nesses apêndices fantasmas, mas talvez o que estejam a experimentar seja a memória holográfica do membro que ainda está registada nos padrões de interferência nos seus cérebros.

SUPORTE EXPERIMENTAL PARA O CÉREBRO HOLOGRÁFICO

Para Pribram, as muitas semelhanças entre cérebros e hologramas eram tentadoras, mas ele sabia que a sua teoria não significava nada, a menos que fosse apoiada por evidências mais sólidas. Um pesquisador que forneceu tais evidências foi o biólogo da Universidade de Indiana, Paul Pietsch. Curiosamente, Pietsch começou como um descrente fervoroso da teoria de Pribram. Ele era especialmente cético em relação à afirmação de Pribram de que as memórias não possuem qualquer localização específica no cérebro.

Para provar que Pribram estava errado, Pietsch planeou uma série de experimentos e, como cobaia dos seus experimentos, escolheu salamandras. Em estudos anteriores, ele havia descoberto que podia remover o cérebro de uma salamandra sem matá-la e, embora ela permanecesse em estupor enquanto faltasse o seu cérebro, o seu comportamento voltou completamente ao normal assim que o seu cérebro foi restaurado.

Pietsch concluiu que, se o comportamento alimentar de uma salamandra não se limita a um local específico do cérebro, então não importa como o cérebro esteja posicionado na cabeça. Se importasse, a teoria de Pribram seria refutada. Ele então inverteu os hemisférios esquerdo e direito do cérebro de uma salamandra, mas para o seu desânimo, assim que se recuperou, a salamandra rapidamente retomou a alimentação normal.

Ele pegou outra salamandra e virou o seu cérebro de cabeça para baixo. Quando se recuperou, também se alimentou normalmente. Cada vez mais frustrado, ele decidiu recorrer a medidas mais drásticas. Em uma série de mais de 700 operações, ele fatiou, inverteu, embaralhou, subtraiu e até mesmo picou os cérebros dos seus desafortunados sujeitos, mas sempre que substituía o que restava dos seus cérebros, o seu comportamento voltava ao normal.

Essas descobertas e outras transformaram Pietsch num crente e atraíram a atenção suficiente para que a sua pesquisa se tornasse o assunto de um segmento no programa de televisão *60 Minutos*. Ele escreve sobre essa experiência e também dá relatos detalhados dos seus experimentos no seu livro *Shuffiebrain*.

A LINGUAGEM MATEMÁTICA DO HOLOGRAMA

Enquanto as teorias que permitiram o desenvolvimento do holograma foram formuladas pela primeira vez em 1947 por Dennis Gabor (que mais tarde ganhou o Prémio Nobel pelos seus esforços), no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 a teoria de Pribram recebeu um apoio experimental ainda mais convincente. Quando Gabor teve pela primeira vez a ideia da holografia, ele não estava a pensar em lasers. O seu objetivo era melhorar o microscópio eletrónico, então um dispositivo primitivo e imperfeito. A sua abordagem era

matemática, e a matemática que ele usava era um tipo de cálculo inventado por um francês do século XVIII chamado Jean Baptiste Joseph Fourier.

Grosso modo, o que Fourier desenvolveu foi uma maneira matemática de converter qualquer padrão, não importa quão complexo, em uma linguagem de ondas simples. Ele também mostrou como essas formas de onda poderiam ser convertidas de volta ao padrão original. Por outras palavras, assim como uma câmera de televisão converte uma imagem em frequências eletromagnéticas e um aparelho de televisão converte essas frequências de volta na imagem original, Fourier mostrou como um processo semelhante poderia ser alcançado matematicamente. As equações que ele desenvolveu para converter imagens em formas de onda e vice-versa são conhecidas como *transformadas de Fourier*.

As transformações de Fourier permitiram que Gabor convertesse a imagem de um objeto no borrão de padrões de interferência em um pedaço de filme holográfico. Elas também o capacitaram a conceber uma maneira de converter esses padrões de interferência de volta numa imagem do objeto original. Na verdade, o todo especial em cada parte de um holograma é um dos subprodutos que ocorre quando uma imagem ou padrão é traduzido para a linguagem de Fourier das formas de onda.

Ao longo do final da década de 1960 e início da década de 1970, vários pesquisadores contataram Pribram e disseram-lhe que haviam descoberto evidências de que o sistema visual funcionava como uma espécie de analisador de frequência. Como a frequência é uma medida do número de oscilações que uma onda sofre por segundo, isso sugere fortemente que o cérebro pode estar a funcionar como um holograma.

Mas foi só em 1979 que os neurofisiologistas Russell e Karen DeValois de Berkeley fizeram a descoberta que resolveu a questão. Pesquisas na década de 1960 mostraram que cada célula cerebral no córtex visual é ajustada para responder a um padrão diferente - algumas células cerebrais disparam quando os olhos veem uma linha horizontal, outras disparam quando os olhos veem uma linha vertical e assim por diante. Como resultado, muitos pesquisadores concluíram que o cérebro recebe informações dessas células altamente especializadas chamadas detetores de características e, de alguma forma, as ajusta para nos fornecer as nossas percepções visuais do mundo.

Apesar da popularidade dessa visão, os DeValoises sentiram que era apenas uma verdade parcial. Para testar a sua suposição, eles usaram as equações de Fourier para converter padrões xadrez e xadrez em formas de onda simples. Em seguida, eles testaram para ver como as células cerebrais no córtex visual respondiam a essas novas imagens em forma de onda. O que eles descobriram foi que as células cerebrais respondiam não aos padrões originais, mas às traduções de Fourier dos padrões. Apenas uma conclusão pode ser tirada. O cérebro estava a usar a matemática de Fourier - a mesma holografia matemática empregada - para converter imagens visuais na Linguagem de Fourier das formas de onda.

A descoberta dos DeValoises foi posteriormente confirmada por vários outros laboratórios à volta do mundo e, embora não fornecesse uma prova absoluta de que o cérebro era um holograma, forneceu evidências suficientes para convencer Pribram de que a sua teoria estava correta. Estimulado pela ideia de que o córtex visual estava a responder não a padrões, mas às frequências de várias formas de onda, ele começou a reavaliar o papel da frequência nos outros sentidos.

Não demorou muito para ele perceber que a importância desse papel talvez tivesse sido negligenciada pelos cientistas do século XX. Mais de um século antes da descoberta dos DeValoises, o fisiologista e físico alemão Hermann von Helmholtz havia mostrado que o ouvido era um analisador de frequência. Pesquisas mais recentes revelaram que o nosso sentido do olfato parece basear-se nas chamadas frequências ósmicas. O trabalho de Bekesy demonstrou claramente que a nossa pele é sensível às frequências de vibração, e ele até produziu algumas evidências de que o gosto pode envolver a análise de frequência. Curiosamente, Bekesy também descobriu que as equações matemáticas que lhe permitiam prever como os seus assuntos responderiam a várias frequências de vibração também eram do género Fourier.

O DANÇARINO COMO FORMA DE ONDA

Mas talvez a descoberta mais surpreendente que Pribram descobriu foi a descoberta do cientista russo Nikolai Bernstein de que até mesmo os nossos movimentos físicos podem ser codificados nos nossos cérebros numa linguagem de formas de onda de Fourier. Na década de 1930, Bernstein vestia as pessoas com collant preto e pintava pontos brancos nos seus cotovelos, joelhos e outras articulações. Em seguida, ele colocou-os contra fundos pretos e fez filmes deles fazendo várias atividades físicas, como dançar, caminhar, saltar, martelar e digitar.



Figura 6. O pesquisador russo Nikolai Bernstein pintou coágulos brancos em dançarinos e filmou-os a dançarem contra um fundo preto. Quando ele converteu os seus movimentos numa linguagem de formas de onda, ele descobriu que estas podiam ser analisados usando a matemática de Fourier, a mesma matemática que Gabor usou para inventar o holograma.

Quando ele revelou o filme, apenas os pontos brancos apareceram, movendo-se para cima e para baixo e através da tela em vários movimentos complexos e fluidos (ver fig. 6). Para quantificar as suas descobertas, ele, Fourier - analisou as várias linhas que os pontos traçaram e converteu-as numa linguagem de formas de onda. Para a sua surpresa, ele descobriu que as formas de onda continham padrões ocultos que lhe permitiam prever o próximo movimento dos seus objetos com uma fração de polegada.

Quando Pribram encontrou o trabalho de Bernstein, ele imediatamente reconheceu as suas implicações. Talvez a razão pela qual padrões ocultos tenham surgido depois que Bernstein tenha Fourier-analisado os movimentos do seu sujeito seja porque é assim que os movimentos são armazenados no cérebro. Essa era uma possibilidade empolgante, pois se o cérebro analisasse os movimentos dividindo-os nos seus componentes de frequência, isso explicava a rapidez com que aprendemos muitas tarefas físicas complexas. Por exemplo, não aprendemos a andar de bicicleta memorizando meticulosamente cada minúscula característica do processo. Aprendemos agarrando todo o movimento que flui. A integridade fluída que tipifica como aprendemos tantas atividades físicas é difícil de explicar se os nossos cérebros estiverem a armazenar informações aos poucos. Mas fica muito mais fácil entender se o cérebro está Fourier-analisando essas tarefas e absorvendo-as como um todo.

A REAÇÃO DA COMUNIDADE CIENTÍFICA

Apesar dessas evidências, o modelo holográfico de Pribram permanece extremamente controverso. Parte do problema é que existem muitas teorias populares sobre como o cérebro funciona e há evidências que sustentam todas elas. Alguns pesquisadores acreditam que a natureza distribuída da memória pode ser explicada pelo fluxo e refluxo de várias substâncias químicas cerebrais. Outros sustentam que as flutuações elétricas entre grandes grupos de neurônios podem ser responsáveis pela memória e pelo aprendizado. Cada escola de pensamento tem seus defensores fervorosos, e provavelmente é seguro dizer que a maioria dos cientistas não se deixa persuadir pelos argumentos de Pribram. Por exemplo, o neuropsicólogo Frank Wood, da Bowman Gray School of Medicine em Winston-Salem, Carolina do Norte, acha que "existem poucos achados experimentais preciosos para os quais a holografia é a explicação necessária, ou mesmo preferível". Pribram fica intrigado com

declarações como as de Wood e contadores, observando que ele atualmente tem um livro no prelo com bem mais de 500 referências a tais dados.

Outros pesquisadores concordam com Pribram. O Dr. Larry Dossey, ex-chefe de equipa do Medical City Dallas Hospital, admite que a teoria de Pribram desafia muitas suposições antigas sobre o cérebro, mas aponta que "muitos especialistas em funções cerebrais são atraídos pela ideia, mesmo que não seja por outra razão do que as flagrantes inadequações das visões ortodoxas atuais."

O neurologista Richard Restak, autor da série da PBS *The Brain*, partilha da opinião de Dossey. Ele observa que, apesar da evidência esmagadora de que as habilidades humanas estão holisticamente dispersas por todo o cérebro, a maioria dos pesquisadores continua a apegar-se à ideia de que a função pode ser localizada no cérebro da mesma forma que as cidades podem ser localizadas num mapa. Restak acredita que as teorias baseadas nesta premissa não são apenas "simplistas", mas na verdade funcionam como "camisas de força conceituais" que nos impedem de reconhecer as verdadeiras complexidades do cérebro. Ele sente que "um holograma não só é possível, mas, neste momento, representa provavelmente o nosso melhor 'modelo' para o funcionamento do cérebro. "

PRIBRAM ENCONTRA BOHM

Quanto a Pribram, na década de 1970, evidências suficientes acumularam-se para convencê-lo de que a sua teoria estava correta. Além disso, ele levou as suas ideias para o laboratório e descobriu que neurónios únicos no córtex motor respondem seletivamente a uma largura de banda limitada de frequências, uma descoberta que reforçou ainda mais as suas conclusões. A questão que começou a incomodá-lo era, se a imagem da realidade nos nossos cérebros não é uma imagem, mas um holograma, do que é feito um holograma? O dilema colocado por essa pergunta é análogo a tirar uma foto Polaroid de um grupo de pessoas sentadas à volta de uma mesa e, depois que a foto se desenvolve, descobrir que, em vez de pessoas, há apenas nuvens borradas de padrões de interferência posicionados à volta da mesa. Em ambos os casos, pode-se perguntar com razão: qual é a verdadeira realidade, o mundo aparentemente objetivo experimentado pelo observador/fotógrafo ou o borrão de padrões de interferência registados pela câmara/cérebro?

Pribram percebeu que, se o modelo holográfico do cérebro fosse levado às suas conclusões lógicas, ele abriria a porta para a possibilidade de que a realidade objetiva - o mundo das xícaras de café, vistas das montanhas, olmos e abajures - pode nem mesmo existir, ou pelo menos não existe da maneira que acreditamos que exista. Seria possível, ele se perguntou, que o que os místicos vinham dizendo há séculos fosse verdade, que a realidade era *maya*, uma ilusão, e o que estava lá fora era realmente uma vasta sinfonia

ressonante de formas de onda, um "domínio de frequência" que foi transformado no mundo como o conhecemos somente depois que entrou nos nossos sentidos?

Percebendo que a solução que procurava poderia estar fora do seu campo de atuação, ele procurou o seu filho físico para se aconselhar. Seu filho recomendou que ele examinasse o trabalho de um físico chamado David Bohm. Quando Pribram o fez, ficou eletrizado. Ele não apenas encontrou a resposta para a sua pergunta, mas também descobriu que, de acordo com Bohm, o universo inteiro era um holograma.

Capítulo 2

O COSMOS COMO HOLOGRAMA

Não se pode deixar de ficar surpreso com o grau em que [Bohm] foi capaz de quebrar os moldes rígidos do condicionamento científico e ficar sozinho com uma ideia completamente nova e literalmente vasta, uma que tem consistência infernal e poder lógico de explicar fenômenos amplamente divergentes da experiência física de um ponto de vista totalmente inesperado... É uma teoria tão intuitivamente satisfatória que muitas pessoas sentiram que, se o universo não é como Bohm o descreve, deveria ser.

- John P. Briggs e F. David Peat

Olhando para o Universo de Vidro

O caminho que levou Bohm à convicção de que o universo é estruturado como um holograma começou na própria borda da matéria, no mundo das partículas subatômicas. O seu interesse pela ciência e pela maneira como as coisas funcionam floresceu cedo. Quando menino, criado em Wilkes-Barre, na Pensilvânia, ele inventou uma chaleira sem gotejamento, e o seu pai, um empresário de sucesso, incentivou-o a tentar lucrar com a ideia. Mas depois de saber que o primeiro passo para tal empreendimento era conduzir uma pesquisa de porta a porta para testar a sua invenção no mercado, o interesse de Bohm nos negócios diminuiu.

O seu interesse pela ciência não mudou, e a sua curiosidade prodigiosa forçou-o a buscar novos patamares para conquistar. Ele encontrou a altura mais desafiadora de todas na década de 1930, quando frequentou o Pennsylvania State College, pois foi lá que ele ficou fascinado pela física quântica.

É um fascínio fácil de entender. A estranha nova terra que os físicos encontraram espreitando no coração do átomo continha coisas mais maravilhosas do que qualquer coisa que Cortés ou Marco Polo já encontraram. O que tornava esse novo mundo tão intrigante era que tudo nele parecia tão estranho ao bom senso. Parecia mais uma terra governada pela feitiçaria do que uma extensão do mundo natural, um reino de Alice no País das Maravilhas em que forças mistificadoras eram a norma e tudo o que era lógico havia sido ignorado.

Uma descoberta surpreendente feita pelos físicos quânticos foi que, se você quebra a matéria em pedaços cada vez menores, acaba por chegar a um ponto em que esses pedaços - elétrons, prótons e assim por diante - não possuem mais as características dos objetos. Por exemplo, a maioria de nós tende a pensar num elétron como uma esfera minúscula ou uma abelha zunindo, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Embora um elétron às vezes

possa comportar-se como se fosse uma partícula compacta, os físicos descobriram que *ele literalmente não possui dimensão*. Isso é difícil para a maioria de nós imaginar porque tudo no nosso próprio nível de existência possui dimensão. No entanto, se você tentar medir a largura de um elétron, descobrirá que é uma tarefa impossível. Um elétron simplesmente não é um objeto como o conhecemos.

Outra descoberta que os físicos fizeram é que um elétron pode manifestar-se como uma partícula ou como uma onda. Se você atirar um elétron na tela de uma televisão que foi desligada, um minúsculo ponto de luz aparecerá quando atingir os produtos químicos fosforescentes que revestem o vidro. O único ponto de impacto que o elétron deixa na tela revela claramente o lado semelhante a uma partícula da sua natureza.

Mas esta não é a única forma que o elétron pode assumir. Ele também pode dissolver-se numa nuvem turva de energia e comportar-se como se fosse uma onda espalhada pelo espaço. Quando um elétron se manifesta como uma onda, ele pode fazer coisas que nenhuma partícula pode. Se for disparado contra uma barreira em que duas fendas foram cortadas, ele pode passar por ambas as fendas simultaneamente. Quando elétrons semelhantes a ondas colidem uns com os outros, eles até criam padrões de interferência. O elétron, como algum metamorfo saído do folclore, pode manifestar-se como uma partícula ou uma onda.

Essa habilidade camaleônica é comum a todas as partículas subatômicas. Também é comum que todas as coisas antes pensadas se manifestem exclusivamente como ondas. Luz, raios gama, ondas de rádio, raios X - todos podem mudar de ondas para partículas e vice-versa. Atualmente os físicos acreditam que os fenômenos subatômicos não devem ser classificados apenas como ondas ou partículas, mas como uma única categoria de coisas que são sempre, de alguma forma, ambas. Esses algo são chamados de quanta, e os físicos acreditam que eles são o material básico do qual todo o universo é feito.*

Talvez o mais surpreendente de tudo seja que há evidências convincentes de que a *única vez que os quanta se manifestam como partículas é quando estamos a olhar para eles*. Por exemplo, quando um elétron não está a ser observado, descobertas experimentais sugerem que é sempre uma onda. Os físicos são capazes de tirar essa conclusão porque criaram estratégias inteligentes para deduzir como um elétron se comporta quando não está a ser observado (deve-se notar que esta é apenas uma interpretação da evidência e não é a conclusão de todos os físicos; como veremos, o próprio Bohm tem uma interpretação diferente).

Mais uma vez, isso parece mais mágica do que o tipo de comportamento que estamos acostumados a esperar do mundo natural. Imagine ter uma bola de boliche que era apenas

* Quanta é o plural de *quantum*. Um elétron é um quantum. Vários elétrons são um grupo de quanta. O mundo *quântico* também é sinónimo de *partícula de onda*, um termo que também é usado para se referir a algo que possui aspetos de partícula e onda.

uma bola de boliche quando você olhava para ela. Se você borrifasse pó de talco por toda a pista de boliche e rolasse essa bola "quântica" em direção aos pinos, ela traçaria uma única linha através do pó de talco enquanto você a observava. Mas se você piscar enquanto ela está em trânsito, vai descobrir que, por um ou dois segundos, em que não está a olhar para ela, a bola de boliche deixa de traçar uma linha e, em vez disso, percorre uma larga faixa ondulada, como a faixa ondulante de uma cobra do deserto enquanto se move lateralmente sobre a areia (ver fig. 7).

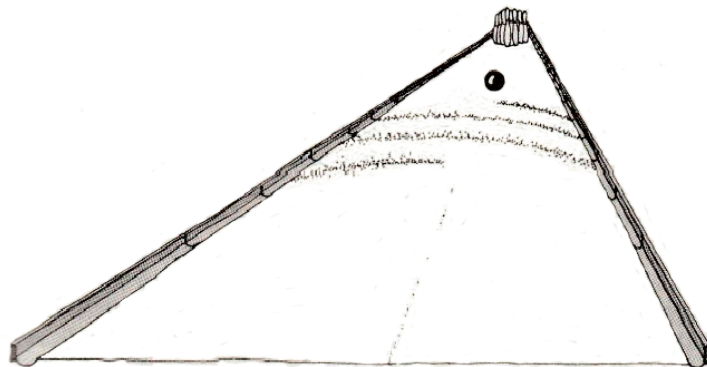


Figura 7. Os físicos encontraram evidências convincentes de que o único momento em que os elétrons e outros "quanta" se manifestam como partículas é quando estamos a olhar para eles. Em todas as outras ocasiões, eles se comportam como ondas. Isso é tão estranho quanto possuir uma bola de boliche que traça uma única linha na pista enquanto você a observa, mas deixa um padrão de onda a cada vez que você pisca os olhos.

Tal situação é comparável à que os físicos quânticos encontraram quando descobriram evidências de que os quanta se aglutinam em partículas apenas quando estão a ser observados. O físico Nick Herbert, um defensor dessa interpretação, diz que isso às vezes o faz imaginar que, por trás das suas costas, o mundo é sempre "uma sopa quântica radicalmente ambígua e incessantemente fluindo". Mas sempre que ele se vira e tenta ver a sopa, o seu olhar congela-o instantaneamente e transforma-o de volta na realidade comum. Ele acredita que isso nos torna um pouco como Midas, o lendário rei que nunca conheceu a sensação da seda ou a carícia de uma mão humana porque tudo o que ele tocava se transformava em ouro. "Da mesma forma, os humanos nunca podem experimentar a verdadeira textura da realidade quântica", diz Herbert, "porque tudo que tocamos se transforma em matéria".

BOHM E INTERCONETIVIDADE

Um aspecto da realidade quântica que Bohm achou especialmente interessante foi o estranho estado de interconexão que parecia existir entre eventos subatômicos aparentemente não relacionados. O que era igualmente desconcertante era que a maioria dos psicólogos tendia a dar pouca importância ao fenômeno. Na verdade, tão pouco foi dito a respeito que um dos mais famosos exemplos de interconexão ficou oculto numa das premissas básicas da física quântica por vários anos antes que alguém percebesse que sempre esteve ali.

Essa suposição foi feita por um dos fundadores da física quântica, o físico dinamarquês Niels Bohr. Bohr apontou que, se as partículas subatômicas só passam a existir na presença de um observador, também não faz sentido falar das propriedades e características de uma partícula como existindo antes de serem observadas. Isso foi perturbador para muitos psicólogos, pois grande parte da ciência se baseava na descoberta das propriedades dos fenômenos. Mas se o ato de observação realmente ajudou a criar tais propriedades, o que isso implicou no futuro da ciência?

Um físico que ficou incomodado com as afirmações de Bohr foi Einstein. Apesar do papel que Einstein desempenhou na fundação da teoria quântica, ele não ficou nada feliz com o curso que a ciência incipiente havia tomado. Ele achou a conclusão de Bohr, de que as propriedades de uma partícula não existem até que sejam observadas, particularmente questionáveis porque, quando combinada com outra descoberta da física quântica, implicava que as partículas subatômicas estavam interconectadas de uma forma que Einstein simplesmente não acreditava ser possível.

Essa consideração foi a descoberta de que alguns processos subatômicos resultam na criação de um par de partículas com propriedades idênticas ou intimamente relacionadas. Considere um átomo extremamente instável que os físicos chamam de positrônio. O átomo de positrônio é composto de um elétron e um pósitron (um pósitron é um elétron com carga positiva). Como um pósitron é a antipartícula oposta do elétron, os dois eventualmente se aniquilam e decaem em dois quanta de luz ou "fótons" viajando em direções opostas (a capacidade de mudar de forma de um tipo de partícula para outro é apenas mais uma das habilidades de um quantum). De acordo com a física quântica, não importa a distância que os fótons se distanciam, quando eles são medidos sempre serão encontrados ângulos de *polarização* idênticos. (Polarização é a orientação espacial do aspecto ondulatório do fóton conforme ele se afasta do seu ponto de origem).

Em 1935, Einstein e os seus colegas Boris Podolsky e Nathan Rosen publicaram um artigo agora famoso intitulado "A descrição mecânica quântica da realidade física pode ser considerada completa?". Nele, eles explicaram por que a existência de tais partículas gêmeas provou que Bohr não poderia estar correto. Como eles apontaram, duas dessas partículas, digamos, os fótons emitidos quando o positrônio decai, podem ser produzidos e

viajar separados por uma distância significativa.* Então, eles podem ser intercetados e os seus ângulos de polarização medidos. Se as polarizações são medidas precisamente no mesmo momento e são consideradas idênticas, como prevê a física quântica, e se Bohr estava correto ao considerar que as propriedades como a polarização não ocorrem até serem observadas ou medidas, isso sugere que de alguma forma os dois fótons devem comunicar-se instantaneamente uns com os outros para que saibam com qual ângulo de polarização concordar. O problema é que, de acordo com a teoria da relatividade especial de Einstein, nada pode viajar mais rápido do que a velocidade da luz, muito menos viajar instantaneamente, pois isso seria equivalente a quebrar a barreira do tempo e abriria a porta para todos os tipos de paradoxos inaceitáveis. Einstein e os seus colegas estavam convencidos de que nenhuma "definição razoável" da realidade permitiria a existência de tais interconexões mais rápidas do que a luz e, portanto, Bohr estava errado. O argumento deles agora é conhecido como paradoxo de Einstein-Podolsky-Rosen, ou EPR paradoxo abreviado.

Bohr permaneceu impassível com o argumento de Einstein. Em vez de acreditar que algum tipo de comunicação mais rápida do que a luz estava a ocorrer, ele ofereceu outra explicação. Se as partículas subatômicas não existem até que sejam observadas, não se pode mais pensar nelas como "coisas" independentes. Assim, Einstein baseava o seu argumento num erro ao ver as partículas gêmeas separadas. Eles faziam parte de um sistema indivisível e não fazia sentido pensar neles de outra forma.

Com o tempo, a maioria dos físicos ficou do lado de Bohr e ficou contente que a sua interpretação estava correta. Um fator que contribuiu para o triunfo de Bohr foi que a física quântica tinha se mostrado tão espetacularmente bem-sucedida na previsão de fenômenos que poucos físicos estavam dispostos até mesmo a considerar a possibilidade de que ela pudesse ser defeituosa de alguma forma. Além disso, quando Einstein e os seus colegas fizeram pela primeira vez a sua proposta sobre as partículas gêmeas, razões técnicas e outras impediram que tal experimento realmente fosse realizado. Isso tornava ainda mais difícil tirar isso da cabeça. Isso era curioso, pois embora Bohr tivesse elaborado o seu argumento para se opor ao ataque de Einstein à teoria quântica, como veremos, a visão de Bohr de que os sistemas subatômicos são indivisíveis tem implicações igualmente profundas para a natureza da realidade. Ironicamente, essas implicações também foram ignoradas e mais uma vez a importância potencial da interconexão foi varrida para debaixo do tapete.

UM MAR VIVO DE ELETRONS

Durante os seus primeiros anos como físico, Bohm também aceitou a posição de Bohr, mas permaneceu intrigado com a falta de interesse de Bohr e os seus seguidores em relação

* A decomposição do positrônio não é o processo subatômico que Einstein e os seus colegas empregaram no seu experimento mental, mas é usado aqui porque é fácil de visualizar.

à interconexão. Depois de se formar no Pennsylvania State College, ele frequentou a Universidade da Califórnia em Berkeley e, antes de receber o seu doutorado em 1943, trabalhou no Laboratório de Radiação Lawrence Berkeley. Lá ele encontrou outro exemplo notável de interconexão quântica.

No Laboratório de Radiação de Berkeley, Bohm deu início ao que se tornaria o seu trabalho marcante com plasmas. Um plasma é um gás que contém uma alta densidade de elétrons e ions positivos, átomos com carga positiva. Para sua surpresa, ele descobriu que, uma vez num plasma, os elétrons pararam de se comportar como indivíduos e começaram a comportar-se como se fossem parte de um todo maior e interconetado. Embora os seus movimentos individuais parecessem aleatórios, um grande número de elétrons foi capaz de produzir efeitos surpreendentemente bem organizados. Como alguma criação amebóide, o plasma regenera-se constantemente e envolve todas as impurezas numa parede, da mesma forma que um organismo biológico pode envolver uma substância estranha em um cisto. Bohm ficou tão impressionado com essas qualidades orgânicas que mais tarde comentou que frequentemente tinha a impressão de que o mar de elétrons estava "vivo".

Em 1947 Bohm aceitou o cargo de professor assistente na Universidade de Princeton, uma indicação de quão altamente ele era considerado, e lá ele estendeu a sua pesquisa de Berkeley para o estudo de elétrons em metais. Mais uma vez, ele descobriu que os movimentos aparentemente desordenados de elétrons individuais conseguiam produzir efeitos gerais altamente organizados. Como os plasmas que ele havia estudado em Berkeley, essas não eram mais situações envolvendo duas partículas, cada uma se comportando como se soubesse o que a outra estava a fazer, mas oceanos inteiros de partículas, cada uma se comportando como se soubesse o que incontáveis trilhões de outras estavam a fazer. Bohm chamou esses movimentos coletivos de elétrons de *plasmons*, e a sua descoberta estabeleceu a sua reputação como 'físico'.

A DESILUSÃO DE BOHM

Tanto o seu senso da importância da interconexão quanto a sua crescente insatisfação com várias das outras visões predominantes na física fizeram com que Bohm ficasse cada vez mais preocupado com a interpretação de Bohr da teoria quântica. Depois de três anos a ensinar o assunto em Princeton, ele decidiu melhorar a sua compreensão escrevendo um livro didático. Quando terminou, descobriu que ainda não estava confortável com o que a física quântica estava a dizer e enviou cópias do livro a Bohr e Einstein para pedir as suas opiniões. Ele não obteve resposta de Bohr, mas Einstein contactou-o e disse que, como os dois estavam em Princeton, deveriam encontrar-se e discutir o livro. Na primeira daquelas que viriam a ser uma série de seis meses de conversas animadas, Einstein disse a Bohm com entusiasmo que nunca vira a teoria quântica ser apresentada com tanta clareza. No entanto, ele admitiu que ainda estava tão insatisfeito com a teoria quanto Bohm.

Durante as suas conversas, os dois homens descobriram que cada um deles não tinha nada além de admiração pela capacidade da teoria de prever fenômenos. O que os incomodava é que não fornecia uma maneira real de conceber a estrutura básica do mundo. Bohr e os seus seguidores também afirmavam que a teoria quântica estava completa e não era possível chegar a uma compreensão mais clara do que estava a acontecer no reino quântico. Isso era o mesmo que dizer que não havia realidade mais profunda além da paisagem subatômica, nenhuma outra resposta a ser encontrada, e isso também irritava as sensibilidades filosóficas de Bohm e Einstein. No decorrer das suas reuniões, eles discutiram muitas outras coisas, mas esses pontos em particular ganharam nova proeminência nos pensamentos de Bohm. Inspirado pelas suas interações com Einstein, ele aceitou a validade das suas dúvidas sobre a física quântica e decidiu que deveria haver uma visão alternativa. Quando o seu livro *Teoria Quântica* foi publicado em 1951, foi aclamado como um clássico, mas era um clássico sobre um assunto ao qual Bohm já não se dedicava totalmente. A sua mente, sempre ativa e sempre em busca de explicações mais profundas, já buscava uma forma melhor de descrever a realidade.

UM NOVO TIPO DE CAMPO E A BALA QUE MATOU LINCOLN

Depois das suas conversas com Einstein, Bohm tentou encontrar uma alternativa viável para a interpretação de Bohr. Ele começou por assumir que partículas como os elétrons existem na ausência de observadores. Ele também presumiu que havia uma realidade mais profunda sob a parede inviolável de Bohr, um nível subquântico que ainda aguardava descoberta pela ciência. Com base nessas premissas, ele descobriu que, simplesmente ao propor a existência de um novo tipo de campo nesse nível subquântico, ele era capaz de explicar as descobertas da física quântica tão bem quanto Bohr. Bohm chamou o seu novo campo proposto de *potencial quântico* e teorizou que, como a gravidade, ele permeia todo o espaço. No entanto, ao contrário dos campos gravitacionais, campos magnéticos e assim por diante, a sua influência não diminuiu com a distância. Os seus efeitos foram sutis, mas foi igualmente poderoso em todos os lugares. Bohm publicou a sua interpretação alternativa da teoria quântica em 1952.

A reação à sua nova abordagem foi principalmente negativa. Alguns físicos estavam tão convencidos de que tais alternativas eram impossíveis que descartaram as suas ideias imediatamente. Outros lançaram ataques apaixonados contra o seu raciocínio. No final, virtualmente todos esses argumentos baseavam-se principalmente em diferenças filosóficas, mas isso não importava. O ponto de vista de Bohr tornou-se tão arraigado na física que a alternativa de Bohm foi considerada pouco mais do que uma heresia.

Apesar da severidade desses ataques, Bohm permaneceu inabalável na sua convicção de que havia mais na realidade do que a visão de Bohr permitia. Ele também sentiu que a ciência era muito limitada na sua perspectiva quando se tratava de avaliar novas ideias como

a sua, e em um livro de 1957 intitulado *Causality and Chance in Modern Physics*, ele examinou várias das suposições filosóficas responsáveis por essa atitude. Uma era a suposição amplamente aceita de que era possível para qualquer teoria isolada, como a teoria quântica, ser completa. Bohm criticou essa suposição apontando que a natureza pode ser infinita. Como não seria possível para nenhuma teoria explicar completamente algo que é infinito, Bohm sugeriu que a investigação científica aberta poderia ser mais bem servida se os pesquisadores se abstivessem de fazer essa suposição.

No livro, ele argumentou que a forma como a ciência via a causalidade também era muito limitada. A maioria dos efeitos era considerada como tendo apenas uma ou várias causas. No entanto, Bohm sentiu que um efeito poderia ter um número infinito de causas. Por exemplo, se você perguntar a alguém o que causou a morte de Abraham Lincoln, eles podem responder que foi a bala na arma de John Wilkes Booth. Mas uma lista completa de todas as causas que contribuíram para a morte de Lincoln teria que incluir todos os eventos que levaram ao desenvolvimento da arma, todos os fatores que fizeram Booth querer matar Lincoln, todas as etapas na evolução da raça humana que permitiu o desenvolvimento de uma mão capaz de segurar uma arma, e assim por diante. Bohm admitiu que na maioria das vezes era possível ignorar a vasta cascata de causas que levaram a qualquer efeito, mas ele ainda achava importante que os cientistas se lembrassem de que nenhuma relação de causa e efeito foi realmente separada do universo como um todo.

SE QUER SABER ONDE ESTÁ, PERGUNTE AOS NÃO-LOCAIS

Durante o mesmo período da sua vida, Bohm também continuou a refinar a sua abordagem alternativa à física quântica. Ao examinar mais cuidadosamente o significado do potencial quântico, descobriu que ele tinha várias características que implicavam um afastamento ainda mais radical do pensamento ortodoxo. Um era a importância da integridade. A ciência clássica sempre considerou o estado de um sistema como um todo meramente o resultado da interação das suas partes. No entanto, o potencial quântico manteve essa visão no seu ouvido e indicou que o comportamento das partes era na verdade organizado pelo todo. Isso não apenas aceitou a afirmação de Bohr de que as partículas subatômicas não são "coisas" independentes, mas são parte de um sistema indivisível um passo à frente, mas até sugeriu que a totalidade era, de certa forma, a realidade mais primária.

Também explicou como os elétrons nos plasmas (e outros estados especializados, como a supercondutividade) poderiam comportar-se como estando todos interconectados. Como afirma Bohm, esses "elétrons não estão espalhados porque, por meio da ação do potencial quantum, todo o sistema está a passar por um movimento coordenado mais como uma dança de balé do que como uma multidão de pessoas desorganizadas". Mais uma vez, ele observa que "tal integridade quântica de atividade está mais próxima da unidade

organizada de funcionamento das partes de um ser vivo do que do tipo de unidade que é obtida juntando as partes de uma máquina."

Uma característica ainda mais surpreendente do potencial quântico eram as suas implicações para a natureza da localização. No nível da nossa vida quotidiana, as coisas têm localizações muito específicas, mas a interpretação de Bohm da física quântica indicava que no nível subquântico, o nível em que o potencial quântico operava, a localização deixava de existir. Todos os pontos no espaço tornaram-se iguais a todos os outros pontos no espaço, e não fazia sentido falar de qualquer coisa como sendo separada de qualquer outra coisa. Os físicos chamam essa propriedade de "não localidade".

O aspeto não local do potencial quântico permitiu que Bohm explicasse a conexão entre as partículas gêmeas sem violar a proibição da relatividade especial contra qualquer coisa que viajasse mais rápido do que a velocidade da luz. Para ilustrar como, ele oferece a seguinte analogia: imagine um peixe a nadar num aquário. Imagine também que você nunca viu um peixe ou um aquário antes e o seu único conhecimento sobre eles vem da duas câmeras de televisão, uma voltada para a frente do aquário e outra para o lado. Quando você olha para os dois monitores de televisão, pode erroneamente presumir que os peixes nas telas são entidades separadas. Afinal, como as câmeras estão posicionadas em ângulos diferentes, cada uma das imagens será um pouco diferente. Mas, à medida que você continuar a observar, acabará por perceber que há uma relação entre os dois peixes. Quando um gira, o outro faz uma curva ligeiramente diferente, mas correspondente. Quando um está voltado para a frente, o outro está voltado para o lado e assim por diante. Se você não tiver conhecimento de todo o escopo da situação, poderá concluir erroneamente que os peixes estão a comunicar-se instantaneamente, mas não é o caso. Nenhuma comunicação está a ocorrer porque num nível mais profundo da realidade, a realidade do aquário, os dois peixes são, na verdade, um e o mesmo peixe. Isso, diz Bohm, é precisamente o que está a acontecer entre partículas como os dois fótons emitidos quando um átomo de positrônio decai (ver fig. 8).

Na verdade, porque o potencial quântico permeia todo o espaço, todas as partículas são interconetadas não localmente. Cada vez mais a imagem da realidade que Bohm estava a desenvolver não era aquela em que as partículas subatômicas estivessem separadas umas das outras e movendo-se através do vazio do espaço, mas uma em que todas as coisas eram parte de uma teia contínua e embutida num espaço que era real e rico com o processo como a matéria que o percorreu.

As ideias de Bohm ainda não deixaram a maioria dos físicos persuadidos, mas despertaram o interesse de alguns. Um deles foi John Stewart Bell, um físico teórico do CERN, um centro de pesquisa atômica pacífica perto de Genebra, Suíça. Como Bohm, Bell também ficou descontente com a teoria quântica e sentiu que deveria haver alguma alternativa. Como ele disse mais tarde, "Então, em 1952, vi o artigo de Bohm. A sua ideia era

completar a mecânica quântica dizendo que existem certas variáveis além daquelas que todos conheciam. Isso impressionou-me bastante."

Bell também percebeu que a teoria de Bohm implicava a existência da não-localidade e se perguntou se havia alguma maneira de verificar experimentalmente a sua existência. A questão permaneceu na sua mente por anos, até que num ano sabático, em 1964, proporcionou-lhe a liberdade de concentrar toda a sua atenção no assunto. Então ele rapidamente apresentou uma elegante prova matemática que revelou como tal experimento poderia ser realizado. O único problema era que exigia um nível de precisão tecnológica que ainda não estava disponível. Para ter certeza de que as partículas, como as do paradoxo EPR, não estavam a usar algum meio normal de comunicação, as operações básicas do experimento tinham que ser realizadas num instante tão infinitesimalmente breve que não haveria tempo suficiente para um raio de luz cruzar a distância que separa as duas partículas. Isso significava que os instrumentos usados no experimento tinham que realizar todas as operações necessárias em alguns milhares de milionésimos de segundo.

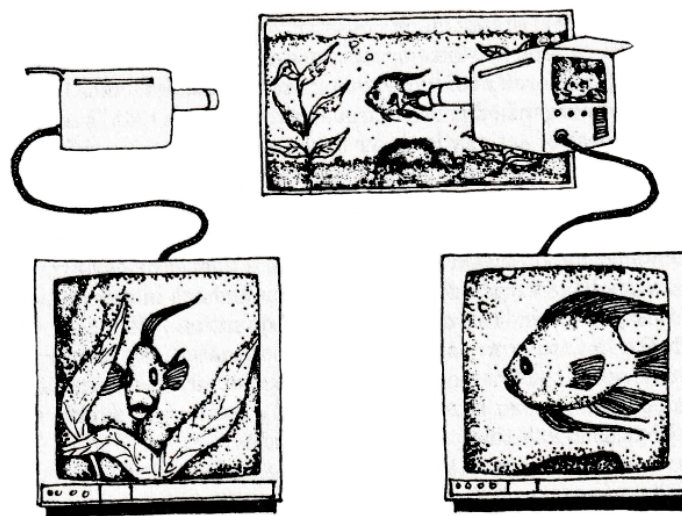


Figura 8. Bohm acredita que as partículas subatômicas estão conetadas da mesma maneira que as imagens dos peixes nos dois monitores de televisão. Embora partículas como os elétrons pareçam estar separadas umas das outras, num nível mais profundo da realidade - um nível análogo ao do aquário - elas são, na verdade, apenas aspetos diferentes de uma unidade cósmica mais profunda.

DIGITE O HOLOGRAMA

No final da década de 1950, Bohm já havia enfrentado o McCarthismo e se tornado pesquisador na Universidade de Bristol, na Inglaterra. Lá, junto com um jovem estudante de pesquisa chamado Yakir Aharonov, ele descobriu outro exemplo importante de

interconexão não local. Bohm e Aharonov descobriram que, nas circunstâncias certas, um elétron é capaz de "sentir" a presença de um campo magnético que está numa região onde há probabilidade zero de encontrar o elétron. Esse fenómeno é agora conhecido como efeito Aharonov-Bohm e, quando os dois homens publicaram a sua descoberta pela primeira vez, muitos físicos não acreditaram que tal efeito fosse possível. Ainda hoje existe ceticismo residual suficiente para que, apesar da confirmação do efeito em vários experimentos, ocasionalmente ainda apareçam artigos argumentando que ele não existe.

Como sempre, Bohm aceitou estoicamente o seu papel contínuo como a voz na multidão que corajosamente observa que o imperador está sem roupas. Numa entrevista conduzida alguns anos depois, ele ofereceu um simples resumo da filosofia subjacente à sua coragem: "A longo prazo, é muito mais perigoso aderir à ilusão do que enfrentar o que é o facto real."

Não obstante, a resposta limitada às suas ideias sobre totalidade e não localidade e a sua própria incapacidade de ver como prosseguir o fez focar a sua atenção em outras direcções. Na década de 1960, isso levou-o a examinar mais de perto a *ordem*. A ciência clássica geralmente divide as coisas em duas categorias: aquelas que possuem ordem no arranjo das suas partes e aquelas cujas partes são desordenadas ou aleatórias na sua disposição. Flocos de neve, computadores e coisas vivas estão todos ordenados. O padrão que um punhado de grãos de café derramados faz no chão, os destroços deixados por uma explosão e uma série de números gerados por uma roda de roleta estão todos desordenados.

À medida que Bohm se aprofundou mais no assunto, percebeu que também havia diferentes graus de ordem. Algumas coisas eram muito mais ordenadas do que outras, e isso implicava que talvez não houvesse fim para as hierarquias de ordem que existiam no universo. A partir disso, ocorreu a Bohm que talvez as coisas que percebemos como desordenadas não tenham nenhuma desordem. Talvez a sua ordem seja de um "grau indefinidamente alto" que só nos parecem aleatórios (curiosamente, os matemáticos são incapazes de provar a aleatoriedade e, embora algumas sequências de números sejam categorizadas como aleatórias, essas são apenas suposições educadas).

Enquanto estava imerso nesses pensamentos, Bohm viu um dispositivo num programa de televisão da BBC que o ajudou a desenvolver as suas ideias ainda mais. O dispositivo era uma jarra especialmente projetada contendo um grande cilindro giratório. O espaço estreito entre o cilindro e a jarra estava cheio de glicerina - um líquido espesso e claro - e flutuando imóvel na glicerina havia uma gota de tinta. O que interessou a Bohm foi que, quando a alça do cilindro foi girada, a gota de tinta espalhou-se pela glicerina xaroposa e pareceu desaparecer. Mas assim que a alça foi virada na direcção oposta, o leve traço de tinta lentamente colapsou sobre si mesmo e mais uma vez formou uma gota (ver Fig. 9).

Bohm escreve: "Isso imediatamente pareceu-me muito relevante para a questão da ordem, uma vez que, quando a gota de tinta foi espalhada, ela ainda tinha uma ordem 'oculta' (isto é, não manifestada) que foi revelada quando foi reconstituída. Por outro lado, na nossa linguagem usual, diríamos que a tinta estava num estado de 'desordem' quando foi difundida pela glicerina. Isso fez-me ver que novas noções de ordem devem estar envolvidas aqui."

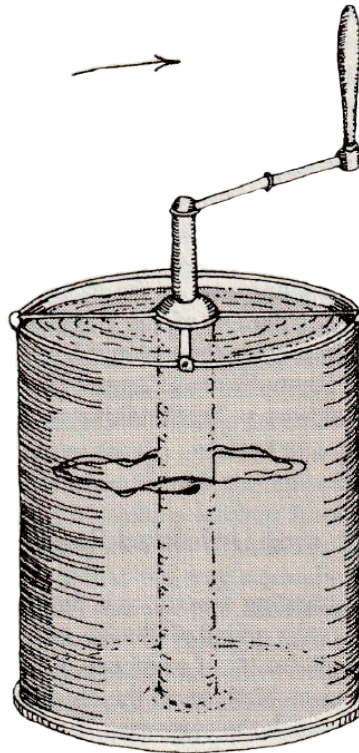


Figura 9. Quando uma gota de tinta é colocada numa jarra cheia de glicerina e um cilindro dentro da jarra é girado, a gota parece espalhar-se e desaparecer. Mas quando o cilindro é girado na direção oposta, a gota aparece novamente. Bohm usa esse fenómeno como um exemplo de como a ordem pode ser manifesta (explícita) ou oculta (implícita).

Essa descoberta entusiasmou muito Bohm, pois proporcionou-lhe uma nova maneira de encarar muitos dos problemas que vinha contemplando. Logo após se deparar com o dispositivo de tinta em glicerina, ele encontrou uma metáfora ainda melhor para entender a ordem, que lhe permitiu não apenas reunir todas as várias vertentes dos seus anos de pensamento, mas o fez com tanta força e poder explicativo que parecia quase feito sob medida para o propósito. Essa metáfora era o holograma.

Assim que Bohm começou a refletir sobre o holograma, viu que ele também fornecia uma nova maneira de entender a ordem. Como a gota de tinta no seu estado disperso, os padrões de interferência registados num pedaço de filme holográfico também aparecem

desordenados a olho nu. Ambos possuem ordens que estão ocultas ou *envolvidas* da mesma maneira que a ordem num plasma está envolvida no comportamento aparentemente aleatório de cada um dos seus elétrons. Mas esse não foi o único insight fornecido pelo holograma.

Quanto mais Bohm pensava nisso, mais convencido ficava de que o universo realmente empregava princípios holográficos nas suas operações, era *ele mesmo uma espécie de holograma gigante e flutuante*, e essa compreensão permitiu que ele cristalizasse todos os seus vários insights em um todo abrangente e coeso. Ele publicou os seus primeiros artigos sobre a sua visão holográfica do universo no início dos anos 1970 e, em 1980, apresentou uma destilação dos seus pensamentos num livro intitulado *Wholeness and the Implicate Order*. Nele, ele fez mais do que apenas ligar as suas miríades de ideias. Ele as transfigurou numa nova maneira de ver a realidade que era tão impressionante quanto radical.

ORDENS ENVOLVIDAS E REALIDADES DESDOBRADAS

Uma das afirmações mais surpreendentes de Bohm é que a realidade tangível da nossa vida quotidiana é realmente uma espécie de ilusão, como uma imagem holográfica. Subjacente a ela está uma ordem de existência mais profunda, um nível vasto e mais primário de realidade que dá origem a todos os objetos e aparências do nosso mundo físico da mesma forma que um pedaço de filme holográfico dá origem a um holograma. Bohm chama a esse nível mais profundo de realidade de ordem *implícita* (que significa "envolvida") e refere-se ao nosso próprio nível de existência como a ordem *explícita* ou desdobrada.

Ele usa esses termos porque vê a manifestação de todas as formas no universo como resultado de incontáveis envolvimentos e desdobramentos entre essas duas ordens. Por exemplo, Bohm acredita que um elétron não é uma coisa, mas uma totalidade ou conjunto envolvido por todo o espaço. Quando um instrumento deteta a presença de um único elétron é simplesmente porque um aspeto do conjunto do elétron se desdobrou, semelhante à maneira como uma gota de tinta se desdobra da glicerina, naquele local específico. Quando um elétron parece estar a mover-se, é devido a uma série contínua de desdobramentos e envolvimentos.

Dito de outra forma, os elétrons e todas as outras partículas não são mais substantivos ou permanentes do que a forma que um geiser de água assume ao jorrar de uma fonte. Eles são sustentados por um influxo constante da ordem implícita e, quando uma partícula parece estar destruída, ela não se perde. Ela meramente se envolveu de volta na ordem mais profunda da qual surgiu. Um pedaço de filme holográfico e a imagem que ele gera também são um exemplo de uma ordem implícita e explícita. O filme é uma ordem implícita porque a imagem codificada nos seus padrões de interferência é uma totalidade oculta envolvida

pelo todo. O holograma projetado do filme é uma ordem explícita porque representa a versão desdobrada e perceptível da imagem.

A troca constante e fluída entre as duas ordens explica como as partículas, como o elétron no átomo de positrônio, podem mudar de forma de um tipo de partícula para outro. Esses deslocamentos podem ser vistos como uma partícula, digamos um elétron, envolvendo-se de volta na ordem implícita, enquanto outro, um fóton, se desdobra e toma seu lugar. Também explica como um quantum pode manifestar-se como uma partícula ou uma onda. De acordo com Bohm, ambos os aspectos estão sempre envolvidos num conjunto quântico, mas a maneira como um observador interage com o conjunto determina qual aspecto se desdobra e qual permanece oculto. Como tal, o papel que um observador desempenha na determinação da forma que um quantum assume pode não ser mais misterioso do que o facto de que a maneira como um joalheiro manipula uma gema determina quais das suas facetas se tornam visíveis e quais não. Como o termo *holograma* geralmente refere-se a uma imagem que é estática e não transmite a natureza dinâmica e sempre ativa das invenções e desdobramentos incalculáveis que, momento a momento, criam o nosso universo, Bohm prefere descrever o universo não como um holograma, mas como um "holomovimento".

A existência de uma ordem mais profunda e holograficamente organizada também explica por que a realidade se torna não local no nível subquântico. Como vimos, quando algo é organizado holograficamente, toda aparência de localização se desfaz. Dizer que cada parte de um pedaço de filme holográfico contém todas as informações possuídas pelo todo é, na verdade, apenas outra maneira de dizer que a informação é distribuída não localmente. Portanto, se o universo é organizado de acordo com princípios holográficos, também se espera que ele tenha propriedades não locais.

A TOTALIDADE INDIVISA DE TODAS AS COISAS

A mais espantosa de todas são as ideias totalmente desenvolvidas de Bohm sobre a totalidade. Como tudo no cosmos é feito do tecido holográfico contínuo da ordem implícita, ele acredita que é tão sem sentido ver o universo como composto de "partes", quanto ver os diferentes geiseres em uma fonte separados da água de onde eles fluem. Um elétron não é uma "partícula elementar". É apenas um nome dado a um certo aspecto do holomovimento. Dividir a realidade em partes e depois nomear essas partes é sempre arbitrário, um produto da convenção, porque as partículas subatômicas e tudo o mais no universo não são mais separadas umas das outras do que diferentes padrões num tapete ornamentado.

Esta é uma sugestão profunda. Na sua teoria geral da relatividade, Einstein surpreendeu o mundo quando disse que o espaço e o tempo não são entidades separadas,

mas estão suavemente ligados e fazem parte de um todo maior que ele chamou de continuum espaço-tempo. Bohm leva essa ideia um passo gigante adiante. Ele diz que *tudo* no universo faz parte de um continuum. Apesar da aparente separação das coisas no nível explícito, tudo é uma extensão contínua de tudo o mais e, em última análise, até mesmo as ordens implícita e explícita se misturam.

Reserve um momento para considerar isso. Olhe para a sua mão. Agora olhe para a luz fluindo da lâmpada ao seu lado. E para o cão a descansar aos seus pés. Você não é simplesmente feito das mesmas coisas. *Você é a mesma coisa*. Uma Coisa. Ininterrupto. Uma coisa enorme que estendeu os seus incontáveis braços e apêndices em todos os objetos aparentes, átomos, oceanos inquietos e estrelas cintilantes do cosmos.

Bohm adverte que isso não significa que o universo seja uma massa gigante indiferenciada. As coisas podem fazer parte de um todo indiviso e ainda possuir as suas próprias qualidades únicas. Para ilustrar o que ele quis dizer, ele aponta para os pequenos redemoinhos e vórtices que frequentemente se formam num rio. À primeira vista, esses redemoinhos parecem ser coisas separadas e possuem muitas características individuais, como tamanho, velocidade e direção de rotação, etc. Mas um exame cuidadoso revela que é impossível determinar onde um determinado redemoinho termina e o rio começa. Assim, Bohm não está a sugerir que as diferenças entre "coisas" não tenham sentido. Ele apenas quer que estejamos constantemente cientes de que dividir vários aspetos do holomovimento em "coisas" é sempre uma abstração, uma maneira de fazer esses aspetos se destacarem na nossa percepção por meio da nossa maneira de pensar. Na tentativa de corrigir isso, em vez de chamar diferentes aspetos do holomovimento de "coisas", ele prefere chamá-los de "subtotalidades relativamente independentes".

Na verdade, Bohm acredita que a nossa tendência quase universal de fragmentar o mundo e ignorar a interconexão dinâmica de todas as coisas é responsável por muitos dos nossos problemas, não apenas na ciência, mas nas nossas vidas e também na nossa sociedade. Por exemplo, acreditamos que podemos extrair as partes valiosas da terra sem afetar o todo. Acreditamos que é possível tratar partes do nosso corpo e não nos preocupar com o todo. Acreditamos que podemos lidar com vários problemas na nossa sociedade, como crime, pobreza e dependência de drogas, sem abordar os problemas na nossa sociedade como um todo, e assim por diante. Nos seus escritos, Bohm argumenta veementemente que a nossa maneira atual de fragmentar o mundo em partes não só não funciona, mas pode até levar à nossa extinção.

CONSCIÊNCIA COMO UMA FORMA MAIS SUTIL DE MATÉRIA

Além de explicar por que os físicos quânticos encontram tantos exemplos de interconexão quando investigam as profundezas da matéria, o universo holográfico de

Bohm explica muitos outros quebra-cabeças. Um é o efeito que a consciência parece ter no mundo subatômico. Como vimos, Bohm rejeita a ideia de que as partículas não existem até que sejam observadas. Mas ele não é, em princípio, contra tentar aproximar a consciência e a física. Ele simplesmente sente que a maioria dos físicos agem da maneira errada, tentando mais uma vez fragmentar a realidade e dizer que uma coisa separada, a consciência, interage com outra coisa separada, uma partícula subatômica.

Como todas essas coisas são aspectos do holomovimento, ele sente que não faz sentido falar de consciência e matéria interagindo. Em certo sentido, o observador é o observado. O observador é também o instrumento de medição, os resultados experimentais, o laboratório e a brisa que sopra fora do laboratório. Na verdade, Bohm acredita que a consciência é uma forma mais sutil de matéria, e a base para qualquer relação entre as duas não está no nosso próprio nível de realidade, mas no fundo da ordem implícita. A consciência está presente em vários graus de envolvimento e desenvolvimento em toda a matéria, e talvez seja por isso que os plasmas possuem alguns dos traços dos seres vivos. Como diz Bohm: "A capacidade da forma de ser ativa é a característica mais peculiar da mente, e temos algo que é semelhante à mente, como o elétron."

Da mesma forma, ele acredita que dividir o universo em coisas vivas e não vivas também não tem significado. A matéria animada e a inanimada estão inseparavelmente entrelaçadas, e a vida também está envolvida por toda a totalidade do universo. Até mesmo uma rocha está de alguma forma viva, diz Bohm, pois a vida e a inteligência estão presentes não apenas em toda a matéria, mas na "energia", "espaço", "tempo", "a estrutura de todo o universo" e tudo mais, do contrário, nos abstraímos do holomovimento e erroneamente vemos como coisas separadas.

A ideia de que consciência e vida (e na verdade todas as coisas) são conjuntos envolvidos por todo o universo tem um outro lado igualmente deslumbrante. Assim como cada porção de um holograma contém a imagem do todo, cada porção do universo envolve o todo. Isso significa que, se soubéssemos como acessá-la, poderíamos encontrar a galáxia de Andrômeda na unha da nossa mão esquerda. poderíamos também encontrar Cleópatra encontrando César pela primeira vez, pois, em princípio, todo o passado e as implicações para todo o futuro também estão envolvidos em cada pequena região do espaço e do tempo. Cada célula do nosso corpo envolve todo o cosmos. O mesmo acontece com cada folha, cada gota de chuva e cada partícula de poeira, o que dá um novo significado ao famoso poema de William Blake:

Para ver um mundo num grão de areia
E um paraíso numa flor selvagem,
Segure o Infinito na palma da sua mão
E a eternidade numa hora.

A ENERGIA DE UM TRILHÃO DE BOMBAS ATÔMICAS EM CADA CENTRÍMICO CÚBICO DE ESPAÇO

Se o nosso universo é apenas uma sombra pálida de uma ordem mais profunda, o que mais está oculto, envolto na urdidura e trama da nossa realidade? Bohm tem uma sugestão. De acordo com a nossa compreensão atual da física, cada região do espaço é inundada por diferentes tipos de campos compostos de ondas de comprimentos variados. Cada onda sempre tem pelo menos alguma energia. Quando os físicos calculam a quantidade mínima de energia que uma onda pode possuir, eles descobrem que *cada centímetro cúbico de espaço vazio contém mais energia do que a energia total de toda a matéria no universo conhecido!*

Alguns físicos recusam-se a levar esse cálculo a sério e acreditam que, de alguma forma, ele deve estar errado. Bohm pensa que esse oceano infinito de energia existe e conta-nos pelo menos um pouco sobre a natureza vasta e oculta da ordem implícita. Ele sente que a maioria dos físicos ignora a existência desse enorme oceano de energia porque, como os peixes que não têm consciência da água em que nadam, foram ensinados a concentrar-se principalmente em objetos embutidos no oceano, na matéria.

A visão de Bohm de que o espaço é tão real e rico em processos quanto a matéria que se move por ele atinge a maturidade total nas suas ideias sobre o mar de energia implícito. A matéria não existe independentemente do mar, do chamado espaço vazio. É uma parte do espaço. Para explicar o que ele quis dizer, Bohm oferece a seguinte analogia: Um cristal resfriado até o zero absoluto permitirá que um fluxo de elétrons passe por ele sem espalhá-los. Se a temperatura aumentar, várias falhas no cristal perderão a sua transparência, por assim dizer, e começarão a espalhar elétrons. Do ponto de vista de um elétron, essas falhas pareceriam pedaços de "matéria" flutuando em um mar de nada, mas esse não é realmente o caso. O nada e os pedaços de matéria não existem independentemente um do outro. Ambos fazem parte do mesmo tecido, a ordem mais profunda do cristal.

Bohm acredita que o mesmo é verdade no nosso próprio nível de existência. O espaço não está vazio. Está *cheio*, um pleno em oposição a um vácuo, e é a base para a existência de tudo, incluindo nós mesmos. O universo não está separado deste mar cósmico de energia, é uma ondulação na sua superfície, um "padrão de excitação" comparativamente pequeno no meio de um oceano inimaginavelmente vasto. "Este padrão de excitação é relativamente autônomo e dá origem a projeções aproximadamente recorrentes, estáveis e separáveis numa ordem explícita tridimensional de manifestação", afirma Bohm. Por outras palavras, apesar da sua aparente materialidade e enorme tamanho, o universo não existe em si mesmo, mas é o enteado de algo muito mais vasto e inefável. Mais do que isso, não é nem mesmo uma grande produção desse algo mais vasto, mas apenas uma sombra passageira, um mero soluço no esquema maior das coisas.

Este mar infinito de energia não é tudo o que está envolvido na ordem implícita. Como a ordem implícita é a base que deu origem a tudo no nosso universo, no mínimo ela também contém todas as partículas subatômicas que existiram ou existirão; cada configuração de matéria, energia, vida e consciência possível, dos quasares ao cérebro de Shakespeare, da dupla hélice às forças que controlam os tamanhos e formas das galáxias. E mesmo isso não é tudo que pode conter. Bohm admite que não há razão para acreditar que a ordem implícita é o fim das coisas. Pode haver outras ordens não sonhadas além dela, infinitos estágios de desenvolvimento posterior.

SUPORTE EXPERIMENTAL PARA O UNIVERSO HOLOGRÁFICO DE BOHM

Uma série de descobertas tentadoras na física sugerem que Bohm pode estar correto. Mesmo desconsiderando o mar de energia implícito, o espaço é preenchido com luz e outras ondas eletromagnéticas que constantemente se cruzam e interferem umas nas outras. Como vimos, todas as partículas também são ondas. Isso significa que os objetos físicos e tudo o mais que percebemos na realidade são compostos de padrões de interferência, um facto que tem implicações holográficas inegáveis.

Outra evidência convincente vem de um recente achado experimental. Na década de 1970, a tecnologia tornou-se disponível para realmente realizar o experimento de duas partículas delineado por Bell, e vários pesquisadores diferentes tentaram a tarefa. Embora as descobertas fossem promissoras, nenhuma foi capaz de produzir resultados conclusivos. Então, em 1982, os físicos Alain Aspect, Jean Dalibard e Gérard Roger, do Instituto de Ótica da Universidade de Paris, foram bem-sucedidos. Primeiro, eles produziram uma série de fótons gêmeos aquecendo átomos de cálcio com lasers. Em seguida, eles permitiram que cada fóton atravessasse em direções opostas por 6,5 metros de tubo e passasse por filtros especiais que os direcionaram em direção a um dos dois analisadores de polarização possíveis. Cada filtro demorava 10 bilionésimos de segundo para alternar entre um analisador ou outro, cerca de 30 bilionésimos de segundo a menos do que a luz levaria para percorrer todos os 13 metros que separam cada conjunto de fótons. Dessa forma, Aspect e os seus colegas foram capazes de descartar qualquer possibilidade de os fótons se comunicarem por meio de qualquer processo físico conhecido.

Aspect e a sua equipa descobriram que, como a teoria quântica previa, cada fóton ainda era capaz de correlacionar o seu ângulo de polarização com o do seu gêmeo. Isso significava que ou a proibição de Einstein contra a comunicação mais rápida do que a luz estava a ser violada ou os dois fótons estavam conetados de forma não local. Como a maioria dos físicos se opõe a admitir processos mais rápidos do que a luz na física, o experimento de Aspect é geralmente visto como uma prova virtual de que a conexão entre os dois fótons é não local. Além disso, como observa o físico Paul Davis, da University of Newcastle upon Tyne, Inglaterra, uma vez que *todas* as partículas estão continuamente a interagir e a

separar-se, "os aspetos não locais dos sistemas quânticos são, portanto, uma propriedade geral da natureza".

As descobertas de Aspect não provam que o modelo de universo de Bohm esteja correto, mas fornecem um suporte tremendo. De facto, como mencionado, Bohm não acredita que nenhuma teoria seja correta em um sentido absoluto, incluindo a sua própria. Todos são apenas aproximações da verdade, mapas finitos que usamos para tentar mapear um território que é infinito e indivisível. Isso não significa que ele sinta que a sua teoria não pode ser testada. Ele está confiante de que em algum momento no futuro serão desenvolvidas técnicas que permitirão que as suas ideias sejam testadas (quando Bohm é criticado neste ponto, ele observa que há uma série de teorias na física, como a "teoria das supercordas", que provavelmente não será testável por várias décadas).

A REAÇÃO DA COMUNIDADE DE FÍSICA

A maioria dos físicos é cética em relação às ideias de Bohm. Por exemplo, o físico de Yale, Lee Smolin, simplesmente não acha a teoria de Bohm "muito convincente, fisicamente". No entanto, existe um respeito quase universal pela inteligência de Bohm. A opinião do físico Abner Shimony da Universidade de Boston é representativa dessa visão. "Infelizmente, não entendi a sua teoria. Certamente é uma metáfora e a questão é como interpretar a metáfora literalmente. Ainda assim, ele realmente pensou muito profundamente sobre o assunto e acho que prestou um serviço tremendo ao trazer essas questões para a vanguarda da pesquisa da física, em vez de apenas tê-las varridas para debaixo do tapete. Ele tem sido um homem corajoso, ousado e imaginativo."

Apesar desse ceticismo, também há físicos que simpatizam com as ideias de Bohm, incluindo grandes nomes como Roger Penrose, de Oxford, o criador da teoria moderna do buraco negro; Bernard d'Espagnat, da universidade de Paris, uma das maiores autoridades mundiais sobre os fundamentos conceituais da teoria quântica; e Brian Josephson, de Cambridge, vencedor do Prêmio Nobel de Física de 1978. Josephson acredita que a ordem implícita de Bohm pode, algum dia, levar à inclusão de Deus ou da Mente na estrutura da ciência, uma ideia que Josephson apoia.

PRIBRAM E BOHM JUNTOS

Consideradas juntas, as teorias de Bohm e Pribram fornecem uma maneira nova e profunda de olhar o mundo: os nossos cérebros constroem matematicamente a realidade objetiva ao interpretar frequências que são, em última análise, projeções de outra dimensão, uma ordem mais profunda de existência que está além do espaço e do tempo: o cérebro é um holograma envolvido num universo holográfico.

Para Pribram, essa síntese o fez perceber que o mundo objetivo não existe, pelo menos não da maneira como costumamos acreditar. O que está "lá fora" é um vasto oceano de ondas e frequências, e a realidade parece concreta para nós apenas porque os nossos cérebros são capazes de pegar esse borrão holográfico e convertê-lo em paus, pedras e outros objetos familiares que constituem o nosso mundo. Como o cérebro (que é composto de frequências de matéria) é capaz de tomar algo tão insubstancial como um borrão de frequências e fazê-lo parecer sólido ao toque? "O tipo de processo matemático que Bekesy simulou com os seus vibradores é básico para como o nosso cérebro constrói a nossa imagem de um mundo lá fora", afirma Pribram. Por outras palavras, a suavidade de um pedaço de porcelana fina e a sensação da areia da praia sob os nossos pés são, na verdade, apenas versões elaboradas da síndrome do membro fantasma.

De acordo com Pribram, isso não significa que não existam xícaras de porcelana e grãos de areia de praia por aí. Significa simplesmente que uma xícara de porcelana tem dois aspetos muito diferentes da sua realidade. Quando é filtrado pelas lentes do nosso cérebro, ele se manifesta como uma xícara. Mas se pudéssemos livrar-nos das nossas lentes, veríamos isso como um padrão de interferência. Qual é real e qual é ilusão? "Ambos são reais para mim", diz Pribram, "ou, se você quiser dizer, nenhum deles é real".

Esse estado de coisas não se limita às xícaras de porcelana. Nós também temos dois aspetos muito diferentes da nossa realidade. Podemos ver-nos como corpos físicos movendo-se através do espaço. Ou podemos ver-nos como um borrão de padrões de interferência envolvidos por todo o holograma cósmico. Bohm acredita que esse segundo ponto de vista pode até ser o mais correto, pois pensar em nós mesmos como uma mente / cérebro holográfico a olhar para um universo holográfico é novamente uma abstração, uma tentativa de separar duas coisas que, em última análise, não podem ser separadas.

Não se preocupe se for difícil de entender. É relativamente fácil entender a ideia de holismo em algo que é externo a nós, como uma maçã num holograma. O que o torna difícil é que, nesse caso, não estamos a olhar para o holograma. Somos parte do holograma.

A dificuldade também é outra indicação de quão radical é a revisão que Bohm e Pribram estão a tentar fazer na nossa maneira de pensar. Mas não é a única revisão radical. A afirmação de Pribram de que os nossos cérebros constroem objetos empalidece ao lado de outra das conclusões de Bohm: *que nós até mesmo construímos espaço e tempo*. As implicações dessa visão são apenas um dos assuntos que serão examinados à medida que explorarmos o efeito que as ideias de Bohm e Pribram tiveram sobre o trabalho de pesquisadores noutros campos.

Parte 2

MENTE E CORPO

Se fôssemos observar de perto um ser humano individual, notaríamos imediatamente que ele é um holograma único em si mesmo; autossuficiente, autogeneralizado e autoconhecedor. No entanto, se removêssemos este ser do seu contexto planetário, rapidamente perceberíamos que a forma humana não é diferente de uma mandala ou poema simbólico, pois na sua forma e fluxo oferece informações abrangentes sobre vários contextos físicos, sociais, psicológicos e evolutivos dentro do qual foi criado.

**- Dr. Ken Dychtwald
em O Paradigma Holográfico
(Ken Wilber, editor)**

Capítulo 3

O MODELO HOLOGRÁFICO E A PSICOLOGIA

Enquanto o modelo tradicional de psiquiatria e psicanálise é estritamente personalista e biográfico, a pesquisa moderna da consciência acrescentou novos níveis, domínios e dimensões e mostra que a psique humana é essencialmente compatível com todo o universo e com toda a existência.

- Stanislav Grof

Beyond The Brain

Uma área de pesquisa na qual o modelo holográfico teve impacto é a psicologia. Isso não é surpreendente, pois, como Bohm apontou, a própria consciência fornece um exemplo perfeito do que ele entende por movimento indiviso e fluído. A vazante e o fluxo da nossa consciência não são precisamente definíveis, mas podem ser vistos como uma realidade mais profunda e fundamental a partir da qual os nossos pensamentos e ideias se desdobram. Por sua vez, esses pensamentos e ideias não são diferentes das ondulações, redemoinhos e vórtices que se formam num riacho e, como os redemoinhos em um riacho, alguns podem repetir-se e persistir de uma forma mais ou menos estável, enquanto outros são evanescentes e desaparecem quase tão rapidamente quanto aparecem.

A ideia holográfica também lança luz sobre as ligações inexplicáveis que às vezes podem ocorrer entre as consciências de dois ou mais indivíduos. Um dos exemplos mais famosos de tal ligação são corporificados no conceito de inconsciente coletivo do psiquiatra suíço Carl Jung. No início da sua carreira, Jung convenceu-se de que os sonhos, obras de arte, fantasias e alucinações dos seus pacientes muitas vezes continham símbolos e ideias que não podiam ser explicados inteiramente como produtos da sua história pessoal. Em vez disso, esses símbolos assemelhavam-se mais às imagens e temas das grandes mitologias e religiões do mundo. Jung concluiu que mitos, sonhos, alucinações e visões religiosas brotam da mesma fonte, um inconsciente coletivo partilhado por todas as pessoas.

Uma experiência que levou Jung a essa conclusão ocorreu em 1906 e resultou na alucinação de um jovem que sofria de esquizofrenia paranóide. Um dia, enquanto fazia as suas rondas, Jung encontrou o jovem parado numa janela, olhando para o sol. O homem também movia a cabeça de um lado para o outro de maneira curiosa. Quando Jung perguntou o que ele estava a fazer, ele explicou que estava a olhar para o pénis do sol e, quando moveu a cabeça de um lado para o outro, o pénis do sol moveu-se e fez o vento soprar.

Na época, Jung via a afirmação do homem como produto de uma alucinação. Mas, vários anos depois, ele deparou-se com a tradução de um texto religioso persa de dois mil anos que o fez mudar de ideia. O texto consistia numa série de rituais e invocações destinadas a trazer visões. Ele descreveu uma das visões e disse que se o participante olhasse para o sol, ele veria um tubo pendurado nele, e quando o tubo se movesse de um lado para o outro faria com que o vento soprasse. Como as circunstâncias tornavam extremamente improvável que o homem tivesse tido contato com o texto que contém o ritual, Jung concluiu que a visão do homem não era simplesmente um produto da sua mente inconsciente, mas havia borbilhado de um nível mais profundo, do inconsciente coletivo da própria raça humana. Jung chamou essas imagens de arquétipos e, acreditando que eram tão antigas, é como se cada um de nós tivesse a memória de um homem de dois milhões de anos à espreita em algum lugar nas profundezas da nossa mente inconsciente.

Embora o conceito de inconsciente coletivo de Jung tenha tido um enorme impacto na psicologia e agora seja adotado por incontáveis milhares de psicólogos e psiquiatras, a nossa compreensão atual do universo não fornece nenhum mecanismo para explicar a sua existência. A interconexão de todas as coisas previstas pelo modelo holográfico, no entanto, oferece uma explicação. Num universo no qual todas as coisas estão infinitamente interconectadas, todas as consciências também estão interconectadas. Apesar das aparências, somos seres sem fronteiras. Ou, como diz Bohm, "No fundo, a consciência da humanidade é uma só."

Se cada um de nós tem acesso ao conhecimento inconsciente de toda a raça humana, por que não somos todos enciclopédias ambulantes? O psicólogo Robert M. Anderson, Jr., do Rensselaer Polytechnic Institute em Troy, Nova York, acredita que é porque só somos capazes de aceder às informações na ordem implícita que são diretamente relevantes para as nossas memórias. Anderson chama esse processo seletivo de *ressonância pessoal* e o compara ao facto de que um diapasão vibratório ressoará com (ou criará uma vibração em) outro diapasão *apenas* se o segundo diapasão possuir uma estrutura, forma e tamanho semelhantes. "Devido à ressonância pessoal, relativamente poucas da variedade quase infinita de imagens, na estrutura holográfica implícita do universo, estão disponíveis para a consciência pessoal de um indivíduo", diz Anderson. "Assim, quando os iluminados vislumbraram essa consciência unitiva séculos atrás, eles não escreveram a teoria da relatividade porque não estavam a estudar física num contexto semelhante àquele em que Einstein estudou física."

OS SONHOS E O UNIVERSO HOLOGRÁFICO

Outro pesquisador que acredita que a ordem implícita de Bohm tem aplicações na psicologia é o psiquiatra Montague Ullman, fundador do Dream Laboratory do Maimonides Medical Center em Brooklyn, Nova York, e professor emérito de psiquiatria clínica no Albert

Einstein College of Medicine, também em Nova York. O interesse inicial de Ullman no conceito holográfico resultou também da sua sugestão de que todas as pessoas estão interconectadas na ordem holográfica. Ele tem um bom motivo para o seu interesse. Ao longo das décadas de 1960 e 1970, ele foi responsável por muitos dos experimentos de sonho de PES (Percepção Extrassensorial) mencionados na introdução. Mesmo hoje, os estudos de sonhos de PES conduzidos em Maimonides permanecem como algumas das melhores evidências empíricas de que, pelo menos nos nossos sonhos, somos capazes de nos comunicarmos uns com os outros de maneiras que não podem ser explicadas no momento.

Num experimento típico, um voluntário pago que alegou não possuir nenhuma habilidade psíquica foi convidado a dormir num quarto do laboratório enquanto uma pessoa noutro quarto se concentrava numa pintura selecionada aleatoriamente e tentava fazer o voluntário sonhar com a imagem que ela continha. Às vezes, os resultados eram inconclusivos. Mas outras vezes os voluntários tiveram sonhos que foram claramente influenciados pelas pinturas. Por exemplo, quando a pintura alvo era os *Animais* de Tamayo, uma imagem que retrata dois cães exibindo os dentes e uivando sobre uma pilha de ossos, a cobaia sonhou que estava num banquete onde havia carne suficiente e todos olhavam cautelosamente uns para os outros enquanto avidamente comeram as suas porções designadas.

Num outro experimento, a imagem alvo era a *Paris Vista de uma Janela*, de Chagall, uma pintura de cores vivas que representava um homem a olhar pela janela para o horizonte de Paris. A pintura também continha várias outras características incomuns, incluindo um gato com rosto humano, várias pequenas figuras de homens a voar pelo ar e uma cadeira coberta de flores. Ao longo de várias noites, o sujeito do teste sonhou repetidamente com coisas francesas, arquitetura francesa, um polícia francês e um homem em trajes franceses a olhar para as várias "camadas" de uma aldeia. Algumas das imagens nesses sonhos também pareciam ser referências específicas às cores vibrantes e características incomuns da pintura, como a imagem de um grupo de abelhas a voar à volta de flores e uma celebração colorida do tipo Mardi Gras em que as pessoas vestiam fantasias e máscaras.

Embora Ullman acredite que tais descobertas sejam evidências do estado subjacente de interconexão de que fala Bohm, ele sente que um exemplo ainda mais profundo de integridade holográfica pode ser encontrado em outro aspeto do sonho. Essa é a capacidade dos nossos eus sonhadores muitas vezes serem muito mais sábios do que nós mesmos no nosso estado de vigília. Por exemplo, Ullman diz que na sua prática psicanalítica teve um paciente que parecia completamente ignorante quando estava acordado – ou seja, mesquinho, egoísta, arrogante, explorador e manipulador, uma pessoa que fragmentou e desumanizou todas as suas relações interpessoais. Mas não importa o quão espiritualmente cega uma pessoa possa ser, ou relutante em reconhecer as suas próprias deficiências, os

sonhos invariavelmente retratam as suas falhas com honestidade e contêm metáforas que parecem destinadas a incitá-la suavemente a um estado de maior autoconsciência.

Além disso, esses sonhos não foram ocorrências únicas. Durante o curso da sua prática, Ullman percebeu que quando um dos seus pacientes deixava de reconhecer ou aceitar alguma verdade sobre si mesmo, essa verdade voltava à tona repetidas vezes nos seus sonhos, em diferentes formas metafóricas e ligada a diferentes experiências relacionadas do seu passado, mas sempre numa aparente tentativa de lhe oferecer novas oportunidades de chegar a um acordo com a verdade.

Como um homem pode ignorar o conselho dos seus sonhos e ainda viver até aos cem anos, Ullman acredita que esse processo de automonitoramento visa mais do que apenas o bem-estar do indivíduo. Ele acredita que a natureza se preocupa com a sobrevivência das espécies. Ele também concorda com Bohm sobre a importância da totalidade e sente que os sonhos são a maneira da natureza tentar neutralizar a nossa compulsão aparentemente interminável de fragmentar o mundo. "Um indivíduo pode desconectar-se de tudo o que é cooperativo, significativo e amoroso e ainda sobreviver, mas as nações não têm esse luxo. A menos que aprendamos a superar todas as maneiras como fragmentamos a raça humana, nacionalmente, religiosamente, economicamente, ou seja o que for, vamos continuar a encontrar-nos numa posição onde podemos destruir acidentalmente a imagem inteira ", diz Ullman. "A única maneira de fazer isso é ver como fragmentamos a nossa existência como indivíduos. Os sonhos refletem a nossa experiência individual, mas acho que é porque há uma necessidade subjacente maior de preservar a espécie, de manter a conexão com a espécie."

Qual é a fonte do fluxo interminável de sabedoria que borbulha nos nossos sonhos? Ullman admite que não sabe, mas oferece uma sugestão. Dado que a ordem implícita representa, em certo sentido, uma fonte infinita de informações, talvez seja a origem desse fundo maior de conhecimento. Talvez os sonhos sejam uma ponte entre as ordens perçtuais e não manifestas e representem uma "transformação natural do implícito no explícito". Se Ullman estiver correto nessa suposição, ele defende a visão psicanalítica tradicional dos sonhos, pois, em vez de o conteúdo do sonho ser algo que ascende à consciência a partir de um substrato primitivo da personalidade, exatamente o oposto seria verdadeiro.

PSICOSE E A ORDEM IMPLÍCITA

Ullman acredita que alguns aspetos da psicose também podem ser explicados pela ideia holográfica. Tanto Bohm quanto Pribram notaram que as experiências que os místicos relataram ao longo dos tempos - como sentimentos de unidade cósmica com o universo, um senso de unidade com toda a vida e assim por diante - parecem muito com descrições da

ordem implícita. Eles sugerem que talvez os místicos sejam de alguma forma capazes de perscrutar além da realidade explicada comum e vislumbrar as suas qualidades mais profundas e holográficas. Ullman acredita que os psicóticos também são capazes de experimentar certos aspectos do nível holográfico da realidade. Mas, como não conseguem ordenar as suas experiências de maneira racional, esses vislumbres são apenas paródias trágicas daquelas relatadas pelos místicos.

Por exemplo, esquizofrênicos frequentemente relatam sentimentos oceânicos de unidade com o universo, mas de uma forma mágica e delirante. Eles descrevem o sentimento de perda de limites entre eles e os outros, uma crença que os leva a pensar que os seus pensamentos não são mais privados. Eles acreditam que são capazes de ler os pensamentos dos outros. E em vez de ver pessoas, objetos e conceitos como coisas individuais, eles frequentemente os veem como membros de subclasses cada vez maiores, uma tendência que parece ser uma forma de expressar a qualidade holográfica da realidade em que se encontram.

Ullman acredita que os esquizofrênicos tentam transmitir o seu senso de totalidade ininterrupta na maneira como veem o espaço e o tempo. Estudos têm mostrado que os esquizofrênicos costumam tratar o inverso de qualquer relação como idêntico à relação. Por exemplo, de acordo com a maneira de pensar do esquizofrênico, dizer que "o evento A segue o evento B" é o mesmo que dizer "o evento B segue o evento A". A ideia de um evento seguindo outro em qualquer tipo de sequência de tempo não tem sentido, pois todos os pontos no tempo são vistos da mesma forma. O mesmo se aplica às relações espaciais. Se a cabeça de um homem está acima dos seus ombros, então os seus ombros também estão acima de sua cabeça. Como a imagem num pedaço de filme holográfico, as coisas não têm mais localizações precisas e as relações espaciais deixam de ter significado.

Ullman acredita que certos aspectos do pensamento holográfico são ainda mais pronunciados em maníaco-depressivos. Enquanto o esquizofrênico só consegue sentir o cheiro da ordem holográfica, o maníaco está profundamente envolvido nisso e se identifica grandiosamente com o seu potencial infinito. "Ele não consegue acompanhar todos os pensamentos e ideias que vêm até ele de uma forma tão avassaladora", afirma Ullman. "Ele tem que mentir, dissimular e manipular aqueles à sua volta para se acomodar à sua visão expansiva. O resultado final, é claro, é principalmente caos e confusão misturados com explosões ocasionais de criatividade e sucesso na realidade consensual.". Por sua vez, o maníaco fica deprimido depois de regressar dessas férias surreais e mais uma vez enfrenta os perigos e ocorrências inesperadas da vida quotidiana.

Se é verdade que todos nós encontramos aspectos da ordem implícita quando sonhamos, por que esses encontros não têm sobre nós o mesmo efeito que têm sobre os psicóticos? Uma razão, diz Ullman, é que deixamos a lógica única e desafiadora do sonho para trás quando acordamos. Por causa da sua condição, o psicótico é forçado a lutar contra ela enquanto, ao mesmo tempo, tenta funcionar na realidade quotidiana. Ullman também

teoriza que, quando sonhamos, a maioria de nós tem um mecanismo natural de proteção que nos impede de entrar em contato com mais da ordem implícita do que podemos suportar.

SONHOS LÚCIDOS E UNIVERSOS PARALELOS

Nos últimos anos, os psicólogos tornaram-se cada vez mais interessados nos sonhos lúcidos, um tipo de sonho em que o sonhador mantém plena consciência desperta e tem consciência de que está a sonhar. Além do fator consciência, os sonhos lúcidos são únicos de várias outras maneiras. Ao contrário dos sonhos normais em que o sonhador é principalmente um participante passivo, num sonho lúcido o sonhador é frequentemente capaz de controlar o sonho de várias maneiras - transformar pesadelos em experiências agradáveis, mudar o cenário do sonho e / ou convocar indivíduos específicos ou situações. Os sonhos lúcidos também são muito mais vívidos e cheios de vitalidade do que os sonhos normais. Num sonho lúcido, o piso de mármore parece assustadoramente sólido e real, flores, deslumbrantemente coloridas e perfumadas, e tudo é vibrante e estranhamente energizado. Os pesquisadores que estudam os sonhos lúcidos acreditam que eles podem levar a novas maneiras de estimular o crescimento pessoal, aumentar a autoconfiança, promover a saúde física e mental e facilitar a resolução criativa de problemas.

Na reunião anual de 1987 da Associação para o Estudo dos Sonhos realizada em Washington, D.C., o físico Fred Alan Wolf fez uma palestra na qual afirmou que o modelo holográfico pode ajudar a explicar esse fenómeno incomum. Wolf, um sonhador lúcido ocasional, destaca que um pedaço de filme holográfico na verdade gera duas imagens, uma imagem virtual que parece estar no espaço por trás do filme e uma imagem real que entra em foco no espaço em frente ao filme. Uma diferença entre os dois é que as ondas de luz que compõem uma imagem virtual parecem divergir de um foco ou fonte aparente. Como vimos, isso é uma ilusão, pois a imagem virtual de um holograma não tem mais extensão no espaço do que a imagem num espelho. Mas a imagem real de um holograma é formada por ondas de luz que estão a entrar em foco, e isso não é uma ilusão. A imagem real possui extensão no espaço. Infelizmente, pouca atenção é dada a esta imagem real nas aplicações usuais da holografia porque uma imagem que entra em foco no ar vazio é invisível e só pode ser vista quando partículas de poeira passam por ela, ou quando alguém sopra uma nuvem de fumaça através dela.

Wolf acredita que todos os sonhos são hologramas internos e os sonhos comuns são menos vívidos porque são imagens virtuais. No entanto, ele acha que o cérebro também tem a capacidade de gerar imagens reais, e isso é exatamente o que acontece quando estamos a sonhar lucidamente. A vibração incomum do sonho lúcido deve-se ao facto de que as ondas estão a convergir e não a divergir. "Se houver um 'observador' onde essas

ondas se concentram, esse observador será banhado pela cena, e a cena que obtiver o foco o 'conterá'. Dessa forma, a experiência do sonho parecerá 'lúcida' ", observa Wolf.

Como Pribram, Wolf acredita que as nossas mentes criam a ilusão de realidade "lá fora" por meio do mesmo tipo de processo estudado por Bekesy. Ele acredita que esses processos também permitem ao sonhador lúcido criar realidades subjetivas nas quais coisas como pisos de mármore e flores são tão tangíveis e reais quanto as suas chamadas contrapartes objetivas. Na verdade, ele acha que a nossa capacidade de ser lúcido nos nossos sonhos sugere que pode não haver muita diferença entre o mundo em geral e o mundo dentro das nossas cabeças. "Quando o observador e o observado podem separar-se e dizer que este é o observado e este é o observador, que é um efeito que parece ter quando lúcido, então eu acho que é questionável se [os sonhos lúcidos] devem ser considerados subjetivos", diz Wolf.

Wolf postula que os sonhos lúcidos (e talvez todos os sonhos) são na verdade visitas a universos paralelos. Eles são apenas hologramas menores dentro de um holograma cósmico maior e mais inclusivo. Ele até sugere que a habilidade de sonhar lúcido pode ser melhor chamada de consciência do universo paralelo. "Eu chamo isso de consciência do universo paralelo porque acredito que os universos paralelos surgem como outras imagens no holograma", afirma Wolf. Esta e outras ideias semelhantes sobre a natureza última do sonho serão exploradas com maior profundidade posteriormente neste livro.

APANHANDO BOLEIA NO SUBTERRÂNEO INFINITO

A ideia de que somos capazes de aceder imagens do inconsciente coletivo, ou visitar universos oníricos paralelos, empalidece ao lado das conclusões de outro pesquisador proeminente que foi influenciado pelo modelo holográfico. Ele é Stanislav Grof, chefe de pesquisa psiquiátrica do Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland e professor assistente de psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins.

Depois de mais de trinta anos a estudar estados incomuns de consciência, Grof concluiu que os caminhos de exploração disponíveis para a nossa psique por meio da interconexão holográfica são mais do que vastos. Eles são praticamente infinitos.

Grof começou a interessar-se por estados incomuns de consciência na década de 1950, enquanto investigava os usos clínicos do alucinógeno LSD no Instituto de Pesquisa Psiquiátrica na sua Praga natal, Checoslováquia. O objetivo da sua pesquisa era determinar se o LSD tinha alguma aplicação terapêutica. Quando Grof começou a sua pesquisa, a maioria dos cientistas via a experiência do LSD como pouco mais do que uma reação de estresse, a maneira do cérebro responder a uma substância química nociva. Mas quando Grof estudou os registros das experiências do seu paciente, não encontrou evidências de nenhuma reação recorrente ao estresse. Em vez disso, houve uma continuidade definitiva

em cada uma das sessões do paciente. "Em vez de ser não relacionado e aleatório, o conteúdo experiencial parecia representar um desdobramento sucessivo de níveis cada vez mais profundos do inconsciente", diz Grof. Isso sugeriu que as sessões repetidas de LSD tinham ramificações importantes para a prática e a teoria da psicoterapia, e deu a Grof e aos seus colegas o ímpeto de que precisavam para continuar a pesquisa. Os resultados foram surpreendentes. Rapidamente ficou claro que as sessões seriadas de LSD eram capazes de acelerar o processo psicoterapêutico e encurtar o tempo necessário para o tratamento de muitos distúrbios. Memórias traumáticas que assombraram indivíduos por anos foram desenterradas e tratadas, e às vezes até doenças graves, como esquizofrenia, eram curadas. Mas o que foi ainda mais surpreendente foi que muitos dos pacientes rapidamente foram além das questões que envolviam as suas doenças e entraram em áreas que não eram mapeadas pela psicologia ocidental.

Uma experiência comum foi reviver como era estar no útero. A princípio, Grof pensou que fossem apenas experiências imaginárias, mas à medida que as evidências continuavam a acumular-se, ele percebeu que o conhecimento de embriologia inerente às descrições costumava ser muito superior à educação prévia dos pacientes na área. Os pacientes descreveram com precisão certas características dos sons cardíacos da sua mãe, a natureza dos fenômenos acústicos na cavidade peritoneal, detalhes específicos sobre a circulação sanguínea na placenta e até detalhes sobre os vários processos celulares e bioquímicos que ocorriam. Eles também descreveram pensamentos e sentimentos importantes que a sua mãe teve durante a gravidez e eventos como traumas físicos que ela experimentou.

Sempre que possível, Grof investigou essas afirmações e, em várias ocasiões, pôde constatá-las questionando a mãe e outros indivíduos envolvidos. Psiquiatras, psicólogos e biólogos que vivenciaram memórias pré-natais durante o seu treino para o programa (todos os terapeutas que participaram do estudo também tiveram que se submeter a várias sessões de psicoterapia com LSD) expressaram espanto semelhante com a aparente autenticidade das experiências.

O mais desconcertante de tudo foram aquelas experiências em que a consciência do paciente parecia expandir-se além dos limites usuais do ego e explorar como era ser outras coisas vivas e até mesmo outros objetos. Por exemplo, Grof teve uma paciente que subitamente convenceu-se de que havia assumido a identidade de um réptil feminino pré-histórico. Ela não apenas deu uma descrição ricamente detalhada de como era ser encapsulado em tal forma, mas notou que a parte do macho da anatomia da espécie que ela achou mais sexualmente excitante era um pedaço de escamas coloridas ao lado da sua cabeça. Embora a mulher não tivesse conhecimento prévio dessas coisas, uma conversa que Grof teve com um zoólogo confirmou mais tarde que, em certas espécies de répteis, áreas coloridas na cabeça realmente desempenham um papel importante como gatilhos da excitação sexual.

Os pacientes também puderam aceder à consciência dos seus parentes e ancestrais. Uma mulher experimentou como era ser a sua mãe aos três anos de idade e descreveu com precisão um acontecimento assustador que havia acontecido com a sua mãe na época. A mulher também deu uma descrição precisa da casa em que a sua mãe havia morado, bem como do avental branco antes de ela estar a usar - todos os detalhes que a sua mãe confirmou mais tarde e admitiu que nunca tinha falado antes. Outros pacientes deram descrições igualmente precisas de eventos que aconteceram a ancestrais que viveram décadas e até séculos antes.

Outras experiências incluíram o acesso a memórias raciais e coletivas. Indivíduos de origem eslava experimentaram o que era participar das conquistas das fronteiras mongóis de Genghis Khan, dançar em transe com os bosquímanos do Kalahari, submeter-se aos ritos de iniciação dos aborígenes australianos e morrer como vítimas sacrificiais dos astecas. E, novamente, as descrições frequentemente continham factos históricos obscuros e um grau de conhecimento que frequentemente estava em total desacordo com a educação, raça e exposição anterior do paciente ao assunto. Por exemplo, um paciente sem instrução deu um relato ricamente detalhado das técnicas envolvidas na prática egípcia de embalsamamento e mumificação, incluindo a forma e o significado de vários amuletos e caixas sepulcrais, uma lista dos materiais usados na fixação do pano de múmia, o tamanho e a forma das bandagens de múmia e outras facetas esotéricas dos serviços funerários egípcios. Outros indivíduos sintonizaram-se com as culturas do Extremo Oriente e não apenas deram descrições impressionantes de como era ter uma psique japonesa, chinesa ou tibetana, mas também relataram vários ensinamentos taoístas ou budistas.

Na verdade, não parecia haver nenhum limite para o que os sujeitos de LSD de Grof poderiam atingir. Eles pareciam capazes de saber o que era ser cada animal, e até mesmo uma planta, na árvore da evolução. Eles podiam experimentar o que era ser uma célula do sangue, um átomo, um processo termonuclear dentro do sol, a consciência de todo o planeta e até mesmo a consciência de todo o cosmos. Mais do que isso, eles exibiam a capacidade de transcender o espaço e o tempo e, ocasionalmente, relatavam informações precognitivas estranhamente precisas. De maneira ainda mais estranha, eles às vezes encontravam inteligências não humanas durante as suas viagens cerebrais, seres desencarnados, guias espirituais de "planos superiores de consciência" e outras entidades supra-humanas.

Ocasionalmente, os sujeitos também viajavam para o que parecia ser outros universos e outros níveis da realidade. Numa sessão particularmente enervante, um jovem a sofrer de depressão encontrou-se no que parecia ser outra dimensão. Tinha uma luminescência sinistra e, embora não pudesse ver ninguém, sentiu que estava apinhado de seres desencarnados. De repente, ele sentiu uma presença muito próxima a ele e, para sua surpresa, ela começou a comunicar-se com ele telepaticamente. Pediu-lhe que contactasse o casal que morava na cidade de Kromeriz, na Morávia, e que lhe desse a saber que o seu

filho Ladislav estava bem cuidado e a passar bem. Em seguida, deu-lhe o nome do casal, endereço e número de telefone.

A informação não significava nada para Grof ou para o jovem e parecia totalmente alheia aos problemas e ao tratamento do jovem. Mesmo assim, Grof não conseguia tirar isso da cabeça. “Depois de alguma hesitação e com sentimentos confusos, finalmente decidi fazer o que certamente teria me tornado alvo das piadas dos meus colegas, caso eles descobrissem”, diz Grof. “Fui ao telefone, disquei o número de Kromeriz e perguntei se poderia falar com Ladislav. Para meu espanto, a mulher do outro lado da linha começou a chorar. Quando ela se acalmou, ela disse-me com a voz embargada: 'O nosso filho não está mais conosco; ele faleceu, nós o perdemos há três semanas.'”.

Na década de 1960, Grof recebeu uma oferta de um cargo no Centro de Pesquisa Psiquiátrica de Maryland e mudou-se para os Estados Unidos. O centro também estava a fazer estudos controlados das aplicações psicoterapêuticas do LSD, e isso permitiu a Grof continuar a sua pesquisa. Além de examinar os efeitos de sessões repetidas de LSD em indivíduos com vários transtornos mentais, o centro também estudou os seus efeitos em voluntários "normais" - médicos, enfermeiras, pintores, músicos, filósofos, cientistas, padres e teólogos. Mais uma vez, Grof descobriu que o mesmo tipo de fenómeno ocorria continuamente. Era quase como se o LSD fornecesse à consciência humana acesso a uma espécie de sistema subterrâneo infinito, um labirinto de túneis e caminhos que existiam nas extensões subterrâneas do inconsciente, e que literalmente conectava tudo no universo com tudo o mais.

Depois de orientar pessoalmente mais de três mil sessões de LSD (cada uma com duração de pelo menos cinco horas) e estudar os registos de mais de duas mil sessões conduzidas por colegas, Grof ficou inalteravelmente convencido de que algo extraordinário estava a acontecer. “Depois de anos de luta conceitual e confusão, concluí que os dados da pesquisa do LSD indicam uma necessidade urgente de uma revisão drástica dos paradigmas existentes para a psicologia, psiquiatria, medicina e possivelmente a ciência em geral”, afirma. “No momento, há poucas dúvidas em minha mente de que a nossa compreensão atual do universo, da natureza da realidade, e particularmente dos seres humanos, é superficialmente incorreta e incompleta.”.

Grof cunhou o termo transpessoal para descrever experiências de fenómenos em que a consciência transcende os limites habituais da personalidade e, no final dos anos 1960, ele juntou-se a vários outros profissionais com ideias semelhantes, incluindo o psicólogo e educador Abraham Maslow, para fundar um novo ramo da psicologia chamada *psicologia transpessoal*.

Se a nossa maneira atual de ver a realidade não pode dar conta dos eventos transpessoais, que novo entendimento poderia tomar o seu lugar? Grof acredita que é o modelo holográfico. Como ele aponta, as características essenciais das experiências

transpessoais - a sensação de que todas as fronteiras são ilusórias, a falta de distinção entre parte e todo e a interconexão de todas as coisas - são qualidades que esperamos encontrar num universo holográfico. Além disso, ele sente que a natureza envolvida do espaço e do tempo no domínio holográfico explica por que as experiências transpessoais não são limitadas pelas limitações espaciais ou temporais usuais.

Grof pensa que a capacidade quase infinita dos hologramas de armazenamento e recuperação de informações também explica o facto de que as visões, fantasias e outras "gestalts psicológicas" contêm uma enorme quantidade de informações sobre a personalidade de um indivíduo. Uma única imagem experimentada durante uma sessão de LSD pode conter informações sobre a atitude de uma pessoa em relação à vida em geral, um trauma que ela experimentou durante a infância, quanta autoestima ela tem, como se sente em relação aos pais e como se sente em relação ao casamento - tudo incorporado na metáfora geral da cena. Essas experiências são holográficas de outra maneira, em que cada pequena parte da cena também pode conter uma constelação inteira de informações. Assim, associacionismo livre e outras técnicas analíticas executadas nos detalhes minúsculos da cena podem provocar uma inundação adicional de dados sobre o indivíduo envolvido.

A natureza composta das imagens arquetípicas pode ser modelada pela ideia holográfica. Como observa Grof, a holografia torna possível construir uma sequência de exposições, como fotos de cada membro de uma grande família, no mesmo pedaço do filme. Feito isso, o filme revelado conterá a imagem de um indivíduo que representa não um membro da família, mas todos ao mesmo tempo. "Essas imagens genuinamente compostas representam um excelente modelo de um certo tipo de experiência transpessoal, como as imagens arquetípicas do Homem Cósmico, Mulher, Mãe, Pai, Amante, Malandro, Tolo ou Mártir", diz Grof.

Se cada exposição for tirada num ângulo ligeiramente diferente, em vez de resultar numa imagem composta, o pedaço de filme pode ser usado para criar uma série de imagens holográficas que parecem fluir umas nas outras. Grof acredita que isso ilustra outro aspeto da experiência visionária, a saber, a tendência de incontáveis imagens se desdobrarem em uma sequência rápida, cada uma aparecendo e então se dissolvendo na próxima como por magia. Ele acredita que o sucesso da holografia em modelar tantos aspetos diferentes da experiência arquetípica sugere que existe uma profunda separação entre os processos holográficos e a maneira como os arquétipos são elaborados.

Na verdade, Grof sente que a evidência de uma ordem holográfica oculta surge virtualmente toda vez que alguém experimenta um estado incomum de consciência.

O conceito de Bohm das ordens explícita e implícita e a ideia de que certos aspetos importantes da realidade não são acessíveis à experiência e ao estudo em circunstâncias normais são de relevância direta para a compreensão de estados incomuns de consciência. Indivíduos que experimentaram vários estados incomuns de consciência, incluindo

cientistas bem-educados e sofisticados de diversas disciplinas, frequentemente relatam que entraram em domínios ocultos da realidade que pareciam ser autênticos e, em certo sentido, implícitos e supraordenados à realidade quotidiana.

TERAPIA HOLOTRÓPICA

Talvez a descoberta mais notável de Grof seja que os mesmos fenómenos relatados por indivíduos que tomaram LSD também podem ser vivenciados sem o uso de drogas de qualquer tipo. Para esse fim, Grof e a sua esposa Christina desenvolveram uma técnica simples e não medicamentosa para induzir esses estados *holotrópicos*, ou incomuns, de consciência. Eles definem um estado holotrópico de consciência como aquele em que é possível aceder ao labirinto holográfico que conecta todos os aspetos da existência. Isso inclui a história biológica, psicológica, racial e espiritual de alguém, o passado, o presente e o futuro do mundo, outros níveis de realidade e todas as outras experiências já discutidas no contexto da experiência do LSD.

Os Grofs chamam a sua técnica de *terapia holotrópica* e usam apenas respiração rápida e controlada, música evocativa, massagem e trabalho corporal para induzir estados alterados de consciência. Até hoje, milhares de indivíduos participaram dos seus workshops e relataram experiências que são tão espetaculares e emocionalmente profundas quanto aquelas descritas pelos sujeitos do trabalho anterior de Grof sobre LSD. Grof descreve o seu trabalho atual e fornece um relato detalhado dos seus métodos no seu livro *The Adventure of Self-Discovery*.

VÓRTICES DE PENSAMENTOS E MÚLTIPLAS PERSONALIDADES

Vários pesquisadores usaram o modelo holográfico para explicar vários aspetos do próprio processo de pensamento. Por exemplo, o psiquiatra de Nova York, Edgar A. Levenson, acredita que o holograma fornece um modelo valioso para a compreensão das mudanças repentinas e transformadoras que os indivíduos frequentemente experimentam durante a psicoterapia. Ele baseia a sua conclusão no facto de que tais mudanças ocorrem independentemente da técnica ou abordagem psicanalítica que o terapeuta use. Consequentemente, ele sente que todas as abordagens psicanalíticas são puramente cerimoniais e a mudança deve-se a algo totalmente diferente.

Levenson acredita que algo é ressonância. Um terapeuta sempre sabe quando a terapia está a ir bem, ele observa. Há uma forte sensação de que as peças de um padrão indescritível estão todas prestes a encaixar-se. O terapeuta não está a dizer nada de novo ao paciente, mas em vez disso, parece estar a ressoar com algo que o paciente já sabe inconscientemente: "É como se uma representação enorme, tridimensional e espacialmente

codificada da experiência do paciente se desenvolvesse na terapia, em todos os aspectos da sua vida, sua história e sua participação com o terapeuta. Em algum momento há uma espécie de 'sobrecarga' e tudo se encaixa.”.

Levenson acredita que essas representações tridimensionais da experiência são hologramas enterrados profundamente na psique do paciente, e uma ressonância de sentimento entre o terapeuta e o paciente faz com que eles surjam num processo semelhante ao modo como um laser de certa frequência causa uma imagem feita com um laser da mesma frequência para emergir de um holograma de imagens múltiplas. "O modelo holográfico sugere um paradigma radicalmente novo que pode dar-nos uma nova maneira de perceber e conectar fenômenos clínicos que sempre foram conhecidos por serem importantes, mas foram relegados à 'arte' da psicoterapia", diz Levenson. "Ele oferece um modelo teórico possível para a mudança e uma esperança prática de esclarecer a técnica psicoterapêutica."

O Psiquiatra David Shainberg, reitor associado do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise do Instituto de Psiquiatria William Alanson White em Nova York considera que a afirmação de Bohm, de que os pensamentos são como os vórtices de um rio, deve ser interpretada literalmente e explica por que as nossas atitudes e crenças às vezes tornam-se fixas e resistentes à mudança. Estudos demonstraram que os vórtices costumam ser notavelmente estáveis. A Grande Mancha Vermelha de Júpiter, um vórtice gigante de gás com mais de 40.000 quilômetros de largura, permaneceu intacta desde que foi descoberta há 300 anos. Shainberg acredita que essa mesma tendência à estabilidade é o que faz com que certos vórtices de pensamento (as nossas ideias e opiniões) se tornem ocasionalmente cimentados na nossa consciência.

Ele sente que a permanência virtual de alguns vórtices muitas vezes é prejudicial ao nosso crescimento como seres humanos. Um vórtice particularmente poderoso pode dominar o nosso comportamento e inibir a nossa capacidade de assimilar as novas ideias e informação. Pode tornar-nos repetitivos, criar bloqueios no fluxo criativo da nossa consciência, impedir que vejamos a totalidade de nós mesmos e fazer-nos sentir desconectados da nossa espécie. Shainberg acredita que os vórtices podem até explicar coisas como a corrida armamentista nuclear: “Veja a corrida armamentista nuclear como um vórtice a surgir da ganância de seres humanos que estão isolados nas suas próprias vidas e não sentem a conexão com os outros seres humanos. Eles também estão a sentir um vazio peculiar e tornam-se gananciosos por tudo o que podem conseguir para preencherem. Por isso, as indústrias nucleares proliferam porque fornecem grandes quantias de dinheiro e a ganância é tão grande que essas pessoas não se importam com o que pode acontecer com as suas ações.”.

Como Bohm, Shainberg acredita que a nossa consciência está constantemente a desdobrar-se fora da ordem implícita, e quando permitimos que os mesmos vórtices tomem forma repetidamente, ele sente que estamos a erguer uma barreira entre nós e as

intermináveis interações positivas e novas que poderíamos ter com esta infinita fonte de todo ser. Para ter um vislumbre do que estamos a perder, ele sugere que olhemos para uma criança. As crianças ainda não tiveram tempo de formar vórtices, e isso reflete-se na maneira aberta e flexível com que interagem com o mundo. De acordo com Shainberg, a vivacidade resplandecente de uma criança expressa a própria essência da natureza desdobramento-envolvimento da consciência quando ela está desimpedida.

Se você deseja tomar consciência dos seus próprios vórtices congelados de pensamento, Shainberg recomenda que preste muita atenção à maneira como você se comporta na conversa. Quando pessoas com crenças estabelecidas conversam com outras, elas tentam justificar as suas identidades adotando e defendendo as suas opiniões. Os seus julgamentos raramente mudam como resultado de qualquer nova informação que encontram, e eles mostram pouco interesse em permitir que qualquer interação de conversação real ocorra. Uma pessoa que está aberta à natureza fluente da consciência está mais disposta a ver a condição congelada dos relacionamentos impostos por esses vórtices de pensamento. Eles estão empenhados em explorar as interações de conversação, em vez de repetir indefinidamente uma ladainha estática de opiniões. "A resposta humana e a articulação dessa resposta, o feedback das reações a essa resposta e o esclarecimento das relações entre as diferentes respostas, são a forma como os seres humanos participam do fluxo da ordem implícita", diz Shainberg.

Outro fenómeno psicológico que carrega várias marcas do implícito é o transtorno de personalidade múltipla, ou TPM. O TPM é uma síndrome bizarra em que duas ou mais personalidades distintas habitam um único corpo. As vítimas da doença, ou "múltiplos", muitas vezes não têm consciência da sua condição. Eles não percebem que o controle do seu corpo está a ser passado para frente e para trás entre diferentes personalidades e, em vez disso, sentem que estão a sofrer de algum tipo de amnésia, confusão ou desmaios. A maioria dos múltiplos tem em média entre oito a treze personalidades, embora os chamados super-múltiplos possam ter mais de cem subpersonalidades.

Uma das estatísticas mais reveladoras sobre os múltiplos é que 97% deles tiveram uma história de traumas graves na infância, muitas vezes na forma de monstruosos abusos psicológicos, físicos e sexuais. Isso levou muitos pesquisadores a concluir que tornar-se um múltiplo é a maneira da psique de lidar com uma dor extraordinária e devastadora. Ao dividir-se em uma ou mais personalidades, a psique é capaz de dividir a dor, de certa forma, e fazer com que várias personalidades suportem o que seria demais para apenas uma personalidade suportar.

Nesse sentido, tornar-se um múltiplo pode ser o exemplo definitivo do que Bohm entende por fragmentação. É interessante notar que, quando a psique se fragmenta, ela não se torna uma coleção de fragmentos partidos e recortados, mas uma coleção de totalidades menores, completos e autossustentáveis com os seus próprios traços, motivos e desejos. Embora essas totalidades não sejam cópias idênticas da personalidade original, eles estão

relacionados à dinâmica da personalidade original, e isso por si só sugere que algum tipo de processo holográfico está envolvido.

A afirmação de Bohm de que a fragmentação sempre acaba por se revelar destrutiva também é aparente na síndrome. Embora tornar-se um múltiplo permita que uma pessoa sobreviva a uma infância de outra forma insuportável, traz consigo uma série de efeitos colaterais desagradáveis. Isso pode incluir depressão, ansiedade e ataques de pânico, fobias, problemas cardíacos e respiratórios, náuseas inexplicáveis, dores de cabeça semelhantes à enxaqueca, tendências à automutilação e muitos outros transtornos mentais e físicos. Surpreendentemente, mas regular como um relógio, a maioria dos múltiplos são diagnosticados quando estão entre as idades de 28 e 35 anos, uma "coincidência" que sugere que algum sistema de alarme interno pode estar a disparar nessa idade, avisando-os de que é imperativo que sejam diagnosticados e, assim, obtenham a ajuda de que precisam. Essa ideia parece corroborada pelo facto de que múltiplos que chegam aos quarenta anos antes de serem diagnosticados frequentemente relatam ter a sensação de que, se não procurassem ajuda logo, qualquer oportunidade de recuperação seria perdida. Apesar das vantagens temporárias que a psique torturada ganha ao se fragmentar, é claro que o bem-estar mental e físico, e talvez até a sobrevivência, ainda dependem da integridade.

Outra característica incomum do TPM é que cada uma das personalidades de um múltiplo possui um padrão de ondas cerebrais diferente. Isso é surpreendente, pois, como observa Frank Putnam, psiquiatra do National Institutes of Health que estudou esse fenómeno, normalmente o padrão de ondas cerebrais de uma pessoa não muda, mesmo em estados de extrema emoção. Os padrões de ondas cerebrais não são a única coisa que varia de personalidade para personalidade. Os padrões de fluxo sanguíneo, o tônus muscular, a frequência cardíaca, a postura e até as alergias podem mudar como múltiplas mudanças de um eu para o outro.

Uma vez que os padrões de ondas cerebrais não estão confinados a um único neurónio ou grupo de neurónios, mas são uma propriedade global do cérebro, isso também sugere que algum tipo de processo holográfico pode estar em funcionamento. Assim como um holograma de múltiplas imagens pode armazenar e projetar dezenas de cenas inteiras, talvez o holograma do cérebro possa armazenar e evocar uma multidão semelhante de personalidades inteiras. Por outras palavras, talvez o que chamamos de "self" também seja um holograma, e quando o cérebro de um clique múltiplo de um self holográfico para o próximo, esses vaivéns semelhantes a projetores de slides são refletidos nas mudanças globais que ocorrem na atividade das ondas cerebrais, bem como no corpo em geral (ver fig. 10). As mudanças fisiológicas que ocorrem como mudanças múltiplas de uma personalidade para a outra também têm profundas implicações para a relação entre mente e saúde e serão discutidas mais detalhadamente no próximo capítulo.

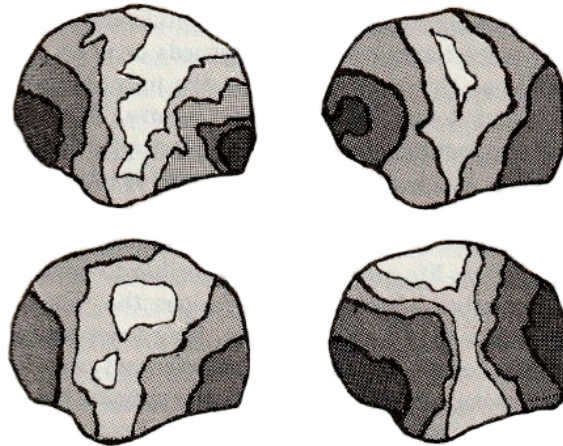


FIGURA 10. Os padrões de ondas cerebrais de quatro subpersonalidades num indivíduo que sofre de transtorno de personalidade múltipla. É possível que o cérebro use princípios holográficos para armazenar a vasta quantidade de informações necessárias para abrigar dezenas e até centenas de personalidades em um único corpo? (Redesenhado pelo autor a partir da arte original em um artigo de Bennett G. Braun no *American Journal of Clinical Hypnosis*).

UMA FALHA NA ESTRUTURA DA REALIDADE

Outra das grandes contribuições de Jung foi definir o conceito de sincronicidade. Conforme mencionado na introdução, as sincronicidades são coincidências tão incomuns e tão significativas que dificilmente poderiam ser atribuídas apenas ao acaso. Cada um de nós experimentou uma sincronicidade em algum momento das nossas vidas, como quando aprendemos uma palavra nova e estranha e a ouvimos a ser usada num noticiário algumas horas depois ou quando pensamos sobre um assunto obscuro e notamos outras pessoas a falarem sobre isso.

Há alguns anos, experimentei uma série de sincronicidades envolvendo o programa de rodeio Buffalo Bill. Ocasionalmente, enquanto faço um treino modesto pela manhã, antes de começar a escrever, ligo a televisão. Certa manhã, em janeiro de 1983, eu estava a fazer flexões durante um programa e de repente vi-me a gritar o nome "Buffalo Bill!". A princípio fiquei intrigado com a minha explosão, mas então percebi que o apresentador do programa havia feito a pergunta "Por qual outro nome William Frederick Cody era conhecido?" Embora eu não estivesse a prestar atenção consciente ao programa, por algum motivo a minha mente inconsciente havia se concentrado nessa questão e respondido. Na época, não pensei muito na ocorrência e continuei o meu dia. Poucas horas depois, um amigo telefonou-me e perguntou se eu poderia resolver uma discussão amigável que ele estava a ter a respeito de uma peça trivial de teatro. Ofereci-me para tentar, ao que o meu amigo perguntou: "É verdade que as palavras finais de John Barrymore foram: 'Você não é o filho ilegítimo de Buffalo Bill?'" Achei esse segundo encontro com Buffalo Bill estranho, mas ainda assim o considerei uma coincidência até que mais tarde naquele dia, quando uma

revista *Smithsonian* chegou pelo correio e eu a abri. Um dos artigos principais era intitulado "O último dos grandes escoteiros está de volta". Era sobre ... você adivinhou: Buffalo Bill. (A propósito, não consegui responder à pergunta trivial do meu amigo e ainda não tenho ideia se foram as últimas palavras de Barrymore ou não.).

Por incrível que tenha sido essa experiência, a única coisa que parecia significativa sobre ela era a sua natureza improvável. Existe, entretanto, outro tipo de sincronicidade que é notável não apenas por causa da sua improbabilidade, mas por causa da sua aparente relação com eventos que ocorrem nas profundezas da psique humana. O exemplo clássico disso é a história do escaravelho de Jung. Jung estava a tratar de uma mulher cuja abordagem profundamente racional da vida tornava difícil para ela beneficiar-se da terapia. Após várias sessões frustrantes, a mulher contou a Jung sobre um sonho envolvendo um escaravelho. Jung sabia que na mitologia egípcia o escaravelho representava o renascimento e se perguntou se a mente inconsciente da mulher estava a anunciar simbolicamente que ela estava prestes a passar por algum tipo de renascimento psicológico. Ele estava prestes a dizer isso a ela quando algo bateu na janela, e ele olhou para cima para ver um escaravelho verde-dourado do outro lado do vidro (foi a única vez que um escaravelho apareceu na janela de Jung). Ele abriu a janela e permitiu que o escaravelho voasse para dentro da sala enquanto apresentava a sua interpretação do sonho. A mulher ficou tão atordoada que moderou a sua excessiva racionalidade e, a partir daquele momento, a sua resposta à terapia melhorou.

Jung encontrou muitas dessas coincidências significativas durante o seu trabalho psicoterapêutico e percebeu que quase sempre acompanhavam períodos de intensidade e transformação emocional: mudanças fundamentais na crença, percepções novas e repentinas, mortes, nascimentos e até mesmo mudanças na profissão. Ele também notou que tendiam a atingir o pico quando a nova realização ou insight estava prestes a surgir na consciência do paciente. À medida que as suas ideias se tornaram mais amplamente conhecidas, outros terapeutas começaram a relatar as suas próprias experiências com sincronicidade.

Por exemplo, o psiquiatra Carl Alfred Meier, baseado em Zurique, um antigo associado de Jung, fala de uma sincronicidade que durou muitos anos. Uma mulher americana sofrendo de depressão grave viajou de Wuchang, China, para ser tratada por Meier. Ela era uma cirurgiã e dirigiu um hospital missionário em Wuchang por vinte anos. Ela também se envolveu com a cultura e era uma especialista em filosofia chinesa. Durante o curso da sua terapia, ela contou a Meier um sonho em que vira o hospital com uma das suas asas destruída. Como a sua identidade estava tão interligada com a do hospital, Meier sentiu que o seu sonho estava a dizer-lhe que ela estava a perder o seu senso de identidade, a sua identidade americana, e essa era a causa da sua depressão. Ele a aconselhou a voltar para os Estados Unidos e, quando o fez, a sua depressão desapareceu rapidamente, exatamente

como ele havia previsto. Antes de ela partir, ele também fez um esboço detalhado do hospital em ruínas.

Anos depois, os japoneses atacaram a China e bombardearam o Hospital Wuchang. A mulher enviou a Meier um exemplar da revista *Life* contendo uma fotografia de página dupla do hospital parcialmente destruído, e era idêntico ao desenho que ela havia produzido nove anos antes. A mensagem simbólica e altamente pessoal do seu sonho, de alguma forma, transbordou dos limites da sua psique para a realidade física.

Por causa da sua natureza marcante, Jung convenceu-se de que tais sincronicidades não eram ocorrências casuais, mas, na verdade, estavam relacionadas aos processos psicológicos dos indivíduos que as vivenciaram. Visto que ele não conseguia conceber como uma ocorrência nas profundezas da psique poderia causar um evento ou série de eventos no mundo físico, pelo menos no sentido clássico, ele propôs que algum novo princípio deve estar envolvido, um princípio de conexão *acausal* até então desconhecido para a ciência.

Quando Jung apresentou essa ideia pela primeira vez, a maioria dos físicos não a levou a sério (embora um eminente físico da época, Wolfgang Pauli, achasse que era importante o suficiente para ser coautor de um livro com Jung sobre o assunto intitulado *A Interpretação e Natureza da Psique*). Mas agora que a existência de conexões não locais foi estabelecida, alguns físicos estão a dar uma outra olhadela na ideia de Jung.* O físico Paul Davies afirma: "Esses efeitos quânticos *não locais* são de facto uma forma de sincronicidade no sentido de que estabelecem uma conexão - mais precisamente uma correlação - entre eventos para os quais qualquer forma de ligação causal é proibida."

Outro físico que leva a sincronicidade a sério é F. David Peat. Peat acredita que as sincronicidades do tipo junguiano não são apenas reais, mas oferecem mais evidências da ordem implícita. Como vimos, de acordo com Bohm, a aparente separação entre consciência e matéria é uma ilusão, um artefato que ocorre somente depois que ambas se desdobram no mundo explícito dos objetos e no tempo sequencial. Se não houver divisão entre a mente e a matéria no implícito, a base da qual todas as coisas surgem, então não é incomum esperar que a realidade ainda possa ser permeada por traços dessa conectividade profunda. Peat acredita que as sincronicidades são, portanto, "falhas" no tecido da realidade, fissuras momentâneas que nos permitem um breve vislumbre da ordem imensa e unitária subjacente a toda a natureza.

Dito de outra forma, Peat pensa que as sincronicidades revelam a ausência de divisão entre o mundo físico e a nossa realidade psicológica interna. Assim, a relativa escassez de experiências sincrônicas nas nossas vidas mostra não apenas a extensão em que nos fragmentamos do campo geral de consciência, mas também o grau em que nos isolamos do potencial infinito e deslumbrante das ordens mais profundas da mente e da realidade. De acordo com Peat, quando experimentamos uma sincronicidade, o que estamos realmente a

* Como foi mencionado, os efeitos não locais não são devidos a uma relação de causa e efeito e, portanto, são acasais.

experimental "é a mente humana a operar, por um momento, na sua verdadeira ordem e se estendendo por toda a sociedade e natureza, movendo-se por ordens de sutileza crescente, alcançando além da fonte da mente e a matéria na própria criatividade.

Esta é uma noção surpreendente. Praticamente todos os nossos preconceitos de senso comum sobre o mundo são baseados na premissa de que a realidade subjetiva e objetiva são muito separadas. É por isso que as sincronicidades parecem tão desconcertantes e inexplicáveis para nós. Mas se não houver divisão definitiva entre o mundo físico e os nossos processos psicológicos internos, então devemos estar preparados para mudar mais do que apenas a nossa compreensão do universo, de bom senso, pois as implicações são surpreendentes.

Uma implicação é que a realidade objetiva é mais parecida com um sonho do que suspeitamos anteriormente. Por exemplo, imagine sonhar que está sentado a uma mesa e a jantar com o seu chefe e a esposa dele. Como você sabe por experiência própria, todos os vários acessórios do sonho - a mesa, as cadeiras, os pratos e os saleiros e pimenteiros - parecem ser objetos separados. Imagine também que você experimenta uma sincronicidade no sonho; talvez lhe seja servido um prato particularmente desagradável e, quando pergunta ao garçom o que é, ele diz-lhe que o nome do prato é Seu chefe. Percebendo que o aspeto desagradável do prato trai os seus verdadeiros sentimentos sobre o seu chefe, você fica constrangido e se pergunta como um aspeto do seu eu "interior" conseguiu transbordar para a realidade "externa" da cena que você está a sonhar. É claro que, assim que você acorda, percebe que a sincronicidade não era tão estranha, pois não havia realmente nenhuma divisão entre o seu eu "interno" e a realidade "externa" do sonho. Da mesma forma, você percebe que a aparente separação dos vários objetos no sonho também era uma ilusão, pois tudo foi produzido por uma ordem mais profunda e fundamental - a inteireza ininterrupta da sua própria mente inconsciente.

Se não houver divisão entre os mundos mental e físico, essas mesmas qualidades também são verdadeiras para a realidade objetiva. De acordo com Peat, isso não significa que o universo material seja uma ilusão, porque tanto o implícito quanto o explícito desempenham um papel na criação da realidade. Tampouco significa que a individualidade seja perdida, assim como a imagem de uma rosa não se perde depois de registada num pedaço de filme holográfico. Significa simplesmente que somos novamente como vórtices num rio, únicos, mas inseparáveis do fluxo da natureza. Ou, como diz Peat, "o eu continua vivo, mas como um aspeto do movimento mais sutil que envolve a ordem de toda a consciência."

E assim fechamos o círculo, desde a descoberta de que a consciência contém toda a realidade objetiva - toda a história da vida biológica no planeta, as religiões e mitologias do mundo e a dinâmica das células sanguíneas e das estrelas - até à descoberta que o universo material também pode conter na sua urdidura e trama os mais internos processos de consciência. Essa é a natureza da profunda conectividade que existe entre todas as coisas

num universo holográfico. No próximo capítulo, exploraremos como essa conectividade, bem como outros aspectos da ideia holográfica, afetam a nossa compreensão atual da saúde.

Capítulo 4

EU CANTO O CORPO HOLOGRÁFICO

Você dificilmente saberá quem eu sou ou o que quero dizer, mas serei uma boa saúde para si, no entanto...

- Walt Whitman, “Song of Myself”

Um homem de 61 anos que chamaremos de Frank foi diagnosticado com uma forma quase sempre fatal de câncer na garganta e disse que tinha menos de 5 por cento de probabilidade de sobreviver. O seu peso caiu de 58 para 44 kgs. Ele estava extremamente fraco, mal conseguia engolir a própria saliva e tinha dificuldade em respirar. Na verdade, os seus médicos tinham uma possibilidade distinta de que o tratamento apenas aumentaria o seu desconforto, sem aumentar significativamente as suas probabilidades de sobrevivência. Eles decidiram prosseguir de qualquer maneira.

Então, para grande sorte de Frank, o Dr. O. Carl Simonton, um oncologista de radiação e diretor médico do Centro de Pesquisa e Aconselhamento do Câncer em Dallas, Texas, foi convidado a participar do seu tratamento. Simonton sugeriu que o próprio Frank poderia influenciar o curso da sua própria doença. Simonton então ensinou a Frank uma série de técnicas de relaxamento e imagens mentais que ele e os seus colegas haviam desenvolvido. A partir daquele momento, três vezes por dia, Frank imaginou a radiação que recebia consistindo em milhões de minúsculas balas de energia bombardeando as suas células. Ele também visualizou as suas células cancerosas como mais fracas e mais confusas do que as suas células normais e, portanto, incapazes de reparar os danos que sofreram. Em seguida, ele visualizou os glóbulos brancos do seu corpo, os soldados do sistema imunológico, a entrar em enxame sobre as células cancerosas mortas e moribundas e levando-as ao fígado e rins para serem eliminadas do seu corpo.

Os resultados foram dramáticos e excederam em muito o que geralmente acontecia em tais casos, quando os pacientes eram tratados apenas com radiação. Os tratamentos de radiação funcionaram como mágica. Frank não experimentou quase nenhum dos efeitos colaterais negativos - danos à pele e às membranas mucosas - que normalmente acompanhavam essa terapia. Ele recuperou o peso perdido e a força e, em apenas dois meses, todos os sinais do câncer desapareceram. Simonton acredita que a notável recuperação de Frank deveu-se em grande parte à sua rotina diária de exercícios de visualização.

Em um estudo de acompanhamento, Simonton e os seus colegas ensinaram as suas técnicas de imagens mentais a 159 pacientes com câncer considerado clinicamente incurável. O tempo de sobrevida esperado para esses pacientes é de doze meses. Quatro

anos depois, 63 dos pacientes ainda estavam vivos. Destes, 14 não apresentaram evidência de doença, o câncer estava regredindo em 12 e em 17 a doença era estável. O tempo médio de sobrevivência do grupo como um todo foi de 24,4 meses, mais do que o dobro da norma nacional.

Simonton, desde então, conduziu uma série de estudos semelhantes, todos com resultados positivos. Apesar de tais descobertas promissoras, o seu trabalho ainda é considerado controverso. Por exemplo, os críticos argumentam que os indivíduos que participam dos estudos de Simonton não são pacientes "normais". Muitos deles procuraram Simonton com o propósito expresso de aprender as suas técnicas, e isso mostra que já possuem um extraordinário espírito de luta. No entanto, muitos pesquisadores consideram os resultados de Simonton convincentes o suficiente para apoiar o seu trabalho, e o próprio Simonton montou o Simonton Câncer Center, uma unidade de pesquisa e tratamento bem-sucedida em Pacific Palisades, Califórnia, dedicada a ensinar técnicas de imagem aos pacientes que lutam contra várias doenças. O uso terapêutico de imagens também capturou a imaginação do público, e uma pesquisa recente revelou que era o quarto tratamento alternativo mais usado para o câncer.

Como uma imagem formada na mente pode ter um efeito sobre algo tão formidável como um câncer incurável? Não é de surpreender que a teoria holográfica do cérebro também possa ser usada para explicar esse fenômeno. A psicóloga Jeanne Achterberg, diretora de pesquisa e ciência da reabilitação do Centro de Ciências da Saúde da Universidade do Texas em Dallas, Texas, e uma das cientistas que ajudaram a desenvolver as técnicas de imagens que Simonton usa, acredita que são as capacidades de imagens holográficas do cérebro que fornecem a chave.

Como já foi observado, todas as experiências são, em última análise, apenas processos neurofisiológicos que ocorrem no cérebro. De acordo com o modelo holográfico, a razão pela qual experimentamos algumas coisas, como emoções, como realidades internas e outras, como o canto dos pássaros e o latido dos cães, como realidades externas é porque é aí que o cérebro as localiza quando cria o holograma interno que experimentamos como realidade. No entanto, como também vimos, o cérebro nem sempre consegue distinguir entre o que está "lá fora" e o que ele acredita estar "lá fora", e é por isso que amputados às vezes têm sensações de membros fantasmas. Dito de outra forma, num cérebro que opera holograficamente, a imagem lembrada de uma coisa pode ter tanto impacto sobre os sentidos quanto a própria coisa.

Também pode ter um efeito igualmente poderoso na fisiologia do corpo, um estado de coisas experimentado em primeira mão por qualquer pessoa que já sentiu o coração disparar depois de se imaginar a abraçar um ente querido. Ou qualquer pessoa que já sentiu as palmas das mãos suar depois de evocar a memória de alguma experiência extraordinariamente assustadora. À primeira vista, o facto de que o corpo nem sempre pode distinguir entre um evento imaginado e um real pode parecer estranho, mas quando se leva

em conta o modelo holográfico - um modelo que afirma que todas as experiências, sejam reais ou imaginárias, são reduzidas à mesma linguagem comum de formas de onda holograficamente organizadas - a situação torna-se muito menos intrigante. Ou, como Achterberg coloca: "Quando as imagens são consideradas da maneira holográfica, a sua influência, onipotente na função física, segue logicamente. A imagem, o comportamento e os concomitantes fisiológicos são um aspeto unificado do mesmo fenómeno."

Bohm usa a sua ideia da ordem implícita, o nível mais profundo e não local de existência do qual todo o nosso universo surge, para ecoar o sentimento: "Toda ação começa com uma intenção na ordem implícita. A imaginação já é a criação da forma; já tem a intenção e os germes de todos os movimentos necessários para realizá-la. E afeta o corpo e assim por diante, de modo que, conforme a criação ocorre dessa forma a partir dos níveis mais sutis da ordem implícita, ela passa por eles até se manifestar no explícito.". Por outras palavras, na ordem implícita, como no próprio cérebro, imaginação e realidade são definitivamente indistinguíveis e, portanto, não deveria surpreender-nos que as imagens na mente possam, em última análise, manifestar-se como realidades no corpo físico.

Achterberg descobriu que os efeitos fisiológicos produzidos pelo uso de imagens não são apenas poderosos, mas também podem ser extremamente específicos. Por exemplo, o termo glóbulo branco refere-se, na verdade, a vários tipos diferentes de células. Num estudo, Achterberg decidiu ver se ela poderia treinar indivíduos para aumentar o número de apenas um tipo específico de glóbulo branco no seu corpo. Para fazer isso, ela ensinou um grupo de estudantes universitários como criar imagens de uma célula conhecida como neutrófilo, o principal constituinte da população de leucócitos. Ela treinou um segundo grupo para criar imagens de células T, um tipo mais especializado de glóbulo branco. No final do estudo, o grupo que aprendeu as imagens dos neutrófilos teve um aumento significativo no número de neutrófilos no seu corpo, mas nenhuma alteração no número de células T. O grupo que aprendeu a criar imagens de células T teve um aumento significativo no número desse tipo de célula, mas o número de neutrófilos no seu corpo permaneceu o mesmo.

Achterberg diz que a crença também é crítica para a saúde de uma pessoa. Como ela ressalta, praticamente todo a gente que teve contato com o mundo médico conhece pelo menos uma história de um paciente que foi mandado para casa para morrer, mas porque "acreditava" no contrário, este surpreendera os seus médicos ao se recuperar completamente. No seu fascinante livro *Imagery in Healing*, ela descreve vários dos seus próprios encontros com esses casos. Num deles, uma mulher estava em coma na admissão, paralisada e diagnosticada com um grande tumor cerebral. Ela foi submetida a uma cirurgia para "reduzir" o tumor (remover o máximo possível com segurança), mas como foi considerada à beira da morte, foi mandada para casa sem receber radiação ou quimioterapia.

Em vez de morrer rapidamente, a mulher ficava mais forte a cada dia. Como a sua terapeuta de biofeedback, Achterberg foi capaz de monitorar o progresso da mulher e, ao

final de dezasseis meses, a mulher não apresentava nenhuma evidência de câncer. Porquê? Embora a mulher fosse inteligente em um sentido mundano, ela era apenas moderadamente educada e não sabia realmente o significado da palavra *tumor* - ou a sentença de morte que ela conferia. Portanto, ela não acreditou que iria morrer e superou o câncer com a mesma confiança e determinação que usou para superar todas as outras doenças na sua vida, diz Achterberg. Quando Achterberg a viu pela última vez, a mulher não apresentava mais nenhum vestígio de paralisia, havia deitado fora os suspensórios e a bengala e até saíra para dançar algumas vezes.

Achterberg apoia a sua afirmação observando que os deficientes mentais e os emocionalmente perturbados - indivíduos que não conseguem compreender a sentença de morte que a sociedade atribui ao câncer - também têm uma taxa de câncer significativamente mais baixa. Durante um período de quatro anos no Texas, apenas cerca de 4 por cento das mortes nesses dois grupos foram de câncer, em comparação com a norma estadual que era de 15 a 18 por cento. Curiosamente, não houve um caso registado de leucemia entre os anos de 1925 e 1978 nesses dois grupos. Estudos relataram resultados semelhantes nos Estados Unidos como um todo, bem como em vários outros países, incluindo Inglaterra, Grécia e Romênia.

Por causa dessas e outras descobertas, Achterberg acha que uma pessoa com uma doença, mesmo um resfriado comum, deve recrutar tantos "hogramas neurais" de saúde quanto possível - na forma de crenças, imagens de bem-estar e harmonia, e imagens de funções específicas de imunidade a serem ativadas. Ela sente que também devemos exorcizar quaisquer crenças e imagens que tenham consequências negativas para a nossa saúde e perceber que os hologramas do nosso corpo são mais do que apenas imagens. Eles contêm uma série de outros tipos de informações, incluindo compreensões e interpretações intelectuais, preconceitos conscientes e inconscientes, medos, esperanças, preocupações e assim por diante.

A recomendação de Achterberg de que nos livremos das imagens negativas é bem aceita, pois há evidências de que as imagens podem tanto causar doenças quanto curá-las. Em *Love, Medicine and Miracles*, Bernie Siegel diz que frequentemente encontra casos em que as imagens mentais que os pacientes usam para se descreverem ou as suas vidas parecem desempenhar um papel na criação das suas condições. Os exemplos incluem uma paciente com mastectomia que disse a ele que "precisava tirar algo do peito"; um paciente com mieloma múltiplo na coluna vertebral que disse que "sempre foi considerado covarde"; e um homem com carcinoma da laringe cujo pai o punia quando criança, apertando constantemente a sua garganta e dizendo-lhe para "calar a boca!

Às vezes, a relação entre a imagem e a doença é tão marcante que é difícil entender por que não é aparente para o indivíduo envolvido, como no caso de um psicoterapeuta que fez uma cirurgia de emergência para remover vários metros de intestino morto e disse a Siegel: "Estou feliz que seja você o meu cirurgião. Eu tenho feito análise de ensino. Eu não

conseguia lidar com todas as merdas que estavam a surgir, ou digerir a merda da minha vida.". Incidentes como esses convenceram Siegel de que quase todas as doenças se originam pelo menos em algum grau na mente, mas ele não acha que isso as torna psicossomáticas ou irrealis. Ele prefere dizer que são *significantes para o soma*, termo cunhado por Bohm para resumir melhor a relação e derivado da palavra grega *soma*, que significa "corpo". O facto de que todas as doenças podem ter a sua origem na mente não perturba Siegel. Ele vê isso como um sinal de tremenda esperança, um indicador de que se alguém tem o poder de criar doenças, também tem o poder de criar bem-estar.

A ligação entre imagem e doença é tão potente que as imagens podem até ser usadas para prever as perspetivas de sobrevivência de um paciente. Em outro experimento marcante, Simonton, a sua esposa, a psicóloga Stephanie Matthews-Simonton, Achterberg e o psicólogo G. Frank Lawlis realizaram uma bateria de exames de sangue em 126 pacientes com câncer avançado. Em seguida, eles submetem os pacientes a uma série igualmente extensa de testes psicológicos, incluindo exercícios nos quais os pacientes eram solicitados a desenhar imagens de si mesmos, dos seus cânceres, do seu tratamento e do seu sistema imunológico. Os exames de sangue forneceram algumas informações sobre a condição dos pacientes, mas não trouxeram grandes revelações. No entanto, os resultados dos testes psicológicos, principalmente os desenhos, eram enciclopédias de informações sobre o estado de saúde dos pacientes. Na verdade, simplesmente analisando os desenhos dos pacientes, Achterberg, mais tarde, alcançou uma taxa de 95 por cento de precisão ao prever quem morreria dentro de alguns meses e quem venceria a sua doença e entraria em remissão.

JOGOS MENTAIS DE BASQUETEBOL

Por mais incríveis que sejam as evidências colhidas pelos pesquisadores mencionados acima, elas são apenas a ponta do iceberg quando se trata do controle que a mente holográfica tem sobre o corpo físico. E as aplicações práticas de tal controle não se limitam estritamente a questões de saúde. Numerosos estudos realizados em todo o mundo mostraram que a imagem também tem um efeito enorme no desempenho físico e atlético.

Num experimento recente, o psicólogo Shlomo Breznitz, da Universidade Hebraica de Jerusalém, fez vários grupos de soldados israelenses marcharem quarenta quilómetros (cerca de vinte e cinco milhas), mas deu a cada grupo informações diferentes. Ele pediu a alguns grupos que marchassem trinta quilómetros e depois disse-lhes que faltavam mais dez. Disse a outros que marchariam sessenta quilómetros, mas na realidade só marchariam quarenta. Ele permitiu que alguns vissem os marcadores de distância e não forneceu pistas para os outros sobre a distância percorrida. No final do estudo, Breznitz descobriu que os níveis de hormônio do stress no sangue dos soldados sempre refletiam as suas estimativas

e não a distância real que percorreram. Por outras palavras, *os seus corpos respondiam não à realidade, mas ao que eles imaginavam como realidade.*

De acordo com o Dr. Charles A. Garfield, ex-pesquisador da NASA (National Aeronautics and Space Administration) e atual presidente do Performance Sciences Institute em Berkeley, Califórnia, os soviéticos pesquisaram extensivamente a relação entre imagens e desempenho físico. Num estudo, uma falange de atletas soviéticos de classe mundial foi dividida em quatro grupos. O primeiro grupo gastou 100% do seu tempo de treino a treinar. O segundo passou 75% do tempo a treinar e 25% do tempo a visualizar os movimentos exatos e as realizações que desejavam alcançar no desporto. O terceiro gastou 50% do seu tempo a treinar e 50% a visualizar, e o quarto gastou 25% a treinar e 75% a visualizar. Inacreditavelmente, nos jogos de Inverno de 1980 em Lake Placid, Nova York, o quarto grupo mostrou a maior melhora no desempenho, seguido pelos grupos três, dois e um, nessa ordem.

Garfield, que passou centenas de horas a entrevistar atletas e pesquisadores desportivos em todo o mundo, diz que os soviéticos incorporaram técnicas sofisticadas de imagens em muitos dos seus programas atléticos e que acreditam que as imagens mentais atuam como precursoras no processo de geração de impulsos neuromusculares. Garfield acredita que as imagens funcionam porque o movimento é registado holograficamente no cérebro. No seu livro *Peak Performance: Mental Training Techniques of the World Greatest Athletes*, ele afirma: "Essas imagens são holográficas e funcionam principalmente no nível subliminar. O mecanismo de imagem holográfica permite que você resolva rapidamente problemas espaciais, como montar uma máquina complexa, coreografar uma rotina de dança ou a execução de imagens visuais de peças na sua mente."

O psicólogo australiano Alan Richardson obteve resultados semelhantes com jogadores de basquetebol. Ele pegou três grupos de jogadores de basquetebol e testou a sua capacidade de fazer lances livres. Em seguida, ele instruiu o primeiro grupo a passar vinte minutos por dia a praticar lances livres. Ele disse ao segundo grupo para não praticar e fez o terceiro grupo passar vinte minutos por dia a visualizar que estavam a atirar cestas perfeitas. Como era de se esperar, o grupo que não fez nada não apresentou melhora. O primeiro grupo melhorou 24%, mas apenas pelo poder das imagens, o terceiro grupo melhorou espantosos 23%, quase tanto quanto o grupo que praticou.

A FALTA DE DIVISÃO ENTRE SAÚDE E DOENÇA

O médico Larry Dossey acredita que a imaginação não é a única ferramenta que a mente holográfica pode usar para efetuar mudanças no corpo. Outra é simplesmente o reconhecimento da integridade ininterrupta de todas as coisas. Como Dossey observa, temos a tendência de ver a doença como algo externo a nós. A doença vem de fora e assedia-

nos, perturbando o nosso bem-estar. Mas se espaço e tempo, e todas as outras coisas no universo, são verdadeiramente inseparáveis, então não podemos fazer uma distinção entre saúde e doença.

Como podemos colocar em prática esse conhecimento na nossa vida? Quando deixamos de ver a doença como algo separado e, em vez disso, a vemos como parte de um todo maior, como um ambiente de comportamento, dieta, sono, padrões de exercícios e várias outras relações com o mundo em geral, geralmente melhoramos, diz Dossey. Como evidência, ele chama a atenção para um estudo no qual pacientes com dores de cabeça crônicas foram solicitados a manter um diário da frequência e gravidade das suas dores de cabeça. Embora o registo tivesse a intenção de ser um primeiro passo na preparação dos que sofrem de dor de cabeça para tratamento posterior, a maioria dos sujeitos descobriu que, quando começaram a fazer um diário, as suas dores de cabeça desapareceram!

Num outro experimento citado por Dossey, um grupo de crianças epiléticas e as suas famílias foram filmadas enquanto interagem umas com as outras. Ocasionalmente, havia explosões emocionais durante as sessões, que muitas vezes eram seguidas por convulsões reais. Quando as crianças viram as fitas e viram a relação entre esses eventos emocionais e as suas convulsões, elas ficaram quase livres das convulsões. Porque? Ao manter um diário ou assistir a um vídeo, os sujeitos foram capazes de ver a sua condição em relação ao padrão mais amplo das suas vidas. Quando isso acontece, a doença não pode mais ser vista "como uma doença invasora originada de outro lugar, mas como parte de um processo de vida que pode ser descrito com precisão como um todo ininterrupto", diz Dossey. "Quando o nosso foco é em direção a um princípio de relacionamento e unidade, e longe da fragmentação e do isolamento, a saúde surge.

Dossey acha que a palavra *paciente* é tão enganosa quanto a palavra *partícula*. Em vez de sermos unidades biológicas separadas e fundamentalmente isoladas, somos processos e padrões essencialmente dinâmicos que não são mais analisáveis em partes do que os elétrons. Mais do que isso, estamos conetados, ligados às forças que criam a doença e a saúde, às crenças da nossa sociedade, às atitudes dos nossos amigos, da nossa família e dos nossos médicos, e às imagens, crenças e até mesmo a exatamente as palavras que usamos para apreender o universo.

Num um universo holográfico, também estamos conetados aos nossos corpos e, nas páginas anteriores, vimos algumas das maneiras como essas conexões se manifestam. Mas existem outros, talvez até uma infinidade de outros. Como afirma Pribram, "Se de facto cada parte do nosso corpo é um reflexo do todo, então deve haver todos os tipos de mecanismos para controlar o que está a acontecer. Nada está firme neste ponto.". Dada a nossa ignorância no assunto, em vez de perguntar como a mente controla o corpo holográfico, talvez uma questão mais importante seja: qual é a extensão desse controle? Existem limitações nele e, em caso afirmativo, quais são? Essa é a questão para a qual agora voltamos a nossa atenção.

O PODER DE CURA DO NADA

Outro fenómeno médico que nos fornece um vislumbre tentador do controle que a mente tem sobre o corpo é o efeito placebo. Um placebo é qualquer tratamento médico que não tem ação específica no corpo, mas é dado para agradar um paciente ou como um controle num experimento duplo-cego, ou seja, um estudo em que um grupo de indivíduos recebe um tratamento real e outro grupo recebe um tratamento falso. Em tais experimentos, nem os pesquisadores nem os indivíduos testados sabem em qual grupo estão, de modo que os efeitos do tratamento real podem ser avaliados com mais precisão. As pílulas de açúcar são frequentemente usadas como placebos em estudos de drogas. O mesmo ocorre com a solução salina (água destilada com sal), embora os placebos nem sempre sejam medicamentos. Muitos acreditam que qualquer benefício médico derivado de cristais, pulseiras de cobre e outros remédios não tradicionais também se deve ao efeito placebo.

Até a cirurgia foi usada como placebo. Na década de 1950, a angina de peito, dor recorrente no peito e no braço esquerdo devido à diminuição do fluxo sanguíneo para o coração, era comumente tratada com cirurgia. Então, alguns médicos engenhosos decidiram conduzir um experimento. Em vez de realizar a cirurgia habitual, que envolvia amarrar a artéria mamária, eles cortavam os pacientes e simplesmente os costuravam novamente. Os pacientes que receberam a cirurgia simulada relataram tanto alívio quanto os pacientes que fizeram a cirurgia completa. A cirurgia completa, no fim das contas, estava a produzir apenas um efeito placebo. No entanto, o sucesso da cirurgia simulada indica que em algum lugar no fundo de todos nós temos a capacidade de controlar a angina de peito.

E isso não é tudo. No último meio século, o efeito placebo foi extensivamente pesquisado em centenas de estudos diferentes à volta do mundo. Agora sabemos que, em média, 35% de todas as pessoas que recebem um determinado placebo experimentarão um efeito significativo, embora esse número possa variar muito de situação para situação. Além da angina de peito, as condições que se mostraram responsivas ao tratamento com placebo incluem enxaqueca, alergias, febre, resfriado comum, acne, asma, verrugas, vários tipos de dor, náusea e enjoo, úlceras pépticas, síndromes psiquiátricas, como depressão e ansiedade, artrite reumatoide e degenerativa, diabetes, doença da radiação, parkinsonismo, esclerose múltipla e câncer.

Claramente, esses efeitos variam do não tão sério ao que ameaça a vida, mas os efeitos do placebo mesmo nas condições mais brandas podem envolver mudanças fisiológicas que são quase milagrosas. Veja, por exemplo, a humilde verruga. As verrugas são um pequeno crescimento tumoral na pele causado por um vírus. Eles também são extremamente fáceis de curar com o uso de placebos, como é evidenciado pelos rituais folclóricos quase intermináveis - o próprio ritual sendo uma espécie de placebo - que são usados por várias

culturas para se livrarem deles. Lewis Thomas, presidente emérito do Memorial Sloan Kettering Câncer Center em *Nova York*, conta a história de um médico que regularmente livrava os seus pacientes de verrugas simplesmente pintando neles uma tinta roxa inofensiva. Thomas acha que explicar esse pequeno milagre dizendo que é apenas a mente inconsciente em ação não faz justiça ao efeito placebo. "Se o meu inconsciente pode descobrir como manipular os mecanismos necessários para contornar esse vírus e para implantar todas as várias células na ordem correta para rejeição de tecido, então tudo o que tenho a dizer é que o meu inconsciente está muito mais avançado do que Eu estou ", afirma.

A eficácia de um placebo em qualquer circunstância também varia muito. Em nove estudos duplo-cegos comparando placebos com aspirina, os placebos provaram ser 4% tão eficazes quanto o analgésico real. A partir disso, pode-se esperar que os placebos sejam ainda menos eficazes quando comparados a um analgésico muito mais forte, como a morfina, mas não é o caso. Em seis estudos duplo-cegos, descobriu-se que os placebos eram 56% tão eficazes quanto a morfina no alívio da dor!

Porquê? Um fator que pode afetar a eficácia de um placebo é o método em que é administrado. As injeções são geralmente percebidas como mais potentes do que as pílulas e, portanto, dar um placebo numa injeção pode aumentar a sua eficácia. Da mesma forma, as cápsulas costumam ser vistas como mais eficazes do que os comprimidos e até mesmo o tamanho, a forma e a cor de uma pílula podem desempenhar um papel. Num estudo desenvolvido para determinar o valor sugestivo da cor de uma pílula, os pesquisadores descobriram que as pessoas tendem a ver as pílulas amarelas ou laranja como manipuladores do humor, estimulantes ou depressores. As pílulas vermelho-escuras são consideradas sedativos; pílulas de lavanda, alucinógenos; e pílulas brancas, analgésicos.

Outro fator é a atitude que o médico transmite ao prescrever o placebo. O Dr. David Sobel, especialista em placebo do Kaiser Hospital, Califórnia, relata a história de um médico que tratava um paciente com asma que estava a ter uma dificuldade incomum para manter os seus brônquios abertos. O médico pediu uma amostra de um novo medicamento potente de uma empresa farmacêutica e deu ao homem. Em poucos minutos, o homem mostrou uma melhora espetacular e respirou com mais facilidade. No entanto, na próxima vez que ele teve um ataque, o médico decidiu ver o que aconteceria se ele desse um placebo ao homem. Desta vez, o homem reclamou que deve haver algo errado com a receita, porque ela não eliminou completamente a sua dificuldade respiratória. Isso convenceu o médico de que o medicamento de amostra era de facto um novo medicamento para asma potente - até que ele recebeu uma carta da empresa farmacêutica informando-o de que, em vez do novo medicamento, eles acidentalmente lhe enviaram um placebo! Aparentemente, foi o entusiasmo involuntário do médico pelo primeiro placebo, e não pelo segundo, que contribuiu para a discrepância.

Em termos do modelo holográfico, a notável resposta do homem ao medicamento placebo para a asma pode novamente ser explicada pela incapacidade final da mente / corpo

de distinguir entre uma realidade imaginada e uma realidade. O homem acreditava que estava a receber um novo e poderoso remédio para asma, e essa crença teve um efeito fisiológico tão dramático nos seus pulmões como se ele tivesse recebido um remédio de verdade. A advertência de Achterberg de que os hologramas neurais que afetam a nossa saúde são variados e multifacetados também é enfatizada pelo facto de que mesmo algo tão sutil como a atitude ligeiramente diferente do médico (e talvez a linguagem corporal) ao administrar os dois placebos foi o suficiente para fazer com que um funcionasse e o outro falhasse. É claro que, a partir disso, mesmo as informações recebidas subliminarmente podem contribuir muito para as crenças e imagens mentais que impactam na nossa saúde. É de se perguntar quantos medicamentos funcionaram (ou não) por causa da atitude que o médico transmitiu ao administrá-los.

TUMORES QUE DERRETEM COMO BOLAS DE NEVE NUM FOGÃO QUENTE

Compreender o papel que tais fatores desempenham na eficácia de um placebo é importante, pois mostra como a nossa capacidade de controlar o corpo holográfico é moldada pelas nossas crenças. As nossas mentes têm o poder de se livrar de verrugas, limpar os nossos brônquios e imitar a capacidade analgésica da morfina, mas, como não temos consciência de que possuímos esse poder, devemos ser induzidos a usá-lo. Isso poderia ser quase cómico se não fosse pelas tragédias que frequentemente resultam da nossa ignorância do nosso próprio poder.

Nenhum incidente ilustra melhor isso do que um caso agora famoso relatado pelo psicólogo Bruno Klopfer. Klopfer estava a tratar um homem chamado Wright, que tinha câncer avançado dos gânglios linfáticos. Todos os tratamentos padrão haviam se esgotado e Wright parecia ter pouco tempo restante. O seu pescoço, axilas, tórax, abdómen e virilha estavam cheios de tumores do tamanho de laranjas, e o seu baço e fígado estavam tão aumentados que dois quartos de líquido leitoso tinham que ser drenados do seu peito todos os dias.

Mas Wright não queria morrer. Ele tinha ouvido falar de uma nova droga empolgante chamada Krebiozen e implorou ao médico que o deixasse tentar. A princípio, o seu médico recusou porque a droga só estava a ser experimentada em pessoas com expectativa de vida de pelo menos três meses. Mas Wright foi tão implacável com as suas súplicas que o seu médico finalmente cedeu. Ele deu a Wright uma injeção de Krebiozen na sexta-feira, mas no fundo do coração ele não esperava que Wright durasse o fim de semana. Então o médico foi para casa.

Para sua surpresa, na segunda-feira seguinte, ele encontrou Wright fora da cama e andar por aí. Klopfer relatou que os seus tumores "derreteram como bolas de neve num fogão quente" e estavam com a metade do tamanho original. Esta foi uma diminuição de

tamanho muito mais rápida do que até mesmo os tratamentos de raio X mais fortes poderiam ter realizado. Dez dias após o primeiro tratamento de Wright com Krebiozen, ele deixou o hospital e estava, pelo que os seus médicos puderam dizer, sem câncer. Quando ele entrou no hospital, ele precisou de uma máscara de oxigênio para respirar, mas quando saiu estava bem o suficiente para voar no seu próprio avião a 12.000 pés sem nenhum desconforto.

Wright permaneceu bem por cerca de dois meses, mas depois começaram a aparecer artigos afirmando que o Krebiozen na verdade não tinha efeito sobre o câncer dos gânglios linfáticos. Wright, que era rigidamente lógico e científico no seu pensamento, ficou muito deprimido, teve uma recaída e foi readmitido no hospital. Desta vez, o seu médico decidiu fazer uma experiência. Ele disse a Wright que o Krebiozen era tão eficaz quanto parecia, mas que alguns dos suprimentos iniciais da droga haviam se deteriorado durante o transporte. Ele explicou, no entanto, que tinha uma nova versão altamente concentrada da droga e poderia tratar Wright com ela. Claro que o médico não tinha uma nova versão da droga e pretendia injetar água pura em Wright. Para criar a atmosfera adequada, ele até passou por um procedimento elaborado antes de injetar o placebo em Wright.

Mais uma vez, os resultados foram dramáticos. As massas tumorais derreteram, o fluido torácico desapareceu e Wright estava rapidamente de pé e a sentir-se ótimo. Ele permaneceu sem sintomas por mais dois meses, mas então a Associação Médica Americana anunciou que um estudo nacional de Krebiozen descobriu que a droga era inútil no tratamento do câncer. Desta vez, a fé de Wright foi completamente destruída. O seu câncer voltou a florescer e ele morreu dois dias depois.

A história de Wright é trágica, mas contém uma mensagem poderosa: quando temos a sorte de contornar a nossa descrença e usar as forças de cura dentro de nós, podemos causar o derretimento de tumores durante a noite.

No caso do Krebiozen, apenas uma pessoa estava envolvida, mas há casos semelhantes envolvendo muito mais pessoas. Tome um agente quimioterápico chamado cisplatina. Quando a cisplatina foi disponibilizada pela primeira vez, também foi anunciado como uma droga milagrosa, e 75% das pessoas que o receberam beneficiaram-se com o tratamento. Mas depois que a onda inicial de excitação e o uso de cisplatina tornaram-se mais rotineiros, a sua taxa de eficácia caiu para cerca de 25% a 30%. Aparentemente, a maior parte do benefício obtido com a cisplatina foi devido ao efeito placebo.

UMA DROGA FUNCIONA REALMENTE?

Esses incidentes levantam uma questão importante. Se drogas como o Krebiozen e o cisplatina funcionam quando acreditamos nelas e param de funcionar quando deixamos de acreditar nelas, o que isso implica sobre a natureza das drogas em geral? Esta é uma

pergunta difícil de responder, mas temos algumas pistas. Por exemplo, o médico Herbert Benson, da Harvard Medical School, aponta que a grande maioria dos tratamentos prescritos antes deste século, de sanguessugas a consumir sangue de lagarto, eram inúteis, mas por causa do efeito placebo, eles foram, sem dúvida, úteis, pelo menos algumas vezes.

Benson, junto com o Dr. David P. McCallie, Jr., do Laboratório Thorndike de Harvard, revisou estudos de vários tratamentos para a angina de peito que foram prescritos ao longo dos anos e descobriu que, embora os remédios tenham surgido e desaparecido, as taxas de sucesso - até para tratamentos que agora estão desacreditados - sempre permaneceram elevados. A partir dessas duas observações, é evidente que o efeito placebo desempenhou um papel importante na medicina no passado, mas ainda desempenha um papel hoje? “A resposta, ao que parece, é sim. O Escritório Federal de Avaliação de Tecnologia estima que mais de 75% de todos os tratamentos médicos atuais não foram submetidos a escrutínio científico suficiente, um número que sugere que os médicos ainda podem estar a dar placebos sem saber (Benson, por exemplo, acredita que, no mínimo, muitos medicamentos de venda livre agem principalmente como placebos).

Dadas as evidências que examinámos até agora, podemos quase nos perguntar se todas as drogas são placebos. Claramente, a resposta é não. Muitos medicamentos são eficazes, quer acreditemos neles ou não: a vitamina C elimina o escorbuto e a insulina melhora os diabéticos, mesmo quando são céticos. Mas ainda assim a questão não é tão clara quanto pode parecer. Considere o seguinte.

Num experimento de 1962, os drs. Harriet Linton e Robert Langs disseram às cobaias que iriam participar de um estudo sobre os efeitos do LSD, mas então deram-lhes um placebo. No entanto, meia hora depois de tomar o placebo, os indivíduos começaram a sentir os sintomas clássicos da droga real, perda de controle, suposta percepção do significado da existência e assim por diante. Essas "viagens de placebo" duraram várias horas.

Alguns anos depois, em 1966, o agora infame psicólogo de Harvard, Richard Alpert, viajou para o Oriente em busca de homens santos que pudessem oferecer-lhe uma visão sobre a experiência do LSD. Ele encontrou vários que estavam dispostos a experimentar a droga e, curiosamente, receberam uma variedade de reações. Um especialista disse que era bom, mas não tão bom quanto meditação. Outro, um lama tibetano, reclamou que isso só lhe deu dor de cabeça.

Mas a reação que mais fascinou Alpert veio de um homenzinho santo e enrugado no sopé do Himalaia. Como o homem tinha mais de 60 anos, a primeira inclinação de Alpert foi dar-lhe uma dose suave de 50 a 75 microgramas. Mas o homem estava muito mais interessado em uma das pílulas de 305 microgramas que Alpert trouxera com ele, uma dose relativamente considerável. Com relutância, Alpert deu-lhe um dos comprimidos, mas mesmo assim o homem não ficou satisfeito. Com um piscar de olhos, ele solicitou outro e depois outro e colocou todos os 915 microgramas de LSD na sua língua, uma dose

massiva para qualquer padrão, e engoliu-os (em comparação, a dose média que Grof usou nos seus estudos foi de cerca de 200 microgramas).

Horrorizado, Alpert observou atentamente, esperando que o homem começasse a agitar os braços e gritar como um demônio, mas em vez disso comportou-se como se nada tivesse acontecido. Ele permaneceu assim pelo resto do dia, o seu comportamento tão sereno e imperturbável como sempre foi, exceto pelos olhares cintilantes que ocasionalmente lançava para Alpert. O LSD aparentemente teve efeito ou nenhum efeito sobre ele. Alpert ficou tão comovido com a experiência que desistiu do LSD, mudou o seu nome para Ram Dass e converteu-se ao misticismo.

E assim, tomar um placebo pode produzir o mesmo efeito que tomar o medicamento real, e tomar o medicamento real pode não produzir nenhum efeito. Esse estado de coisas às avessas também foi demonstrado em experimentos envolvendo anfetaminas. Em um estudo, dez sujeitos foram colocados em cada uma das duas salas. Na primeira sala, nove receberam um estimulante anfetamina e a décima um barbitúrico que produz o sono. Na segunda sala, a situação inverteu-se. Em ambos os casos, a pessoa escolhida comportou-se exatamente como os seus companheiros. Na primeira sala, em vez de adormecer, o solitário que tomava barbitúricos ficou animado e rápido, e na segunda sala, o solitário que tomava anfetaminas adormeceu. Há também o caso registado de um homem viciado no estimulante Ritalina, cujo vício é então transferido para um placebo. Por outras palavras, o médico do homem capacitou-o a evitar todos os aborrecimentos usuais da retirada da Ritalina, substituindo secretamente a sua prescrição por comprimidos de açúcar. Infelizmente, o homem passou a exibir um vício em placebo!

Esses eventos não se limitam a situações experimentais. Os placebos também desempenham um papel na nossa vida quotidiana. A cafeína mantém-no acordado à noite? A pesquisa mostrou que mesmo uma injeção de cafeína não manterá os indivíduos sensíveis à cafeína acordados se eles acreditarem que estão a receber um sedativo. "Algum antibiótico já o ajudou a superar um resfriado ou dor de garganta? Se sim, você estava a experimentar o efeito placebo. Os resfriados AH são causados por vírus, assim como vários tipos de dor de garganta, e os antibióticos são eficazes apenas contra infeções bacterianas, não infeções virais. Você já experimentou um efeito colateral desagradável depois de tomar um medicamento? Em um estudo de um tranquilizante chamado mefenesina, os pesquisadores descobriram que 10% a 20% dos assuntos de teste experimentaram efeitos colaterais negativos, incluindo náusea, erupção cutânea com coceira e palpitações, independentemente de terem recebido a droga real ou um placebo¹. Da mesma forma, em um estudo recente de um novo tipo de quimioterapia, 30% dos indivíduos no grupo de controlo, o grupo que recebeu placebos, perderam os cabelos. Portanto, se você conhece alguém que está a fazer quimioterapia, diga a ele para tentar ser otimista nas suas expectativas. A mente é uma coisa poderosa.

Além de nos oferecer um vislumbre desse poder, os placebos também apoiam uma abordagem mais holográfica para compreender a relação mente/corpo. Como a

* É claro que não estou a sugerir de forma alguma que todos os efeitos colaterais das drogas resultem do efeito placebo. Se você tiver uma reação negativa a um medicamento, sempre consulte um médico.

colunista de saúde e nutrição Jane Brody observa num artigo no *New York Times*, "A eficácia dos placebos fornece um suporte dramático para uma visão 'holística' do organismo humano, uma visão que está a receber cada vez mais atenção na pesquisa médica. Essa visão sustenta que a mente e o corpo interagem continuamente e estão intimamente ligados para serem tratados como entidades independentes."

O efeito do placebo também pode estar a afetar-nos de maneiras muito mais vastas do que imaginamos, como é evidenciado por um recente e extremamente intrigante mistério médico. Se você assistiu a alguma televisão no ano passado, sem dúvida viu uma série de anúncios comerciais a promover a capacidade da aspirina de diminuir o risco de ataque cardíaco. Existem muitas evidências convincentes para apoiar isso, caso contrário, os censores da televisão, que são verdadeiros defensores da precisão quando se trata de alegações médicas em comerciais, não permitiriam tal cópia no ar. Está tudo bem e bom. O único problema é que a aspirina não parece ter o mesmo efeito nas pessoas na Inglaterra. Um estudo de seis anos com 5.139 médicos britânicos não revelou nenhuma evidência de que a aspirina reduza o risco de ataque cardíaco. Existe uma falha na pesquisa de alguém ou é possível que algum tipo de efeito placebo massivo seja o culpado? Seja qual for o caso, não pare de acreditar nos benefícios profiláticos da aspirina. Ainda pode salvar a sua vida.

AS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE DA PERSONALIDADE MÚLTIPLA

Outra condição que ilustra graficamente o poder da mente de afetar o corpo é o Transtorno de Personalidade Múltipla (TPM). Além de possuir diferentes padrões de ondas cerebrais, as subpersonalidades de um múltiplo têm uma forte separação psicológica umas das outras. Cada um tem o seu próprio nome, idade, memórias e habilidades. Frequentemente, cada um também tem o seu próprio estilo de caligrafia, género anunciado, histórico cultural e racial, talentos artísticos, fluência em idioma estrangeiro e QI.

Ainda mais notáveis são as mudanças biológicas que ocorrem no corpo de um múltiplo quando mudam de personalidade. Frequentemente, uma condição médica de uma personalidade desaparece misteriosamente quando outra personalidade assume o controlo. O Dr. Bennett Braun, da Sociedade Internacional para o Estudo de Personalidade Múltipla, em Chicago, documentou um caso em que todas as subpersonalidades de um paciente eram alérgicas a suco de laranja, exceto uma. Se o homem bebesse sumo de laranja quando uma das suas personalidades alérgicas estava no controlo, ele teria uma erupção terrível na pele. Mas se ele mudasse para a sua personalidade não alérgica, a erupção começaria a desaparecer instantaneamente e ele poderia beber sumo de laranja à vontade.

A Dra. Francine Howland, uma psiquiatra de Yale que se especializou no tratamento de múltiplos, relata um incidente ainda mais impressionante sobre a reação de um múltiplo a uma picada de vespa. Na ocasião em questão, o homem apareceu para a sua consulta agendada com Howland com o olho completamente fechado por inchaço por causa de uma picada de vespa. Percebendo que precisava de atenção médica, Howland chamou um

oftalmologista. Infelizmente, o mais rápido que o oftalmologista pôde ver o homem foi uma hora depois, e como o homem estava com muita dor, Howland decidiu tentar algo. No final de contas, um dos suplentes do homem era uma "personalidade anestésica" que não sentia absolutamente nenhuma dor. Howland fez com que a personalidade anestésica assumisse o controle do corpo, e a dor acabou. Mas outra coisa também aconteceu. No momento em que o homem chegou à consulta com o oftalmologista, o inchaço havia desaparecido e o olho havia voltado ao normal. Não vendo necessidade de tratá-lo, o oftalmologista encaminhou-o para casa.

Depois de um tempo, porém, a personalidade anestésica cedeu o controle do corpo e a personalidade original do homem voltou, junto com toda a dor e o inchaço da picada de vespa. No dia seguinte, ele voltou ao oftalmologista para finalmente ser tratado. Nem Howland nem o seu paciente haviam dito ao oftalmologista que o homem era múltiplo e, após tratá-lo, o oftalmologista telefonou para Howland. "Ele achava que o tempo estava a pregar partidas a ele." Howland riu. "Ele só queria ter a certeza de que eu realmente tinha me importado com ele no dia anterior porque não tinha percebido isso."

As alergias não são a única coisa que os múltiplos podem ligar e desligar. Se houvesse alguma dúvida quanto ao controle que o inconsciente exerce sobre os efeitos das drogas, ela é banida pela magia farmacológica do múltiplo. Ao mudar de personalidade, um múltiplo que está bêbado pode ficar sóbrio instantaneamente. Personalidades diferentes também respondem de maneira diferente a drogas diferentes. Braun registra um caso em que 5 miligramas de diazepam, um tranquilizante, sedaram uma personalidade, enquanto 100 miligramas tiveram pouco ou nenhum efeito em outra. Frequentemente, uma ou várias das personalidades de um múltiplo são crianças, e se uma personalidade adulta recebe uma droga e, em seguida, a personalidade de uma criança assume o controle, a dosagem de adulto pode ser excessiva para a criança e resultar em uma overdose. Também é difícil anestesiá-los, e há relatos de múltiplos acordarem na mesa de operação depois que uma das suas subpersonalidades "não anestesiáveis" assumiu o controle.

Outras condições que podem variar de personalidade para personalidade incluem cicatrizes, marcas de queimaduras, cistos e destros e canhotos. A acuidade visual pode ser diferente, e alguns múltiplos precisam trazer dois ou três pares diferentes de óculos para acomodar as suas personalidades alternadas. Uma personalidade pode ser daltônica e outra não, e até a cor dos olhos pode mudar. Há casos de mulheres que têm dois ou três períodos menstruais por mês porque cada uma das suas subpersonalidades tem o seu próprio ciclo. A fonoaudióloga Christy Ludlow descobriu que o padrão de voz para cada personalidade de um múltiplo é diferente, uma façanha que requer uma mudança fisiológica tão profunda que mesmo o ator mais talentoso não consegue alterar a sua voz o suficiente para disfarçar o seu padrão vocal. Um múltiplo, admitido em um hospital para diabetes, confundiu os seus médicos por não mostrar sintomas quando uma das suas personalidades não diabéticas estava no controle. "Há relatos de epilepsia indo e vindo com mudanças na personalidade,

e o psicólogo Robert A. Phillips, Jr. , relata que até os tumores podem aparecer e desaparecer (embora ele não especifique que tipo de tumores).

Os múltiplos também tendem a cicatrizar mais rápido do que indivíduos normais. Por exemplo, há vários casos registados de queimaduras de terceiro grau que curam com extraordinária rapidez. O mais estranho de tudo é que pelo menos uma pesquisadora - Dra. Cornelia Wilbur, a terapeuta cujo tratamento pioneiro de Sybil Dorsett foi retratado no livro *Sybil* - está convencida de que os múltiplos não envelhecem tão rápido quanto as outras pessoas.

Como podem ser essas coisas? Em um simpósio recente sobre a síndrome de personalidade múltipla, uma múltipla chamada Cassandra forneceu uma resposta possível. Cassandra atribui a sua própria capacidade de cura rápida às técnicas de visualização que pratica e a algo que ela chama de processamento paralelo. Como ela explicou, mesmo quando as suas personalidades alternativas não estão no controlo do seu corpo, elas ainda estão cientes. Isso permite que ela "pense" em uma infinidade de canais diferentes ao mesmo tempo, faça coisas como trabalhar em vários trabalhos de conclusão de curso diferentes simultaneamente e até "dormir" enquanto outras personalidades preparam o seu jantar e limpam a sua casa.

Consequentemente, enquanto as pessoas normais só fazem exercícios de imagens mentais de cura duas ou três vezes por dia, Cassandra os faz 24 horas por dia. Ela tem até uma subpersonalidade chamada Celese, que possui um conhecimento profundo da anatomia e fisiologia, e cuja única função é passar vinte e quatro horas por dia a meditar e imaginar o bem-estar do corpo. De acordo com Cassandra, é essa atenção em tempo integral à sua saúde que lhe dá uma vantagem sobre as pessoas normais. Outros múltiplos fizeram reivindicações semelhantes.

Estamos profundamente apegados à inevitabilidade das coisas. Se tivermos uma má visão, acreditamos que teremos uma má visão para o resto da vida e, se tivermos diabetes, nem por um momento pensamos que a nossa condição pode desaparecer com uma mudança de humor ou de pensamento. Mas o fenómeno da personalidade múltipla desafia essa crença e oferece mais evidências do quanto os nossos estados psicológicos podem afetar a biologia do corpo. Se a psique de um indivíduo com TPM for uma espécie de holograma de múltiplas imagens, parece que o corpo também é um e pode mudar de um estado biológico para outro tão rapidamente quanto o movimento de um baralho de cartas.

Os sistemas de controlo que devem existir para dar conta de tais capacidades são estonteantes e fazem com que a nossa capacidade de curar uma verruga pareça pálida. A reação alérgica a uma picada de vespa é um processo complexo e multifacetado e envolve a atividade organizada de anticorpos, a produção de histamina, a dilatação e ruptura dos vasos sanguíneos, a liberação excessiva de substâncias imunológicas e assim por diante. Que caminhos desconhecidos de influência permitem que a mente de um múltiplo congele todos

esses processos no seu caminho? Ou o que lhes permite suspender os efeitos do álcool e outras drogas no sangue, ou ativar e desativar o diabetes? De momento não sabemos e devemos nos consolar com um simples facto. Depois que um múltiplo se submete à terapia e, de alguma forma, se torna inteiro novamente, ele ou ela ainda pode fazer essas mudanças à vontade. Isso sugere que em algum lugar da nossa psique todos temos a capacidade de controlar essas coisas. E ainda não é tudo o que podemos fazer.

GRAVIDEZ, TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS E EXPLORAÇÃO DO NÍVEL GENÉTICO

Como vimos, a simples crença do dia-a-dia também pode ter um efeito poderoso no corpo. É claro que a maioria de nós não tem disciplina mental para controlar completamente as nossas crenças (é por isso que os médicos devem usar placebos para nos enganar e fazer com que usemos as forças de cura dentro de nós). Para recuperar esse controlo, devemos primeiro compreender os diferentes tipos de crença que podem afetar-nos, pois essas também oferecem a sua própria janela única sobre a plasticidade da relação mente / corpo.

CRENÇAS CULTURAIS

Um tipo de crença é imposto a nós pela nossa sociedade. Por exemplo, o povo das Ilhas Trobriand envolve-se livremente em relações sexuais antes do casamento, mas a gravidez pré-marital é fortemente desaprovada. Eles não usam nenhuma forma de contraceção e raramente recorrem ao aborto. No entanto, a gravidez pré-marital é virtualmente desconhecida. Isso sugere que, por causa das suas crenças culturais, as mulheres solteiras estão inconscientemente a evitar engravidar. Há evidências de que algo semelhante pode estar a acontecer na nossa cultura. Quase toda a gente conhece um casal que tentou, sem sucesso, durante anos, ter um filho. Finalmente eles adotam e, pouco depois, a mulher engravida. Novamente, isso sugere que finalmente ter um filho capacitou a mulher e / ou o seu marido a superar algum tipo de inibição que estava a bloquear os efeitos da sua fertilidade.

Os medos que compartilhamos com os outros membros da nossa cultura também podem afetar-nos muito. No século XIX, a tuberculose matou dezenas de milhares de pessoas, mas a partir da década de 1880, as taxas de mortalidade começaram a cair. Porquê? Antes dessa década, ninguém sabia o que causava a tuberculose, o que lhe dava uma aura de mistério aterrorizante. Mas em 1882 o Dr. Robert Koch fez a importante descoberta de que a tuberculose era causada por uma bactéria. Uma vez que esse conhecimento chegou ao público em geral, as taxas de mortalidade caíram de 600 por 100.000 para 200 por 100.000, apesar da faceta de que levaria quase meio século antes que um tratamento medicamentoso eficaz pudesse ser encontrado.

Aparentemente, o medo também tem sido um fator importante nas taxas de sucesso dos transplantes de órgãos. Na década de 1950, os transplantes renais eram apenas uma possibilidade tentadora. Então, um médico em Chicago fez o que parecia ser um transplante bem-sucedido. Ele publicou as suas descobertas e, logo depois, outros transplantes bem-sucedidos foram realizados em todo o mundo. Então o primeiro transplante falhou. Na verdade, o médico descobriu que o rim havia sido rejeitado desde o início. Mas isso não importa. Assim que os receptores de transplante acreditaram que poderiam sobreviver, eles sobreviveram, e as taxas de sucesso dispararam além de todas as expectativas.

AS CRENÇAS QUE INCORPORAMOS NAS NOSSA ATITUDES

Outra maneira pela qual a crença se manifesta nas nossas vidas é por meio da nossa atitude. Estudos demonstraram que a atitude de uma futura mãe em relação ao bebê, e à gravidez em geral, tem uma correlação direta com as complicações que ela experimentará durante o parto, bem como com os problemas médicos que o seu filho recém-nascido terá após o nascimento. De facto, na última década, uma avalanche de estudos demonstrou o efeito das nossas atitudes em uma série de condições médicas. Pessoas com pontuação alta em testes elaborados para medir hostilidade e agressão têm sete vezes mais probabilidade de morrer de problemas cardíacos do que pessoas que recebem pontuação baixa. As mulheres casadas têm um sistema imunológico mais forte do que as mulheres separadas ou divorciadas, e as mulheres bem casadas têm um sistema imunológico ainda mais forte. Pessoas com AIDS que exibem espírito de luta vivem mais do que pessoas infectadas com AIDS que têm uma atitude passiva. Pessoas com câncer também vivem mais se mantiverem um espírito de luta. Os pessimistas pegam mais resfriados do que os otimistas. O stress diminui a resposta imunológica; pessoas que acabam de perder o cônjuge apresentam um aumento na incidência de doenças e enfermidades, e assim por diante.

AS CRENÇAS QUE EXPRESSAMOS ATRAVÉS DO PODER DA NOSSA VONTADE

Os tipos de crença que examinámos até agora podem ser vistos em grande parte como crenças passivas, crenças que permitimos que a nossa cultura ou o estado normal dos nossos pensamentos nos imponha. A crença consciente na forma de vontade astuta e inabalável também pode ser usada para esculpir e controlar o corpo holográfico. Na década de 1970, Jack Schwarz, um autor e conferencista nascido na Holanda, surpreendeu os pesquisadores em laboratórios dos Estados Unidos com a sua capacidade de controlar deliberadamente os processos biológicos internos do seu corpo.

Em estudos conduzidos na Menninger Foundation, no Instituto Neuropsiquiátrico Langley Porter da Universidade da Califórnia e outros, Schwarz surpreendeu os médicos ao enfiar agulhas de marinho de seis polegadas nos seus braços, sem sangrar, sem formigar

e sem produzir ondas cerebrais beta (o tipo de ondas cerebrais normalmente produzidas quando uma pessoa está com dor). Mesmo quando as agulhas foram removidas, Schwarz ainda não sangrou e os orifícios de punção fecharam com força. Além disso, Schwarz alterava os ritmos das ondas cerebrais à vontade, segurava cigarros acesos contra a carne sem se magoar e até carregava carvão nas mãos. Ele afirma que adquiriu essas habilidades quando estava num campo de concentração nazista e teve que aprender a controlar a dor para resistir às terríveis surras que sofreu. Ele acredita que qualquer pessoa pode aprender a controlar voluntariamente o seu corpo e, assim, assumir a responsabilidade pela sua própria saúde.

Curiosamente, em 1947, outro holandês demonstrou habilidades semelhantes. O nome do homem era Mirin Dajo, e em apresentações públicas no Teatro Corso, em Zurique, ele deixou o público atordoado. À vista de todos, Dajo teria um assistente a enfiar um florete de esgrima completamente no seu corpo, perfurando órgãos vitais, mas não causando nenhum dano ou dor a Dajo. Como Schwarz, quando o florete foi removido, Dajo não sangrou e apenas uma linha vermelha tênue marcava o local onde o florete havia entrado e saído.

A apresentação de Dajo provou ser tão desesperadora para o público que, eventualmente, um espectador sofreu um ataque cardíaco, e Dajo foi legalmente proibido de se apresentar em público. No entanto, um médico suíço chamado Hans Naegeli-Osjord soube das supostas habilidades de Dajo e perguntou-lhe se ele se submeteria a um exame científico. Dajo concordou e, em 31 de maio de 1947, foi internado no hospital cantonal de Zurique. Além do Dr. Naegeli-Osjord, o Dr. Werner Brunner, chefe da cirurgia do hospital, também estava presente, assim como vários outros médicos, estudantes e jornalistas. Dajo desnudou o peito e concentrou-se, e então, em plena visão da assembleia, fez o seu assistente mergulhar o florete no seu corpo.

Como sempre, nenhum sangue fluiu e Dajo permaneceu completamente à vontade. Mas ele era o único a sorrir. O resto da multidão transformou-se em pedra. Por todas as formas, os órgãos vitais de Dajo deveriam ter sido gravemente danificados, e a sua aparente boa saúde era quase insuportável para os médicos. Cheios de descrença, eles perguntaram a Dajo se ele se submeteria a um raio-X. Ele concordou e, sem esforço aparente, acompanhou-os escada acima para a sala de raios-X, com a folha ainda no seu abdómen. A radiografia foi tirada e o resultado foi inegável. Dajo foi realmente empalado. Finalmente, vinte minutos depois de ter sido perfurado, o papel de alumínio foi removido, deixando apenas duas cicatrizes fracas. Mais tarde, Dajo foi testado por cientistas em Basel, e até mesmo permitiu que os próprios médicos o examinassem com o florete. O Dr. Naegeli-Osjord posteriormente relatou todo o caso ao físico alemão Alfred Stelter, e Stelter o relata em seu livro *Psi-Healing*.

Esses feitos de controlo sobrenaturais não se limitam aos holandeses. Na década de 1960, Gilbert Grosvenor, o presidente da National Geographic Society, sua esposa, Donna,

e uma equipa de fotógrafos *Geographic* visitaram uma vila no Ceilão para testemunhar os supostos milagres de um milagreiro local chamado Mohotty. Parece que, quando menino, Mohotty orou a uma divindade do Ceilão chamada Kataragama e disse ao deus que, se ele inocentasse o pai de Mohotty de uma acusação de assassinato, ele, Mohotty, faria penitência anual em homenagem a Kataragama. O pai de Mohotty foi inocentado, e fiel à sua palavra, todos os anos Mohotty cumpria a sua penitência.

Isso consistia em caminhar através do fogo e brasas, perfurar as suas bochechas com espetos, cravar espetos nos seus braços do ombro para cima, afundar grandes ganchos nas suas costas e arrastar um enorme trenó à volta de um pátio com cordas presas aos ganchos. Como os Grosvenors relataram mais tarde, os ganchos esticavam bastante a carne das costas de Mohotty e, novamente, não havia sinal de sangue. Quando Mohotty terminou e os ganchos foram removidos, não havia nem vestígios de feridas. “A equipa *Geographic* fotografou essa exibição enervante e publicou tanto as fotos quanto um relato do incidente na edição de abril de 1966 da *National Geographic*.

Em 1967, a *Scientific American* publicou um relatório sobre um ritual anual semelhante na Índia. Nesse caso, uma pessoa *diferente* era escolhida a cada ano pela comunidade local e, após uma quantidade generosa de cerimónias, dois ganchos grandes o suficiente para pendurar um pedaço de carne eram enterrados nas costas da vítima. Cordas que eram puxadas pelos olhos dos ganchos eram amarradas à retranca de uma carroça de bois, e a vítima era então lançada em enormes arcos sobre os campos como uma oferenda sacramental aos deuses da fertilidade. Quando os ganchos foram removidos, a vítima estava completamente ileso, não havia sangue e literalmente nenhum sinal de perfurações na própria carne.

AS NOSSAS CRENÇAS INCONSCIENTES

Como vimos, se não tivermos a sorte de ter o autodomínio de um Dajo ou Mohotty, outra maneira de aceder à força de cura dentro de nós é contornar a espessa armadura de dúvida e ceticismo que existe na nossa mente consciente. Ser enganado com um placebo é uma maneira de conseguir isso. A hipnose é outra. Como um cirurgião que alcança e altera a condição de um órgão interno, um hipnoterapeuta habilidoso pode alcançar a nossa psique e ajudar-nos a mudar o tipo de crença mais importante de todas, as nossas crenças inconscientes.

Numerosos estudos demonstraram irrefutavelmente que, sob hipnose, uma pessoa pode influenciar processos geralmente considerados inconscientes. Por exemplo, como um múltiplo, pessoas profundamente hipnotizadas podem controlar reações alérgicas, padrões de fluxo sanguíneo e miopia. Além disso, eles podem controlar a frequência cardíaca, a dor, a temperatura corporal e até mesmo eliminar alguns tipos de marcas de nascença. A hipnose

também pode ser usada para realizar algo que, à sua maneira, é tão notável quanto não sofrer nenhum ferimento depois que uma folha de metal foi enfiada no abdómen.

Esse algo envolve uma condição hereditária horrivelmente desfigurante conhecida como doença de Brocq. As vítimas da doença de Brocq desenvolvem uma cobertura espessa e córnea sobre a pele que se assemelha às escamas de um réptil. A pele pode tornar-se tão endurecida e rígida que até mesmo o menor movimento fará com que ela se rache e sangre. Muitas das chamadas pessoas com pele de crocodilo em shows paralelos de circo eram, na verdade, indivíduos com a doença de Brocq e, devido ao risco de infecção, as vítimas da doença de Brocq costumavam ter uma expectativa de vida relativamente curta.

A doença de Brocq era incurável até 1951, quando um menino de dezasseis anos com um caso avançado da doença foi encaminhado como último recurso a um hipnoterapeuta chamado A. A. Mason no Hospital Queen Victoria, em Londres. Mason descobriu que o menino era um bom sujeito hipnótico e poderia facilmente ser colocado num estado de transe profundo. Enquanto o menino estava em transe, Mason disse-lhe que a sua doença de Brocq estava a curar e logo desapareceria. Cinco dias depois, a camada escamosa que cobria o braço esquerdo do menino caiu, revelando uma carne macia e saudável por baixo. Ao final de dez dias, o braço estava completamente normal. Mason e o menino continuaram a trabalhar em diferentes áreas do corpo até que toda a pele escamosa desaparecesse. O menino permaneceu sem sintomas por pelo menos cinco anos, momento em que Mason perdeu contato com ele.

Isso é extraordinário porque a doença de Brocq é uma condição genética e livrar-se dela envolve mais do que apenas controlar processos autónomos, como padrões de fluxo sanguíneo e várias células do sistema imunológico. Significa entrar no plano mestre, a nossa programação de DNA em si. Portanto, parece que, quando acedemos aos estratos certos das nossas crenças, as nossas mentes podem substituir até mesmo a nossa composição genética.



Figura 11. Uma radiografia de 1962 mostrando o grau de desintegração do osso do quadril de Vittorio Michelli como resultado do seu sarcoma maligno. Restou tão pouco osso que a bola da sua perna estava a flutuar livremente numa massa de tecido mole, representada como névoa cinza no raio-X.



Figura 12. Depois de uma série de banhos na primavera em Lourdes, Michelli experimentou uma cura milagrosa. O osso do quadril regenerou-se completamente ao longo de vários meses, um feito atualmente considerado impossível pela ciência médica. Esta radiografia, de 1965, mostra a sua articulação do quadril milagrosamente restaurada. [Fonte: Michel-Marie Salmon, *A Cura Extraordinária de Vittorio Michelli*. Usado com permissão].

AS CRENÇAS REALIZADAS EM NOSSA FÉ

Talvez os tipos de crença mais poderosos de todos sejam aqueles que expressamos por meio da fé espiritual. Em 1962, um homem chamado Vittorio Michelli foi internado no Hospital Militar de Verona, Itália, com um grande tumor cancerígeno no quadril esquerdo (ver fig. 11). O seu prognóstico era tão terrível que foi mandado para casa sem tratamento e, em dez meses, o seu quadril desintegrou-se completamente, deixando o osso da coxa a flutuar em nada mais do que uma massa de tecido mole. Ele estava, literalmente, a desmoronar. Como último recurso, viajou para Lourdes e banhou-se na primavera (a essa altura já estava engessado e os seus movimentos eram bastante restritos). Imediatamente ao entrar na água, teve uma sensação de calor a percorrer o seu corpo. Depois do banho, o seu apetite voltou e ele sentiu uma energia renovada. Ele tomou vários banhos mais e depois voltou para casa.

Ao longo do mês seguinte, ele sentiu uma sensação tão crescente de bem-estar que insistiu que os seus médicos fizessem um raio-X novamente. Eles descobriram que o seu tumor era menor. Eles ficaram tão intrigados que documentaram cada etapa dessa melhoria. Foi uma coisa boa porque depois que o tumor de Michelli desapareceu, o seu osso começou a regenerar-se, e a comunidade médica geralmente vê isso como uma impossibilidade. Em dois meses, ele estava de pé e a andar novamente e, ao longo dos anos seguintes, o seu osso reconstruiu-se completamente (ver fig. 12).

Um dossiê sobre o caso de Michelli foi enviado à Comissão Médica do Vaticano, um painel internacional de médicos criado para investigar essas questões, e depois de examinar as evidências, a comissão decidiu que Michelli realmente havia experimentado um milagre. Como a comissão declarou nos seu relatório oficial, "Uma notável reconstrução do osso e da cavidade ilíaca ocorreu. Os raios X feitos em 1964, 1965, 1968 e 1969 confirmam categoricamente e sem dúvida que uma reconstrução óssea imprevista e até esmagadora de um tipo desconhecido teve lugar nos anais da medicina mundial."*

A cura de Michelli foi um milagre no sentido de que violou qualquer uma das leis conhecidas da física? Embora o júri permaneça decidido sobre esta questão, não parece haver nenhuma razão clara para acreditar que alguma lei foi violada. Em vez disso, a cura de Michelli pode ser simplesmente devida a processos naturais que ainda não compreendemos. Dada a gama fenomenal de capacidades de cura que examinámos até agora, está claro que existem muitos caminhos de interação entre a mente e o corpo que ainda não compreendemos.

* Em um exemplo verdadeiramente impressionante de sincronicidade, enquanto eu estava a escrever estas mesmas palavras, uma carta chegou pelo correio informando-me que uma amiga que mora em Kauai, Havaí, e cujo quadril havia se desintegrado devido ao câncer, também experimentou uma "inexplicável" e regeneração completa do seu osso. As ferramentas que ela empregou para efetuar a sua recuperação foram quimioterapia, meditação extensiva e exercícios de imagens mentais. A história da sua cura foi relatada nos jornais havaianos.

Se a cura de Michelli foi atribuída a um processo natural não descoberto, seria melhor perguntarmos: Por que a regeneração óssea é tão rara e o que a desencadeou no caso de Michelli? Pode ser que a regeneração óssea seja rara porque alcançá-la requer o acesso a níveis muito profundos da psique, níveis geralmente não alcançados por meio das atividades normais da consciência. Esse parece ser o motivo pelo qual a hipnose é necessária para provocar a remissão da doença de Brocq. Quanto ao que desencadeou a cura de Michelli, dado o papel que a crença desempenha em tantos exemplos de plasticidade mente/corpo, é certamente o principal suspeito. Será que, por meio da sua fé no poder de cura de Lourdes, Michelli de alguma forma, consciente ou acidentalmente, efetuou a sua própria cura!

Há fortes evidências de que a crença, e não a intervenção divina, é o motor principal em pelo menos algumas das chamadas ocorrências milagrosas. Lembre-se de que Mohotty alcançou o seu autocontrole sobrenatural orando a Kataragama e, a menos que estejamos dispostos a aceitar a existência de Kataragama, as habilidades de Mohotty parecem melhor explicadas pela sua *crença* profunda e permanente de que estava divinamente protegido. O mesmo parece ser verdade para muitos milagres produzidos por milagreiros cristãos e santos.

Um milagre cristão que parece ser gerado pelo poder da mente são os estigmas. A maioria dos estudiosos da Igreja concorda que São Francisco de Assis foi a primeira pessoa a manifestar espontaneamente as feridas da crucificação, mas desde a sua morte houve literalmente centenas de outros estigmatistas. Embora dois ascetas não exibam os estigmas da mesma maneira, todos têm uma coisa em comum. De São Francisco em diante, todos tiveram feridas nas mãos e nos pés que representam onde Cristo foi pregado na cruz. Isso não é o que se esperaria se os estigmas fossem dados por Deus. Como o parapsicólogo D. Scott Rogo, membro do corpo docente da Universidade John F. Kennedy em Orinda, Califórnia, aponta, era costume romano colocar os pregos nos *pulsos*, e restos de esqueletos da época de Cristo confirmam isso. As unhas inseridas nas mãos não podem suportar o peso de um corpo pendurado numa cruz.

Por que São Francisco e todos os outros estigmatistas que vieram depois dele acreditaram que os buracos dos pregos passavam pelas mãos? Porque é assim que as feridas são retratadas pelos artistas desde o século VIII. Que a posição e até mesmo o tamanho e a forma dos estigmas foram influenciados pela arte é especialmente evidente no caso de uma estigmatista italiana chamada Gemma Galgani, que morreu em 1903. As feridas de Gemma refletiam precisamente os estigmas do seu crucifixo favorito.

Outro pesquisador que acreditava que os estigmas são autoinduzidos foi Herbert Thurston, um padre inglês que escreveu vários volumes sobre milagres. Em seu tour de force *The Physical Phenomena of Mysticism*, publicado postumamente em 1952, ele listou várias razões pelas quais ele pensava que os estigmas eram um produto da autossugestão. O tamanho, a forma e a localização das feridas variam de estigmatista para estigmatista, uma inconsistência que indica que não derivam de uma fonte comum, ou seja, as feridas reais de

Cristo. Uma comparação das visões vivenciadas por vários estigmatistas também mostra pouca consistência, sugerindo que elas não são reencenações da crucificação histórica, mas são, em vez disso, produtos das próprias mentes dos estigmatistas. E talvez o mais significativo de tudo, uma percentagem surpreendentemente grande de estigmatistas também sofria de histeria, facto que Thurston interpretou como uma indicação adicional de que os estigmas são o efeito colateral de uma psique volátil e anormalmente emocional, e não necessariamente o produto de uma psique iluminada. Em vista de tais evidências, não é de admirar que mesmo alguns dos membros mais liberais da liderança católica acreditem que os estigmas são o produto da "contemplação mística", isto é, que são criados pela mente durante períodos de meditação intensa.

Se os estigmas são produtos da autossugestão, o alcance do controlo que a mente tem sobre o corpo holográfico deve ser expandido ainda mais. Como as feridas de Mohotty, os estigmas também podem curar-se com uma velocidade desconcertante. A plasticidade quase ilimitada do corpo é ainda evidenciada na capacidade de alguns estigmatistas de desenvolver protuberâncias semelhantes a unhas no meio das suas feridas. Mais uma vez, São Francisco foi o primeiro a exibir esse fenómeno. Segundo Tomás de Celano, testemunha ocular dos estigmas de São Francisco e também o seu biógrafo: "As suas mãos e pés pareciam perfurados por pregos no meio. Essas marcas eram arredondadas na parte interna das mãos e alongadas na parte externa, e certos pequenos pedaços de carne eram vistos como pontas de unhas dobradas e recuadas, projetando-se do resto da carne."

Outro contemporâneo de São Francisco, São Boaventura, também testemunhou os estigmas do santo e disse que as unhas eram tão bem definidas que era possível deslizar um dedo por baixo delas e nas feridas. Embora as unhas de São Francisco parecessem compostas de carne enegrecida e endurecida, elas *possuíam* outra qualidade semelhante a um prego. Segundo Thomas de Celano, se um prego fosse pressionado de um lado, ele instantaneamente se projetaria do outro lado, da mesma forma que se fosse um prego de verdade a ser deslizado para frente e para trás no meio da mão!

Therese Neumann, a conhecida estigmatista bávara que morreu em 1962, também tinha protuberâncias semelhantes a pregos. Como São Francisco, eles eram aparentemente formados de pele endurecida. Eles foram examinados minuciosamente por vários médicos e descobriram que eram estruturas que passavam completamente pelas suas mãos e pés. Ao contrário das feridas de São Francisco, que se abriam continuamente, as de Neumann abriam apenas periodicamente e, quando pararam de sangrar, uma membrana macia como um tecido cresceu rapidamente sobre eles.

Outros estigmatistas exibiram alterações profundas semelhantes nos seus corpos. Padre Pio, o famoso estigmático italiano falecido em 1968, tinha feridas estigmatizadas que lhe passaram completamente pelas mãos. Um ferimento em seu lado era tão profundo que os médicos que o examinaram tiveram medo de medi-lo por medo de danificar os seus órgãos internos. A Venerável Giovanna Maria Solimani, uma estigmatista italiana do século

XVIII, tinha feridas nas mãos profundas o suficiente para enfiar uma chave. Como acontece com todas as feridas de estigmatistas, as dela nunca se deterioraram, infeccionaram ou mesmo inflamaram. E outra estigmática do século XVIII, Santa Verónica Giuliani, uma abadessa de um convento em Citta di Castello, na Úmbria, Itália, tinha uma grande ferida nas costas que se *abria e fechava sob comando*.

IMAGENS PROJETADAS FORA DO CÉREBRO

O modelo holográfico despertou o interesse de pesquisadores na União Soviética, e dois psicólogos soviéticos, Dr. Alexander P. Dubrov e Dr. Veniamin N. Pushkin, escreveram extensivamente sobre a ideia. Eles acreditam que as capacidades de processamento de frequência do cérebro não provam por si mesmas a natureza holográfica das imagens e pensamentos na mente humana. Eles, no entanto, sugeriram o que poderia constituir tal prova. Dubrov e Pushkin acreditam que se um exemplo pudesse ser encontrado em que o cérebro projetasse uma imagem fora de si mesmo, a natureza holográfica da mente seria demonstrada de forma convincente. Ou, para usar as suas próprias palavras, "Registos de ejeção de estruturas psicofísicas fora do cérebro forneceriam evidências diretas de hologramas cerebrais."

Na verdade, Santa Verónica Giuliani parece fornecer tais evidências. Durante os últimos anos da sua vida, ela convenceu-se de que as imagens da Paixão - uma coroa de espinhos, três pregos, uma cruz e uma espada - haviam ficado gravadas no seu coração. Ela fez desenhos e até observou onde estavam localizados. Depois que ela morreu, uma autópsia revelou que os símbolos estavam de facto gravados no seu coração exatamente como ela os havia representado. Os dois médicos que realizaram a autópsia assinaram declarações juramentadas atestando a sua descoberta.

Outros estigmatistas tiveram experiências semelhantes. Santa Teresa de Ávila teve a visão de um anjo a perfurar o seu coração com uma espada, e depois que ela morreu, uma fissura profunda foi encontrada no seu coração. O seu coração, com o ferimento de espada miraculoso ainda claramente visível, agora está em exibição como uma relíquia em Alba de Tormes, Espanha.". Uma estigmatista francesa do século XIX chamada Marie-Julie Jahenny vivia a ver a imagem de uma flor na sua mente e, eventualmente, uma imagem da flor apareceu no seu peito. Permaneceu lá por vinte anos. Essas habilidades também não se limitam aos estigmatistas. Em 1913, uma menina de 12 anos da aldeia de Bussus-Bus-Suel, perto de Abbeville, França, ganhou as manchetes quando foi descoberto que ela podia conscientemente comandar imagens, como fotos de cães e cavalos, para aparecer nos seus braços, pernas e ombros. Ela também podia produzir palavras, e quando alguém lhe fazia uma pergunta, a resposta apareceria instantaneamente na sua pele.

Certamente, tais demonstrações são exemplos de ejeção de estruturas psicofísicas para fora do cérebro. Na verdade, e de certa forma, os próprios estigmas, especialmente aqueles em que a carne se formou em protuberâncias semelhantes a pregos, são exemplos do cérebro a projetar imagens fora de si e as impressionando na argila mole do corpo holográfico. O Dr. Michael Grosso, filósofo do Jersey City State College que escreveu extensivamente sobre o assunto dos milagres, também chegou a essa conclusão. Grosso, que viajou à Itália para estudar em primeira mão os estigmas do Padre Pio, afirma: “Uma das categorias na minha tentativa de analisar o Padre Pio é dizer que ele tinha a capacidade de transformar simbolicamente a realidade física. Por outras palavras, o nível de consciência que ele estava a operar capacitou-o a transformar a realidade física à luz de certas ideias simbólicas, por exemplo, ele se identificou com as feridas da crucificação e o seu corpo tornou-se permeável a esses símbolos psíquicos, gradualmente assumindo a sua forma.”.

Assim, parece que, por meio do uso de imagens, o cérebro pode dizer ao corpo o que fazer, inclusive para fazer mais imagens. Imagens que fazem imagens. Dois espelhos que se refletem infinitamente. Essa é a natureza da relação mente/corpo num universo holográfico.

LEIS CONHECIDAS E DESCONHECIDAS

No início deste capítulo, eu disse que, em vez de examinar os vários mecanismos que a mente usa para controlar o corpo, o capítulo seria dedicado principalmente a explorar o alcance desse controlo. Ao fazer isso, não tive a intenção de negar ou diminuir a importância de tais mecanismos. Eles são cruciais para a nossa compreensão da relação mente/corpo, e novas descobertas nessa área parecem surgir todos os dias.

Por exemplo, numa conferência recente sobre psiconeuroimunologia - uma nova ciência que estuda a maneira como a mente (psico), o sistema nervoso (neuro) e o sistema imunológico (imunologia) interagem - Candace Pert, chefe de bioquímica cerebral do National Institute of Mental Health, anunciou que as células do sistema imunológico têm recetores de neuropeptídeos. Os neuropeptídeos são moléculas que o cérebro usa para se comunicar, os telegramas do cérebro, por assim dizer. Houve um tempo em que se acreditava que os neuropeptídeos só podiam ser encontrados no cérebro. Mas a existência de recetores (recetores de telegramas) nas células do nosso sistema imunológico implica que o sistema imunológico não está separado, mas é uma extensão do cérebro. Neuropeptídeos também foram encontrados em várias outras partes do corpo, levando Pert a admitir que não consegue mais dizer onde termina o cérebro e começa o corpo.

Excluí tais particularidades, não apenas porque senti que examinar até que ponto a mente pode moldar e controlar o corpo era mais relevante para a discussão em questão, mas também porque os processos biológicos responsáveis pelas interações mente/corpo são um assunto muito vasto para este livro. No início da secção sobre milagres, eu disse que

não havia razão clara para acreditar que a regeneração óssea de Michelli não pudesse ser explicada pelo nosso conhecimento atual da física. Isso é menos verdadeiro para os estigmas. Também parece não ser muito verdadeiro para vários fenômenos paranormais relatados por indivíduos confiáveis ao longo da história e, recentemente, por vários biólogos, físicos e outros pesquisadores.

Neste capítulo, examinamos coisas surpreendentes que a mente pode fazer e que, embora não sejam totalmente compreendidas, não parecem violar nenhuma das leis conhecidas da física. No próximo capítulo, veremos algumas das coisas que a mente pode fazer que não podem ser explicadas pelo nosso conhecimento científico atual. Como veremos, a ideia holográfica também pode lançar luz nessas áreas. Aventurar-se nesses territórios envolverá ocasionalmente pisar no que pode à primeira vista ser um terreno instável e examinar fenômenos ainda mais vertiginosos e incríveis do que as feridas de Mohotty que curam rapidamente e as imagens no coração de Santa Verónica Giuliani. Mas, novamente, descobriremos que, apesar da sua natureza assustadora, a ciência também está a começar a fazer incursões nesses territórios.

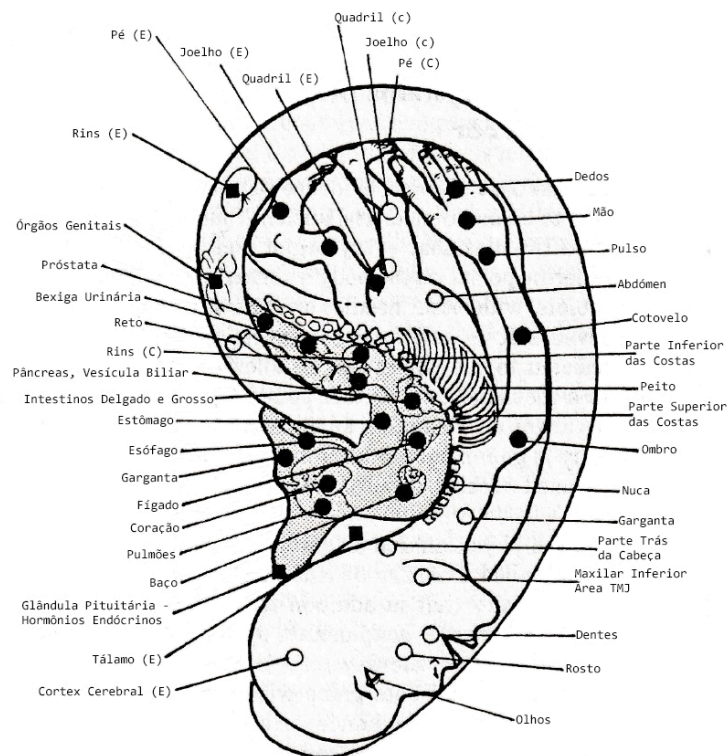
MICROSSISTEMAS DE ACUPUNTURA E O HOMENZINHO NA ORELHA

Antes de encerrar, uma última evidência da natureza holográfica do corpo merece ser mencionada. A antiga arte chinesa da acupuntura é baseada na ideia de que cada órgão e osso do corpo está conectado a pontos específicos na superfície do corpo. Ao ativar esses pontos de acupuntura, com agulhas ou alguma outra forma de estimulação, acredita-se que doenças e desequilíbrios que afetam as partes do corpo conectadas aos pontos podem ser aliviados e até curados. Existem mais de mil pontos de acupuntura organizados em linhas imaginárias chamados meridianos na superfície do corpo. Embora ainda seja controversa, a acupuntura está a ganhar aceitação na comunidade médica e até mesmo foi usada com sucesso para tratar a dor crônica nas costas em cavalos de corrida.

Em 1957, um médico e acupunturista francês chamado Paul Nogier publicou um livro chamado *Tratado de Auriculoterapia*, no qual anunciava a sua descoberta de que, além do principal sistema de acupuntura, existem dois sistemas menores de acupuntura em ambas as orelhas. Ele apelidou-os de *microssistemas de acupuntura* e observou que, quando alguém jogava uma espécie de jogo de conectar os pontos com eles, eles formavam um mapa anatômico de um humano em miniatura invertido como um feto (ver fig. 13). Sem o conhecimento de Nogier, os chineses descobriram o "homenzinho na orelha" quase 4.000 anos antes, mas um mapa do sistema auditivo chinês não foi publicado até que Nogier já tivesse reivindicado a ideia.

O homenzinho na orelha não é apenas um encantador aparte na história da acupuntura. O Dr. Terry Oleson, psicobiólogo da Pain Management Clinic da Escola de

Medicina da Universidade da Califórnia em Los Angeles, descobriu que o microsistema da orelha pode ser usado para diagnosticar com precisão o que está a acontecer no corpo. Por exemplo, Oleson descobriu que o aumento da atividade elétrica num dos pontos de acupuntura na orelha geralmente indica uma condição patológica (passada ou presente) na área correspondente do corpo. Num estudo, quarenta pacientes foram examinados para determinar as áreas do corpo onde sentiam dor crónica. Após o exame, cada paciente foi envolto num lençol para ocultar quaisquer problemas visíveis. Então, um acupunturista sem conhecimento dos resultados examinou apenas as suas orelhas. Quando os resultados foram apurados, descobriu-se que os exames da orelha estavam de acordo em 75,2% com o diagnóstico médico estabelecido da época.



C = Sistema de Acupuntura da Orelha Chinês

E = Sistema Europeu de Auriculoterapia

FIGURA 13. O homenzinho na orelha. Os acupunturistas descobriram que os pontos de acupuntura na orelha formam o contorno de um ser humano em miniatura. O Dr. Terry Oleson, psicobiólogo da Escola de Medicina da UCLA, acredita que é porque o corpo é um holograma e cada uma das suas porções contém uma imagem do todo [Copyright Dr. Terry Oleson, Escola de Medicina da UCLA. Usado com permissão].

Os exames da orelha também podem revelar problemas nos ossos e órgãos internos. Uma vez, quando Oleson estava a passear de barco com um conhecido, percebeu uma

mancha de pele anormalmente escamosa numa das orelhas do homem. Da sua pesquisa, Oleson sabia que o local correspondia ao coração, e ele sugeriu ao homem que fizesse um exame cardíaco. O homem foi ao médico no dia seguinte e descobriu que tinha um problema cardíaco que exigia uma cirurgia cardíaca imediata.

Oleson também usa estimulação elétrica dos pontos de acupuntura de orelha para tratar dores crônicas, problemas de peso, perda de audição e virtualmente todos os tipos de vícios. Num estudo com 14 indivíduos viciados em narcóticos, Oleson e os seus colegas usaram acupuntura de orelha para eliminar as necessidades de drogas de 12 deles numa média de 5 dias e com apenas sintomas mínimos de abstinência. Na verdade, a acupuntura auricular provou ser tão bem-sucedida em trazer desintoxicação rápida de narcóticos que clínicas, tanto em Los Angeles quanto em Nova York, agora estão a usar a técnica para tratar viciados em ruas.

Por que os pontos de acupuntura na orelha seriam alinhados na forma de um humano em miniatura? Oleson acredita que é por causa da natureza holográfica da mente e do corpo. Assim como cada parte de um holograma contém a imagem do todo, cada parte do corpo também pode conter a imagem do todo. “A holografia da orelha está, logicamente, conetada à holografia do cérebro, que por sua vez está conetada a todo o corpo”, afirma. “A maneira como usamos a orelha para afetar o resto do corpo é trabalhar através da holografia do cérebro.”.

Oleson acredita que provavelmente existam microssistemas de acupuntura em outras partes do corpo também. O Dr. Ralph Alan Dale, diretor do Acupuncture Education Center em North Miami Beach, Flórida, concorda. Depois de passar as últimas duas décadas rastreando dados clínicos e de pesquisa da China, Japão e Alemanha, ele acumulou evidências de dezoito hologramas de microacupuntura diferentes no corpo, incluindo os das mãos, pés, braços, pescoço, língua e até mesmo as gengivas. Como Oleson, Dale sente que esses microssistemas são "reiteraões holográficas da anatomia grosseira" e acredita que ainda há outros sistemas à espera de serem descobertos. Em uma noção que lembra a afirmação de Bohm de que cada elétron de alguma forma contém o cosmos, Dale hipotetiza que cada dedo, e até mesmo cada célula, pode conter o seu próprio microssistema de acupuntura.

Richard Leviton, editor colaborador da revista *East West*, que escreveu sobre as implicações holográficas dos microssistemas de acupuntura, acha que técnicas médicas alternativas - como a reflexologia, um tipo de massagem terapêutica que envolve o acesso a todos os pontos do corpo por meio da estimulação dos pés e iridologia, uma técnica de diagnóstico que envolve o exame da íris do olho para determinar a condição do corpo - também podem ser indicações da natureza holográfica do corpo. Leviton admite que nenhum dos campos foi comprovado experimentalmente (estudos de iridologia, em particular, produziram resultados extremamente conflitantes), mas sente que a ideia holográfica oferece uma maneira de compreendê-los se a sua legitimidade for estabelecida.

Leviton acha que pode até haver algo na quiromancia. Com isso, ele não se refere ao tipo de leitura manual praticada por videntes que se sentam em vitrines de vidro e acenam para que as pessoas entrem, mas a versão indiana de 4.500 anos da ciência. Ele baseia a sua sugestão no seu próprio encontro profundo com um leitor manual indiano que vive em Montreal e que possui um doutorado no assunto pela Universidade de Agra, na Índia. "O paradigma holográfico fornece às afirmações mais esotéricas e controversas da quiromancia um contexto para validação", diz Leviton.

É difícil avaliar o tipo de quiromancia praticada pelo leitor de mãos indiano de Leviton na ausência de estudos duplo-cegos, mas a ciência está a começar a aceitar que pelo menos algumas informações sobre o nosso corpo estão contidas nas linhas e espirais das nossas mãos. Herman Weinreb, neurologista da Universidade de Nova York, descobriu que um padrão de impressão digital denominado alça ulnar ocorre com mais frequência em pacientes com Alzheimer do que em não portadores (ver fig. 14). Em um estudo com 50 pacientes com Alzheimer e 50 indivíduos normais, 72% do grupo de Alzheimer apresentou o padrão em pelo menos 8 pontas dos dedos, em comparação com apenas 26% no grupo de controlo. Daqueles com alças ulnar em todas as 10 pontas dos dedos, 14 eram portadores de Alzheimer, mas apenas 4 membros do grupo de controlo tinham o padrão.

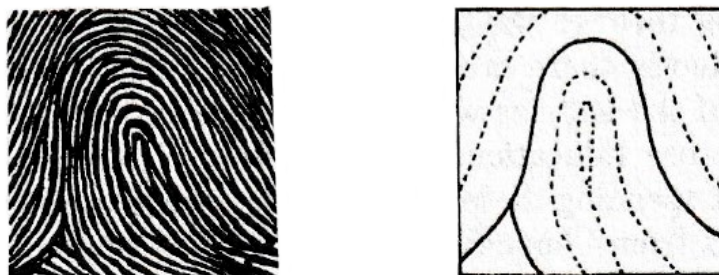


FIGURA 14. Os neurologistas descobriram que os pacientes com Alzheimer têm uma chance maior do que a média de apresentar um padrão distinto de impressão digital conhecido como *alça ulnar*. Pelo menos dez outras deficiências genéticas comuns também estão associadas a vários padrões na mão. Essas descobertas podem fornecer evidências da afirmação do modelo holográfico de que cada parte do corpo contém informações sobre o todo. [Redesenhado pelo autor a partir de arte original na revista *Medicine*).

Sabe-se agora que 10 deficiências genéticas comuns, incluindo a síndrome de Down, também estão associadas a vários padrões na mão. Os médicos na Alemanha Ocidental estão agora a usar essas informações para analisar as impressões das mãos dos pais e ajudar a determinar se as gestantes devem submeter-se à amniocentese, um procedimento de triagem genética potencialmente perigoso em que uma agulha é inserida no útero para retirar o líquido amniótico para exames laboratoriais.

Pesquisadores do Instituto de Dermatoglifia da Alemanha Ocidental em Hamburgo até desenvolveram um sistema de computador que usa um scanner optoelétrico para tirar uma "foto" digitalizada da mão de um paciente. Em seguida, ele compara a mão com as 10.000 outras impressões na sua memória, faz a varredura para os quase 50 padrões distintos agora conhecidos por estarem associados a várias deficiências hereditárias e calcula rapidamente os fatores de risco do paciente. Portanto, talvez não devamos ser tão rápidos em descartar a quiromancia imediatamente. As linhas e espirais nas nossas palmas podem conter mais sobre todo o nosso ser do que imaginamos.

APROVEITANDO OS PODERES HOLOGRÁFICOS DO CÉREBRO

Ao longo deste capítulo, duas mensagens amplas são transmitidas em alto e bom som. De acordo com o modelo holográfico, a mente/corpo, em última análise, não consegue distinguir a diferença entre os hologramas neurais que o cérebro usa para experimentar a realidade e aqueles que ele evoca ao imaginar a realidade. Ambos têm um efeito dramático no organismo humano, um efeito tão poderoso que pode modular o sistema imunológico, duplicar e/ou negar os efeitos de drogas potentes, curar feridas com incrível rapidez, derreter tumores, substituir a nossa programação genética e remodelar a nossa carne viva de maneiras que quase desafiam a crença. Esta então é a primeira mensagem: que cada um de nós possui a habilidade, pelo menos em algum nível, de influenciar a nossa saúde e controlar a nossa forma física de maneiras que são nada menos que deslumbrantes. Todos nós somos potenciais trabalhadores de maravilhas, iogues adormecidos, e é claro, pelas evidências apresentadas nas páginas anteriores, que caberia a nós, tanto como indivíduos quanto como espécie, devotarmos muito mais esforços para explorar e aproveitar esses talentos.

A segunda mensagem é que os elementos que compõem esses hologramas neurais são muitos e sutis. Eles incluem as imagens sobre as quais meditamos, as nossas esperanças e medos, as atitudes dos nossos médicos, os nossos preconceitos inconscientes, as nossas crenças individuais e culturais e a nossa fé em coisas espirituais e tecnológicas. Mais do que apenas factos, essas são pistas importantes, sinais que apontam para as coisas das quais devemos nos conscientizar e adquirir domínio se quisermos aprender como libertar e manipular esses talentos. Existem, sem dúvida, outros fatores envolvidos, outras influências que moldam e circunscrevem essas habilidades, pois uma coisa agora deve ser óbvia. Em um universo holográfico, um universo em que uma ligeira mudança de atitude pode significar a diferença entre a vida e a morte, em que as coisas estão tão sutilmente interligadas que um sonho pode evocar o aparecimento inexplicável de um escaravelho e os fatores responsáveis por uma doença também pode evocar um certo padrão nas linhas e espirais da mão, temos motivos para suspeitar que cada efeito tem causas múltiplas. Cada ligação é o ponto de

partida de mais uma dúzia, pois nas palavras de Walt Whitman, "Uma vasta similitude interliga todos".

Capítulo 5

UM BOLSO CHEIO DE MILAGRES

Milagres acontecem, não em oposição à Natureza, mas em oposição ao que conhecemos da Natureza.

- Santo Agostinho

Todos os anos, em setembro e maio, uma grande multidão reúne-se no Duomo San Gennaro, a principal catedral de Nápoles, para testemunhar um milagre. O milagre envolve um pequeno frasco contendo uma substância crocante marrom supostamente o sangue de San Gennaro, ou São Januário, que foi decapitado pelo imperador romano Diocleciano em 305 DC. Segundo a lenda, depois que o santo foi martirizado, uma serva coletou um pouco do seu sangue como uma relíquia. Ninguém sabe exatamente o que aconteceu depois disso, exceto que o sangue só voltou a borbulhar no final do século XIII, quando foi guardado em um relicário de prata na catedral.

O milagre é que, duas vezes por ano, quando a multidão grita com o frasco, a substância crocante marrom transforma-se num líquido vermelho brilhante e borbulhante. Não há dúvida de que o líquido é sangue de verdade. Em 1902, um grupo de cientistas da Universidade de Nápoles fez uma análise espectroscópica do líquido, passando um feixe de luz por ele, verificando se era sangue. Infelizmente, como o relicário que contém o sangue é tão antigo e frágil, a igreja não permite que seja aberto para que outros testes possam ser feitos, e por isso o fenômeno nunca foi completamente estudado.

Mas há mais evidências de que a transformação é um evento mais do que comum. Ocasionalmente, ao longo da história (o primeiro relato escrito da realização pública do milagre data de 1389), quando o frasco é retirado, o sangue recusa-se a liquefazer-se. Embora raro, isso é considerado um mau presságio pelos cidadãos de Nápoles. No passado, o fracasso do milagre precedeu diretamente a erupção do Vesúvio e a invasão napoleônica de Nápoles. Mais recentemente, em 1976 e 1978, pressagiou o pior terremoto da história italiana e a eleição de um governo municipal comunista em Nápoles, respetivamente.

A liquefação do sangue de San Gennaro é um milagre? Parece que sim, pelo menos no sentido de que parece impossível explicar mediante as leis científicas conhecidas. A liquefação é causada pelo próprio San Gennaro? Meu próprio sentimento é que a causa mais provável é a intensa devoção e crença das pessoas que testemunharam o milagre. Digo isso porque quase todos os milagres realizados por santos e milagres das grandes religiões do mundo também foram duplicados por médiuns. Isso sugere que, como acontece com os estigmas, os milagres são produzidos por forças que estão nas profundezas da mente humana, forças que estão latentes em todos nós. O próprio Herbert Thurston, o sacerdote

que escreveu *The Physical Phenomena of Mysticism*, estava ciente dessa semelhança e relutava em atribuir qualquer milagre a uma causa verdadeiramente sobrenatural (em oposição a uma causa psíquica ou paranormal). Outra evidência que apoia essa ideia é que muitos estigmatistas, incluindo Padre Pio e Therese Neumann, também eram famosos pelas suas habilidades psíquicas.

Uma habilidade psíquica que parece desempenhar um papel nos milagres é a psicocinese ou PK. Visto que o milagre de San Gennaro envolve uma alteração física da matéria, PK é certamente um provável suspeito. Rogo acredita que o PK também é responsável por alguns dos aspectos mais dramáticos dos estigmas. Ele sente que está bem dentro das capacidades biológicas normais do corpo fazer com que pequenos vasos sanguíneos sob a pele se rompam e produzam sangramento superficial, mas apenas a PK pode ser responsável pelo rápido aparecimento de grandes feridas. Resta saber se isso é verdade ou não, mas o PK é claramente um fator em alguns dos fenômenos que acompanham os estigmas. Quando o sangue fluía das feridas nos pés de Therese Neumann, sempre fluía em direção aos dedos dos pés - exatamente como teria saído das feridas de Cristo quando ele estava na cruz - independentemente de como os pés dela estivessem posicionados. Isso significava que, quando ela estava sentada na cama, o sangue realmente *fluía para cima, contrariando a força da gravidade*. Isso foi observado por várias testemunhas, incluindo muitos militares dos EUA estacionados na Alemanha após a guerra que visitaram Neumann para testemunhar as suas habilidades milagrosas. Fluxos de sangue que desafiam a gravidade também foram relatados em outros casos de estigmas.

Tais eventos deixam-nos perplexos porque a nossa visão de mundo atual não nos fornece um contexto para entender a PK. Bohm acredita que ver o universo como um holomovimento fornece-nos um contexto. Para explicar o que ele quis dizer, ele pede-nos que consideremos a seguinte situação. Imagine que você está a andar numa rua tarde da noite e uma sombra de repente surge do nada. O seu primeiro pensamento pode ser que a sombra é um agressor e você está em perigo. As informações contidas neste pensamento, por sua vez, darão origem a uma série de atividades imaginárias, como correr, ser ferido e lutar. A presença dessas atividades imaginadas na sua mente, no entanto, não é um processo puramente "mental", pois elas são inseparáveis de uma série de processos biológicos relacionados, como excitação dos nervos, batimento cardíaco acelerado, libertação de adrenalina e outros hormônios, tensionamento dos músculos e assim por diante. Por outro lado, se o seu primeiro pensamento é que a sombra é apenas uma sombra, um conjunto diferente de respostas mentais e biológicas se seguirá. Além disso, uma pequena reflexão revelará que reagimos mental e biologicamente a tudo o que experimentamos.

De acordo com Bohm, o ponto importante a ser deduzido disso é que a consciência não é a única coisa que pode responder ao *significado*. O corpo também pode responder, e isso revela que o significado é simultaneamente de natureza mental e física. Isso é estranho, pois normalmente pensamos em significado como algo que só pode ter um efeito ativo na

realidade subjetiva, nos pensamentos dentro das nossas cabeças, não algo que pode engendrar uma resposta no mundo físico das coisas e objetos. O significado "pode, portanto, servir como elo ou 'ponte' entre esses dois lados da realidade", afirma Bohm. "Esta ligação é indivisível no sentido de que a informação contida no pensamento, que sentimos estar no lado 'mental', é ao mesmo tempo uma atividade neurofisiológica, química e física, que é claramente o que este pensamento significa no lado 'material'.

Bohm acha que exemplos de significado objetivamente ativo podem ser encontrados em outros processos físicos. Um é o funcionamento de um chip de computador. Um chip de computador contém informações, e o significado das informações está ativo no sentido de que determina como as correntes elétricas fluem pelo computador. Outro é o comportamento das partículas subatômicas. A visão ortodoxa da física é que as ondas quânticas agem mecanicamente sobre uma partícula, controlando o seu movimento da mesma forma que as ondas do oceano podem controlar uma bola de pingue-pongue que flutua na sua superfície. Mas Bohm não acha que essa visão possa explicar, por exemplo, a dança coordenada de elétrons num plasma mais do que o movimento das ondas da água poderia explicar um movimento igualmente bem coreografado de bolas de pingue-pongue se tal movimento fosse descoberto na superfície do oceano. Ele acredita que a relação entre partícula e onda quântica é mais como uma nave em piloto automático guiada por ondas de radar. Uma onda quântica não empurra um elétron mais do que uma onda de radar empurra uma nave. Em vez disso, fornece ao elétron informações sobre o seu ambiente, que o elétron usa para manobrar por conta própria.

Por outras palavras, Bohm acredita que um elétron não é apenas semelhante à mente, mas é uma entidade altamente complexa, muito longe da visão padrão de que um elétron é um ponto simples e sem estrutura. O uso ativo da informação pelos elétrons e, na verdade, por todas as partículas subatômicas, indica que a capacidade de responder ao significado é uma característica não apenas da consciência, mas de toda a matéria. É essa comunalidade intrínseca, diz Bohm, que oferece uma possível explicação para a PK. Ele afirma: "Com base nisso, a psicocinese poderia surgir se os processos mentais de uma ou mais pessoas estivessem focados em significados que estivessem em harmonia com aqueles que orientam os processos básicos dos sistemas materiais nos quais essa psicocinésia deveria ocorrer.

É importante observar que esse tipo de psicocinésia não seria decorrente de um processo causal, ou seja, uma relação de causa e efeito envolvendo qualquer uma das forças conhecidas na física. Em vez disso, seria o resultado de um tipo de "ressonância de significados" não local ou um tipo de interação não local semelhante, mas não igual à interconexão não local que permite que um par de fótons gêmeos manifestem o mesmo ângulo de polarização que vimos no capítulo 2 (por razões técnicas, Bohm acredita que a mera não localidade quântica não pode explicar a PK nem a telepatia, e apenas uma forma mais profunda de não localidade, um tipo de "super" não localidade, ofereceria tal explicação).

O GREMLIN NA MÁQUINA

Outro pesquisador cujas ideias sobre PK são semelhantes às de Bohm, mas que as levou um passo adiante, é Robert G. Jahn, professor de ciências aeroespaciais e reitor emérito da Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas da Universidade de Princeton. O envolvimento de Jahn no estudo de PK aconteceu quase por acidente. Ex-consultor da NASA e do Departamento de Defesa, o seu campo de interesse original era a propulsão no espaço profundo. Na verdade, ele é o autor de *Physics of Electric Propulsion*, o livro-texto líder na área, e nem mesmo acreditava no paranormal quando uma aluna o abordou pela primeira vez e pediu-lhe para supervisionar um experimento de PK que ela queria fazer como um projeto de estudo independente. Jahn concordou relutantemente, e os resultados foram tão provocativos que o inspiraram a fundar o laboratório de Pesquisa de Anomalias de Engenharia de Princeton (PEAR) em 1979. Desde então, os pesquisadores do PEAR não apenas produziram evidências convincentes da existência da PK, mas reuniram mais dados sobre o assunto do que qualquer outra pessoa no país.

Em uma série de experimentos, John e a sua associada, a psicóloga clínica Brenda Dunne, empregaram um dispositivo chamado gerador de eventos aleatórios, ou GEA. Ao depender de um processo natural imprevisível, como o decaimento radioativo, um GEA é capaz de produzir uma sequência de números binários aleatórios. Tal sequência pode ter a seguinte aparência: 1, 2, 1, 2, 2, 1, 1, 2, 1, 1, 1, 2, 1. Por outras palavras, um GEA é um tipo de lançador automático de moedas capaz de produzir um enorme número de lançamentos de moeda num tempo muito curto. Como todos sabem, se você lançar uma moeda de peso perfeito 1.000 vezes, as chances são de que você terá uma divisão de 50/50 entre cara e coroa. Na realidade, em quaisquer 1.000 lançamentos, a divisão pode variar um pouco em uma direção ou outra, mas quanto maior o número de lançamentos, mais próxima de 50/50 a divisão se tornará.

O que Jahn e Dunne fizeram foi fazer com que voluntários se sentassem em frente ao GEA e se concentrassem em fazê-lo produzir um número anormalmente grande de cara ou coroa. Ao longo de literalmente centenas de milhares de testes, eles descobriram que, apenas por meio da concentração, os voluntários tiveram um efeito pequeno, mas estatisticamente significativo, na produção do GEA. Eles descobriram duas outras coisas também. A capacidade de produzir efeitos de PK não se limitou a alguns indivíduos talentosos, mas esteve presente na maioria dos voluntários testados. Isso sugere que a maioria de nós possui algum grau de PK. Eles também descobriram que diferentes voluntários produziam resultados diferentes e consistentemente distintos, resultados que eram tão idiossincráticos que Jahn e Dunne começaram a chamá-los de "assinaturas".

Em outra série de experimentos, Jahn e Dunne empregaram um dispositivo semelhante a um fliperama que permite que 9.000 mármores de três quartos de polegada

circulem em torno de 330 pinos de náilon e se distribuam em 19 caixas de coleta na parte inferior. O dispositivo está contido em uma estrutura vertical rasa de três metros de altura e um metro e oitenta de largura com uma frente de vidro transparente para que os voluntários possam ver as bolas de gude conforme elas caem e se acumulam nas latas. Normalmente, mais bolas caem nas caixas centrais do que nas externas, e a distribuição geral parece uma curva em forma de sino.

Assim como no GEA, Jahn e Dunne colocaram voluntários sentados em frente à máquina e tentaram fazer mais bolas caírem nas caixas externas do que nas centrais. Novamente, ao longo de um grande número de corridas, os operadores foram capazes de criar uma mudança pequena, mas mensurável, no local onde as bolas caíram. Nos experimentos GEA, os voluntários exerceram apenas um efeito de PK em processos microscópicos, a decomposição de uma substância radioativa, mas os experimentos de flippers revelaram que as cobaias podiam usar PK para influenciar objetos no mundo cotidiano também. Além do mais, as "assinaturas" de indivíduos que participaram dos experimentos GEA surgiram novamente nos experimentos de flippers, sugerindo que as habilidades de PK de qualquer indivíduo permanecem as mesmas de experimento para experimento, mas variam de indivíduo para indivíduo, assim como outros talentos variam. Jahn e Dunne afirmam: "Embora pequenos segmentos desses resultados possam ser razoavelmente desconsiderados como estando muito próximos do comportamento casual para justificar a revisão dos princípios científicos prevaletentes, tomados em conjunto, o conjunto inteiro estabelece uma aberração incontroversa de proporções substanciais.

Jahn e Dunne acham que as suas descobertas podem explicar a propensão que alguns indivíduos parecem ter de azarar máquinas e causar mau funcionamento de equipamentos. Um desses indivíduos foi o físico Wolfgang Pauli, cujos talentos nessa área são tão lendários que os físicos, a brincar, o apelidaram de "efeito Pauli". Diz-se que a mera presença de Pauli num laboratório poderia causar a explosão de um aparelho de vidro ou a quebra de um dispositivo de medição sensível ao meio. Num incidente particularmente famoso, um físico escreveu a Pauli para dizer que pelo menos não podia culpar Pauli pela desintegração recente e misteriosa de um equipamento complicado, já que Pauli não estava presente, apenas para descobrir que Pauli estava a passar pelo laboratório num comboio no momento preciso do acidente! Jahn e Dunne pensam que o famoso "efeito Gremlin", a tendência de peças de equipamento cuidadosamente testadas de sofrerem defeitos inexplicáveis nos momentos mais absurdamente inoportunos, frequentemente relatados por pilotos, tripulações e operadores militares, também pode ser um exemplo de atividade PK inconsciente.

Se as nossas mentes podem alcançar e alterar o movimento de uma cascata de bolinhas de gude ou a operação de uma máquina, que estranha alquimia poderia explicar tal habilidade? Jahn e Dunne acreditam que, uma vez que todos os processos físicos conhecidos possuem uma dualidade onda/partícula, não é irracional supor que a

consciência também possui. Quando é semelhante a uma partícula, a consciência parece estar localizada nas nossas cabeças, mas no seu aspeto ondulatório, a consciência, como todos os fenómenos de mercadoria, também pode produzir efeitos de influência remota. Eles acreditam que um desses efeitos de influência remota é a PK.

Mas Jahn e Dunne não param por aqui. Eles acreditam que a própria realidade é o resultado da interface entre os aspetos ondulatórios da consciência e os padrões ondulatórios da matéria. No entanto, como Bohm, eles não acreditam que a consciência ou o mundo material possam ser produtivamente representados isoladamente, ou mesmo que a PK possa ser pensada como a transmissão de algum tipo de força. "A mensagem pode ser mais sutil do que isso", diz Jahn. "Pode ser que tais conceitos sejam simplesmente inviáveis, que não possamos falar proveitosamente sobre um ambiente abstrato ou uma consciência abstrata. A única coisa que podemos experimentar é a interpenetração dos dois de alguma forma."

Se a PK não pode ser pensada como a transmissão de algum tipo de força, que terminologia poderia resumir melhor a interação entre a mente e a matéria? Ao pensar que é novamente semelhante ao de Bohm, Jahn e Dunne propõem que a PK realmente envolve uma troca de informações entre a consciência e a realidade física, uma troca que deve ser pensada menos como um fluxo entre o mental e o material, e mais como uma *ressonância* entre os dois. A importância da ressonância até mesmo percebida e comentada pelos voluntários nos experimentos de PK, em que o fator mais frequentemente mencionado associado a um desempenho bem-sucedido era a obtenção de uma sensação de "ressonância" com a máquina. Um voluntário descreveu a sensação como "um estado de imersão no processo que leva a uma perda de consciência de mim mesmo. Não sinto nenhum controlo direto sobre o dispositivo, mais como uma influência marginal quando estou em ressonância com a máquina. É como estar em uma canoa; quando vai para onde eu quero, eu fluo com ela. Quando não, tento quebrar o fluxo e dar uma chance de voltar em ressonância comigo."

As ideias de Jahn e Dunne são semelhantes às de Bohm em vários outros aspetos importantes. Como Bohm, eles acreditam que os conceitos que usamos para descrever a realidade - elétron, comprimento de onda, consciência, tempo, frequência - são úteis apenas como "categorias organizadoras de informações" e não possuem nenhum status independente. Eles também acreditam que todas as teorias, incluindo a sua própria, são apenas metáforas. Embora eles não se identifiquem com o modelo holográfico (e a sua teoria difere do pensamento de Bohm de várias maneiras significativas), eles reconhecem a sobreposição. "Na medida em que estamos a falar sobre uma dependência bastante básica do comportamento mecânico das ondas, há alguns pontos em comum entre o que estamos a postular e a ideia holográfica", diz Jahn. "Dá à consciência a capacidade de funcionar no sentido da mecânica ondulatória e, assim, de se valer, de uma forma ou de outra, de todo o espaço e tempo."

Dunne concorda: "Em certo sentido, o modelo holográfico poderia ser percebido como abordando o mecanismo pelo qual a consciência interage com aquela onda mecânica, aborígene, sensível e de alguma forma consegue convertê-la em informação utilizável. Em outro sentido, se você imaginar que a consciência individual tem os seus próprios padrões de onda característicos, você poderia vê-la - metaforicamente, é claro - como o laser de uma frequência particular que se cruza com um padrão específico no holograma cósmico.

Como era de se esperar, o trabalho de Jahn e Dunne foi recebido com considerável resistência pela comunidade científica ortodoxa, mas está a ganhar aceitação em alguns setores. Boa parte do financiamento do FEAR vem da Fundação McDonnell, criada por James S. McDonnell III, da McDonnell Douglas Corporation, e a *New York Times Magazine* recentemente dedicou um artigo ao trabalho de Jahn e Dunne. Os próprios Jahn e Dunne não se intimidam com o facto de estarem a dedicar tanto tempo e esforço para explorar os parâmetros de um fenómeno considerado inexistente pela maioria dos outros cientistas. Como Jahn afirma, "O meu senso da importância deste tópico é muito maior do que qualquer outra coisa em que já trabalhei."

A PSICOCINESE EM MAIOR ESCALA

Até agora, os efeitos de PK produzidos em laboratório foram limitados a objetos relativamente pequenos, mas as evidências sugerem que alguns indivíduos pelo menos podem usar PK para provocar mudanças ainda maiores no mundo físico. O biólogo Lyall Watson, autor do livro best-seller *Supernature* e um cientista que estudou eventos paranormais em todo o mundo, encontrou um desses indivíduos ao visitar as Filipinas. O homem era um dos chamados curandeiros psíquicos das Filipinas, mas em vez de tocar um paciente, tudo o que fez foi colocar a mão cerca de 25 centímetros acima do corpo da pessoa, apontar para a sua pele e uma incisão apareceria instantaneamente. Watson não apenas testemunhou várias demonstrações das habilidades cirúrgicas psicocinéticas do homem, mas uma vez, quando o homem fez uma varredura mais ampla com o dedo do que o normal, Watson recebeu uma incisão nas costas da própria mão. Ele carrega a cicatriz até hoje.

Há evidências de que as habilidades de PK também podem ser usadas para curar ossos. Vários exemplos de tais curas foram relatados pelo Dr. Rex Gardner, um médico do Hospital Geral do Distrito de Sunderland, na Inglaterra. Um aspeto interessante de um artigo de 1983 no *British Medical Journal* é que Gardner, um ávido investigador de milagres, apresenta curas milagrosas contemporâneas lado a lado com exemplos de curas virtualmente idênticas coletadas pelo historiador e teólogo inglês do século VII, o Venerável Bede.

A cura atual envolveu um grupo de freiras luteranas que viviam em Darmstadt, Alemanha. As freiras estavam a construir uma capela quando uma das irmãs partiu um piso

recém-cimentado e caiu sobre uma viga de madeira abaixo. Ela foi levada às pressas para o hospital, onde os raios X revelaram que ela tinha uma fratura pélvica composta. Em vez de confiar em técnicas médicas padrão, as freiras realizaram uma vigília de oração durante toda a noite. Apesar da insistência dos médicos para que a irmã permanecesse em contração por muitas semanas, as freiras levaram-na para casa dois dias depois e continuaram a orar e a aplicar a imposição de mãos. Para sua surpresa, imediatamente após a imposição das mãos, a irmã levantou-se da cama, livre da dor insuportável da fratura e aparentemente curada. Levou apenas duas semanas para se recuperar totalmente, quando voltou ao hospital e se apresentou ao atônito médico.

Embora Gardner não tente explicar esta ou qualquer outra cura que ele discute no seu artigo, PK parece uma explicação provável. Dado que a cura natural de uma fratura é um processo demorado, e mesmo a regeneração milagrosa da pélvis de Michelli levou vários meses, sugere-se que talvez as habilidades inconscientes de PK das freiras que executam a imposição das mãos tenham cumprido a tarefa.

Gardner descreve uma cura semelhante que ocorreu no século sétimo durante a construção da igreja em Hexham, Inglaterra, envolvendo São Wilfrid, então bispo de Hexham. Durante a construção da igreja, um pedreiro chamado Bothelm caiu de uma grande altura, partindo braços e pernas. Enquanto estava a morrer, Wilfrid orou por ele e pediu aos outros trabalhadores que se juntassem a ele. 'Eles o fizeram', o sopro da vida retornou a Bothelm, e ele curou-se rapidamente. Visto que a cura aparentemente não ocorreu até que São Wilfrid pedisse aos outros trabalhadores que se juntassem a ele, podemos nos perguntar se São Wilfrid foi o catalisador, ou novamente se foi a PK inconsciente combinada de toda a assembleia?

O Dr. William Tufts Brigham, curador do Museu Bishop em Honolulu e um botânico famoso que dedicou grande parte da sua vida privada à investigação do paranormal, registou um incidente no qual um osso partido foi instantaneamente curado por um xamã havaiano nativo, ou *kahuna*. O incidente foi testemunhado por um amigo de Brigham chamado J. A. K. Combs. A avó de Combs era considerada uma das mulheres kahunas mais poderosas das ilhas, e uma vez, enquanto participava de uma festa na casa da mulher, Combs observou as suas habilidades em primeira mão.

Na ocasião em questão, um dos convidados escorregou e caiu na areia da praia, partindo a perna com tanta força que as pontas do osso pressionaram visivelmente contra a pele. Reconhecendo a gravidade do rompimento, Combs recomendou que o homem fosse levado ao hospital imediatamente, mas a idosa kahuna não quis ouvir nada. Ajoelhando-se ao lado do homem, ela endireitou a perna dele e empurrou a área onde os ossos fraturados pressionavam a sua pele. Depois de orar e meditar por vários minutos, ela levantou-se e anunciou que a cura havia terminado. O homem pôs-se de pé, pensativo, deu um passo e depois outro. Ele estava completamente curado e a sua perna não mostrava nenhuma indicação de fratura.

PSICOCINESE EM MASSA NA FRANÇA DO SÉCULO XVIII

Apesar de tais incidentes, uma das mais surpreendentes manifestações de psicocinese, e uma das mais notáveis demonstrações de eventos milagrosos já registrados, ocorreu em Paris na primeira metade do século XVIII. Os eventos giraram em torno de uma seita puritana de católicos influenciados pelos holandeses, conhecidos como os Jansenistas, e foram precipitados pela morte de um santo e reverenciado diácono Jansenista chamado François de Paris. Embora poucas pessoas que vivem hoje tenham ouvido falar dos milagres jansenistas, eles foram um dos eventos mais comentados na Europa por quase um século.

Para compreender plenamente os milagres Jansenistas, é necessário saber um pouco sobre os acontecimentos históricos que antecederam a morte de François de Paris. O Jansenismo foi fundado no início do século XVII e, desde o início, esteve em desacordo tanto com a Igreja Católica Romana quanto com a monarquia francesa. Muitas das crenças divergiam fortemente com a doutrina padrão da igreja, mas foi um movimento popular e rapidamente ganhou seguidores entre a população francesa. E o mais condenatório de tudo, era visto tanto pelo papado quanto pelo rei Luís XV, um católico devoto, como protestantismo apenas disfarçado de catolicismo. Como resultado, tanto a igreja quanto o rei estavam constantemente a manobrar para minar o poder do movimento. Um obstáculo a essas manobras, e um dos fatores que contribuíram para a popularidade do movimento, era que os líderes Jansenistas pareciam especialmente habilidosos em realizar curas milagrosas. No entanto, a igreja e a monarquia perseveraram, causando debates ferozes em toda a França. Foi a 1 de maio de 1727, no auge dessa luta pelo poder, que François de Paris morreu e foi enterrado no cemitério paroquial de Saint-Médard, em Paris.

Por causa da reputação de santo do abade, os adoradores começaram a reunir-se no seu túmulo e, desde o início, uma série de curas milagrosas foram relatadas. As doenças assim curadas incluíam tumores cancerígenos, paralisia, surdez, artrite, reumatismo, feridas ulcerosas, febres persistentes, hemorragia prolongada e cegueira. Mas isto não foi tudo. Os enlutados também começaram a ter estranhos espasmos ou convulsões involuntárias e a sofrer as mais surpreendentes contorções dos seus membros. Essas convulsões rapidamente mostraram-se contagiosas, espalhando-se como um incêndio na mata até que as ruas se encheram de homens, mulheres e crianças, todos se torcendo e contorcendo-se como se apanhados por um encantamento surreal.

Foi enquanto estavam nesse estado intermitente e semelhante ao transe que os "convulsionários", como passaram a ser chamados, exibiram o mais fenomenal dos seus talentos. Uma era a capacidade de suportar sem danos uma variedade quase inimaginável de torturas físicas. Estes incluíam espancamentos severos, golpes de objetos pesados e pontiagudos e estrangulamento - *tudo sem nenhum sinal de ferimento, ou mesmo o menor vestígio de feridas ou hematomas.*

O que torna esses eventos milagrosos tão únicos é que eles foram testemunhados por literalmente milhares de observadores. As reuniões frenéticas em torno da tumba do Abade Paris não tiveram vida curta. O cemitério e as ruas à volta ficaram lotados dia e noite durante anos, e mesmo duas décadas depois, milagres ainda estavam a ser relatados (para dar uma ideia da enormidade do fenómeno, em 1733 foi notado nos registos públicos que mais de 3.000 voluntários eram necessários simplesmente para ajudar os convulsionários e garantir, por exemplo, que as participantes do sexo feminino não ficassem expostas de maneira indecente durante as convulsões). Como resultado, as habilidades supranormais dos convulsionários tornaram-se uma causa célebre internacional, e milhares reuniram-se para vê-los, incluindo indivíduos de todos os estratos sociais e funcionários de todas as instituições educacionais, religiosas e governamentais imagináveis; numerosos relatos, oficiais e não oficiais, dos milagres testemunhados estão registados nos documentos da época.

Além disso, muitas das testemunhas, como os investigadores da Igreja Católica Romana, tinham interesse em refutar os milagres Jansenistas, mas ainda assim foram embora para confirmá-los (a Igreja Católica Romana mais tarde remediou este estado de coisas embaraçoso, admitindo que o milagres existiram, mas foram obra do diabo, provando assim que os Jansenistas eram depravados).

Um investigador, um membro do Parlamento de Paris chamado Louis-Basile Carre de Montgeron, testemunhou milagres suficientes para preencher quatro volumosos volumes sobre o assunto, que publicou em 1737 sob o título *La Verité des Miracles*. Na obra, ele fornece numerosos exemplos da aparente invulnerabilidade dos convulsivos à tortura. Em um exemplo, uma convulsionária de 20 anos chamada Jeanne Maulet encostou-se a uma parede de pedra enquanto um voluntário da multidão, "um homem muito forte", desferiu cem golpes no seu estômago com um martelo de trinta libras (os próprios convulsionários pediam para serem torturados porque diziam que aliviava a dor insuportável das convulsões). Para testar a força dos bicos, o próprio Montgeron pegou o martelo e testou na parede de pedra contra a qual a rapariga havia-se encostado. Ele escreveu: "No vigésimo quinto golpe, a pedra na qual golpeei, que havia sido sacudida pelos esforços anteriores, de repente se soltou e caiu do outro lado da parede, formando uma abertura com mais de meio pé de tamanho."

Montgeron descreve outro caso em que uma convulsionária curvou-se para trás em um arco, de modo que a parte inferior das costas foi sustentada pela "ponta afiada de uma estaca". Ela então pediu que uma pedra de cinquenta libras presa a uma corda fosse içada a "uma altura extrema" e deixada cair com todo o seu peso sobre o seu estômago. A pedra foi içada e deixada cair repetidas vezes, mas a mulher parecia completamente não afetada por isso. Ela manteve sem esforço a sua posição incómoda, não sofreu nenhuma dor ou dano, e saiu da provação sem nem mesmo uma marca na carne das suas costas. Montgeron

observou que, enquanto a provação estava em andamento, ela gritava: "Golpeie com mais força, com mais força."

Na verdade, parece que nada poderia prejudicar os convulsionários. Eles não podiam ser feridos pelos golpes de hastes de metal, correntes ou madeiras. Os homens mais fortes não podiam sufocá-los. Alguns foram crucificados e depois não mostraram nenhum vestígio de feridas. Mais espantoso de tudo, eles não podiam nem mesmo ser cortados ou perfurados com facas, espadas ou machadinhas! Montgeron cita um incidente no qual a ponta afiada de uma broca de ferro foi colocada contra o estômago de um convulsionário e então bateu tão violentamente com um martelo que parecia "como se fosse penetrar na espinha e romper todas as entranhas". Mas não aconteceu, e o convulsionado manteve uma "expressão de êxtase perfeito", gritando: "Oh, isso faz-me bem! Coragem, irmão; bata com o dobro da força, se puder!".

A invulnerabilidade não foi o único talento que os Jansenistas exibiram durante as convulsões. Alguns tornaram-se clarividentes e foram capazes de "discernir coisas ocultas". Outros podiam ler mesmo quando os seus olhos estavam fechados e bem enfaixados, e casos de levitação foram relatados. Um dos levitadores, um abade chamado Bescherand de Montpellier, foi tão "erguido à força no ar" durante as suas convulsões que, mesmo quando as testemunhas tentaram segurá-lo, não conseguiram impedi-lo de se levantar do chão.

Embora tenhamos quase esquecido os milagres Jansenistas de hoje, eles estavam longe de ser ignorados pela intelectualidade da época. A sobrinha do matemático e filósofo Pascal conseguiu que uma grave úlcera no olho desaparecesse em poucas horas como resultado de um milagre Jansenista. Quando o rei Luís XV tentou, sem sucesso, deter os convulsivos fechando o cemitério de Saint-Médard, Voltaire brincou: "Deus foi proibido, por ordem do rei, de operar milagres ali". E em seus *Ensaíes Filosóficos*, o filósofo escocês David Hume escreveu: "Certamente nunca houve um número tão grande de milagres atribuídos a uma pessoa como aqueles que foram recentemente realizados na França sobre o túmulo do Abade Paris. Muitos dos milagres foram imediatamente provados no local, perante juizes de crédito e distinção inquestionáveis, numa época erudita e no teatro mais eminente que existe agora no mundo."

Como explicar os milagres produzidos pelos convulsionários? Embora Bohm esteja disposto a considerar a possibilidade de PK e outros fenômenos paranormais, ele prefere não especular sobre eventos específicos, como as habilidades sobrenaturais dos Jansenistas. Mas, mais uma vez, se levarmos a sério o depoimento de tantas testemunhas, a menos que estejamos dispostos a admitir que Deus favoreceu os católicos Jansenistas em relação aos romanos, a PK parece a explicação provável. O facto de algum tipo de funcionamento psíquico estar envolvido é fortemente sugerido pelo aparecimento de outras habilidades psíquicas, como a clarividência, durante os ataques. Além disso, já vimos vários exemplos em que a fé intensa e a histeria desencadearam as forças mais profundas da mente, e essas também estiveram presentes em amplas porções. Na verdade, em vez de serem produzidos

por um único indivíduo, os efeitos psicocinéticos podem ter sido criados pelo fervor e crença combinados de todos os presentes, e isso pode explicar o vigor incomum das manifestações. A ideia dele não é nova. Na década de 1920, o grande psicólogo de Harvard William McDougall também sugeriu que milagres religiosos podem ser o resultado dos poderes psíquicos coletivos de um grande número de fiéis.

A PK explicaria muitas das aparentes invulnerabilidades dos convulsionários. No caso de Jeanne Maulet, pode-se argumentar que ela inconscientemente usou a PK para bloquear o efeito das marteladas. Se os convulsionários estivessem a usar inconscientemente a PK para assumir o controle das correntes, vigas e facas, e pará-los no momento exato do impacto, isso também explicaria por que esses objetos não deixaram marcas ou hematomas. Da mesma forma, quando indivíduos tentaram estrangular os Jansenistas, talvez as suas mãos tenham sido mantidas no lugar mediante a PK e, embora eles pensassem que estavam a apertar a carne, eles estavam realmente apenas a flexionar-se no nada.

REPROGRAMAÇÃO DO PROJETO CÓSMICO CINEMATográfico

A PK, no entanto, não explica todos os aspectos da invulnerabilidade dos convulsionários. Existe o problema da inércia - a tendência de um objeto em movimento de permanecer em movimento - para considerar. Quando uma pedra de 20 quilos ou um pedaço de madeira cai, carrega consigo muita energia e, quando é interrompida, a energia tem que ir para algum lugar. Por exemplo, se uma pessoa em uma armadura for atingida por um martelo de 30 quilos, embora o metal da armadura possa desviar o golpe, a pessoa ainda estará consideravelmente abalada. No caso de Jeanne Maulet, parece que a energia de alguma forma contornou o seu corpo e foi transferida para a parede atrás dela, pois, como Montgeron observou, a pedra foi "sacudida pelos esforços". Mas no caso da mulher que estava arqueada e teve a pedra de 20 quilos lançada no seu abdômen, a questão é menos clara. Perguntamo-nos por que ela não foi lançada ao chão como um arco de croquet, ou por que, quando foram atingidos por vigas de madeira, os convulsionários não foram derrubados? Para onde foi a energia defeituosa?

Novamente, a visão holográfica da realidade fornece uma resposta possível. Como vimos, Bohm acredita que a consciência e a matéria são apenas aspectos diferentes do mesmo algo fundamental, algo que tem as suas origens na ordem implícita. Alguns pesquisadores acreditam que isso sugere que a consciência pode ser capaz de fazer muito mais do que algumas mudanças psicocinéticas no mundo material. Por exemplo, Grof acredita que, se as ordens implícitas e explícitas são uma descrição precisa da realidade, "é concebível que certos estados incomuns de consciência possam mediar a experiência direta e a intervenção na ordem implícita. Assim, seria possível modificar fenômenos no mundo fenomenal influenciando a sua matriz geradora.". Dito de outra forma, além de mover objetos psicocineticamente à volta, a mente também pode ser capaz de estender a mão e

reprogramar o projetor cósmico de cinema que criou esses objetos em primeiro lugar. Assim, não apenas as regras da natureza convencionalmente reconhecidas, como a inércia, poderiam ser completamente contornadas, mas a mente poderia alterar e remodelar o mundo material de maneiras muito mais dramáticas do que a própria psicocinese implica.

Que esta ou alguma outra teoria deve ser verdadeira é evidenciado em outra habilidade sobrenatural exibida por vários indivíduos ao longo da história: invulnerabilidade ao fogo. Em seu livro *The Physical Phenomena of Mysticism*, Thurston dá numerosos exemplos de santos que possuíam essa habilidade, sendo um dos mais famosos São Francisco de Paula. Não só São Francisco de Paula conseguiu segurar brasas acesas nas suas mãos sem ser ferido, mas nas suas audiências de canonização em 1519, oito testemunhas oculares testemunharam que o viram caminhar ileso através das chamas de uma fornalha para consertar uma das paredes partidas da fornalha.

O relato traz à mente a história do Velho Testamento de Sadraque, Mesaque e Abednego. Depois de capturar Jerusalém, o rei Nabucodonosor ordenou que todos adorassem uma estátua dele mesmo. Sadraque, Mesaque e Abednego recusaram, então Nabucodonosor ordenou que fossem lançados numa fornalha tão "excessivamente quente" que as chamas até mesmo queimaram os homens que os lançaram. No entanto, por causa da sua fé, eles sobreviveram ao fogo ilesos e vieram com os cabelos soltos, as roupas ilesas e nem mesmo o cheiro de fogo sobre eles. Parece que desafios à fé, como o que o rei Luís XV tentou impor aos Jansenistas, geraram milagres em mais de um caso.

Embora os kahunas do Havai não passem por fornalhas, há relatos de que eles podem caminhar pela lava quente sem serem feridos. Brigham contou sobre o encontro com três kahunas que prometeram realizar a façanha por ele e sobre os ter seguido em uma longa jornada até um fluxo de lava perto do Kilauea em erupção. Eles escolheram um fluxo de lava de 45 metros de largura que havia esfriado o suficiente para suportar o seu peso, mas era tão quente que manchas de incandescência ainda corriam pela sua superfície. Enquanto Brigham observava, os kahunas tiraram as sandálias e começaram a recitar as longas orações necessárias para protegê-los enquanto caminhavam para a rocha derretida mal endurecida.

No final de contas, os kahunas haviam dito antes a Brigham que eles poderiam conferir sua imunidade ao fogo se ele quisesse se juntar a eles, e ele corajosamente concordou. Mas quando ele enfrentou o calor escaldante da lava, ele teve segundos e até terceiros pensamentos. "O resultado final da questão foi que eu me sentei tenso e recusei-me a tirar as minhas botas", escreveu Brigham no seu relato do incidente. Depois que eles terminaram de invocar os deuses, o kahuna mais velho correu para a lava e cruzou os 150 pés sem se magoar. Impressionado, mas ainda inflexível em não ir, Brigham levantou-se para assistir o próximo kahuna, apenas para receber um empurrão que o forçou a correr para não cair de cara na rocha incandescente.

E Brigham correu. Quando ele alcançou um terreno mais alto do outro lado, ele descobriu que uma das suas botas havia queimado e as suas meias estavam a pegar fogo. Mas, milagrosamente, os seus pés estavam completamente ilesos. Os kahunas também não sofreram nenhum dano e caíram na gargalhada com o choque de Brigham. "Eu ri também", escreveu Brigham. "Nunca fiquei tão aliviado em minha vida quanto ao descobrir que estava seguro. Há pouco mais que possa contar sobre essa experiência. Tive uma sensação de calor intenso no meu rosto e corpo, mas quase nenhuma sensação nos meus pés."

Os convulsionários também ocasionalmente exibiam imunidade completa ao fogo. As duas mais famosas dessas "salamandras humanas" - na Idade Média, o termo salamandra referia-se a um lagarto mitológico que se acreditava viver no fogo - eram Marie Sonnet e Gabrielle Moler. Em uma ocasião, e na presença de numerosas testemunhas, incluindo Montgeron, Sonnet esticou-se em duas cadeiras sobre uma fogueira e permaneceu lá por meia hora. Nem ela nem as suas roupas mostraram quaisquer efeitos nocivos. Em outro caso, ela sentou-se com os pés num braseiro cheio de brasas. Tal como aconteceu com Brigham, os seus sapatos e meias queimaram, mas os seus pés estavam ilesos.

As façanhas de Gabrielle Moler foram ainda mais espantosas. Além de ser imune aos golpes de espadas e de uma pá, ela podia enfiar a cabeça no fogo da lareira e mantê-la lá sem sofrer nenhum ferimento. Testemunhas oculares relatam que depois disso as suas roupas ficaram tão quentes que mal podiam ser tocadas, mas o seu cabelo, cílios e sobrancelhas nunca ficaram danificados. Sem dúvida ela divertia-se muito nas festas.

Na verdade, os Jansenistas não foram o primeiro movimento convulsivo na França. No final dos anos 1600, quando o rei Luís XIV tentou purgar o país dos huguenotes protestantes descaradamente, um grupo de resistentes huguenotes no vale de Cévennes e conhecidos como Camisards exibia habilidades semelhantes. Em um relatório oficial enviado a Roma, um dos perseguidores, um prior chamado Abbe du Chayla, reclamou que não importava o que fizesse, não teria sucesso em prejudicar os Camisards. Quando ele ordenou que fossem atirados, as balas de mosquete seriam encontradas achatadas entre as suas roupas e a sua pele. Quando ele fechou as suas mãos sobre brasas, eles não foram prejudicados, e quando ele os envolveu da cabeça aos pés em algodão embebido em óleo e os pôs no fogo, eles não queimaram.

Como se isso não bastasse, Claris, o líder Camisard, ordenou que uma pira fosse construída e então subiu até o topo dela para fazer um discurso de êxtase. Na presença de seiscentas testemunhas, ele ordenou que a pira fosse incendiada e continuou a tagarelar enquanto as chamas subiam acima da sua cabeça. Depois que a pira foi completamente consumida, Claris permaneceu ileso e sem nenhuma marca de fogo no seu cabelo ou roupa. O chefe das tropas francesas enviadas para subjugar os Camisards, um coronel chamado Jean Cavalier, foi posteriormente exilado para a Inglaterra, onde escreveu um livro sobre o evento em 1707 intitulado *A Cry from the Desert*. Quanto ao Abbe du Chayla, ele acabou por

ser assassinado pelos Camisards durante um ataque retaliatório. Ao contrário de alguns deles, ele não possuía nenhuma invulnerabilidade especial.

Existem literalmente centenas de relatos confiáveis sobre imunidade ao fogo. É relatado que, quando Bernadette de Lourdes estava em êxtase, ela também era imune ao fogo. De acordo com testemunhas, em uma ocasião a sua mão caiu tão perto de uma vela acesa enquanto ela estava em transe que as chamas lambeiram em torno dos seus dedos. Um dos presentes era o Dr. Dozous, médico municipal de Lourdes. Sendo rápido, Dozous cronometrou o evento e notou que passaram-se dez minutos inteiros antes que ela saísse do transe e removesse a mão. Ele escreveu mais tarde: 'Eu vi com os meus próprios olhos. Mas eu juro, se alguém tivesse tentado fazer-me acreditar em tal história eu teria rido dele com desprezo.'.

Em 7 de setembro de 1871, o *New York Herald* relatou que Nathan Coker, um velho ferreiro negro que vivia em Easton, Maryland, podia manusear metal em brasa sem ser ferido. Na presença de uma comissão que incluía vários médicos, ele aqueceu uma pá de ferro até ficar incandescente e a segurou contra as solas dos pés até esfriar. Ele também lambeu a borda da pá em brasa e despejou chumbo derretido na boca, permitindo que escorresse pelos dentes e gengivas até solidificar. Depois de cada uma dessas façanhas, os médicos examinaram-no e não encontraram nenhum traço de ferimento.

Durante uma viagem de caça em 1927 nas montanhas do Tennessee, K. R. Wissen, um médico de Nova York, encontrou um menino de 12 anos que era igualmente impenetrável. Wissen observou o menino manusear os ferros em brasa para fora de uma lareira impunemente. O menino disse a Wissen que havia descoberto a sua habilidade por acidente quando pegou uma ferradura em brasa na ferraria do seu tio. O poço de brasas que os Grosvenors viram Mohotty atravessar tinha seis metros de comprimento e media 1328 graus Fahrenheit nos termômetros da equipa da *National Geographic*. Na edição de maio de 1959 do *Atlantic Monthly*, o Dr. Leonard Feinberg, da Universidade de Illinois, relatou ter testemunhado outro ritual de caminhada sobre o fogo no Ceilão, durante o qual os nativos carregavam potes de ferro em brasa na cabeça sem serem feridos. Em um artigo no *Psychiatric Quarterly*, o psiquiatra Berthold Schwarz relata ter visto os pentecostais dos Apalaches segurar as suas mãos numa chama de acetileno sem serem feridos, e assim por diante.

AS LEIS DA FÍSICA COMO HÁBITOS E REALIDADES PONTENCIAIS E REAIS

Assim como é difícil imaginar para onde vai a energia desviada em alguns dos exemplos de PK que vimos, é igualmente difícil entender para onde vai a energia de uma panela de ferro em brasa enquanto a panela está apoiada contra o cabelo e a carne da cabeça de um nativo do Ceilão. Mas se a consciência pode mediar diretamente na ordem implícita, torna-

se um problema mais tratável. Mais uma vez, em vez de ser devido a alguma energia ou lei da física não descoberta (como algum tipo de campo de força isolante) que opera dentro da estrutura da realidade, resultaria da atividade num nível ainda mais fundamental e envolveria os processos que criam ambos o universo físico e as leis da física em primeiro lugar.

Visto de outra forma, a capacidade da consciência de mudar de uma realidade inteira para outra sugere que a regra geralmente inviolável de que o fogo queima a carne humana pode ser apenas um programa no computador cósmico, mas um programa que foi repetido tantas vezes que se tornou um dos hábitos da natureza. Como foi mencionado, de acordo com a ideia holográfica, a matéria também é uma espécie de hábito e nasce constantemente de novo a partir do implícito, assim como a forma de uma fonte é criada de novo a partir do fluxo constante de água que lhe dá forma. Peat refere-se com humor à natureza repetitiva desse processo como uma das neuroses do universo. "Quando você tem uma neurose, tende a repetir o mesmo padrão na sua vida, ou fazer a mesma ação, como se houvesse uma memória construída e a coisa estivesse presa nela", diz ele. "Eu tendo a pensar que coisas como cadeiras e mesas também são assim. Elas são uma espécie de neurose material, uma repetição. Mas há algo mais sutil a acontecer, um constante envolvimento e desdobramento. Nesse sentido, cadeiras e mesas são apenas hábitos neste fluxo, mas o fluxo é a realidade, mesmo que tendamos apenas a ver o hábito."

Na verdade, dado que o universo e as leis da física que o governam também são produtos desse fluxo, eles também devem ser vistos como hábitos. É claro que são hábitos profundamente enraizados no holomovimento, mas talentos sobrenaturais, como imunidade ao fogo, indicam que, apesar da sua aparente constância, pelo menos algumas das regras que governam a realidade podem ser suspensas. "Isso significa que as leis da física não são imutáveis, mas parecem-se mais com os vórtices de Shainberg, redemoinhos de tão vasto poder inercial que estão tão fixos no holomovimento quanto os nossos próprios hábitos e convicções profundamente arraigadas estão fixados nos nossos pensamentos.

A proposta de Grof de que estados alterados de consciência podem ser necessários para fazer tais mudanças no implícito também é atestada pela frequência com que a imunidade ao fogo está associada a uma fé elevada e zelo religioso. O padrão que começou a tomar forma no capítulo anterior continua, e a sua mensagem torna-se cada vez mais clara - quanto mais profundas e carregadas de emoção forem as nossas crenças, maiores serão as mudanças que podemos fazer no nosso corpo e na própria realidade.

Neste ponto, podemos perguntar: se a consciência pode fazer tais alterações extraordinárias em circunstâncias especiais, que papel ela desempenha na criação da nossa realidade quotidiana? As opiniões são extremamente variadas. Numa conversa privada, Bohm admite acreditar que o universo é todo "pensamento" e a realidade existe apenas no que pensamos, mas novamente ele prefere não especular sobre ocorrências milagrosas. Pribram é igualmente reticente em comentar sobre eventos específicos, mas acredita que

existem várias realidades potenciais diferentes e que a consciência tem certa liberdade para escolher qual delas se manifesta. “Não acredito que valha a pena”, diz ele, “mas existem muitos mundos que não entendemos.”.

Após anos de experiências em primeira mão com o milagroso, Watson é mais ousado. “Não tenho dúvidas de que a realidade é em grande parte uma construção da imaginação. Não estou a falar como físico de partículas ou mesmo como alguém que está totalmente ciente do que está a acontecer na fronteira dessa disciplina, mas acho que nós temos a capacidade de mudar o mundo à nossa volta de maneiras bastante fundamentais”(Watson, que já foi entusiasta da ideia holográfica, não está mais convencido de que qualquer teoria atual da física possa explicar adequadamente as habilidades supranormais da mente).

Gordon Globus, professor de psiquiatria e filosofia na Universidade da Califórnia em Irvine, tem uma visão diferente, mas semelhante. Globus pensa que a teoria holográfica está correta na sua afirmação de que a mente constrói a realidade concreta a partir da matéria-prima do implícito. No entanto, ele também foi muito influenciado pelas agora famosas experiências sobrenaturais do antropólogo Carlos Castaneda com o xamã índio Yaqui, Don Juan. Em total contraste com Pribram, ele acredita que o conjunto aparentemente inesgotável de "realidades separadas" que Castaneda experimentou sob a tutela de Don Juan - e até mesmo o conjunto igualmente vasto de realidades que experimentamos durante o sonho comum - indica que há um número infinito de realidades potenciais envolvido no implícito. Além disso, como os mecanismos holográficos que o cérebro usa para construir a realidade quotidiana são os mesmos que usa para construir os nossos sonhos e as realidades que experimentamos durante os estados alterados de consciência de Castaneda, ele acredita que todos os três tipos de realidade são fundamentalmente iguais.

A CONSCIÊNCIA CRIA OU NÃO PARTÍCULAS SUBATÓMICAS, ESSA É A QUESTÃO

Essa diferença de opinião indica mais uma vez que a teoria holográfica ainda é uma ideia em formação, não muito diferente de uma ilha do Pacífico recém-formada, cuja atividade vulcânica impede-a de ter costas claramente definidas. Embora alguns possam usar essa falta de consenso para criticá-la, deve ser lembrado que a teoria da evolução de Darwin, certamente uma das ideias mais potentes e bem-sucedidas que a ciência já produziu, também está em um estado de fluxo, e os teóricos da evolução continuam a debater o seu escopo, interpretação, mecanismos regulatórios e ramificações.

A diferença de opinião também revela quão complexos são os milagres do quebra-cabeça. Jahn e Dunne oferecem ainda outra opinião sobre o papel que a consciência desempenha na criação da realidade do dia-a-dia, e embora difira de uma das premissas básicas de Bohm, por causa do possível insight que oferece sobre o processo pelo qual os milagres são efetuados, ele merece a nossa atenção.

Ao contrário de Bohm, Jahn e Dunne acreditam que as partículas subatômicas não possuem uma realidade distinta até que a consciência entre em cena. "Acho que há muito ultrapassámos o lugar na física de alta energia em que examinamos a estrutura de um universo passivo", afirma Jahn. "Acho que estamos no domínio onde a interação da consciência com o meio ambiente está a ocorrer numa escala tão primária que estamos de facto a criar a realidade por qualquer definição razoável do termo."

Como já foi mencionado, essa é a visão defendida pela maioria dos físicos. No entanto, a posição de Jahn e Dunne difere da corrente principal de uma maneira importante. A maioria dos físicos rejeitaria a ideia de que a interação entre a consciência e o mundo subatômico pudesse de alguma forma ser usada para explicar a PK, quanto mais milagres. Na verdade, a maioria dos físicos não apenas ignora quaisquer implicações que essa interação possa ter, mas na verdade comporta-se como se ela não existisse. "A maioria dos físicos desenvolve uma visão um tanto esquizofrénica", diz o teórico quântico Fritz Rohrlich, da Syracuse University. "Por um lado, eles aceitam a interpretação padrão da teoria quântica. Por outro, insistem na realidade dos sistemas quânticos mesmo quando estes não são observados."

Essa atitude bizarra de não-vou-pensar-sobre-isso-mesmo-quando-sei-que-é-verdade impede muitos físicos de considerar até mesmo as implicações filosóficas das descobertas mais incríveis da física quântica. Como N. David Mermin, um físico da Cornell University, aponta, os físicos enquadram-se em três categorias: uma pequena minoria preocupa-se com as implicações filosóficas; um segundo grupo tem razões elaboradas pelas quais eles não estão preocupados, mas as suas explicações tendem a "perder completamente o ponto"; e um terceiro grupo não tem explicações elaboradas, mas também se recusa a dizer por que não estão preocupados. "A posição deles é inatacável", diz Mermin.

Jahn e Dunne não são tão tímidos. "Eles acreditam que, em vez de descobrir partículas, os físicos podem realmente estar a criá-las. Como evidência, eles citam uma partícula subatômica recentemente descoberta chamada *anomalon*, cujas propriedades variam de laboratório para laboratório. Imagine ter um carro com uma cor e características diferentes dependendo de quem o dirige! Isso é muito curioso e parece sugerir que a realidade de uma anomalia depende de quem a encontra/cria.

Evidências semelhantes também podem ser encontradas numa outra partícula subatômica. Na década de 1930, Pauli propôs a existência de uma partícula sem massa chamada neutrino para resolver um problema pendente relacionado à radioatividade. Durante anos, o neutrino foi apenas uma ideia, mas então, em 1957, os físicos descobriram evidências da sua existência. Em anos mais recentes, no entanto, os físicos perceberam que se o neutrino possuísse alguma massa, resolveria vários problemas ainda mais espinhosos do que o enfrentado por Pauli e, vejam só, em 1980 começaram a surgir evidências de que o neutrino tinha uma pequena, mas mensurável massa! Isso não é tudo. No final das contas, apenas laboratórios na União Soviética descobriram neutrinos com massa. Os laboratórios

dos Estados Unidos não. Isso permaneceu verdadeiro durante a maior parte da década de 1980 e, embora outros laboratórios já tenham duplicado as descobertas soviéticas, a situação ainda não foi resolvida.

É possível que as diferentes propriedades apresentadas pelos neutrinos se devam, pelo menos em parte, às mudanças nas expectativas e aos diferentes preconceitos culturais dos físicos que os procuraram? Nesse caso, tal estado de coisas levanta uma questão interessante. Se os físicos não descobrem a palavra subátomo, mas a criam, por que algumas partículas, como elétrons, parecem ter uma realidade estável, não importa quem as observe? Por outras palavras, por que um estudante de física sem conhecimento de um elétron ainda descobre as mesmas características que um físico experiente descobre?

Uma resposta possível é que as nossas percepções do mundo podem não se basear apenas nas informações que recebemos por meio dos nossos cinco sentidos. Por mais fantástico que isso possa parecer, um caso muito bom pode ser feito para tal noção. Antes de explicar, gostaria de relatar um acontecimento que testemunhei em meados dos anos 1970. O meu pai contratou um hipnotizador profissional para entreter um grupo de amigos em sua casa e convidou-me para participar do evento. Depois de determinar rapidamente a suscetibilidade hipnótica dos vários indivíduos presentes, o hipnotizador escolheu um amigo do meu pai chamado Tom como sujeito. Esta foi a primeira vez que Tom encontrou o hipnotizador.

Tom provou ser um sujeito muito bom e, em segundos, o hipnotizador deixou-o em transe profundo. Ele então continuou com os truques usuais realizados por hipnotizadores de palco. Ele convenceu Tom de que havia uma girafa na sala e Tom ficou boquiaberto, maravilhado. Ele disse a Tom que uma batata era na verdade uma maçã e fez com que Tom a comesse com gosto. Mas o ponto alto da noite foi quando ele disse a Tom que, quando ele saísse do transe, a sua filha adolescente, Laura, estaria completamente invisível para ele. Então, depois de colocar Laura em frente à cadeira em que Tom estava sentado, o hipnotizador acordou-o e perguntou se ele podia vê-la.

Tom olhou à volta da sala e o seu olhar pareceu passar direto pela sua filha risonha. "Não", respondeu ele. O hipnotizador perguntou a Tom se ele tinha certeza e, novamente, apesar das risadas crescentes de Laura, ele respondeu que não. Em seguida, o hipnotizador foi atrás de Laura para que ele ficasse escondido da vista de Tom e puxou um objeto do seu bolso. Ele manteve o objeto cuidadosamente escondido para que ninguém na sala pudesse vê-lo e pressionou-o contra as costas de Laura. Ele pediu a Tom para identificar o objeto. Tom inclinou-se para a frente como se estivesse a olhar diretamente pela barriga de Laura e disse que era um relógio. O hipnotizador acenou com a cabeça e perguntou se Tom poderia ler a inscrição do relógio. Tom apertou os olhos como se estivesse a lutar para entender a escrita e recitou o nome do dono do relógio (que por acaso era uma pessoa desconhecida para qualquer um de nós na sala) e a mensagem. O hipnotizador então revelou que o objeto

era realmente um relógio e passou-o pela sala para que todos vissem que Tom havia lido a sua inscrição corretamente.

Quando conversei com Tom depois, ele disse que a sua filha era absolutamente invisível para ele. Tudo o que ele viu foi o hipnotizador de pé e segurando um relógio na palma da mão. Se o hipnotizador o tivesse deixado sair sem lhe dizer o que estava a acontecer, ele nunca teria sabido que não estava a perceber a realidade consensual normal.

Obviamente, a percepção de Tom sobre o relógio não se baseava nas informações que recebia por meio dos seus cinco sentidos. De onde ele estava a conseguir as informações? Uma explicação é que ele a obteve telepaticamente da mente de outra pessoa, neste caso, do hipnotizador. A capacidade de indivíduos hipnotizados de "penetrar" nos sentidos de outras pessoas foi relatada por outros pesquisadores. O físico britânico Sir William Barrett encontrou evidências do fenómeno em uma série de experimentos com uma jovem. Depois de hipnotizar a rapariga, ele disse a ela que provaria tudo o que ele provasse. "De pé atrás da rapariga, cujos olhos eu havia enfaixado com firmeza, peguei um pouco de sal e coloquei na boca; instantaneamente ela cuspiu e exclamou: 'Por que você está a colocar sal na minha boca?' Aí eu experimentei o açúcar, ela falou 'assim tá melhor'; perguntou como era, ela disse 'doce'. Em seguida, mostarda, pimenta, gengibre, etc. foram experimentados; cada um foi nomeado e aparentemente provado pela menina quando os coloquei na minha própria boca."

No seu livro *Experiments in Distant Influence*, o fisiologista soviético Leonid Vasiliev cita um estudo alemão conduzido na década de 1950 que produziu descobertas semelhantes. Nesse estudo, a sujeita hipnotizada não apareceu aos olhos do hipnotizador, espirrou quando o hipnotizador cheirou amônia, ouviu o tique-taque de um relógio colocado na orelha do hipnotizador e sentiu dor quando o hipnotizador se picou com uma agulha - tudo feito de uma maneira que a protegia contra a obtenção de informações por meio de pistas sensoriais normais.

A nossa capacidade de aceder aos sentidos dos outros não se limita a estados hipnóticos. Em uma agora famosa série de experimentos, os físicos Harold Puthoff e Russel Targ, do Stanford Research Institute, na Califórnia, descobriram que quase todos os que testaram tinham a capacidade que chamam de "visão remota", a capacidade de descrever com precisão o que um sujeito de teste distante está a ver. Eles descobriram que indivíduo após indivíduo podia visualizar remotamente simplesmente relaxando e descrevendo quaisquer imagens que passassem pelas suas mentes. As descobertas de Puthoff e Targ foram duplicadas por dezenas de laboratórios em todo o mundo, indicando que a visão remota é provavelmente uma habilidade latente amplamente difundida em todos nós.

O laboratório de Pesquisa de Anomalias de Princeton também corroborou as descobertas de Puthoff e Targ. Em um estudo, o próprio Jahn serviu como recetor e tentou perceber o que um colega estava a observar em Paris, uma cidade que Jahn nunca havia

visitado. Além de ver uma rua movimentada, a imagem de um cavaleiro de armadura veio à mente de Jahn. Mais tarde, descobriu-se que o remetente estava em frente a um prédio do governo ornamentado com estátuas de figuras militares históricas, uma das quais era um cavaleiro de armadura.

Portanto, parece que estamos profundamente interconectados uns com os outros de outra maneira, uma situação que não é tão estranha em um universo holográfico. Além disso, essas interconexões manifestam-se mesmo quando não estamos conscientes delas. Estudos têm mostrado que quando uma pessoa numa sala leva um choque elétrico, isso será registado nas leituras do polígrafo de uma pessoa noutra sala. Uma luz piscada nos olhos de um sujeito de teste registrará nas leituras de EEG (Eletroencefalografia) de um sujeito de teste isolado noutra sala, e até mesmo o volume de sangue de um dedo do sujeito de teste muda - conforme medido por um pletismógrafo, um indicador sensível do sistema nervoso autónomo a funcionar - quando um "remetente" em outra sala encontra o nome de alguém que conhece enquanto lê uma lista composta principalmente de nomes que desconhece.

Dada a nossa profunda interconexão e a nossa capacidade de construir realidades inteiramente convincentes a partir das informações recebidas por meio dessa interconexão, como fez Tom, o que aconteceria se dois ou mais indivíduos hipnotizados tentassem construir a mesma realidade imaginária? Curiosamente, essa pergunta foi respondida em um experimento conduzido por Charles Tart, professor de psicologia no Campus Davis da Universidade da Califórnia. Tart encontrou dois alunos de pós-graduação, Anne e Bill, que podiam entrar em transe profundo e também eram hipnotizadores habilidosos pelos seus próprios méritos. Ele fez Anne hipnotizar Bill e depois que este foi hipnotizado, ele fez Bill hipnotizá-la em seguida. O raciocínio de Tart era que o relacionamento já poderoso que existe entre o hipnotizador e o Sujeito seria fortalecido pelo uso desse procedimento incomum.

Ele estava certo. Quando eles abriram os olhos nesse estado mutuamente hipnotizado, tudo parecia cinza. No entanto, o cinza rapidamente deu lugar a cores vivas e luzes brilhantes, e em alguns momentos eles encontraram-se numa praia de beleza sobrenatural. A areia cintilava como diamantes, o mar estava cheio de enormes bolhas espumantes e brilhava como champanhe, e a costa era pontilhada por rochas cristalinas translúcidas pulsando com luz interna. Embora Tart não pudesse ver o que Anne e Bill estavam a ver, pela maneira como conversavam, ele rapidamente percebeu que *estavam a vivenciar a realidade alucinada*.

Claro, isso ficou imediatamente óbvio para Anne e Bill que começaram a explorar o seu mundo recém-descoberto, nadando no oceano e estudando as rochas cristalinas brilhantes. Infelizmente para Tart, eles também pararam de falar, ou pelo menos pararam de falar da perspectiva de Tart. Quando ele os questionou sobre o seu silêncio, eles disseram-lhe que, no seu mundo de sonho partilhado, eles estavam a conversar, um fenómeno que Tart sente envolver algum tipo de comunicação paranormal entre os dois.

Sessão após sessão, Anne e Bill continuaram a construir várias realidades, e todas eram tão reais, disponíveis para os cinco sentidos, e dimensionalmente realizadas, quanto qualquer coisa que experimentaram no seu estado normal de vigília. Na verdade, Tart decidiu que os mundos que Anne e Bill visitaram eram na verdade mais reais do que a versão pálida e lunar da realidade, com a qual a maioria de nós deve estar satisfeita. Como ele afirma, depois de "eles terem conversado sobre as suas experiências um com o outro por algum tempo, e descobriram que estavam a discutir detalhes das experiências que haviam partilhado para as quais não havia estímulos verbais nas fitas, eles sentiram que realmente deveriam ter estado "nos" locais não mundanos que experimentaram.

O mundo oceânico de Anne e Bill é o exemplo perfeito de uma realidade holográfica - uma construção tridimensional criada a partir da interconexão, sustentada pelo fluxo da consciência e, em última análise, tão plástica quanto os processos de pensamento que a engendraram. Essa plasticidade ficou evidente em várias das suas características. Embora fosse tridimensional, o seu espaço era mais flexível do que o espaço da realidade quotidiana e às vezes assumia uma elasticidade que Anne e Bill não tinham palavras para descrever. Ainda mais estranhos, embora fossem clara e altamente habilidosos em esculpir um mundo partilhado fora de si mesmos, eles frequentemente se esqueciam de esculpir os seus próprios corpos e existiam na maioria das vezes como rostos ou cabeças flutuantes. Como relata Anne, em uma ocasião quando Bill disse a ela para lhe dar a mão, "Eu tive que invocar uma mão".

Como esse experimento de hipnose mútua terminou? Infelizmente, a ideia de que essas visões espetaculares eram de alguma forma reais, talvez até mais reais do que a realidade quotidiana, assustou tanto Anne e Bill que eles ficaram cada vez mais nervosos com o que estavam a fazer. Eles finalmente pararam as suas explorações, e um deles, Bill, até desistiu completamente da hipnose.

A interconexão extrassensorial que permitiu que Anne e Bill construíssem a sua realidade partilhada pode quase ser vista como uma espécie de efeito de campo entre eles, um "campo de realidade" se você quiser. Alguém pode se perguntar o que teria acontecido se o hipnotizador da casa de meu pai tivesse colocado todos nós em transe? À luz das evidências acima, há todos os motivos para acreditar que, se o nosso relacionamento fosse profundo o suficiente, Laura teria se tornado invisível para todos nós. Teríamos construído coletivamente um campo de realidade de um relógio, lido a sua inscrição e ficado completamente convencidos de que o que estávamos a perceber era real.

Se a consciência desempenha um papel na criação de partículas subatômicas, é possível que as nossas observações do mundo subatômico também sejam campos de realidade de alguma espécie? Se Jahn pode perceber uma armadura através dos sentidos de um amigo em Paris, é mais rebuscado acreditar que os físicos de todo o mundo estejam inconscientemente a interconectar-se e a usar uma forma de hipnose mútua semelhante à usada pelos súditos de Tart para criar as características de consenso que eles observam em

um elétron? Essa possibilidade pode ser apoiada por outra característica incomum da hipnose. Ao contrário de outros estados alterados de consciência, a hipnose não está associada a nenhum padrão incomum de EEG. Fisiologicamente falando, o estado mental que a hipnose mais se assemelha é a nossa consciência normal desperta. Isso significa que a consciência desperta normal é em si uma espécie de hipnose, e todos nós estamos constantemente acedendo os campos de realidade?

O Nobelist Josephson sugeriu que algo assim pode estar a acontecer. Como Globus, ele leva o trabalho de Castaneda a sério e tentou relacioná-lo com a física quântica. Ele propõe que a realidade objetiva é produzida a partir das memórias coletivas da raça humana, enquanto eventos anómalos, como os vividos por Castaneda, são a manifestação da vontade individual.

A consciência humana pode não ser a única coisa que participa da criação dos campos de realidade. Experimentos de visão remota mostraram que as pessoas podem descrever com precisão locais distantes, mesmo quando não há observadores humanos presentes nos locais. Da mesma forma, os sujeitos podem identificar o conteúdo de uma caixa selada selecionada aleatoriamente de um grupo de caixas seladas e cujo conteúdo é, portanto, completamente desconhecido. Isso significa que podemos fazer mais do que apenas explorar os sentidos de outras pessoas. Também podemos aceder a própria realidade para obter informações. Por mais bizarro que pareça, não é tão estranho quando nos lembramos de que, em um universo holográfico, a consciência permeia toda a matéria e o "significado" tem uma presença ativa tanto no mundo mental quanto no físico.

Bohm acredita que a onnipresença do significado oferece uma explicação possível para a telepatia e a visão remota. Ele acha que os dois podem, na verdade, ser apenas formas diferentes de psicocinese. Assim como a PK é uma ressonância de significado transmitida de uma mente para um objeto, a telepatia pode ser vista como uma ressonância de significado transmitida de uma mente para outra, diz Bohm. Da mesma forma, a visão remota pode ser vista como uma ressonância de significado transmitida de um objeto para uma mente. "Quando a harmonia ou ressonância de 'significados' é estabelecida, a ação funciona nos dois sentidos, de modo que os 'significados' do sistema distante poderiam atuar no observador para produzir uma espécie de psicocinese inversa que, com efeito, transmitiria uma imagem desse sistema para ele", afirma.

Jahn e Dunne têm uma visão semelhante. Embora eles acreditem que a realidade é estabelecida apenas na interação de uma consciência com o seu ambiente, eles são muito liberais em como definem a consciência. A seu ver, qualquer coisa capaz de gerar, receber ou utilizar informações pode ser qualificada. Assim, animais, vírus, DNA, máquinas (artificialmente inteligentes ou não) e os chamados objetos não vivos podem todos ter as propriedades de pré-requisito para tomar parte na criação da realidade.

Se tais afirmações forem verdadeiras e pudermos obter informações não apenas das mentes de outros seres humanos, mas do holograma vivo da própria realidade, a psicométrica - a capacidade de obter informações sobre a história de um objeto simplesmente tocando-o - também seria explicada. Em vez de ser inanimado, tal objeto seria impregnado do seu próprio tipo de consciência. Em vez de ser uma "coisa" que existe separadamente do universo, seria parte da interconexão de todas as coisas - conectada aos pensamentos de cada pessoa que já entrou em contato com ela, conectada à consciência que permeia cada animal e objeto que sempre esteve associado à sua existência, conectado por meio do implícito ao seu próprio passado e conectado à mente do psicometrista que o sustentava.

VOCÊ PODE CONSEGUIR ALGO POR NADA

Os físicos desempenham um papel na criação de partículas subatômicas? No momento, o enigma permanece sem solução, mas a nossa capacidade de nos interconectarmos e evocar realidades que são reais como a nossa realidade normal de vigília não é a única pista de que pode ser esse o caso. Na verdade, a evidência do milagre indica que mal começamos a compreender os nossos talentos nessa área. Considere a seguinte cura milagrosa relatada por Gardner. Em 1982, uma médica inglesa chamada Ruth Coggin, que trabalhava no Paquistão, foi visitada por uma mulher paquistanesa de 35 anos chamada Kamro. Kamro estava grávida de oito meses e durante a maior parte da sua gravidez sofreu de sangramento e dores abdominais intermitentes. Coggin recomendou que ela fosse para o hospital imediatamente, mas Kamro recusou. No entanto, dois dias depois, o seu sangramento tornou-se tão grave que ela foi internada em caráter de emergência.

O exame de Coggin revelou que a perda de sangue de Kamro tinha sido "muito pesada", e os seus pés e abdômen estavam patologicamente inchados. No dia seguinte, Kamro teve "outro sangramento forte", forçando Coggin a realizar uma cesariana. Assim que Coggin abriu o útero, uma quantidade ainda maior de sangue escuro jorrou e continuou a fluir tão fortemente que ficou claro que Kamro não tinha virtualmente nenhuma capacidade de coagulação. No momento em que Coggin deu à luz a filha saudável de Kamro, "profundas poças de sangue não coagulado" encheram a sua cama e continuaram a fluir da sua incisão. Coggin conseguiu obter dois litros de sangue para transfundir a mulher gravemente anêmica, mas não foi o suficiente para substituir a perda impressionante. Não tendo outras opções, Coggin recorreu à oração.

Ela escreve: "Orámos com a paciente depois de explicar a ela sobre Jesus em cujo nome orámos por ela antes da operação, e que era um grande curador. Eu também disse a ela que não íamos nos preocupar. Eu tinha visto Jesus curar esta condição antes e tinha certeza que Ele iria curá-la."

Então eles esperaram.

Pelas próximas horas Kamro continuou a sangrar, mas ao invés de piorar, o seu estado geral estabilizou-se. 'Naquela noite, Coggin orou com Kamro novamente e, embora o seu sangramento forte " continuasse inabalável, ela não parecia afetada pela perda. Quarenta e oito horas após a operação, o seu sangue finalmente começou a coagular e a sua recuperação iniciou-se por completo. Dez dias depois, ela foi para casa com o seu bebê.

Embora Coggin não tivesse como medir a perda real de sangue de Kamro, ela não tinha dúvidas de que a jovem mãe havia perdido mais do que o seu volume total de sangue durante a cirurgia e o sangramento profuso que se seguiu. Depois que Gardner examinou a documentação do caso, ele concordou. O problema com essa conclusão é que os seres humanos não podem produzir sangue novo rápido o suficiente para cobrir essas perdas catastróficas; se pudessem, muito menos pessoas sangrariam até à morte. Isso deixa-nos com a conclusão perturbadora de que o novo sangue de Kamro deve ter-se materializado do nada.

A capacidade de criar uma partícula infinitesimal ou duas empalidece em comparação com a materialização de dez a doze litros de sangue necessários para reabastecer o corpo humano médio. E sangue não é a única coisa que podemos criar do nada. Em junho de 1974, enquanto viajava em Timor Timur, uma pequena ilha no extremo leste da Indonésia, Watson encontrou um exemplo igualmente confuso de materialização. Embora a sua intenção original fosse visitar um famoso *matan do'ok*, um tipo de fazedor de maravilhas indonésio que dizia ser capaz de fazer chover quando solicitado, ele foi desviado por relatos de um *buán* excepcionalmente ativo, um espírito maligno, causando estragos numa casa em um vilarejo próximo.

A família que morava na casa consistia num casal, os seus dois filhos pequenos e a meia-irmã mais nova, solteira do marido. O casal e os seus filhos tinham uma aparência típica da Indonésia, com pele escura e cabelo encaracolado, mas a meia-irmã, cujo nome era Alin, era fisicamente muito diferente e tinha uma tez muito mais clara e feições quase chinesas, o que explicava a incapacidade de obter um marido. Ela também foi tratada com indiferença pela família, e ficou imediatamente claro para Watson que ela era a ferida do distúrbio psíquico.

Naquela noite, durante o jantar na casa de telhado de grama da família, Watson testemunhou vários fenômenos surpreendentes. Primeiro, sem aviso, o filho de oito anos do casal gritou e deixou cair a chávena na mesa enquanto as costas da mão começavam a sangrar inexplicavelmente. Watson, que estava sentado ao lado do menino, examinou a sua mão e viu que havia um semicírculo de furos recentes sobre ela, como uma mordida humana, mas com um diâmetro maior que o do menino. Alin, sempre a pessoa estranha de fora, estava ocupada na fogueira em frente ao menino quando isso ocorreu.

Enquanto Watson examinava os ferimentos, a chama da lamparina ficou azul e acendeu-se abruptamente e, à luz repentinamente mais forte, uma chuva de sal começou a derramar sobre a comida até que ficasse completamente coberta e intragável. “Não foi um dilúvio repentino, mas uma ação lenta e deliberada que durou o suficiente para eu olhar para cima e ver que parecia começar no ar, quase no nível dos olhos, talvez um metro acima da mesa”, diz Watson.

Watson imediatamente saltou da mesa, mas o espetáculo não acabou. De repente, uma série de sons altos de batidas saiu da mesa, e ela começou a balançar. A família também deu um pulo e todos ficaram a olhar enquanto a mesa sacudia "como a tampa de uma caixa contendo algum animal selvagem" e, finalmente, tombava de lado. Watson reagiu primeiro correndo para fora de casa com o resto da família, mas quando recuperou os sentidos, voltou e procurou na sala por evidências de qualquer trapaça que pudesse explicar a ocorrência. Ele não encontrou nenhuma.

Os eventos que aconteceram na pequena cabana indonésia são exemplos clássicos de uma assombração poltergeist, um tipo de assombração tipificada por sons misteriosos e atividade psicocinética, em vez de aparições de fantasmas ou aparições. Como os poltergeists tendem a concentrar-se mais em torno das pessoas, neste caso Alin, em vez de lugares, muitos parapsicólogos acreditam que são na verdade manifestações da capacidade psicocinética inconsciente da pessoa em torno da qual estão mais ativos. Até a materialização tem uma longa e ilustre história nos anais da pesquisa poltergeist. Por exemplo, em seu trabalho clássico sobre o assunto, *Can We Explain the Poltergeist*, A.R.G. Owen, um colega e professor de Matemática no Trinity College, Cambridge, dá numerosos exemplos de objetos que se materializam do nada em casos de poltergeist que datam de 530 DC a tempos modernos. Pedras pequenas e não sal, porém, são os objetos que mais se materializam.

Na Introdução, mencionei que havia experimentado em primeira mão muitos dos fenômenos paranormais que seriam discutidos neste livro e relataria algumas das minhas próprias experiências. É, portanto, hora de esclarecer e confessar que sei como Watson deve ter se sentido depois de testemunhar o súbito ataque de atividade psicocinética na pequena cabana indonésia porque, quando eu era criança, a casa para a qual a minha família havia se mudado recentemente (uma casa nova que os meus próprios pais construíram) tornou-se o local de uma ativa assombração poltergeist. Já que o nosso poltergeist deixou a casa da minha família e seguiu-me quando eu fui para a faculdade, e já que a sua atividade definitivamente parecia conectada ao meu humor – as suas travessuras tornando-se mais maliciosas quando eu estava com raiva ou o meu espírito estava baixo, e mais travesso e excêntrico quando o meu humor estava mais alegre - sempre aceitei a ideia de que os poltergeists são manifestações da capacidade psicocinética inconsciente da pessoa em torno da qual estão mais ativos.

Eu não faço essas divulgações levemente. Estou ciente de como essas ocorrências são estranhas para a experiência da maioria das pessoas e compreendo perfeitamente o ceticismo com que serão recebidas em alguns setores. No entanto, sinto-me compelido a falar sobre eles porque considero de vital importância que tentemos compreender tais fenômenos e não apenas varrê-los para debaixo do tapete.

Ainda assim, é com alguma apreensão que admito que o meu próprio poltergeist também ocasionalmente materializava objetos. “As materializações começaram quando eu tinha seis anos e inexplicáveis chuvas de cascalho caíram sobre o nosso telhado à noite. Mais tarde, levou a atirar em mim dentro da minha casa com pequenas pedras polidas e pedaços de vidro partido com bordas gastas como os cacos de vidro que encontramos na praia. Em ocasiões mais raras, materializou outros objetos, incluindo moedas, um colar e várias ninharias mais estranhas. Infelizmente, eu normalmente não vi as materializações reais, mas apenas testemunhei as suas consequências, como quando uma pilha de macarrão esparguete (sem molho) caiu no meu peito um dia enquanto eu estava a tirar uma soneca no meu apartamento em Nova York. Como eu estava sozinho num quarto sem janelas ou portas abertas, não havia mais ninguém no meu apartamento e não havia sinal de que alguém tivesse cozinhado esparguete ou entrado para lançar esparguete em mim, só posso presumir que, por razões desconhecidas, o punhado de macarrão esparguete frio que caiu do ar e no meu peito materializou-se do nada.

Em algumas ocasiões, porém, vi objetos realmente a materializarem-se. Por exemplo, em 1976, eu estava a trabalhar no meu escritório quando, por acaso, olhei para cima e vi um pequeno objeto marrom a aparecer de repente no ar, apenas alguns centímetros abaixo do teto. Assim que surgiu, ele desceu em um ângulo agudo e pousou aos meus pés. Quando o peguei, vi que era um pedaço de vidro marrom que originalmente poderia ter sido usado para fazer garrafas de cerveja. Não foi tão espetacular quanto uma chuva de sal que durou vários segundos, mas ensinou-me que isso era possível.

Talvez as materializações modernas mais famosas sejam aquelas produzidas por Sathya Sai Baba, um homem sagrado indiano de 64 anos que vive num canto distante do estado de Andhra Pradesh, no sul da Índia. De acordo com várias testemunhas oculares, Sai Baba é capaz de produzir muito mais do que sal e algumas pedras. Ele arranca medalhões, anéis e joias do ar e os distribui como presentes. Ele também materializa um suprimento infinito de iguarias e doces indianos, e das suas mãos derrama volumes de *vibuti*, ou cinza sagrada. Esses eventos foram testemunhados por literalmente milhares de indivíduos, incluindo cientistas e mágicos, e ninguém jamais detetou qualquer indício de truque. Uma testemunha é o psicólogo Erlendur Haraldsson, da Universidade da Islândia.

Haraldsson passou mais de dez anos a estudar Sai Baba e publicou as suas descobertas num livro recente intitulado *Milagres modernos: Um relatório investigativo sobre fenômenos psíquicos associados a Sathya Sai Baba*. Embora Haraldsson admita que não pode provar conclusivamente que as produções de Sai Baba não são o resultado de engano

e prestidigitação, ele oferece uma grande quantidade de evidências que sugerem fortemente que algo sobrenatural está a acontecer.

Para começar, Sai Baba pode materializar objetos específicos a pedido. Certa vez, quando Haraldsson estava a conversar com ele sobre questões espirituais e éticas, Sai Baba disse que a vida diária e a vida espiritual deveriam "crescer juntas como um rudraksha duplo". Quando Haraldsson perguntou o que era um rudraksha duplo, nem Sai Baba nem o intérprete sabiam o equivalente em inglês do termo. Sai Baba tentou continuar com a discussão, mas Haraldsson permaneceu insistente. "Então, de repente, com um sinal de impaciência, Sai Baba fechou o punho e acenou com a mão por um ou dois segundos. Ao abri-la, ele virou-se para mim e disse: "É isto. Na palma da sua mão estava um objeto parecido com uma bolota. Eram duas rudrakshas que cresceram juntas como uma laranja gêmea ou uma maçã gêmea", diz Haraldsson.

Quando Haraldsson indicou que queria guardar a semente dupla como lembrança, Sai Baba concordou, mas primeiro pediu para vê-la novamente. "Ele envolveu o rudraksha com as duas mãos, soprou nele e abriu as mãos na minha direção. O rudraksha duplo estava agora coberto, na parte superior e inferior, por dois escudos de ouro mantidos juntos por uma corrente de ouro curta. No topo estava uma cruz de ouro com um pequeno rubi afixado a ela, e uma pequena abertura para que pudesse pendurar numa corrente à volta do pescoço.". Haraldsson descobriu mais tarde que rudrakshas duplas eram anomalias botânicas extremamente raras. Vários botânicos indianos que ele consultou disseram que nunca tinham visto um, e quando ele finalmente encontrou um pequeno espécime malformado numa loja em Madras(Chennai), o dono da loja quis o equivalente indiano a quase trezentos dólares por ele. Um ourives de Londres confirmou que o ouro na ornamentação tinha uma pureza de pelo menos 22 quilates.

Esses presentes não são raros. Sai Baba frequentemente distribui anéis, joias e objetos de ouro caros para as multidões que o visitam diariamente e que o veneram como um santo. Ele também materializa grandes quantidades de comida, e quando as várias iguarias que ele produz caem das suas mãos, elas são escaldantes, tão quentes que às vezes as pessoas nem conseguem segurá-las. Ele pode fazer xaropes doces e óleos aromáticos derramar das suas mãos (e até mesmo dos seus pés) e, quando termina, não haverá nenhum vestígio da substância pegajosa na sua pele. Ele pode produzir objetos exóticos, como grãos de arroz com imagens minúsculas de Krishna perfeitamente esculpidas neles, frutas fora da estação (quase impossível numa área do país que não tem eletricidade ou refrigeração) e frutas anómalas, como maçãs que, ao serem descascadas, acabam por ser uma maçã de um lado e outra fruta do outro.

Igualmente impressionantes são as suas produções de cinzas sagradas. Cada vez que ele caminha entre as multidões que o visitam, quantidades prodigiosas delas jorram das suas mãos. Ele espalha-as por toda a parte, em recipientes oferecidos e mãos estendidas, sobre as cabeças e em longas trilhas serpentinadas no solo. Em um único trânsito pelo terreno à volta

do seu ashram, ele pode produzir o suficiente para encher vários tambores. Em uma das suas visitas, Haraldsson, junto com o Dr. Karlis Osis, o diretor de pesquisa da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica, realmente viu algumas das cinzas no processo de materialização. Como relata Haraldsson, "a sua palma estava aberta e voltada para baixo, e ele acenou com a mão em alguns círculos rápidos e pequenos. Ao fazer isso, uma substância cinza apareceu no ar logo abaixo da sua palma. O Dr. Osis, que se sentou um pouco mais de perto, observou que este material apareceu pela primeira vez inteiramente na forma de grânulos (que se desfizeram em cinzas quando tocados) e poderia ter-se desintegrado antes se Sai Baba os tivesse produzido por um truque de mágica que era indetetável para nós.

Haraldsson observa que as manifestações de Sai Baba não são o resultado de hipnose em massa porque ele permite livremente que as suas demonstrações ao ar livre sejam filmadas, e tudo o que ele faz, ainda aparece no filme. Da mesma forma, a produção de objetos específicos, a raridade de alguns dos objetos, o calor da comida e o grande volume das materializações parecem governar contra o engano como uma possibilidade. Haraldsson também aponta que ninguém jamais apresentou qualquer evidência confiável de que Sai Baba está a fingir as suas habilidades. Além disso, Sai Baba tem produzido um fluxo contínuo de objetos por meio século, desde os quatorze anos, um facto que é mais uma prova tanto do volume das materializações quanto do significado da sua reputação imaculada. Sai Baba está a produzir objetos do nada? No momento, o júri ainda não decidiu, mas Haraldsson deixa claro qual é a sua posição. Ele acredita que as demonstrações de Sai Baba lembram-nos dos "enormes potenciais que podem estar adormecidos em algum lugar dentro de todos os seres humanos".

Relatos de pessoas que podem materializar-se não são desconhecidos na Índia. Em seu livro *Autobiografia de um logue*, Paramahansa Yogananda (1893-1952), o primeiro eminente homem santo da Índia a estabelecer residência permanente no Ocidente, descreve os seus encontros com vários ascetas hindus que podiam materializar frutas fora da estação, placas de ouro e outros objetos. Curiosamente, Yogananda advertiu que tais poderes, ou *siddis*, nem sempre são evidências de que a pessoa que os possui evoluiu espiritualmente. "O mundo nada mais é do que um sonho objetivado", diz Yogananda, e "tudo o que a sua mente poderosa acredita muito intensamente acontece instantaneamente". Esses indivíduos descobriram uma maneira de aproveitar apenas um pouco do enorme mar de energia cósmica que Bohm diz que preenche cada centímetro cúbico de espaço vazio?

Uma série notável de materializações que recebeu confirmação ainda maior do que a concedida por Haraldsson a Sai Baba foi produzida por Therese Neumann. Além dos seus estigmas, Neumann também exibia inédia, a habilidade sobrenatural de viver sem comida. Sua inédia começou em 1923, quando ela "transferiu" a doença de garganta de um jovem padre para o seu próprio corpo e subsistiu exclusivamente de líquidos por vários anos. Então, em 1927, ela abandonou totalmente a comida e a água.

Quando o bispo local em Regensburg soube pela primeira vez do jejum de Neumann, ele enviou uma comissão à casa dela para investigar. De 14 a 29 de julho de 1927, e sob a supervisão de um médico chamado Seidl, quatro irmãs franciscanas enfermeiras examinaram cada movimento seu. Eles observavam-na dia e noite, e a água que ela usava para lavar e enxaguar a boca era medida e pesada com cuidado. As irmãs descobriram várias coisas incomuns sobre Neumann. Ela nunca foi ao banheiro (mesmo depois de um período de seis semanas ela teve apenas uma evacuação, e os excrementos, examinados por um Dr. Reismanns, continham apenas uma pequena quantidade de muco e bile, mas nenhum vestígio de comida). Ela também não mostrou sinais de desidratação, embora o ser humano médio expulse cerca de quatrocentos gramas (quatorze litros) de água diariamente no ar que exala, e uma quantidade semelhante pelos poros. E o seu peso permaneceu constante; embora ela tenha perdido quase quatro quilos (em sangue) durante a abertura semanal dos seus estigmas, o seu peso voltou ao normal um ou dois dias depois.

No final do inquérito, o Dr. Seidl e as irmãs estavam completamente convencidos de que Neumann não tinha comido ou bebido nada durante os catorze dias inteiros. O teste parece conclusivo, pois embora o corpo humano possa sobreviver duas semanas sem comida, raramente consegue sobreviver metade desse tempo sem água. No entanto, isso não era nada para Neumann; *ela não comeu nem bebeu nada durante trinta e cinco anos*. Portanto, parece que ela não estava apenas a materializar a enorme quantidade de sangue necessária para perpetuar os seus estigmas, mas também a materializar regularmente a água e os nutrientes de que precisava para se manter viva e com boa saúde. A Inédia não é exclusiva de Neumann. Em *The Physical Phenomena of Mysticism*, Thurston dá vários exemplos de estigmatistas que passaram anos sem comer ou beber.

A materialização pode ser mais comum do que imaginamos. Relatos convincentes de estátuas, pinturas, ícones e até rochas a sangrarem que têm significado histórico ou religioso abundam na literatura sobre milagres. Existem também dezenas de histórias de Madonas e outros ícones a derramar lágrimas. Uma epidemia virtual de "Weeping Madonnas (Madonas a Chorar)" varreu a Itália em 1953. E na Índia, seguidores de Sai Baba mostraram a Haraldsson fotos do asceta que exsudava milagrosamente cinzas sagradas.

MUDANDO A IMAGEM INTEIRA

De certa forma, a materialização desafia as nossas ideias convencionais sobre a realidade acima de tudo, pois embora possamos, com esforço, inserir coisas como PK na nossa visão de mundo atual, a criação de um objeto do nada é a base dessa visão de mundo. Ainda assim, não é tudo o que a mente pode fazer. Até agora, vimos milagres que envolvem apenas "partes" da realidade, exemplos de pessoas movendo partes psicocineticamente, de pessoas alterando partes (as leis da física) para se tornarem imunes ao fogo e de pessoas materializando partes (sangue, sal, pedras, joias, cinzas, nutrientes e lágrimas). Mas se a

realidade é realmente um todo ininterrupto, por que os milagres parecem envolver apenas partes?

Se os milagres são exemplos das próprias habilidades latentes da mente, a resposta, claro, é porque nós mesmos estamos profundamente programados para ver o mundo em termos de partes. Isso implica que, se não fôssemos tão incutidos em pensar em termos de partes, se víssemos o mundo de maneira diferente, os milagres também seriam diferentes. Em vez de encontrar tantos exemplos de milagres nos quais partes da realidade foram transformadas, encontraríamos mais exemplos em que toda a realidade foi transformada. Na verdade, existem alguns exemplos, mas são raros e oferecem um desafio ainda mais grave às nossas ideias convencionais sobre a realidade do que as materializações.

Watson fornece um. Enquanto ele estava na Indonésia, ele também encontrou outra jovem com poder. O nome da mulher era Tia, ao contrário do poder de Alin, o dela não parecia ser uma expressão de um dom psíquico inconsciente. Em vez disso, foi controlado conscientemente e derivado da conexão natural de Tia com forças que estão adormecidas na maioria de nós. Tia era, em suma, uma xamã em formação. Watson testemunhou muitos exemplos dos seus dons. Ele viu-a realizar curas milagrosas, e uma vez, quando ela estava envolvida numa luta pelo poder com o líder religioso muçulmano local, ele viu-a usar o poder da sua mente para colocar fogo no minarete da mesquita local.

Mas ele testemunhou uma das exibições mais impressionantes de Tia quando acidentalmente tropeçou com ela a conversar com uma garotinha num bosque sombrio de árvores *kenari*. Mesmo à distância, Watson percebeu pelos gestos de Tia que ela estava a tentar comunicar algo importante para a criança. Embora ele não pudesse ouvir a conversa, ele podia dizer pelo ar de frustração dela que ela não estava a ter sucesso. Finalmente, ela pareceu ter uma ideia e começou uma dança misteriosa.

Em transe, Watson continuou a observar enquanto ela gesticulava em direção às árvores e, embora ela mal parecesse se mover, havia algo hipnótico nas suas gesticulações sutis. Então ela fez algo que chocou e desanimou Watson. Ela fez com que todo o bosque de árvores desaparecesse de repente. Como Watson afirma: "Num momento, Tia dançava num bosque de *kenari* sombrio; no seguinte, ela estava sozinha na forte e brilhante luz do sol."

Poucos segundos depois, ela fez o bosque reaparecer e, pela maneira como a menina se levantou e correu tocando as árvores, Watson teve a certeza de que ela também havia partilhado a experiência. Mas Tia não estava acabada. Ela fez o bosque piscar várias vezes enquanto ela e a garotinha davam as mãos, dançando e rindo com a maravilha de tudo isso. Watson simplesmente afastou-se, com a cabeça a girar.

Em 1975, quando eu estava no último ano da Michigan State University, tive uma experiência igualmente profunda e desafiadora da realidade. Eu estava a jantar com uma das minhas professoras num restaurante local, e estávamos a discutir as implicações filosóficas das experiências de Carlos Castaneda. Em particular, a nossa conversa girou em

torno de um incidente que Castaneda relata no *Journey to Ixtlan*. Don Juan e Castaneda estão à noite no deserto em busca de um espírito quando encontram uma criatura que se parece com um bezerro, mas tem orelhas de lobo e bico de pássaro. Ele está enrolado e a gritar como se estivesse a sofrer de uma morte agonizante.

No início, Castaneda fica apavorado, mas depois de dizer a si mesmo que o que está a ver não pode ser real, a sua visão muda e ele vê que o espírito moribundo é na verdade um galho de árvore caído tremendo ao vento. Castaneda orgulhosamente aponta a verdadeira identidade da coisa, mas como sempre, o velho xamã Yaqui repreende-o. Ele diz a Castaneda que o galho era um espírito moribundo enquanto estava vivo com poder, mas que se transformou num galho de árvore quando Castaneda duvidou da sua existência. No entanto, ele ressalta que ambas as realidades eram igualmente reais.

Na minha conversa com a minha professora, admiti que estava intrigado com a afirmação de Don Juan de que as duas realidades mutuamente exclusivas poderiam ser reais e senti que a ideia poderia explicar muitos eventos paranormais. Momentos depois de discutir esse incidente, saímos do restaurante e, como era uma noite clara de verão, decidimos dar um passeio. Enquanto continuávamos a conversar, percebi um pequeno grupo de pessoas a andar à nossa frente. Estavam a falar uma língua estrangeira irreconhecível e, pelo seu comportamento turbulento, parecia que estavam bêbados. Além disso, uma das mulheres carregava um guarda-chuva verde, o que era estranho porque o céu estava totalmente sem nuvens e não havia previsão de chuva.

Não querendo colidir com o grupo, recuamos um pouco e, ao fazê-lo, a mulher de repente começou a balançar o guarda-chuva de maneira selvagem e errática. Ela traçou arcos enormes no ar e, várias vezes, ao virar-se, a ponta do guarda-chuva quase nos atingiu de raspão. Diminuímos o nosso ritmo ainda mais, mas ficou cada vez mais aparente que o seu desempenho foi projetado para atrair a nossa atenção. Finalmente, depois que ela fixou o nosso olhar firmemente fixo no que estava a fazer, ela segurou o guarda-chuva com as duas mãos sobre a cabeça e, em seguida, lançou-o dramaticamente aos nossos pés.

Nós dois olhamos para ele em silêncio, perguntando-nos por que ela tinha feito tal coisa, quando de repente algo notável começou a acontecer. O guarda-chuva fez algo que só posso descrever como "bruxuleante", como a chama de uma lanterna prestes a apagar-se. Ele emitiu um som estranho e crepitante, como o som de celofane a ser amassado e, em um conjunto deslumbrante de luz cintilante multicolorida, termina enrolado, a sua cor mudou e ele se remodelou num bastão marrom-acinzentado nodoso. Fiquei tão atordoado que não disse nada por vários segundos. A minha professora falou primeiro e disse em voz baixa e chocada que ela tinha pensado que o objeto fosse um guarda-chuva. Perguntei se ela tinha visto algo extraordinário a acontecer e ela balançou a cabeça. Nós dois anotámos o que pensávamos ter acontecido e os nossos relatos coincidiam exatamente. A única vaga diferença nas nossas descrições é que a minha professora disse que o guarda-chuva "chiou"

quando se transformou num graveto, um som não muito diferente do estalido do celofane a ser amassado.

O QUE SIGNIFICA TUDO ISTO?

Este incidente levanta muitas questões para as quais não tenho respostas. Não sei quem foram as pessoas que lançaram o guarda-chuva aos nossos pés, ou se ao menos perceberam a transformação mágica que ocorreu enquanto elas se afastavam, embora a atuação bizarra e aparentemente proposital da mulher sugira que elas não estavam completamente inconscientes. Tanto a minha professora quanto eu ficámos tão paralisados com a transformação mágica do guarda-chuva que, quando tivemos a presença de espírito de perguntar-lhes, eles já tinham ido embora. Não sei por que o evento aconteceu, exceto que parece óbvio que estava conectado de alguma forma à nossa conversa sobre Castaneda encontrar uma ocorrência semelhante.

Nem mesmo sei por que tive o privilégio de experimentar tantas ocorrências paranormais, exceto que parece estar relacionado ao facto de que nasci com uma grande quantidade de habilidades psíquicas nativas. Quando adolescente, comecei a ter sonhos vívidos e detalhados sobre eventos que aconteceriam mais tarde. Muitas vezes eu sabia coisas sobre pessoas que não tinha o direito de saber. Quando eu tinha dezassete anos, desenvolvi espontaneamente a capacidade de ver um campo de energia, ou "aura", em torno de coisas vivas e, até hoje, muitas vezes posso determinar coisas sobre a saúde de uma pessoa pelo padrão e cores da névoa de luz que vejo à volta deles. Acima e além disso, tudo o que posso dizer é que todos nós somos dotados de diferentes aptidões e qualidades. Alguns de nós são artistas naturais. Alguns dançarinos. Parece que nasci com a química necessária para desencadear mudanças na realidade, para catalisar de alguma forma as forças necessárias para precipitar eventos paranormais. Sou grato por essa capacidade porque ela ensinou-me muito sobre o universo, mas não sei por que a tenho.

O que sei é que o "incidente do guarda-chuva", como passei a chamá-lo, acarretou uma alteração radical no mundo. Neste capítulo, examinámos milagres que envolveram mudanças cada vez maiores na realidade. A PK é mais fácil de entender do que a capacidade de arrancar um objeto do ar, e a materialização de um objeto é mais fácil para a maioria de nós aceitar do que o aparecimento e desaparecimento de um bosque inteiro de árvores, ou a aparência paranormal de um grupo de pessoas capaz de transmogrificar a matéria de uma forma para outra. Cada vez mais esses incidentes sugerem que a realidade é, em um sentido muito real, um holograma, uma construção.

A questão é: trata-se de um holograma relativamente estável por longos períodos de tempo e sujeito apenas a alterações mínimas pela consciência, como sugere Bohm? Ou é um holograma que apenas parece estável, mas em circunstâncias especiais pode ser

alterado e remodelado de maneiras virtualmente ilimitadas, como sugere a evidência do milagroso? Alguns pesquisadores que abraçaram a ideia holográfica acreditam que o último é o caso. Por exemplo, Grof não só leva a materialização e outros fenômenos paranormais extremos a sério, mas sente que a realidade é de facto construída em nuvens e dócil à autoridade sutil da consciência. “O mundo não é necessariamente tão sólido como o percebemos”, diz ele.

O físico William Tiller, chefe do Departamento de Ciência de Materiais da Universidade de Stanford e outro defensor da ideia holográfica, concorda. Tiller acha que a realidade é semelhante ao "holodeck" do programa de televisão *Star Trek: The Next Generation*. Na série, o holodeck é um ambiente no qual os ocupantes podem invocar uma simulação holográfica de literalmente qualquer realidade que desejarem, uma floresta exuberante, uma cidade movimentada. Eles também podem alterar cada simulação da maneira que quiserem, como fazer com que uma lâmpada se materialize ou uma mesa indesejada desapareça. Tiller acha que o universo também é uma espécie de holodeck criado pela "integração" de todas as coisas vivas. “Nós o criamos como um veículo de experiência e criamos as leis que o regem”, afirma. “E quando chegarmos às fronteiras do nosso entendimento, podemos de facto mudar as leis para que também estejamos a criar a física à medida que avançamos.”.

Se Tiller estiver certo e o universo for um holodeck enorme, a capacidade de materializar um anel de ouro ou fazer um bosque de árvores *kenari* acender e apagar não é mais tão estranha. Até mesmo o incidente do guarda-chuva pode ser visto como uma aberração temporária na simulação holográfica que chamamos de realidade comum. Embora o meu professor e eu não soubéssemos que possuíamos tal habilidade, pode ser que o fervor emocional da nossa discussão sobre Castaneda tenha feito as nossas mentes inconscientes mudarem o holograma da realidade para refletir melhor o que estávamos a acreditar no momento. Dada a afirmação de Ullman de que a nossa psique está constantemente a tentar ensinar-nos coisas que desconhecemos no nosso estado de vigília, o nosso inconsciente pode até ser programado para produzir ocasionalmente tais milagres, a fim de oferecer-nos vislumbres da verdadeira natureza da realidade, para mostrar-nos que o mundo que criamos para nós mesmos é, em última análise, tão criativamente infinito quanto a realidade dos nossos sonhos.

Dizer que a realidade é criada pela integração de todas as coisas vivas não é realmente diferente de dizer que o universo é composto de campos de realidade. Se isso for verdade, isso explica por que a realidade de algumas partículas subatómicas, como os elétrons, parece relativamente fixa, enquanto a realidade de outras, como os anómalos, parece ser mais plástica. Pode ser que os campos de realidade que agora percebemos como elétrons tenham se tornado parte do holograma cósmico há muito tempo, talvez muito antes de os seres humanos fazerem parte da integração de todas as coisas. Consequentemente, os elétrons podem estar tão profundamente enraizados no holograma que não são mais tão

suscetíveis à influência da consciência humana quanto outros campos de realidade mais recentes. Da mesma forma, as anomalias podem variar de laboratório para laboratório porque são campos de realidade mais recentes e ainda são incipientes, ainda se debatendo em busca de uma identidade, por assim dizer. Em certo sentido, eles são como os elementos da torta de praia champanhe percebidos enquanto ela ainda estava no seu estado cinza e ainda não havia se fundido totalmente para fora do implícito.

Isso também pode explicar por que a aspirina ajuda a prevenir ataques cardíacos em americanos, mas não nos britânicos. Também pode ser um campo de realidade relativamente recente e que ainda está em formação. Há até evidências de que a capacidade de materializar sangue é um campo de realidade comparativamente recente. Rogo observa que os relatos de milagres de sangue começaram com o milagre de San Gennaro no século XIV. O facto de que nenhum milagre de sangue seja conhecido antes de San Gennaro parece indicar que a habilidade surgiu naquela época. Uma vez assim estabelecido, seria mais fácil para outros acederem o campo de realidade da sua possibilidade, o que pode explicar por que houve numerosos milagres de sangue desde San Gennaro, mas nenhum antes.

Na verdade, se o universo é um holodeck, todas as coisas que parecem estáveis e eternas, desde as leis da física até à substância das galáxias, teriam de ser vistas como campos de realidade, fogos de artifício nem mais nem menos reais do que os adereços em um sonho gigante mutuamente partilhado. Toda a permanência teria que ser considerada ilusória, e apenas a consciência seria eterna, a consciência do universo vivo.

Claro, existe uma outra possibilidade. Pode ser que apenas eventos anómalos, como o incidente do guarda-chuva, sejam campos de realidade, e o mundo em geral ainda seja tão estável e não afetado pela consciência quanto fomos ensinados a acreditar. O problema com essa suposição é que ela nunca pode ser provada. O único teste decisivo que temos para determinar se algo é real, digamos um elefante roxo que acabou de entrar na nossa sala de estar, é descobrir se outras pessoas também podem vê-lo. Mas, uma vez que admitimos que duas ou mais pessoas podem criar uma realidade - seja um guarda-chuva em transformação ou um bosque desaparecido de árvores *kenari* - não temos mais como provar que tudo o mais no mundo não é criado pela mente. Tudo se resume a uma questão de filosofia pessoal.

E as filosofias pessoais variam. Jahn prefere pensar que apenas a realidade criada pelas interações da consciência são reais. "A questão de saber se existe um 'lá fora' lá fora é abstrata. Se não temos como verificar a abstração, não há lucro em tentar modelá-la", diz ele. Globus, que admite de bom grado que a realidade é uma construção da consciência, prefere pensar que existe um mundo além da bolha das nossas percepções. "Estou interessado em belas teorias", diz ele, "e uma bela teoria postula a existência". No entanto, ele admite que este é apenas o seu preconceito, e não há maneira empírica de provar tal suposição.

Quanto a mim, como resultado das minhas próprias experiências, concordo com Don Juan quando ele afirma: "Somos percecionadores. Somos uma consciência; não somos objetos; não temos solidez. Não temos limites. O mundo dos objetos e da solidez é uma forma de tornar cômoda a nossa passagem pela terra. É apenas uma descrição que foi criada para ajudar-nos. Nós, ou melhor, a nossa razão, esqueceu que a descrição é apenas uma descrição e, assim, enredamos a totalidade de nós num círculo vicioso do qual raramente emergimos na nossa vida."

Colocado de outra forma, não há realidade acima e além daquela criada pela integração de todas as consciências, e o universo holográfico pode ser esculpido de maneiras virtualmente ilimitadas pela mente.

Se isso for verdade, as leis da física e a substância das galáxias não são as únicas coisas que são campos de realidade. Até mesmo os nossos corpos, os veículos da nossa consciência nesta vida, teriam de ser considerados nem mais nem menos reais do que anomalias e praias de champanhe. Ou como Keith Floyd, psicólogo do Virginia Intermont College e outro defensor da ideia holográfica, afirma: "Ao contrário do que todos sabem, pode não ser o cérebro que produz a consciência, mas sim a consciência que cria a aparência do cérebro - matéria, espaço, tempo e tudo o mais que tenhamos o prazer de interpretar como o universo físico."

Isso talvez seja o mais perturbador de tudo, pois estamos tão profundamente convencidos de que os nossos corpos são sólidos e objetivamente reais que é difícil até mesmo alimentar a ideia de que nós, também, podemos ser nada mais do que fogos-fátuos. Mas há evidências convincentes de que esse também é o caso. Outro fenômeno frequentemente associado aos santos é a bilocação, ou a capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo. De acordo com Haraldsson, Sai Baba faz uma bilocação melhor. Numerosas testemunhas relataram tê-lo visto estalar os dedos e desaparecer, reaparecendo instantaneamente a cem metros ou mais de distância. Tais incidentes sugerem muito que os nossos corpos não são objetos, mas projeções holográficas que podem piscar "desligar" em um local e "ligar" em outro com a mesma facilidade com que uma imagem pode desaparecer e reaparecer numa tela de vídeo.

Um incidente que ressalta ainda mais a natureza holográfica e imaterial do corpo pode ser encontrado em fenômenos produzidos por um médium islandês chamado Indridi Indridason. Em 1905, vários dos principais cientistas da Islândia decidiram investigar o paranormal e escolheram o Indridason como um dos seus temas. Na época, Indridason era apenas um caipira sem experiência anterior com coisas psíquicas, mas rapidamente provou ser um médium espetacularmente talentoso. Ele podia entrar em transe rapidamente e produzir exibições dramáticas de PK. Mas o mais bizarro de tudo, às vezes, enquanto ele estava em transe profundo, diferentes partes do seu corpo desmaterializavam-se completamente. Enquanto os cientistas espantados observavam, um braço ou uma mão desapareceria da existência, apenas para se rematerializar antes que ele acordasse.

Esses eventos novamente oferecem-nos um vislumbre tentador das enormes potencialidades que podem estar adormecidas em todos nós. Como vimos, o nosso conhecimento científico atual do universo é completamente incapaz de explicar os vários fenômenos que examinamos neste capítulo e, portanto, não tem escolha a não ser ignorá-los. No entanto, se pesquisadores como Grof e Tiller estiverem corretos e a mente for capaz de interceder na ordem implícita, a placa holográfica que dá origem ao holograma que chamamos de universo, e assim criar qualquer realidade ou leis da física que queira, então não apenas essas coisas são possíveis, mas virtualmente tudo é possível.

Se isso for verdade, a aparente solidez do mundo é apenas uma pequena parte do que está disponível para a nossa percepção. Embora a maioria de nós esteja realmente presa na nossa descrição atual do universo, alguns indivíduos têm a capacidade de ver além da solidez do mundo. No próximo capítulo, daremos uma olhadela em alguns desses indivíduos e examinaremos o que eles veem.

Capítulo 6

VENDO HOLOGRAFICAMENTE

Nós, seres humanos, consideramo-nos feitos de "matéria sólida". Na verdade, o corpo físico é o produto final, por assim dizer, dos campos sutis de informação, que moldam o nosso corpo físico, bem como toda a matéria física. Esses campos são hologramas que mudam com o tempo (e estão) fora do alcance dos nossos sentidos normais. Isso é o que os clarividentes percebem como halos coloridos na forma de ovo ou auras em torno dos nossos corpos físicos.

- Itzhak Bentov

Perseguindo o Pêndulo Selvagem

Alguns anos atrás, eu estava a caminhar com uma amiga quando uma placa de rua chamou a minha atenção. Era simplesmente uma placa de Proibido Estacionar e não parecia diferente de nenhuma das outras placas de Estacionamento Proibido que pontilhavam as ruas da cidade. Mas, por algum motivo, isso deixou-me paralisado. Eu nem sabia que estava a olhar para ele até que a minha amiga exclamou de repente: "Essa placa está escrita incorretamente!" O anúncio dela tirou-me do meu devaneio e, enquanto eu observava, o *i* na palavra Parking rapidamente se transformou em *e*.

O que aconteceu foi que a minha mente estava tão acostumada a ver o sinal escrito corretamente que o meu inconsciente editou o que estava lá e fez-me ver o que esperava que estivesse lá. A minha amiga, como se viu, também tinha visto o sinal escrito corretamente no início, e foi por isso que ela teve uma reação vocal quando percebeu que estava escrito incorretamente. Continuámos a caminhar, mas o incidente incomodou-me. Pela primeira vez percebi que o olho/cérebro não é uma câmara fiel, mas mexe com o mundo antes que ele nos seja dado.

Os neurofisiologistas sabem disso há muito tempo. Nos seus primeiros estudos sobre a visão, Pribram descobriu que a informação visual que um macaco recebe por meio dos seus nervos ópticos não viaja diretamente para o córtex visual, mas primeiro é filtrada por outras áreas do cérebro. Numerosos estudos mostraram que o mesmo se aplica à visão humana. A informação visual que entra no nosso cérebro é editada e modificada pelos nossos lobos temporais antes de ser passada para o nosso córtex visual. Alguns estudos sugerem que menos de 50% do que "vemos" é realmente extraído das nossas expectativas de como o mundo deveria ser (e talvez de outras fontes, como campos de realidade). Os olhos podem ser órgãos visuais, mas é o cérebro que vê.

É por isso que nem sempre notamos quando um amigo próximo raspa o bigode e porque a nossa casa sempre parece estranhamente diferente quando voltamos para ela

depois das férias. Em ambos os casos, estamos tão acostumados a responder ao que pensamos que está lá, nem sempre vemos o que realmente está lá.

Provas ainda mais dramáticas do papel que a mente desempenha na criação do que vemos são fornecidas pelo chamado ponto cego do olho. No meio da retina, onde o nervo óptico conecta-se ao olho, temos um ponto cego onde não há fotorreceptores. Isso pode ser rapidamente demonstrado com a ilustração mostrada na figura 15.

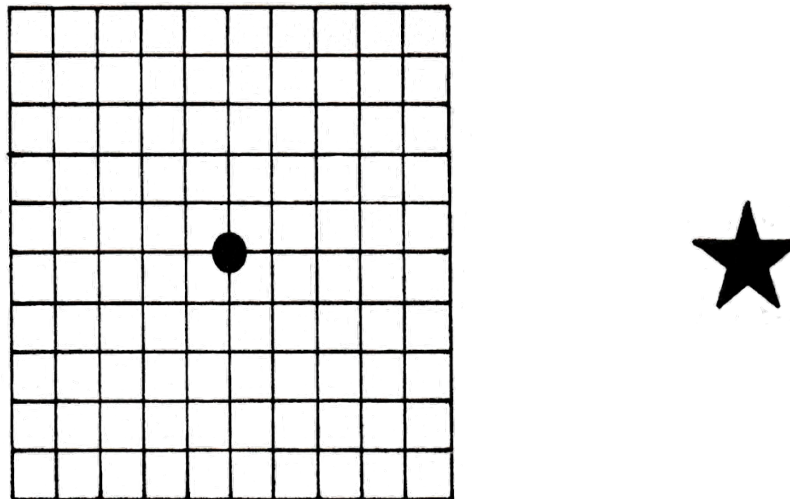


FIGURA 15. Para demonstrar como os nossos cérebros constroem o que percebemos como realidade, segure a ilustração ao nível dos olhos, feche o olho esquerdo e olhe fixamente para o círculo no meio da grade com o olho direito. Lentamente, mova o livro para frente e para trás ao longo da linha da sua visão até que a estrela desapareça (cerca de 10 a 15 polegadas). A estrela desaparece porque está a cair no seu ponto cego. Agora feche o seu olho direito e olhe para a estrela. Mova o livro para frente e para trás até que o círculo no meio da grade desapareça. Quando isso acontecer, observe que embora o círculo desapareça, todas as linhas da grade permanecem intactas. Isso ocorre porque o seu cérebro está a preencher o que acha que deveria estar lá.

Mesmo quando olhamos para o mundo à nossa volta, não temos consciência de que existem lacunas na nossa visão. Não importa se estamos a olhar para um pedaço de papel em branco ou um tapete persa ornamentado. O cérebro preenche habilmente as lacunas como um alfaiate habilidoso tecendo um buraco num pedaço de tecido. O que é ainda mais notável é que ele refaz a tapeçaria da nossa realidade visual de forma tão magistral que nem mesmo percebemos que está a fazer isso.

Isso leva a uma questão perturbadora. Se estamos a ver menos da metade do que está lá fora, o que está lá fora que não estamos a ver? Quais placas de rua com erros ortográficos e pontos cegos estão a escapar completamente à nossa atenção? A nossa habilidade tecnológica fornece-nos algumas respostas. Por exemplo, embora as teias de aranha pareçam monótonas e brancas para nós, agora sabemos que para os olhos sensíveis ao ultravioleta dos insetos para os quais foram projetadas, elas têm cores vivas e, portanto, são atraentes. A nossa tecnologia também diz-nos que as lâmpadas fluorescentes não fornecem luz continuamente, mas na verdade estão a piscar e a apagar a uma velocidade um pouco rápida demais para que possamos discernir. No entanto, esse efeito estroboscópico perturbador é bastante visível para as abelhas, que devem ser capazes de voar a uma velocidade vertiginosa sobre um prado e ainda assim verem todas as flores pelas quais passam zunindo.

Mas existem outros aspetos importantes da realidade que não estamos a ver, aspetos que estão além até mesmo de nossa compreensão tecnológica? De acordo com o modelo holográfico, a resposta é sim. Lembre-se de que, na visão de Pribram, a realidade em geral é realmente um domínio de frequência, e o nosso cérebro é uma espécie de lente que converte essas frequências no mundo objetivo das aparências. Embora Pribram tenha começado a estudar as frequências do nosso mundo sensorial normal, como frequências de som e luz, ele agora usa o termo domínio de frequência para se referir aos padrões de interferência que compõem a ordem implícita.

Pribram acredita que pode haver todos os tipos de coisas no domínio da frequência que não estamos a ver, coisas que os nossos cérebros aprenderam a editar regularmente da nossa realidade visual. Ele pensa que quando os místicos têm experiências transcendentais, o que eles realmente estão a fazer é vislumbrar o domínio da frequência. “A experiência mística faz sentido quando se pode fornecer as fórmulas matemáticas que nos levam de um lado para o outro entre o mundo comum, ou domínio da 'imagem-objeto', e o domínio da 'frequência'”, afirma ele.

O CAMPO DE ENERGIA HUMANO

Um fenómeno místico que parece envolver a habilidade de ver os aspetos da frequência da realidade é a aura, ou campo de energia humano. A noção de que existe um campo sutil de energia à volta do corpo humano, um envelope de luz semelhante a um halo que existe um pouco além da percepção humana normal, pode ser encontrada em muitas tradições antigas. Na Índia, as escrituras sagradas que datam de mais de cinco mil anos referem-se a essa energia vital como prana. Na China, desde o terceiro milénio a.C., ele é chamado de *ch'i* e acredita-se que seja a energia que flui pelo sistema de meridianos de acupuntura. A Cabala, uma filosofia mística judaica que surgiu no século VI a.C., chama esse princípio vital de nefesh e ensina que uma bolha de iridescência em forma de ovo envolve

todo corpo humano. Em seu livro *Future Science*, o escritor John White e o parapsicólogo Stanley Krippner listam 97 culturas diferentes que se referem à aura com 97 nomes diferentes.

Muitas culturas acreditam que a aura de um indivíduo extremamente espiritual é tão brilhante que é visível até mesmo para a percepção humana normal. É por isso que tantas tradições, incluindo cristãs, chinesas, japonesas, tibetanas e egípcias, descrevem os santos como tendo halos ou outros símbolos circulares em torno das suas contas. No seu livro sobre milagres, Thurston dedica um capítulo inteiro a relatos de fenômenos luminosos associados a santos católicos, e tanto Neumann quanto Sai Baba teriam ocasionalmente tido auras visíveis de luz à sua volta. Dizem que o grande místico sufi Hazrat Inayat Khan, que morreu em 1927, às vezes emitia tanta luz que as pessoas podiam realmente lê-la.

Em circunstâncias normais, entretanto, o campo de energia humano é visível apenas para indivíduos que possuem uma capacidade especialmente desenvolvida para vê-lo. Às vezes, as pessoas nascem com a habilidade. Às vezes, ela se desenvolve espontaneamente em um determinado ponto da vida de uma pessoa, como aconteceu no meu caso, e às vezes desenvolve-se como resultado de alguma prática ou disciplina, muitas vezes de natureza espiritual. A primeira vez que vi a névoa distinta de luz à volta do meu braço, pensei que fosse fumaça e levantei o braço para ver se de alguma forma tinha pegado fogo na manga. Claro, não tinha e rapidamente descobri que a luz que cercava o meu corpo inteiro e formava uma nuvem envolvia todos os outros também.

De acordo com algumas escolas de pensamento, o campo de energia humano tem várias camadas distintas. Não vejo camadas no campo e não tenho base pessoal para julgar se isso é verdade ou não. Na verdade, essas camadas são corpos de energia tridimensionais que ocupam o mesmo espaço que o corpo físico, mas são cada vez maiores, de modo que parecem apenas camadas, ou estratos, à medida que se estendem para fora do corpo.

Muitos paranormais afirmam que existem sete camadas principais, ou corpos sutis, cada um progressivamente menos denso do que o anterior e cada vez mais difícil de ver. Diferentes escolas de pensamento referem-se a esses corpos de energia por nomes diferentes. Um sistema comum de nomenclatura refere-se aos quatro primeiros como o corpo etérico, o astral ou corpo emocional; o corpo mental e o causal ou corpo intuitivo. Em geral, acredita-se que o corpo etérico, o corpo que está mais próximo do tamanho do corpo físico, é uma espécie de projeto de energia e está envolvido na orientação e modelagem do crescimento do corpo físico. Como os seus nomes sugerem, os próximos três corpos estão relacionados a processos emocionais, mentais e intuitivos. Praticamente ninguém concorda sobre como chamar os três corpos restantes, embora seja comumente aceito que eles têm a ver com a alma e com o funcionamento espiritual superior.

De acordo com a literatura iogue indiana, e também com muitos paranormais, também temos centros especiais de energia no nosso corpo. Esses pontos focais de energia sutil

estão conetados às glândulas endócrinas e aos principais centros nervosos do corpo físico, mas também estendem-se para cima e para o campo de energia. Por se assemelharem a vórtices giratórios de energia quando vistos de frente, a literatura iogue refere-se a eles como chakras, da palavra sânscrita para "roda", termo usado até hoje.

O chakra da coroa, um chakra importante que se origina na extremidade superior do cérebro e está associado ao despertar espiritual, é frequentemente descrito por clarividentes como se parecendo um pequeno ciclone a girar no campo de energia no topo da cabeça, e é o único chakra que eu vejo claramente. (As minhas próprias habilidades parecem ser muito rudimentares para permitir que eu veja os outros chakras.) Ele varia de alguns centímetros a trinta centímetros ou mais de altura. Quando as pessoas estão num estado de alegria, esse turbilhão de energia fica mais alto e mais brilhante e, quando dançam, balança como a chama de uma vela. Muitas vezes perguntei-me se era isso o que o apóstolo Lucas estava a ver quando descreveu a "chama do Pentecostes", as línguas de fogo que apareceram nas cabeças dos apóstolos quando o Espírito Santo desceu sobre eles.

O campo de energia humano nem sempre é branco-azulado, mas pode possuir várias cores. De acordo com médiuns talentosos, essas cores, a sua turvação ou intensidade e a sua localização na aura estão relacionadas ao estado mental, emocional, atividade, saúde e diversos outros fatores de uma pessoa. Eu só posso ver cores ocasionalmente e às vezes posso interpretar o seu significado, mas novamente as minhas habilidades nesta área não são terrivelmente avançadas.

Uma pessoa que possui habilidades avançadas é a terapeuta e curadora Barbara Brennan. Brennan começou a sua carreira como física atmosférica trabalhando para a NASA no Goddard Space Flight Center, e mais tarde saiu para se tornar uma conselheira. A sua primeira suspeita de que era vidente veio quando criança e descobriu que podia andar com os olhos vendados pela floresta e evitar as árvores simplesmente sentindo os seus campos de energia com as mãos. Vários anos depois de se tornar conselheira, ela começou a ver halos de luz colorida à volta da cabeça das pessoas. Depois de superar o seu choque inicial e ceticismo, ela começou a desenvolver a habilidade e eventualmente descobriu que tinha um extraordinário talento natural como curadora.

Brennan não apenas vê os chakras, camadas e outras estruturas finas do campo de energia humano com clareza excepcional, mas pode fazer diagnósticos médicos surpreendentemente precisos com base no que vê. Depois de observar o campo de energia de uma mulher, Brennan disse a ela que havia algo anormal no seu útero. A mulher então disse a Brennan que o seu médico havia descoberto o mesmo problema, e isso já havia causado um aborto espontâneo. Na verdade, vários médicos recomendaram uma histerectomia e era por isso que ela procurava o conselho de Brennan. Brennan disse a ela que se tirasse um mês de folga e se cuidasse, o seu problema desapareceria. O conselho de Brennan revelou-se correto e, um mês depois, o médico da mulher confirmou que o seu útero havia voltado ao normal. Um ano depois, a mulher deu à luz um menino saudável.

Em outro caso, Brennan foi capaz de ver que um homem tinha problemas de desempenho sexual porque partiu o cóccix (ossos da cauda) quando tinha doze anos. O cóccix ainda fora do lugar estava a aplicar pressão indevida na sua coluna vertebral, o que, por sua vez, estava a causar a sua disfunção sexual.

Parece haver pouca coisa que Brennan não consegue captar olhando para o campo de energia humano. Ela diz que nos seus estágios iniciais o câncer parece azul-acinzentado na aura e, à medida que progride, torna-se preto. Eventualmente, pontos brancos aparecem no preto, e se os pontos brancos brilharem e começarem a parecer como se estivessem em erupção de um vulcão, isso significa que o câncer teve metástase. Drogas como álcool, maconha e cocaína também prejudicam as cores brilhantes e saudáveis da aura e criam o que Brennan chama de "muco etéreo". Num caso, ela foi capaz de dizer a um cliente assustado qual narina ele costumava usar para cheirar cocaína, porque o campo daquele lado do rosto estava sempre cinza com o muco etérico pegajoso.

Os medicamentos prescritos não estão isentos e frequentemente causam a formação de áreas escuras no campo de energia sobre o fígado. Drogas potentes como a quimioterapia "obstruem" todo o campo, e Brennan diz que até viu traços áuricos do corante radiopaco supostamente inofensivo usado para diagnosticar lesões na coluna, dez anos depois de ter sido injetado na coluna de uma pessoa. De acordo com Brennan, a condição psicológica de uma pessoa também reflete-se no seu campo de energia. Um indivíduo com tendências psicopáticas tem uma aura pesada. O campo de energia de uma personalidade masoquista é grosseiro e denso e é mais cinza do que azul. O campo de uma pessoa com uma abordagem rígida da vida também é grosseira e acinzentada, mas com a maior parte da sua energia concentrada na borda externa da aura e assim por diante.

Brennan diz que a doença pode realmente ser causada por lágrimas, bloqueios e desequilíbrios na aura e, ao manipular essas áreas disfuncionais com as mãos e o seu próprio campo de energia, ela pode melhorar muito os processos de cura de uma pessoa. Os seus talentos não passaram despercebidos. A psiquiatra e tanatologista suíça Elisabeth Kubler-Ross diz que Brennan é "provavelmente uma das melhores curandeiras espirituais do hemisfério ocidental". Bernie Siegel é igualmente laudatório: "O trabalho de Barbara Brennan abre a mente. Os seus conceitos sobre o papel que a doença desempenha e como a cura é alcançada certamente se encaixam na minha experiência."

Como física, Brennan está profundamente interessada em descrever o campo de energia humano em termos científicos e acredita que a afirmação de Pribram de que existe um domínio de frequência além do nosso campo de percepção normal é o melhor modelo científico que temos até agora para compreender o fenómeno. "Do ponto de vista do universo holográfico, esses eventos [a aura e as forças de cura necessárias para manipular as suas energias] emergem de frequências que transcendem o tempo e o espaço; eles não precisam ser transmitidos. Eles são potencialmente simultâneos e em toda parte", diz ela.

Que o campo de energia humano existe em toda parte e é não local até que seja arrancado do domínio da frequência pela percepção humana é evidenciado na descoberta de Brennan de que ela pode ler a aura de uma pessoa mesmo quando a pessoa está a muitos quilômetros de distância. A leitura da aura a mais longa distância que ela fez até agora foi durante uma conversa por telefone entre a cidade de Nova York e a Itália. Ela discute isso, bem como muitos outros aspectos das suas habilidades notáveis, no seu recente e fascinante livro *Hands of Light*.

O CAMPO DE ENERGIA DA PSIQUE HUMANA

Outra vidente talentosa que pode ver a aura em grandes detalhes é Carol Dryer, "consultora de campo de energia humano", sediada em Los Angeles. Dryer diz que tem sido capaz de ver auras desde que consegue se lembrar, e de facto já faz algum tempo antes de perceber que outras pessoas não podiam ver auras. A sua ignorância a esse respeito frequentemente a colocava em problemas quando criança, quando contava aos seus pais detalhes íntimos sobre os seus amigos, coisas que ela aparentemente não tinha como saber.

Dryer ganha a vida como vidente e, na última década e meia, atendeu mais de cinco mil clientes. Ela é bem conhecida na mídia porque a sua lista de clientes inclui muitas celebridades como Tina Turner, Madonna, Rosanna Arquette, Judy Collins, Valerie Harper e Linda Gray. Mas mesmo o poder de estrela da sua lista de clientes não começa a transmitir a verdadeira extensão do seu talento. Por exemplo, a lista de clientes de Dryer também inclui físicos, notáveis jornalistas, arqueólogos, advogados e políticos, e ela usou as suas habilidades para ajudar a polícia e frequentemente faz consultas a psicólogos, psiquiatras e médicos.

Como Brennan, Dryer pode fazer leituras de longa distância, mas prefere estar na mesma sala com a pessoa. Ela também pode ver o campo de energia de uma pessoa tão bem com os olhos fechados quanto com os olhos abertos. Na verdade, ela geralmente mantém os olhos fechados durante a leitura para ajudá-la a concentrar-se apenas no campo de energia. Isso não significa que ela vê a aura apenas com os olhos da mente. "Está sempre na minha frente como se eu estivesse a assistir a um filme ou peça de teatro", diz Dryer. "É tão real quanto a sala em que estou sentada. Na verdade, é mais real e com cores mais vivas."

No entanto, ela não vê as camadas estratificadas precisas descritas por outros clarividentes e, muitas vezes, nem mesmo vê o contorno do corpo físico. "O corpo físico de uma pessoa pode entrar nele, mas raramente porque é ver o corpo etérico em vez de ver a aura ou o campo de energia à sua volta. Se estou a ver o etérico, é geralmente porque ele contém vazamentos ou rasgos que estão a manter a aura de ser inteira. Portanto, não posso vê-la completamente. Existem apenas partes dela. É como um cobertor rasgado ou uma

cortina rasgada. Buracos no campo etérico geralmente são o resultado de trauma, lesão, doença ou algum outro tipo de experiência deprimente.

Mas, além de ver o etérico, Dryer diz que em vez de ver as camadas da aura como camadas de bolo empilhadas umas sobre as outras, ela as experiencia como texturas e intensidades variáveis de sensação visual. Ela compara isso a estar imerso no oceano e sentir água em diferentes temperaturas. "Em vez de entrar em conceitos rígidos como camadas, tendo a ver o campo de energia em termos de movimentos e ondas de energia", diz ela. "É como se a minha visão estivesse a estender-se por vários níveis e dimensões do campo de energia, mas eu não a vejo bem organizada em várias camadas."

Isso não significa que a percepção de Dryer do campo de energia humano seja menos detalhada do que a de Brennan. Ela percebe uma quantidade impressionante de padrões e estruturas - nuvens caleidoscópicas de cores salpicadas de luz, imagens complexas, formas cintilantes e névoas delicadas. No entanto, nem todos os campos de energia são criados iguais. De acordo com Dryer, pessoas superficiais têm auras superficiais e monótonas. Inversamente, quanto mais complexa é a pessoa, mais complexo e interessante é o seu campo de energia. "O campo de energia de uma pessoa é tão individual quanto a sua impressão digital. Nunca vi duas que se parecessem", diz ela.

Como Brennan, Dryer pode diagnosticar doenças olhando para a aura de uma pessoa e, quando quiser, pode ajustar a sua visão e ver os chakras. Mas a habilidade especial de Dryer é a capacidade de perscrutar profundamente a psique de uma pessoa e fornecer-lhe um relatório de status assustadoramente preciso das fraquezas, forças, necessidades e saúde geral do seu ser emocional, psicológico e espiritual. Tão profundos são os seus talentos nessa área que alguns compararam uma sessão com Dryer a seis meses de psicoterapia. Inúmeros clientes acreditaram que ela transformou completamente as suas vidas, e os seus arquivos estão repletos de cartas entusiasmadas de agradecimento.

Eu também posso atestar as habilidades de Dryer. Na minha primeira leitura com ela, e embora sejamos virtualmente estranhos, ela passou a descrever coisas sobre mim que nem mesmo os meus amigos mais próximos sabem. Não eram apenas chavões vagos, mas avaliações específicas e detalhadas dos meus talentos, vulnerabilidades e dinâmica de personalidade. No final da sessão de duas horas, eu estava convencido de que Dryer não estava a olhar para a minha presença física, mas para a própria construção de energia da minha psique. Também tive o privilégio de conversar e/ou ouvir as gravações das sessões de mais de duas dúzias de clientes de Dryer e descobri que, quase sem exceção, outros a consideraram tão competente e perspicaz quanto eu.

MÉDICOS QUE VÊEM O CAMPO DE ENERGIA HUMANO

Embora a existência do campo de energia humano não seja reconhecida pela comunidade médica ortodoxa, ela não foi completamente ignorada pelos médicos. Um profissional médico que leva o campo da energia a sério é a neurologista e psiquiatra Shafica Karagulla. Karagulla recebeu o seu diploma de doutor em medicina e cirurgia pela American University of Beirut, no Líbano, e obteve o seu treino em psiquiatria com o conhecido psiquiatra Professor Sir David K. Henderson, no Royal Edinburgh Hospital for Mental and Nervous Disorders. Ela também passou três anos e meio como pesquisadora associada de Wilder Penfield, o neurocirurgião canadense cujos estudos de referência da memória lançaram Lashley e Pribram ao seu encontro.

Karagulla começou como cética, mas depois de encontrar vários indivíduos que podiam ver auras e confirmar a sua capacidade de fazer diagnósticos médicos precisos como resultado do que viram, ela tornou-se uma crente. Karagulla chama a faculdade para ver o campo de energia humano de *Percepção Superior dos Sentidos*, ou PSS, e na década de 1960 ela começou a determinar se algum membro da profissão médica também possuía a habilidade. Ela colocou várias sondagens entre os seus amigos e colegas, mas no início o andamento foi lento. Mesmo os médicos que disseram ter essa habilidade relutaram em encontrar-se com ela. Depois de ser adiada várias vezes por um desses médicos, ela finalmente marcou uma consulta para vê-la como paciente.

Ela entrou no seu consultório, mas em vez de permitir que ele fizesse um exame físico para diagnosticar a sua condição, ela desafiou-o a usar a sua percepção superior sensorial. Percebendo que estava encurralado, ele cedeu. "Tudo bem, fique onde está", disse a ela. "Não me diga nada." Em seguida, ele scaneou o corpo dela e deu-lhe um rápido resumo da sua saúde, incluindo a descrição de uma condição interna que ela tinha e que eventualmente exigiria cirurgia, uma condição que ela já havia diagnosticado secretamente. Ele estava "correto em todos os detalhes", diz Karagulla.

À medida que a rede de contatos de Karagulla se expandia, ela encontrou médico após médico com dons semelhantes e descreve esses encontros no seu livro *Breakthrough to Creativity*. A maioria desses médicos não sabia que existiam outros indivíduos que possuíam talentos semelhantes e sentiam-se sós e peculiares nesse aspeto. No entanto, eles invariavelmente descreveram o que estavam a ver como um "campo de energia" ou uma "teia móvel de frequência" à volta do corpo e interpenetrando o este. Alguns viram chakras, mas porque eram ignorantes do termo, eles os descreveram como "vórtices de energia em certos pontos ao longo da coluna, conetados com ou influenciando o sistema endócrino". E quase sem exceção eles mantiveram as suas habilidades em segredo por medo de prejudicar a sua reputação profissional.

Por respeito à privacidade deles, Karagulla identifica-os no seu livro apenas pelo primeiro nome, mas diz que eles incluem cirurgiões famosos, professores de medicina da

Universidade Cornell, chefes de departamentos em grandes hospitais e médicos da Clínica Mayo. "Fiquei continuamente surpresa ao descobrir quantos membros da profissão médica tinham habilidades de PSS", escreve ela. "A maioria deles sentiu-se um pouco desconfortável com os seus dons, mas, achando-os úteis no diagnóstico, eles usaram-nos. Eles vieram de várias partes do país e, embora fossem desconhecidos uns dos outros, todos relataram experiências semelhantes.". No final do seu relatório, ela conclui: "Quando muitos indivíduos confiáveis relatam independentemente o mesmo tipo de fenómeno, é hora de a ciência tomar conhecimento disso."

Nem todos os profissionais de saúde se opõem tanto a virem a público com as suas habilidades. Uma dessas pessoas é a Dra. Dolores Krieger, professora de enfermagem da Universidade de Nova York. Krieger interessou-se pelo campo da energia humana depois de participar de um estudo sobre as habilidades de Oscar Estebany, um conhecido curandeiro húngaro. Depois de descobrir que Estebany poderia aumentar os níveis de hemoglobina em pacientes doentes simplesmente manipulando os seus campos, Krieger decidiu aprender mais sobre as misteriosas energias envolvidas. Ela mergulhou no estudo do *prana*, dos chakras e da aura e, por fim, tornou-se aluna de Dora Kunz, outra clarividente conhecida. Sob a orientação de Kunz, ela aprendeu como sentir bloqueios no campo de energia humano e como curar manipulando o campo com as mãos.

Percebendo o enorme potencial médico das técnicas de Kunz, Krieger decidiu ensinar o que havia aprendido a outras pessoas. Como ela sabia que termos como aura e chakra teriam conotações negativas para muitos profissionais de saúde, ela decidiu chamar o seu método de cura de "toque terapêutico". A primeira aula que ela ministrou sobre toque terapêutico foi um curso de nível de mestrado para enfermeiras na Universidade de Nova York, intitulado "Fronteiras em enfermagem: a atualização do potencial para a interação do campo terapêutico". Tanto o curso quanto a técnica mostraram-se tão bem-sucedidos que Krieger, desde então, ensinou toque terapêutico a literalmente milhares de enfermeiras, e agora é usado em hospitais em todo o mundo.

A eficácia do toque terapêutico também foi demonstrada em vários estudos. Por exemplo, a Dra. Janet Quinn, professora associada e diretora assistente de pesquisa em enfermagem da Universidade da Carolina do Sul na Columbia, decidiu ver se o toque terapêutico poderia diminuir os níveis de ansiedade de pacientes cardíacos. Para conseguir isso, ela planeou um estudo duplo-cego no qual um grupo de enfermeiras treinadas na técnica passaria as mãos sobre o corpo de um grupo de pacientes cardíacos. Um segundo grupo sem treino passaria as mãos sobre o corpo de outro grupo de cardiopatas, mas sem realmente realizar a técnica. Quinn descobriu que os níveis de ansiedade nos pacientes autenticamente tratados caíram 17% após apenas cinco minutos de terapia, mas não houve mudança nos níveis de ansiedade entre os pacientes que receberam o tratamento "falso". O estudo de Quinn foi a matéria principal na seção do *Science Times* de 26 de março de 1985, edição do *New York Times*.

Outro profissional de saúde que dá muitas palestras sobre o campo da energia humana é o especialista em coração e pulmão da Universidade do Sul da Califórnia, W. Brugh Joy. Joy, que se formou na Johns Hopkins e na Mayo Clinic, descobriu o seu dom em 1972 ao examinar um paciente no seu consultório. Em vez de ver a aura, Joy inicialmente só foi capaz de sentir a sua presença com as mãos. "Eu estava a examinar um homem saudável de vinte e poucos anos", disse ele. "Quando a minha mão passou sobre a área do plexo solar, a boca do estômago, senti algo que parecia uma nuvem quente. Parecia irradiar-se de três a quatro pés do corpo, perpendicular à superfície e ter a forma de um cilindro cerca de dez centímetros de diâmetro."

Joy descobriu que todos os seus pacientes tinham radiações cilíndricas palpáveis que emanavam não apenas dos seus estômagos, mas de vários outros pontos dos seus corpos. Só depois de ler um antigo livro hindu sobre o sistema de energia humano é que descobriu que havia descoberto, ou melhor, redescoberto os chakras. Como Brennan, Joy pensa que o modelo holográfico oferece a melhor explicação para a compreensão do campo de energia humano. Ele também sente que a capacidade de ver auras está latente em todos nós. "Acredito que alcançar estados expandidos de consciência é apenas a sintonia do nosso sistema nervoso central com estados percetivos que sempre existiram em nós, mas foram bloqueados pelo nosso condicionamento mental externo", diz Joy.

Para provar o seu ponto de vista, Joy agora passa a maior parte do tempo a ensinar os outros a sentir o campo de energia humano. Um dos alunos de Joy é Michael Crichton, autor de best-sellers como *The Andromeda Strain and Sphere*, e diretor dos filmes *Coma* e *O Primeiro Grande Roubo de Comboio*. Na sua autobiografia best-seller recente, *Travels*, Crichton, que formou-se em medicina pela Harvard University Medical School, descreve como aprendeu a sentir e, por fim, a ver o campo da energia humana estudando com Joy e outros professores talentosos. A experiência surpreendeu e transformou Crichton. "Não há ilusão. É absolutamente claro que essa energia corporal é algum tipo de fenómeno genuíno", afirma.

PADRÕES HOLOGRÁFICOS DO CAOS

A disposição cada vez maior dos médicos de expor essas habilidades a público não é a única mudança que ocorreu desde que Karagulla fez as suas investigações. Nos últimos vinte anos, Valerie Hunt, fisioterapeuta e professora de cinesiologia da UCLA, desenvolveu uma forma de confirmar experimentalmente a existência do campo de energia humano. A ciência médica sabe há muito tempo que os humanos são seres eletromagnéticos. Os médicos usam rotineiramente eletrocardiógrafos para fazer eletrocardiogramas (ECGs) ou registos da atividade elétrica do coração e eletroencefalogramas para fazer eletroencefalogramas (EEGs) da atividade elétrica do cérebro. Hunt descobriu que um eletromiógrafo, um

dispositivo usado para medir a atividade elétrica nos músculos, também pode captar a presença elétrica do campo de energia humano.

Embora a pesquisa original de Hunt envolvesse o estudo do movimento muscular humano, ela interessou-se pelo campo de energia depois de encontrar uma dançarina que disse que usava o seu próprio campo de energia para ajudá-la a dançar. Isso inspirou Hunt a fazer eletromiogramas (EMGs) da atividade elétrica nos músculos da mulher enquanto ela dançava, e também a estudar o efeito que os curandeiros tinham na atividade elétrica dos músculos das pessoas que estavam a ser curadas. A sua pesquisa acabou expandindo-se para incluir indivíduos que podiam ver o campo de energia humano, e foi aqui que ela fez algumas das suas descobertas mais significativas.

A faixa de frequência normal da atividade elétrica no cérebro está entre 0 e 100 ciclos por segundo (cps), com a maior parte da atividade a ocorrer entre 0 e 30 cps. A frequência muscular sobe para cerca de 225 cps, e o coração sobe para cerca de 250 cps, mas é aí que a atividade elétrica associada à função biológica cai. Além disso, Hunt descobriu que os eletrodos do eletromiógrafo podiam captar outro campo de energia que irradia do corpo, muito mais sutil e menor em amplitude do que as eletricidades corporais tradicionalmente reconhecidas, mas com frequências em média entre 100 e 1600 cps, e que às vezes ia ainda mais alto. Além disso, em vez de emanar do cérebro, coração ou músculos, o campo era mais forte nas áreas do corpo associadas aos chakras. "As férias foram tão emocionantes que simplesmente não consegui dormir naquela noite", diz Hunt. "O modelo científico que subscrevi ao longo da minha vida simplesmente não conseguia explicar estas descobertas."

Hunt também descobriu que quando um leitor de aura via uma cor específica no campo de energia de uma pessoa, o eletromiógrafo sempre captava um padrão específico de frequências que Hunt aprendeu a associar a essa cor. Ela foi capaz de ver esse padrão em um osciloscópio, um dispositivo que transforma as ondas elétricas num padrão visual numa tela de vídeo monocromática. Por exemplo, quando um leitor de aura viu azul no campo de energia de uma pessoa, Hunt pôde confirmar que era azul observando o padrão no osciloscópio. Num experimento, ela até testou oito leitores de aura simultaneamente para ver se eles concordariam com o osciloscópio e também entre si. "Ocorria o mesmo desde o início", diz Hunt.

Assim que Hunt confirmou a existência do campo de energia humano, ela também convenceu-se de que a ideia holográfica oferece um modelo para compreendê-la. Além dos seus aspetos de frequência, ela aponta que o campo de energia, e de facto todos os sistemas elétricos do corpo, é holográfico de outra maneira. Como as informações em um holograma, esses sistemas são distribuídos globalmente por todo o corpo. Por exemplo, a atividade elétrica medida por um eletroencefalógrafo é mais forte no cérebro, mas uma leitura de EEG também pode ser feita anexando um eletrodo ao dedo do pé. Da mesma forma, um ECG pode ser captado no dedo mindinho. É mais forte e mais amplo em amplitude no coração, mas a sua frequência e padrão são os mesmos em todo o corpo. Hunt acredita que isso é

significativo. Embora cada porção do que ela chama de "realidade do campo holográfico" da aura contenha aspectos de todo o campo de energia, as diferentes porções não são absolutamente idênticas umas às outras. Essas amplitudes diferentes evitam que o campo de energia seja um holograma estático e, em vez disso, permitem que ele seja dinâmico e flua, diz Hunt.

Uma das descobertas mais surpreendentes de Hunt é que certos talentos e habilidades parecem estar relacionados à presença de frequências específicas no campo de energia de uma pessoa. Ela descobriu que quando o foco principal da consciência de uma pessoa está no mundo material, as frequências do seu campo de energia tendem a estar na faixa mais baixa e não estão muito distantes dos 250 cps das frequências biológicas do corpo. Além disso, as pessoas que são paranormais ou que têm habilidades de cura também têm frequências de cerca de 400 a 800 cps no seu campo. Pessoas que podem entrar em transe e aparentemente canalizar outras fontes de informação através delas, sobem essas frequências "psíquicas" inteiramente e operam numa faixa estreita entre 800 e 900 cps. "Eles não têm qualquer amplitude psíquica", afirma Hunt. "Eles estão lá em cima no seu próprio campo. É estreito. Está localizado, e eles estão literalmente quase fora disso."

Pessoas com frequências acima de 900 cps são o que Hunt chama de personalidades místicas. Considerando que os médiuns e os médiums em transe costumam ser apenas condutores de informação, os místicos possuem a sabedoria de saber o que fazer com a informação, diz Hunt. Eles estão cientes da inter-relação cósmica de todas as coisas e estão em contato com todos os níveis da experiência humana. Eles estão ancorados na realidade comum, mas geralmente têm habilidades psíquicas e de transe. No entanto, as suas frequências também se estendem muito além das bandas associadas a esses recursos. Usando um eletromiograma modificado (um eletromiograma pode normalmente detectar frequências de até 20.000 cps), Hunt encontrou indivíduos com frequências de até 200.000 cps nos seus campos de energia. Isso é intrigante, pois as tradições místicas frequentemente referem-se a indivíduos altamente espirituais como possuidores de uma "vibração mais elevada" do que as pessoas normais. Se as descobertas de Hunt estiverem corretas, elas parecem adicionar credibilidade a essa afirmação.

Outra descoberta de Hunt envolve a nova ciência do caos. Como o próprio nome indica, o caos é o estudo de fenômenos caóticos, ou seja, processos que são tão aleatórios que não parecem ser governados por nenhuma lei. Por exemplo, quando o fumo sobe de uma vela apagada, ela flui para cima num riacho fino e estreito. Eventualmente, a estrutura do riacho quebra-se e torna-se turbulenta. O fumo turbulento é considerado caótico porque o seu comportamento não pode mais ser previsto pela ciência. Outros exemplos de fenômenos caóticos incluem a água quando cai no fundo de uma cachoeira, as flutuações elétricas aparentemente aleatórias que percorrem o cérebro de um epilético durante uma convulsão e o clima quando várias frentes de temperatura e pressão de ar diferentes colidem.

Na última década, a ciência descobriu que muitos fenômenos caóticos não são tão desordenados quanto parecem e frequentemente contêm padrões e regularidades ocultos (lembre-se da afirmação de Bohm de que não existe desordem, apenas ordens de grau indefinidamente alto). Os cientistas também descobriram maneiras matemáticas de encontrar algumas das regularidades que se escondem nos fenômenos caóticos. Um deles envolve um tipo especial de análise matemática que pode converter dados sobre um fenômeno caótico numa forma na tela do computador. Se os dados não contiverem padrões ocultos, a forma resultante será uma linha reta. Mas se o fenômeno caótico contiver regularidades ocultas, a forma na tela do computador se parecerá com os desenhos em espiral que as crianças fazem enrolando fios coloridos em volta de uma série de pregos pregados numa placa. Essas formas são chamadas de "padrões do caos" ou "atratores estranhos" (porque as linhas que compõem a forma parecem ser atraídas repetidamente para certas áreas da tela do computador, assim como o inhamo pode ser repetidamente "atraído" pelo conjunto de pregos em torno dos quais é enrolado).

Quando Hunt observou os dados do campo de energia no osciloscópio, ela percebeu que eles mudavam constantemente. Às vezes, vinha em grandes aglomerados, às vezes diminuía e tornava-se irregular, como se o próprio campo de energia estivesse num estado incessante de flutuação. À primeira vista, essas mudanças pareciam aleatórias, mas Hunt percebeu intuitivamente que elas possuíam alguma ordem. Percebendo que a análise do caos poderia revelar se ela estava certa ou não, ela procurou um matemático. Primeiro, eles executaram quatro segundos de dados de um ECG através do computador para ver o que aconteceria. Eles têm uma linha reta. Em seguida, eles executaram a mesma quantidade de dados de um EEG e um EMG. O EEG produziu uma linha reta e o EMG produziu uma linha ligeiramente inchada, mas ainda nenhum padrão caótico. Mesmo quando eles enviaram dados das frequências mais baixas do campo de energia humano, eles obtiveram uma linha reta. Mas quando eles analisaram as frequências muito altas do campo, eles tiveram sucesso. "Nós temos o padrão de caos mais dinâmico que você já viu", diz Hunt.

Isso significava que, embora as mudanças caleidoscópicas que ocorriam no campo de energia parecessem aleatórias, elas eram, na verdade, altamente ordenadas e ricas em padrões. "O padrão nunca é repetível, mas é tão dinâmico e complexo que chamo de padrão holográfico do caos", afirma Hunt.

Hunt acredita que a sua descoberta foi o primeiro verdadeiro padrão de caos a ser encontrado num grande sistema eletrobiológico. Recentemente, pesquisadores descobriram padrões de caos em gravações de EEG do cérebro, mas eles precisaram de muitos minutos de dados de vários elétrodos para obter tal padrão. Hunt obteve um padrão de caos de três a quatro segundos de dados registados por um elétrodo, sugerindo que o campo de energia humano é muito mais rico em informações e possui uma organização muito mais complexa e dinâmica do que até mesmo a atividade elétrica do cérebro.

DO QUE É FEITO O CAMPO DE ENERGIA HUMANO?

Apesar dos aspetos elétricos do campo de energia humano, Hunt não acredita que seja de natureza puramente eletromagnética. “Temos a sensação de que é muito mais complexo e sem dúvida composto por uma energia ainda não descoberta”, afirma.

O que é essa energia não descoberta? No momento não sabemos. A nossa melhor pista vem do facto de que quase sem exceção os médiuns a descrevem como tendo uma frequência ou vibração mais elevada do que a matéria-energia normal. Dada a incrível precisão que os médiuns talentosos têm em perceber doenças no campo de energia, talvez devêssemos prestar muita atenção a essa observação. A universalidade dessa percepção - até mesmo a literatura hindu antiga afirma que o corpo de energia possui uma vibração mais elevada do que a matéria normal - pode ser uma indicação de que tais indivíduos estão intuindo um facto importante sobre o campo de energia.

A antiga literatura hindu também descreve a matéria como sendo composta de *anu*, ou "átomos", e diz que as energias vibratórias sutis do campo de energia humano existem *paramanu*, ou literalmente "além do átomo". Isso é interessante, pois Bohm também acredita que, em um nível subquântico *além do átomo*, existem muitas energias sutis ainda desconhecidas para a ciência. Ele confessa que não sabe se o campo de energia humano existe ou não, mas ao comentar sobre a possibilidade, afirma ele, "A ordem implícita tem muitos níveis de sutileza. Se a nossa atenção pode ir para esses níveis de sutileza, então devemos ser capazes de ver mais do que normalmente vemos."

É importante notar que realmente não sabemos o que é qualquer campo. Como Bohm disse: "O que é um campo elétrico? Não sabemos.". Quando descobrimos um novo tipo de campo, parece misterioso. Então nós o nomeamos, acostumamo-nos a lidar com ele e a descrever as suas propriedades, e ele não parece mais misterioso. Mas ainda não sabemos o que realmente é um campo elétrico ou gravitacional. Como vimos num capítulo anterior, não sabemos o que são os elétrons. Podemos apenas descrever como eles se comportam. Isso sugere que o campo de energia humano também será, em última análise, definido em termos de como se comporta, e pesquisas como a de Hunt apenas aumentarão o nosso entendimento.

IMAGENS TRIDIMENSIONAIS NA AURA

Se essas energias desordenadamente sutis são a matéria da qual o campo energético humano é feito, podemos ter certeza de que possuem qualidades diferentes dos tipos de energia com os quais estamos normalmente familiarizados. Um deles é evidente nas características não locais do campo de energia humano. Outra, e particularmente holográfica, é a capacidade da aura de manifestar-se como um borrão amorfo de energia ou, ocasionalmente, formar-se em imagens tridimensionais. Os médiuns talentosos

frequentemente relatam ter visto tais "hogramas" flutuando nas auras das pessoas. Essas imagens geralmente são de objetos e ideias que ocupam uma posição de destaque nos pensamentos da pessoa à volta da qual são vistos. Algumas tradições ocultas afirmam que tais imagens são um produto da terceira camada, ou mental, da aura, mas até que tenhamos os meios para confirmar ou negar essa alegação, devemos limitar-nos às experiências dos médiuns que são capazes de ver imagens na aura.

Uma dessas médiuns é Beatrice Rich. Como sempre acontece, os poderes de Rich manifestaram-se desde cedo. Quando ela era criança, os objetos na sua presença ocasionalmente moviam-se por conta própria. Quando ela cresceu, descobriu que sabia de coisas sobre pessoas que ela não tinha como saber por meios normais. Embora ela tenha começado a sua carreira como artista, os seus talentos clarividentes foram tão impressionantes que ela decidiu tornar-se uma médium em tempo integral. Agora ela dá leituras para indivíduos de todas as esferas da vida, de donas de casa a executivos-chefes de corporações, e artigos sobre o seu trabalho apareceram em diversas publicações como a revista *New York*, *World Tennis* e *New York Woman*.

Rich costuma ver imagens a flutuar ou a pairar perto dos seus clientes. Uma vez ela viu colheres de prata, pratos de prata e objetos semelhantes a circular à volta da cabeça de um homem. Por estar no início das suas explorações dos fenómenos psíquicos, a experiência surpreendeu-a. A princípio ela não sabia por que estava a ver o que estava a ver. Mas, finalmente, ela contou ao homem e descobriu que ele estava no negócio de importação/exportação e negociava os mesmos objetos que ela via a circularem na sua cabeça. A experiência foi fascinante e mudou as suas perceções para sempre.

Dryer teve muitas experiências semelhantes. Uma vez, durante uma leitura, ela viu uma grande quantidade de batatas a girar em torno da cabeça de uma mulher. Como Rich, a princípio ela ficou pasma, mas reuniu coragem e perguntou à mulher se as batatas tinham algum significado especial para ela. A mulher riu e entregou a Dryer o seu cartão de visita. "Ela era do Idaho Potato Board, ou algo parecido", diz Dryer. "Você sabe, o equivalente do produtor de batatas da American Dairy Association."

Essas imagens nem sempre pairam apenas na aura, mas às vezes podem parecer extensões fantasmagóricas do próprio corpo. Em uma ocasião, Dryer viu uma fina camada de lama semelhante a um holograma agarrada às mãos e aos braços de uma mulher. Dada a aparência impecável e o traje caro da mulher, Dryer não conseguia imaginar por que pensamentos de se esfregar em algum tipo de lama viscosa ocupariam a sua mente. Dryer perguntou-lhe se ela entendia a imagem, e a mulher acenou com a cabeça, explicando que ela era uma escultora e tinha experimentado um novo meio naquela manhã que se agarrou aos seus braços e mãos exatamente como Dryer havia descrito.

Eu também tive experiências semelhantes ao olhar para o campo de energia. Certa vez, enquanto pensava profundamente sobre um romance em que estava a trabalhar sobre

lobisomens (como alguns leitores devem saber, tenho um gosto por escrever ficção sobre assuntos folclóricos), percebi que a imagem fantasmagórica do corpo de um lobisomem formou-se em torno do meu corpo. Eu gostaria de enfatizar rapidamente que este era um fenómeno puramente visual e em nenhum momento eu senti que tinha me tornado um lobisomem. No entanto, a imagem holográfica que envolvia o meu corpo era real o suficiente para que, quando levantei o meu braço, eu pudesse realmente ver os pelos individuais na pele e a forma como as unhas dos caninos projetavam-se da mão de lobo que envolvia a minha própria mão. Na verdade, tudo sobre essas características era absolutamente real, exceto que eram translúcidas e eu podia ver a minha própria mão de carne e osso por baixo delas. A experiência deveria ter sido assustadora, mas por algum motivo não foi, e fiquei fascinado apenas com o que estava a ver.

O que foi significativo nessa experiência foi que Dryer era a minha hóspede na época e por acaso entrou no quarto enquanto eu ainda estava envolto em um corpo fantasma de lobisomem. Ela reagiu imediatamente e disse: "Oh meu, tu deves estar a pensar no teu romance de lobisomem porque te tornaste num lobisomem". Comparamos as notas e descobrimos que cada um de nós observava as mesmas características. Nós envolvemo-nos numa conversa e, conforme os meus pensamentos se distanciavam do romance, a imagem do lobisomem lentamente desapareceu.

FILMES NA AURA

As imagens que os médiuns veem no campo de energia nem sempre são estáticas. Rich diz que muitas vezes vê o que parece ser um pequeno filme transparente a acontecer à volta da cabeça de um cliente: "Às vezes, vejo uma pequena imagem da pessoa atrás da cabeça ou dos ombros a fazer várias coisas que faz na vida. Os meus clientes dizem-me que as minhas descrições são muito precisas e específicas. Posso ver os seus escritórios e como são os seus chefes. Posso ver o que eles pensaram e o que aconteceu com eles durante os últimos seis meses. Recentemente, disse a uma cliente que poderia vê-la em casa e que ela tinha máscaras e flautas penduradas na parede. Ela disse: 'Não, não, não'. Eu disse que sim, há instrumentos musicais pendurados na parede, principalmente flautas, e há máscaras. E então ela disse: 'Oh, essa é a minha casa de verão'".

Dryer diz que também vê o que parecem ser filmes tridimensionais no campo de energia de uma pessoa. "Normalmente eles são coloridos, mas também podem ser marrons ou parecer do tipo estanho. Frequentemente, eles retratam uma história sobre a pessoa que pode levar de cinco minutos a uma hora para se desenrolar. As imagens também são incrivelmente detalhadas. Quando eu vejo uma pessoa sentada numa sala, posso dizer a ela quantas plantas há na sala, quantas folhas há em cada planta e quantos tijolos há na parede. Normalmente não entro nessa descrição minuciosa, a menos que pareça pertinente".

Posso atestar a precisão de Dryer. Sempre fui uma pessoa organizada e quando era criança fui bastante precoce nesse aspeto. Uma vez, quando eu tinha cinco anos, passei várias horas meticulosamente a armazenar e a organizar todos os meus brinquedos num armário. Quando terminei, mostrei à minha mãe o que tinha feito e a adverti, por favor, para não tocar em nada no armário, porque não queria que ela desarrumasse os meus arranjos cuidadosamente ordenados. O relato da minha mãe sobre esse incidente divertiu a família desde então. Durante a minha primeira leitura com Dryer, ela descreveu esse incidente em detalhes, bem como muitos outros eventos na minha vida, ao vê-lo desenrolar-se como um filme no meu campo de energia. Ela também riu enquanto o descrevia.

Dryer compara as imagens que vê a hologramas e diz que, quando escolhe um e começa a observá-lo, parece que ele se expande e preenche toda a sala. "Se eu vejo algo a acontecer com o ombro de uma pessoa, como uma lesão, de repente toda a cena se alarga. É quando eu tenho a sensação de que é um holograma, porque às vezes eu sinto que posso entrar direto nele e fazer parte dele. Não está a acontecer comigo, mas à minha volta. É quase como se eu estivesse num filme tridimensional, um filme holográfico, com a pessoa".

A visão holográfica de Dryer não se limita a eventos da vida de uma pessoa. Ela também vê representações visuais das operações da mente inconsciente. Como todos sabemos, a mente inconsciente fala numa linguagem de símbolos e metáforas. É por isso que os sonhos muitas vezes parecem tão sem sentido e misteriosos. No entanto, uma vez que se aprende a interpretar a linguagem do inconsciente, os significados dos sonhos tornam-se claros. Os sonhos não são as únicas coisas escritas na linguagem do inconsciente. Indivíduos que estão familiarizados com a linguagem da psique - um psicólogo da linguagem Erich Fromm chama de "linguagem esquecida", porque a maioria de nós esqueceu-se de como interpretá-la - reconhecem a sua presença em outras criações humanas, como mitos, contos de fadas e visões religiosas.

Alguns dos filmes holográficos que Dryer vê no campo da energia humana também são escritos nessa linguagem e assemelham-se às mensagens metafóricas dos sonhos. Agora sabemos que a mente inconsciente está ativa não apenas enquanto sonhamos, mas o tempo todo. Dryer é capaz de retirar o eu acordado de uma pessoa e olhar diretamente para o rio incessante de imagens que está sempre a fluir pela sua mente inconsciente. E tanto a prática quanto os seus dons naturais e intuitivos tornaram-na extremamente hábil em decifrar a linguagem do inconsciente. "Os psicólogos junguianos amam-me", diz Dryer.

Além disso, Dryer tem uma maneira especial de saber se interpretou uma imagem corretamente. "Se não expliquei corretamente, ela não desaparece", afirma ela. "Ela simplesmente fica no campo de energia. Mas, depois que eu digo à pessoa tudo o que ela precisa saber sobre uma imagem em particular, ela começa a dissolver-se e a desaparecer". Dryer pensa que isso ocorre porque é a própria mente inconsciente da cliente que escolhe quais imagens mostrar a ela. Como Ullman, ela acredita que a psique está sempre a tentar

ensinar ao eu consciente as coisas que precisa saber para se tornar mais saudável e feliz e crescer espiritualmente.

A habilidade de Dryer de observar e interpretar o funcionamento mais íntimo da psique de uma pessoa é uma das razões pelas quais ela é capaz de efetuar transformações tão profundas em muitos dos seus clientes. A primeira vez que ela descreveu o fluxo de imagens que viu a desenrolar-se no meu próprio campo de energia, tive a estranha sensação de que ela estava a contar-me sobre um dos meus próprios sonhos, exceto que era um sonho que eu ainda não havia sonhado. No início, a fantasmagoria das imagens era apenas misteriosamente familiar, mas à medida que ela desvendava e explicava cada símbolo e metáfora, por sua vez, reconheci as maquinações do meu eu interior, tanto as coisas que aceitava quanto as que menos desejava abraçar. Na verdade, fica claro pelo trabalho de médiuns como Rich e Dryer que há uma enorme quantidade de informações no campo de energia. Alguém pode se perguntar se talvez seja por isso que Hunt obteve um padrão de caos tão pronunciado quando analisou os dados da aura.

A capacidade de ver imagens no campo de energia humano não é nova. Quase trezentos anos atrás, o grande místico sueco Emanuel Swedenborg relatou que podia ver uma "substância ondulatória" à volta das pessoas, e na substância ondulatória os pensamentos de uma pessoa eram visíveis como imagens que ele chamou de "retratos". Ao comentar sobre a incapacidade de outras pessoas de verem essa substância ondulatória à volta do corpo, ele observou: "Eu podia ver conceitos sólidos de pensamento como se estivessem rodeados por uma espécie de onda. Mas nada atinge a sensação humana [normal], exceto o que está no meio e parece sólido". Swedenborg também podia ver retratos no seu próprio campo de energia: "Quando eu estava a pensar em alguém que conhecia, então a sua imagem aparecia como ele olhou quando foi nomeado na presença humana; mas todos à volta, como algo fluindo em ondas, era tudo o que eu conhecia e pensava dele desde a infância".

AVALIAÇÃO HOLOGRÁFICA DO CORPO

A frequência não é a única coisa distribuída holograficamente por todo o campo. Os paranormais relatam que a riqueza de informações pessoais que o campo contém também pode ser encontrada em todas as partes da aura do corpo. Como diz Brennan: "A aura não apenas representa, mas também contém o todo", concorda o psicólogo clínico da Califórnia Ronald Wong Jue. Jue, um ex-presidente da Association for Transpersonal Psychology e um clarividente talentoso, descobriu que a história de um indivíduo está até mesmo contida nos "padrões de energia inerentes ao corpo". O corpo é uma espécie de microcosmo, um universo em si mesmo refletindo tudo dos diferentes fatores com os quais uma pessoa está a lidar e a tentar integrar", diz Jue.

Como Dryer e Rich, Jue tem a capacidade psíquica de assistir a filmes sobre questões importantes na vida de uma pessoa, mas em vez de vê-los no campo de energia, ele os evoca na sua mente colocando as mãos sobre uma pessoa e, literalmente, psicometrizando o seu corpo. Jue diz que essa técnica permite que ele determine rapidamente as tendências emocionais, as questões centrais e os padrões de relacionamento que são mais proeminentes na vida de uma pessoa, e muitas vezes a usa nos seus pacientes para facilitar o processo terapêutico. "A técnica foi-me ensinada por um colega psiquiatra meu chamado Ernest Pecci", afirma Jue. "Ele chamou isso de 'leitura corporal'. Em vez de falar sobre o corpo etérico e coisas assim, optei por usar o modelo holográfico como forma de explicá-lo e chamá-lo de Avaliação Holográfica do Corpo". Além de usá-lo na sua prática clínica, Jue também dá seminários nos quais ele ensina outras pessoas como usar a técnica.

VISÃO RAIOS-X

No último capítulo, explorámos a possibilidade de que o corpo não seja uma construção sólida, mas em si mesmo uma espécie de imagem holográfica. Outra faculdade de muitos clarividentes parece apoiar essa noção, ou seja, a capacidade de olhar literalmente para dentro do corpo de uma pessoa. Indivíduos que têm o dom de ver o campo de energia também podem frequentemente ajustar a sua visão e ver através da carne e dos ossos do corpo como se eles não fossem mais do que camadas de névoa colorida.

Durante o curso da sua pesquisa, Karagulla descobriu várias pessoas, dentro e fora da profissão médica, que possuíam essa visão de raios-X. Uma delas, uma mulher que ela identifica como Diane, era chefe de uma corporação. Pouco antes de conhecer Diane, Karagulla escreveu: "Para mim, como psiquiatra, encontrar alguém que se dizia ser capaz de 'ver' através de mim foi uma reversão devastadora dos meus procedimentos habituais".

Karagulla submeteu Diane a uma longa série de testes, apresentando-a às pessoas e fazendo-a fazer diagnósticos no local. Numa dessas ocasiões, Diane descreveu o campo de energia de uma mulher como "murcho" e "partido em fragmentos" e disse que isso indicava que ela tinha um problema sério no seu corpo físico. Ela então olhou para o corpo da mulher e viu que havia uma obstrução intestinal perto do seu baço. Isso surpreendeu Karagulla porque a mulher não apresentou nenhum dos sintomas que geralmente indicavam uma condição tão grave. Mesmo assim, a mulher foi ao médico e os raios X revelaram um bloqueio na área exata que Diane havia descrito. Três dias depois, a mulher foi submetida a uma cirurgia para remover a obstrução com risco de vida.

Em outra série de testes, Karagulla fez Diane diagnosticar pacientes aleatoriamente na clínica ambulatorial de um grande hospital de Nova York. Depois que Diane fez o diagnóstico, Karagulla determinou a precisão das suas observações consultando os registos dos pacientes. Em uma dessas ocasiões, Diane olhou para uma paciente desconhecida de ambas

e disse a Karagulla que a glândula pituitária da mulher (uma glândula no fundo do cérebro) estava a faltar, o seu pâncreas parecia não estar a funcionar bem, os seus seios haviam sido afetados mas agora estavam em falta, ela não tinha energia suficiente a passar pela coluna da cintura para baixo e tinha problemas com as pernas. O relatório médico da mulher revelou que a sua glândula pituitária havia sido removida cirurgicamente, ela estava a tomar hormônios que afetaram o seu pâncreas, ela havia feito uma mastectomia dupla devido ao câncer, uma operação nas costas para descomprimir a medula espinhal e aliviar as dores nas suas pernas, e os seus nervos foram danificados, tornando difícil para ela esvaziar a bexiga.

Caso após caso, Diane revelava que podia olhar sem esforço para as profundezas do corpo físico. Ela deu descrições detalhadas da condição dos órgãos internos. Ela viu o estado dos intestinos, a presença ou ausência das várias glândulas e até descreveu a densidade ou fragilidade dos ossos. Conclui Karagulla. "Embora eu não pudesse avaliar as suas descobertas sobre o corpo energético, as suas observações das condições físicas correlacionaram-se com uma precisão incrível com os diagnósticos médicos".

Brennan também é especialista em olhar para o corpo humano e chama essa habilidade de "visão interna". Usando a visão interna, ela diagnosticou com precisão uma ampla gama de condições, incluindo fraturas ósseas, tumores de fibroides e câncer. Ela diz que muitas vezes consegue identificar a condição de um órgão pela cor: por exemplo, um fígado saudável parece vermelho escuro, um fígado com icterícia parece um marrom amarelado doentio e o fígado de um indivíduo em quimioterapia geralmente parece marrom-esverdeado. Como muitos outros médiuns com visão interna, Brennan pode ajustar o foco da sua visão e até mesmo ver estruturas microscópicas, como vírus e células sanguíneas individuais.

Eu pessoalmente encontrei vários médiuns com visão interna e posso corroborar a sua autenticidade. Uma médium que vi demonstrar a habilidade é Dryer. Em uma dessas ocasiões, ela não apenas diagnosticou com precisão um problema médico interno que eu estava a ter, mas também ofereceu algumas informações surpreendentes de natureza totalmente diferente. Alguns anos atrás, comecei a ter problemas com o meu baço. Para tentar remediar a situação, comecei a realizar exercícios diários de visualização, vendo imagens do meu baço num estado de integridade e saúde, vendo-o ser banhado por uma luz curativa e assim por diante. Infelizmente, sou uma pessoa muito impaciente e, quando não obtive sucesso da noite para o dia, fiquei cheio de raiva. Durante a minha meditação seguinte, repreendi mentalmente o meu baço e adverti-o em termos inequívocos de que era melhor começar a fazer o que eu queria. Esse incidente aconteceu puramente na privacidade dos meus próprios pensamentos e rapidamente esqueci-me dele.

Poucos dias depois, vi Dryer e perguntei se ela poderia olhar dentro do meu corpo e dizer-me se havia algo que eu deveria saber (não contei a ela sobre o meu problema de saúde). No entanto, ela imediatamente descreveu o que havia de errado com o meu baço e então fez uma pausa, carrancuda como se estivesse confusa. "O seu baço está muito

chateado com alguma coisa", murmurou ela. E então de repente ela percebeu. "Você *gritou* com o seu baço?". Eu timidamente admiti que sim. Dryer quase lançou as mãos para cima. "Você não deve fazer isso. O seu baço adoeceu porque pensou que estava a fazer o que você queria. Isso foi porque você estava inconscientemente a dar instruções erradas. Agora que você gritou, está realmente confuso". Ela balançou a cabeça preocupada. "Nunca, nunca fique com raiva do seu corpo ou dos seus órgãos internos ", aconselhou ela. "Apenas envie-lhes mensagens positivas".

O incidente não apenas revelou a habilidade de Dryer em olhar para dentro do corpo humano, mas também pareceu sugerir que o meu baço tem algum tipo de mentalidade ou consciência própria. Isso lembrou-me não apenas da afirmação de Pert de que ela não sabe mais onde o cérebro termina e o corpo começa, mas fez-me pensar se talvez todos os subcomponentes do corpo - glândulas, ossos, órgãos e células - possuam a sua própria inteligência. Se o corpo é realmente holográfico, pode ser que a observação de Pert seja mais correta do que imaginamos, e a consciência do todo está muito contida em todas as suas partes.

VISÃO INTERNA E XAMANISMO

Em algumas culturas xamânicas, a visão interna é um dos pré-requisitos para se tornar um xamã. Entre os Índios Araucanos do Chile e dos Pampas Argentinos, um xamã recém-iniciado é ensinado a orar especificamente pela faculdade. Isso porque o principal papel do xamã na cultura Araucana é diagnosticar e curar doenças, para as quais a visão interna é considerada essencial. Os xamãs Australianos referem-se à habilidade como "olho forte" ou "ver com o coração". Os Índios Jivaro das encostas florestadas do leste dos Andes equatorianos adquirem a habilidade bebendo um extrato de uma videira silvestre chamada *ayahuasca*, uma planta que contém uma substância alucinógena que acredita-se conferir habilidades psíquicas ao bebedor. De acordo com Michael Harner, um antropólogo da New School for Social Research de Nova York que se especializou em estilos xamânicos, *ayahuasca* permite que o xamã Jivaro "veja o corpo do paciente como se fosse de vidro".

Na verdade, a capacidade de "ver" uma doença - quer envolva realmente olhar para dentro do corpo ou ver a doença representada como uma espécie de holograma metafórico, como uma imagem tridimensional de uma criatura demoníaca e repulsiva dentro ou perto do corpo - é universal nas tradições xamânicas. Mas seja qual for a cultura na qual a visão interna é relatada, as suas implicações são as mesmas. O corpo é uma construção de energia e, em última análise, pode não ser mais substantivo do que o campo de energia no qual está inserido.

O CAMPO DE ENERGIA COMO PROJETO CÓSMICO

A ideia de que o corpo físico é apenas mais um nível de densidade no campo de energia humano e é em si uma espécie de holograma que se formou a partir dos padrões de interferência da aura pode explicar tanto os extraordinários poderes de cura da mente quanto o controle intenso que tem sobre o corpo em geral. Como uma doença pode aparecer no campo de energia semanas e até meses antes de aparecer no corpo, muitos paranormais acreditam que a doença na verdade origina-se no campo de energia. Isso sugere que o campo é de alguma forma mais primário do que o corpo físico e funciona como uma espécie de projeto a partir do qual o corpo obtém as suas pistas estruturais. Dito de outra forma, o campo de energia pode ser a versão do próprio corpo de uma ordem implícita.

Isso pode explicar as descobertas de Achterberg e Siegel de que os pacientes já estão "a imaginar" as suas doenças muitos meses antes de as doenças se manifestarem nos seus corpos. No momento, a ciência médica não consegue explicar como as imagens mentais podem realmente criar uma doença. Mas, como nós já vimos, as ideias que são proeminentes nos nossos pensamentos aparecem rapidamente como imagens no campo de energia. Se o campo de energia é o projeto que orienta e molda o corpo, pode ser que, ao imaginar uma doença, mesmo inconscientemente, e repetidamente reforçando a sua presença no campo, estamos de facto a programar o corpo para manifestar a doença.

Da mesma forma, essa mesma ligação dinâmica entre as imagens mentais, o campo de energia e o corpo físico pode ser uma das razões pelas quais as imagens e a visualização também podem curar o corpo. Pode até ajudar a explicar como a fé e a meditação em imagens religiosas permitem que os estigmatistas tirem das suas mãos protuberâncias carnudas semelhantes a unhas. O nosso conhecimento científico atual não consegue explicar essa capacidade biológica, mas, novamente, a oração e a meditação constantes podem fazer com que essas imagens fiquem tão impressionadas no campo de energia que a repetição constante desses padrões finalmente ganhe forma no corpo.

Um pesquisador que acredita que é o campo de energia que molda o corpo e não o contrário é Richard Gerber, um médico de Detroit que passou os últimos 12 anos a investigar as implicações médicas dos campos de energia sutil do corpo. "O corpo etéreo é um modelo holográfico de energia que orienta o crescimento e o desenvolvimento do corpo físico", afirma Gerber.

Gerber acredita que as camadas distintas que alguns paranormais veem na aura também desempenham um fator na relação dinâmica entre o pensamento, o campo de energia e o corpo físico. Assim como o corpo físico está subordinado ao etérico, o corpo etérico está subordinado ao corpo astral/emocional, o astral/emocional ao mental e assim por diante, diz Gerber, com cada corpo a funcionar como modelo para o anterior. Assim, quanto mais sutil for a camada do campo de energia em que uma imagem ou pensamento

se manifesta, maior será a sua capacidade de curar e remodelar o corpo. "Porque o corpo mental alimenta a energia no corpo astral/emocional, que então se canaliza para os corpos etérico e físico, curar uma pessoa no nível mental é mais forte e produz resultados mais duradouros do que a cura tanto do corpo astral quanto do etérico", diz Gerber.

O físico Tiller concorda. "Os pensamentos que alguém cria geram padrões no nível mental da natureza. Então, vemos que a doença, de facto, eventualmente se manifesta a partir dos padrões mentais alterados por meio do efeito raquete - primeiro, para efeitos no nível etérico e, em seguida, finalmente, no nível físico [onde] vemos isso abertamente como doença". Tiller acredita que o motivo pelo qual as doenças recorrem com frequência é que a medicina atualmente trata apenas o nível físico. Ele acha que, se os médicos pudessem tratar também o campo de energia, eles produziram curas mais duradouras. Até então, muitos tratamentos "não serão permanentes porque não alteramos o holograma básico nos níveis mental e espiritual", afirma ele.

Em uma ampla especulação, Tiller até sugere que o universo em si começou como um campo de energia sutil e gradualmente tornou-se denso e material por meio de um efeito de raquete semelhante. A seu ver, pode ser que Deus tenha criado o universo como um padrão ou ideia divina. Como a imagem que um médium vê a flutuar no campo de energia humano, este padrão divino funcionou como um modelo, influenciando e moldando níveis cada vez menos sutis do campo de energia cósmica "na linha por meio de uma série de hologramas", até que finalmente se fundiu num holograma de um universo físico.

Se isso for verdade, tal sugere que o corpo humano é holográfico de outra maneira, pois cada um de nós realmente seria um universo em miniatura. Além disso, se os nossos pensamentos podem causar a formação de imagens holográficas fantasmagóricas, não apenas nos nossos próprios campos de energia, mas nos níveis energéticos sutis da própria realidade, isso pode ajudar a explicar como a mente humana é capaz de efetuar alguns dos milagres que examinamos no capítulo anterior. Pode até explicar sincronicidades, ou como processos e imagens das profundezas mais profundas da nossa psique conseguem tomar forma na realidade externa. Novamente, pode ser que os nossos pensamentos estejam constantemente a afetar os níveis energéticos sutis do universo holográfico, mas apenas os pensamentos emocionalmente poderosos, como os que acompanham momentos de crise e transformação - o tipo de eventos que parecem gerar sincronicidades - são potentes o suficiente para se manifestar como uma série de coincidências na realidade física.

UMA REALIDADE PARTICIPATIVA

Claro, esses processos não dependem dos campos de energia sutil do universo serem estratificados em camadas rigidamente definidas. Eles também poderiam funcionar mesmo se os campos sutis do universo fossem um continuum suave. Na verdade, dada a

sensibilidade desses campos sutis aos nossos pensamentos, devemos ser muito cuidadosos ao tentar formar ideias definidas sobre a sua organização e estrutura. O que acreditamos sobre eles pode de facto ajudar a moldar e erguer a sua estrutura.

Talvez seja por isso que os médiuns discordam sobre se o campo de energia humano é dividido em camadas. Os paranormais que acreditam em camadas claramente definidas podem, na verdade, estar a fazer com que o campo de energia se forme em camadas. O indivíduo cujo campo de energia está a ser observado também pode participar desse processo. Brennan é muito franca sobre isso e observa que quanto mais um dos seus clientes entende a diferença entre as camadas, mais claras e distintas se tornam as camadas do seu campo de energia. Ela admite que a estrutura que vê no campo de energia é, portanto, apenas um sistema, e outros têm surgido com outros sistemas. Por exemplo, os autores dos tantras, uma coleção de textos iogues hindus escritos durante o quarto ao sexto século d.C., perceberam apenas três camadas no campo de energia.

Há evidências de que as estruturas que os clarividentes inadvertidamente criam no campo de energia podem ter vida longa. Durante séculos, os antigos hindus acreditaram que cada chakra também tinha uma letra sânscrita escrita no seu centro. O pesquisador japonês Hiroshi Motoyama, psicólogo clínico que desenvolveu com sucesso uma técnica para medir a presença elétrica dos chakras, diz que primeiro se interessou pelos chakras porque a sua mãe, uma mulher simples com dons naturais de clarividência, podia vê-los claramente. No entanto, por anos ela ficou intrigada por que razão via o que parecia ser um veleiro invertido no seu chakra cardíaco. Só depois que Motoyama começou as suas próprias investigações é que descobriu que o que a sua mãe estava a ver era a letra sânscrita *yam*, a letra que os antigos hindus percebiam no chakra do coração. Alguns médiuns, como Dryer, dizem que também veem letras sânscritas nos chakras. Outros não. A única explicação parece ser que os médiuns que veem as letras estão na verdade a sintonizar-se com as estruturas holográficas há muito impostas ao campo de energia pelas crenças dos antigos hindus.

À primeira vista, essa noção pode parecer estranha, mas ela tem um precedente. Como vimos, um dos princípios básicos da física quântica é que não estamos a descobrir a realidade, mas a participar da sua criação. Pode ser que, à medida que investigamos mais profundamente os níveis de realidade além do átomo, os níveis onde as energias sutis da aura humana parecem estar, a natureza participativa da realidade torne-se ainda mais pronunciada. Portanto, devemos ser extremamente cautelosos ao dizer que descobrimos uma estrutura ou padrão particular no campo de energia humano, quando podemos realmente ter criado o que encontramos.

A MENTE E O CAMPO DE ENERGIA HUMANO

É significativo que um exame do campo de energia humano leve-nos exatamente à mesma conclusão que Pribram chegou depois de descobrir que o cérebro converte a importação sensorial numa linguagem de frequências. Ou seja, temos duas realidades: uma em que os nossos corpos parecem concretos e possuem uma localização precisa no espaço e no tempo; e outra na qual o nosso próprio ser parece existir principalmente como uma nuvem cintilante de energia cuja localização final no espaço é um tanto ambígua. Essa compreensão traz consigo algumas questões profundas. Uma é, o que acontece com a mente? Fomos ensinados que a nossa mente é um produto do nosso cérebro, mas se o cérebro e o corpo físico são apenas hologramas, a parte mais densa de um continuum cada vez mais sutil de campos de energia, o que isso diz sobre a mente? A pesquisa do campo da energia humano fornece uma resposta.

Recentemente, uma descoberta feita pelos neurofisiologistas Benjamin Libet e Bertram Feinstein no Hospital Mount Zion, em San Francisco, tem causado agitação na comunidade científica. Libet e Feinstein mediram o tempo que leva para um estímulo de toque na pele de um paciente chegar ao cérebro como um sinal elétrico. O paciente também foi solicitado a apertar um botão quando percebesse que estava a ser tocado. Libet e Feinstein descobriram que o cérebro registava o estímulo em 0,0001 segundo após a sua ocorrência, e o paciente pressionava o botão 0,1 segundo após a aplicação do estímulo.

Mas, surpreendentemente, o paciente não relatou ter consciência do estímulo ou pressionar o botão por quase 0,5 segundos. Isso significava que a decisão de responder estava a ser tomada pela mente inconsciente do paciente. A consciência do paciente da ação era o homem lento na corrida. Ainda mais perturbador, nenhum dos pacientes que Libet e Feinstein testaram estava ciente de que as suas mentes inconscientes já os haviam feito apertar o botão antes de terem deliberadamente decidido fazê-lo. De alguma forma, os seus cérebros estavam a criar a ilusão reconfortante de que eles haviam controlado conscientemente a ação, embora não o tivessem feito. Isso fez com que alguns pesquisadores se perguntassem se o livre arbítrio é uma ilusão. Estudos posteriores mostraram que um segundo e meio antes de "*decidirmos*" mover um dos nossos músculos, como levantar um dedo, o nosso cérebro já começou a gerar os sinais necessários para realizar o movimento. Novamente, quem está a tomar a decisão, a mente consciente ou a mente inconsciente?

Hunt faz melhor essas descobertas. Ela descobriu que o campo de energia humano responde a estímulos antes mesmo do cérebro. Ela fez leituras de EMG do campo de energia e leituras de EEG do cérebro simultaneamente e descobriu que quando ela faz um som alto ou pisca uma luz forte, o EMG do campo de energia regista o estímulo antes mesmo de aparecer no EEG. O que isso significa? "Acho que superestimamos o cérebro como o ingrediente ativo na relação de um ser humano com o mundo", diz Hunt. "É apenas um bom

computador. Mas os aspetos da mente que têm a ver com criatividade, imaginação, espiritualidade e todas essas coisas, eu não os vejo no cérebro de forma alguma. A mente não está no cérebro. É naquele maldito campo".

Dryer também notou que o campo de energia responde antes que a pessoa registre conscientemente uma resposta. Como consequência, em vez de tentar julgar as reações do seu cliente observando as suas expressões faciais, ela mantém os olhos fechados e observa como os seus campos de energia reagem. "Enquanto falo, posso ver as cores a mudarem no seu campo de energia. Posso ver como eles se sentem sobre o que estou a dizer, sem ter que lhes perguntar. Por exemplo, se o seu campo ficar nebuloso, sei que eles não estão a entender o que estou a dizer-lhes", afirma ela.

Se a mente não está no cérebro, mas no campo de energia que permeia tanto o cérebro quanto o corpo físico, isso pode explicar por que médiuns como Dryer veem tanto do conteúdo da psique de uma pessoa nesse campo. Também pode explicar como o meu baço, um órgão normalmente não associado ao pensamento, conseguiu ter a sua própria forma rudimentar de inteligência. Na verdade, se a mente está no campo, isso sugere que a nossa consciência, o pensamento, o sentimento como partes de nós mesmos, podem nem mesmo estar confinados ao corpo físico e, como veremos, há evidências consideráveis para apoiar essa ideia também.

Mas primeiro devemos voltar a nossa atenção para outro assunto. A solidez do corpo não é a única coisa ilusória num universo holográfico. Como vimos, Bohm acredita que mesmo o tempo em si não é absoluto, mas desdobra-se fora da ordem implícita. Isso sugere que a divisão linear do tempo em passado, presente e futuro também é apenas outra construção da mente. No próximo capítulo, examinaremos as evidências que apoiam essa ideia, bem como as ramificações que essa visão tem para as nossas vidas aqui e agora.

Parte 3

ESPAÇO E TEMPO

O xamanismo e outras áreas misteriosas de pesquisa ganharam importância porque postulam novas ideias sobre a mente e o espírito. Elas falam de coisas como expandir amplamente o reino da consciência... a crença, o conhecimento e até mesmo a experiência de que o nosso mundo físico dos sentidos é uma mera ilusão, um mundo de sombras, e que a ferramenta tridimensional que chamamos de o nosso corpo serve apenas como recipiente ou morada de Algo infinitamente maior e mais abrangente do que esse corpo e que constitui a matriz da vida real.

- Holger Kalweit

Dreamtime and Inner Space

Capítulo 7

TEMPO FORA DA MENTE

O "lar" da mente, como de todas as coisas, é a ordem implícita. Neste nível, que é o plenum fundamental para todo o universo manifesto, não há tempo linear. O domínio implícito é atemporal; os momentos não são amarrados em série como contas num cordão.

- Larry Dossey

Recuperando a Alma

À medida que o homem olhava para o espaço, a sala em que se encontrava tornou-se fantasmagórica e transparente e, no seu lugar, materializou uma cena de um passado distante. De repente, ele estava no pátio de um palácio, e diante dele estava uma jovem mulher de pele morena e muito bonita. Ele podia ver as suas joias de ouro em volta do pescoço, pulsos e tornozelos, o seu vestido branco translúcido e o seu cabelo preto trançado regiamente preso sob uma alta tiara quadrada. Enquanto ele olhava para ela, informações sobre a sua vida inundaram a sua mente. Ele sabia que ela era egípcia, filha de um príncipe, mas não de um faraó. Ela era casada. O seu marido era esguio e usava o cabelo numa infinidade de pequenas tranças que caíam dos dois lados do rosto.

O homem também podia avançar a cena, apressando-se nos acontecimentos da vida da mulher como se não fossem mais do que um filme. Ele viu que ela morreu no parto. Ele observou os passos longos e intrincados do seu embalsamamento, o seu cortejo fúnebre, os rituais que a acompanharam sendo colocados no seu sarcófago, e quando ele terminou, as imagens desbotaram e a sala mais uma vez voltou à vista.

O nome do homem era Stefan Ossowiecki, um polonês nascido na Rússia e um dos clarividentes mais talentosos do século, e a data era 14 de fevereiro de 1935. A sua visão do passado foi evocada quando ele segurou um fragmento de um pé humano petrificado.

Ossowiecki provou ser tão adepto da psicometrização de artefatos que acabou por chamar a atenção de Stanislaw Poniowski, professor da Universidade de Varsóvia e o etnólogo mais eminente da Polónia na época. Poniowski testou Ossowiecki com uma variedade de sílex e outras ferramentas de pedra obtidas em sítios arqueológicos em todo o mundo. A maioria desses *líticos*, como são chamados, eram tão indefinidos que apenas um olho treinado poderia dizer que foram moldados por mãos humanas. Eles também foram pré-certificados por especialistas para que Poniowski conhecesse as suas idades e origens históricas, informações que ele manteve cuidadosamente ocultas de Ossowiecki.

Isso não importava. Repetidamente Ossowiecki identificou os objetos corretamente, descrevendo a sua idade, a cultura que os produziu e as localizações geográficas onde foram encontrados. Em várias ocasiões, os locais que Ossowiecki citou discordaram das informações que Poniatowski havia escrito nas suas anotações, mas Poniatowski descobriu que sempre eram as suas anotações que estavam erradas, não as informações de Ossowiecki.

Ossowiecki sempre trabalhou da mesma forma. Ele pegaria o objeto nas suas mãos e se concentraria até que o quarto diante dele, e até mesmo o seu próprio corpo, se tornasse sombrio e quase inexistente. Após essa transição ocorrer, ele encontrava-se a assistir a um filme tridimensional do passado. Ele poderia ir a qualquer lugar que quisesse na cena e ver o que quisesse. Enquanto olhava para o passado, Ossowiecki até movia os olhos para a frente e para trás, como se as coisas que estava a descrever possuíssem uma presença física real diante dele.

Ele podia ver a vegetação, as pessoas e as moradias em que viviam. Numa ocasião, depois de manusear um instrumento de pedra da cultura de Madalena, um povo da Idade da Pedra que floresceu na França por volta de 15.000 a 10.000 a.C., Ossowiecki disse a Poniatowski que as mulheres de Madalena tinham estilos de cabelo muito complexos. Na época, isso parecia absurdo, mas as descobertas subsequentes de estátuas de mulheres madalenas com penteados ornamentados provaram que Ossowiecki estava certo.

Ao longo dos experimentos, Ossowiecki ofereceu mais de cem dessas informações, detalhes sobre o passado que a princípio pareciam imprecisos, mas depois mostraram-se corretos. Ele disse que os povos da Idade da Pedra usavam lâmpadas a óleo e foi justificado quando escavações em Dordonha, França, descobriram lâmpadas a óleo do tamanho e estilo exatos que ele descreveu. Ele fez desenhos detalhados dos animais que vários povos caçavam, o estilo das cabanas em que viveram, e os seus costumes funerários - afirmações que foram mais tarde confirmadas por descobertas arqueológicas.

O trabalho de Poniatowski com Ossowiecki não é único. Norman Emerson, professor de antropologia da Universidade de Toronto e vice-presidente fundador da Canadian Archaeological Association, também investigou o uso de clarividentes no trabalho arqueológico. A pesquisa de Emerson concentrou-se num motorista de caminhão chamado George McMullen. Como Ossowiecki, McMullen tem a capacidade de psicometrizando objetos e usá-los para sintonizar cenas do passado. McMullen também pode entrar em sintonia com o passado simplesmente visitando um sítio arqueológico. Uma vez lá, ele anda de um lado para outro até se orientar. Em seguida, ele começa a descrever as pessoas e a cultura que antes floresciam no local. Em uma dessas ocasiões, Emerson observou McMullen saltar sobre um pedaço de solo descoberto, calculando o que ele disse ser a localização de uma maloca Iroquesa. Emerson marcou a área com pinos de pesquisa e seis meses depois descobriu a estrutura antiga exatamente onde McMullen disse que estaria.

Embora Emerson tenha começado como cético, o seu trabalho com McMullen tornou-o um crente. Em 1973, numa conferência anual dos principais arqueólogos do Canadá, ele declarou: "É minha convicção que recebi conhecimento sobre artefatos e sítios arqueológicos de um informante psíquico que me contou essas informações sem qualquer evidência do uso consciente do raciocínio". Ele concluiu a sua palestra dizendo que sentiu que as demonstrações de McMullen abriram "um novo panorama" na arqueologia, e que a pesquisa sobre o uso futuro de médiuns em investigações arqueológicas deveria receber "primeira prioridade".

Na verdade, a retrocognição, ou a capacidade de certos indivíduos de mudar o foco da sua atenção e literalmente olhar para trás, foi confirmada repetidamente por pesquisadores. Numa série de experimentos conduzidos na década de 1960, W.H.C. Tenhaeff, diretor do Instituto Parapsicológico da Universidade Estadual de Utrecht, e Marius Valkhoff, reitor da faculdade de artes da Universidade de Witwatersrand, Joanesburgo, África do Sul, descobriram que o grande médium holandês, Gerard Croiset, poderia psicometrizar até mesmo o menor fragmento de osso e descrever com precisão o seu passado. O Dr. Lawrence LeShan, psicólogo clínico de Nova York e outro cético que se tornou crente, conduziu experimentos semelhantes com a notável vidente americana Eileen Garrett. Na reunião anual de 1961 da American Anthropological Association, o arqueólogo Clarence W. Weiant revelou que não teria feito a sua famosa descoberta de Tres Zapotes, universalmente considerada um dos mais importantes achados arqueológicos da América Central já feitos, se não fosse pela assistência de uma psique.

Stephan A. Schwartz, um ex-membro da equipa editorial da revista *National Geographic* e membro do Grupo de Discussão sobre Inovação, Tecnologia e Sociedade do Secretário de Defesa do MIT, acredita que a retrocognição não é apenas real, mas acabará por precipitar uma mudança na realidade científica tão profunda como as mudanças que se seguiram às descobertas de Copérnico e Darwin. Schwartz tem uma opinião tão forte sobre o assunto que escreveu uma história abrangente da parceria entre clarividentes e arqueólogos intitulada *The Secret Vaults of Time*. "Por três quartos de século, a arqueologia psíquica tem sido uma realidade", diz Schwartz. "Esta nova abordagem fez muito para demonstrar que a estrutura de tempo e espaço tão crucial para a visão do mundo do Grande Material não é de forma alguma uma construção tão absoluta quanto a maioria dos cientistas acredita".

O PASSADO COMO HOLOGRAMA

Essas habilidades sugerem que o passado não está perdido, mas ainda existe de alguma forma acessível à percepção humana. A nossa visão normal do universo não permite tal estado de coisas, mas o modelo holográfico sim. A noção de Bohm de que o fluxo do tempo é o produto de uma série constante de desdobramentos e envolvimentos sugere que, à

medida que o presente se envolve e se torna parte do passado, ele não deixa de existir, mas simplesmente retorna ao depósito cósmico do implícito. Ou, como diz Bohm, "O passado está ativo no presente como uma espécie de ordem".

Se, como sugere Bohm, a consciência também tem a sua origem no implícito, isso significa que a mente humana e o registo holográfico do passado já existem no mesmo domínio, são, por assim dizer, já vizinhos. Assim, uma mudança no foco da atenção pode ser tudo o que é necessário para aceder ao passado. Clarividentes como McMullen e Ossowiecki podem ser simplesmente indivíduos que têm um talento inato para fazer essa mudança, mas, novamente, como acontece com muitas das outras habilidades humanas extraordinárias que temos visto, a ideia holográfica sugere que o talento está latente em todos os nós.

Uma metáfora para a forma como o passado é armazenado no implícito também pode ser encontrada no holograma. Se cada fase de uma atividade, digamos uma mulher a soprar uma bolha de sabão, for registada como uma série de imagens sucessivas num holograma de múltiplas imagens, cada imagem torna-se como uma moldura num filme. Se o holograma for um holograma de "luz branca" - uma peça de filme holográfico cuja imagem pode ser vista a olho nu e não necessita de luz laser para se tornar visível - quando um espectador caminha pelo filme e muda o ângulo da sua perceção, verá o que equivale a uma imagem em movimento tridimensional da mulher a soprar a bolha de sabão. Por outras palavras, à medida que as diferentes imagens se desdobram e envolvem, parecerão fluir juntas e apresentar uma ilusão de movimento.

Outra característica sugestivamente semelhante a um holograma da experiência retrocognitiva é a tridimensionalidade das cenas acedidas. Por exemplo, a psíquica Rich, que também pode psicometrar objetos, diz que sabe o que Ossowiecki quis dizer quando disse que as imagens que viu eram tão tridimensionais e reais, ainda mais reais, do que a sala em que ele estava sentado. "É como se a cena assumisse o controlo, diz Rich." É dominante e, uma vez que começa a desenrolar-se, eu realmente torno-me parte dela. É como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Sei que estou sentada numa sala, mas também estou na cena".

Da mesma forma, holográfico é a natureza não local da habilidade. Os paranormais são capazes de aceder ao passado de um sítio arqueológico específico tanto quando estão no sítio quanto quando estão a muitos quilómetros de distância. Por outras palavras, o registo do passado não parece estar armazenado em nenhum local, mas, como a informação num holograma, não é local e pode ser acedido de qualquer ponto da estrutura do espaço-tempo. O aspeto não local do fenómeno é ainda mais enfatizado pelo facto de que alguns médiuns nem mesmo precisam recorrer à psicométrica para se sintonizar com o passado. O famoso vidente de Kentucky Edgar Cayce podia conetar-se com o passado simplesmente deitando-se num sofá em sua casa e entrando em um estado de sono. Ele ditou volumes sobre a história da raça humana e frequentemente era surpreendentemente preciso. Por exemplo,

ele identificou a localização e descreveu o papel histórico da comunidade essénia em Qumran onze anos antes da descoberta dos manuscritos do Mar Morto (nas cavernas acima de Qumran) confirmarem os seus pronunciamentos.

É interessante notar que muitos indivíduos retrocognitivos também podem ver o campo de energia humano. Quando ele era criança, a mãe de Ossowiecki deu-lhe um colírio na tentativa de se livrar das faixas de cor que ele disse que via à volta das pessoas, e McMullen também pode diagnosticar a saúde de uma pessoa olhando para o campo. Isso sugere que a retrocognição pode estar ligada à capacidade de ver os aspetos mais sutis e vibratórios da realidade. Colocado de outra forma, o passado pode ser apenas mais uma coisa codificada no domínio da frequência de Pribram, uma parte dos padrões de interferência cósmica que a maioria de nós edita e apenas alguns sintonizam e convertem em imagens semelhantes a hologramas. “Talvez no estado holográfico - no domínio da frequência - há quatro mil anos amanhã”, diz Pribram.

FANTASMAS DO PASSADO

A ideia de que o passado é holograficamente registado nas ondas de rádio cósmicas e pode ocasionalmente ser arrancado pela mente humana e convertido em hologramas também pode explicar pelo menos algumas assombrações. Muitas aparições fantasmagóricas parecem ser pouco mais do que hologramas, gravações tridimensionais de alguma pessoa ou cena do passado. Por exemplo, uma teoria sobre fantasmas é que eles são a alma ou o espírito do indivíduo falecido, mas nem todos os fantasmas são humanos. Existem numerosos casos de indivíduos vendo fantasmas de objetos inanimados também, um facto que desmente a ideia de que as aparições são almas desencarnadas. *Phantasms of the Living*, um enorme conjunto de dois volumes de relatos bem documentados de assombrações e outros fenómenos paranormais compilados pela Society for Psychical Research em Londres, oferece muitos exemplos. Por exemplo, em um caso, um oficial militar britânico e a sua família observaram quando uma carruagem puxada por cavalos espectral parou no seu gramado. A carruagem fantasmagórica era tão real que o filho do oficial caminhou até ela e viu o que parecia ser uma figura feminina lá dentro. A imagem desapareceu antes que ele pudesse obter uma visão melhor e não deixou rastros de cavalo ou de roda.

Quão comuns são essas experiências? Não sabemos, mas sabemos que nos Estados Unidos e na Inglaterra vários estudos mostraram que de 10% a 17% da população em geral viu uma aparição, indicando que tais fenómenos podem ser muito mais comuns do que a maioria de nós suspeita.

A noção de que alguns eventos deixam marcas mais fortes no registo holográfico do que outros também é sustentada pela tendência de assombrações em locais onde ocorreu

algum ato terrível de violência ou outra ocorrência emocional excepcionalmente poderosa. A literatura está repleta de aparições que aparecem em locais de assassinatos, batalhas militares e outros tipos de caos. Isso sugere que, além de imagens e sons, as emoções sentidas durante um evento também são registadas no holograma cósmico. Mais uma vez, parece que é a intensidade emocional de tais eventos que os torna mais proeminentes no registo holográfico e que permite que indivíduos normais involuntariamente entrem em contato com eles.

E, novamente, muitas dessas assombrações parecem ser menos o produto de espíritos infelizes presos à terra e mais apenas vislumbres acidentais do registo holográfico do passado. Isso também é corroborado pela literatura sobre o assunto. Por exemplo, em 1907, e a pedido do poeta William Butler Yeats, um antropólogo e estudioso religioso da UCLA chamado W. Y. Evans-Wentz embarcou numa jornada de dois anos pela Irlanda, Escócia, País de Gales, Cornualha e Bretanha para entrevistar pessoas que supostamente encontraram fadas e outros seres sobrenaturais. Evans-Wentz assumiu o projeto porque Yeats disse-lhe que, à medida que os valores do século XX substituíram as antigas crenças, os encontros com fadas estavam a tornar-se menos frequentes e precisavam ser documentados antes que a tradição se perdesse completamente.

Enquanto Evans-Wentz ia de aldeia em aldeia entrevistando os partidários da fé, geralmente idosos, ele descobriu que nem todas as fadas que as pessoas encontravam nos vales e nos prados salpicados de lua eram pequenos. Alguns eram altos e pareciam seres humanos normais, exceto que eram luminosos e translúcidos e tinham o curioso hábito de usar roupas de períodos históricos anteriores.

Além disso, essas "fadas" frequentemente apareciam dentro ou à volta de ruínas arqueológicas - túmulos, pedras eretas, fortalezas em ruínas do século VI e assim por diante - e participavam de atividades associadas a tempos passados. Evans-Wentz entrevistou testemunhas que viram fadas que pareciam homens em trajes elisabetanos engajando-se em caçadas, fadas que caminhavam em procissões fantasmagóricas de e para os restos de velhos fortes e fadas que tocavam sinos enquanto estavam nas ruínas de igrejas antigas. Uma atividade pela qual as fadas pareciam gostar excessivamente era travar a guerra. No seu livro *A Fé das Fadas nos Países Célticos*, Evans-Wentz apresenta o testemunho de dezenas de indivíduos que afirmaram ter visto esses conflitos espectrais, prados iluminados pela lua lotados de homens a lutar em armaduras medievais ou pântanos desolados cobertos por soldados em uniformes coloridos. Às vezes, essas lutas eram assustadoramente silenciosas. Às vezes, elas eram estrondosas de pleno direito; e, talvez o mais assustador de tudo, às vezes elas só podiam ser ouvidas, mas não vistas.

Disto, Evans-Wentz concluiu que pelo menos alguns dos fenómenos que as suas testemunhas estavam a interpretar como fadas eram na verdade algum tipo de imagem posterior de eventos que aconteceram no passado. "A própria natureza tem uma memória", teorizou ele. "Há algum elemento psíquico indefinível na atmosfera da Terra sobre o qual

todas as ações ou fenômenos humanos e físicos são fotografados ou impressos. Sob certas condições inexplicáveis, pessoas normais que não são videntes podem observar os registros mentais da Natureza como imagens lançadas numa tela - muitas vezes como peças em movimento.

Quanto ao motivo pelo qual os encontros com fadas estavam a tornar-se menos frequentes, um comentário feito por um dos entrevistados de Evans-Wentz fornece uma pista. O entrevistado era um senhor idoso chamado John Davies que vivia na Ilha de Man e, depois de descrever vários avistamentos de pessoas boas, ele afirmou: "Antes que a educação chegasse à ilha, mais pessoas podiam ver as fadas; agora, muito poucas pessoas podem vê-las. Visto que a "educação" sem dúvida incluía um anátema contra a crença nas fadas, a observação de Davies sugere que foi uma mudança de atitude que atrofiou as habilidades retrocognitivas generalizadas do povo Manx. Mais uma vez, isso ressalta o enorme poder que as nossas crenças têm na determinação quais dos nossos potenciais extraordinários manifestamos e quais não.

Mas, quer as nossas crenças permitam-nos ver esses filmes semelhantes a hologramas do passado ou façam com que o nosso cérebro os edite, a evidência sugere que eles existem mesmo assim. Nem são tais experiências limitadas aos países Célticos. Existem relatos de testemunhas que viram um soldado fantasma vestido em trajes hindus antigos na Índia. No Havaí, essas exibições fantasmagóricas são bem conhecidas e os livros nas ilhas estão repletos de relatos de indivíduos que viram procissões fantasmas de guerreiros havaianos em mantos de penas a marcharem juntos com tacos e tochas de guerra. Avistamentos de exércitos espectrais a lutarem em batalhas igualmente fantasmagóricas são até mesmo mencionados em antigos textos assírios.

Ocasionalmente, os historiadores são capazes de reconhecer o evento que está a ser repetido. Às quatro da manhã de 4 de agosto de 1951, duas mulheres inglesas que estavam de férias na vila costeira de Puys, na França, foram acordadas pelo som de tiros. Elas correram para a janela, mas ficaram chocados ao descobrir que a vila e o mar estavam calmos e desprovidos de qualquer atividade que pudesse explicar o que estavam a ouvir. A British Society for Psychical Research investigou e descobriu que a cronologia dos eventos das mulheres espelhava exatamente os registros militares de um ataque que os Aliados haviam feito contra os alemães em Puys em 19 de agosto de 1942. As mulheres, ao que parecia, tinham ouvido o som de uma carnificina que acontecera nove anos antes.

Embora a intensidade sombria de tais eventos lhes dê um perfil mais elevado na paisagem holográfica, não devemos esquecer que contidas no registro holográfico cintilante do passado estão também todas as alegrias da raça humana. É, na sua essência, uma biblioteca de tudo o que já foi, e aprender a explorar este deslumbrante e infinito passeio pelo tesouro a uma escala mais maciça e sistemática poderia expandir o nosso conhecimento de nós próprios e do universo de formas que ainda não ousamos sonhar. Pode chegar o dia em que possamos manipular a realidade como o cristal na analogia de

Bohm, fazendo com que o que é real e o que é invisível se desloque caleidoscopicamente e chamando imagens do passado com a mesma facilidade com que agora chamamos um programa no nosso computador. Mas mesmo isto não é tudo o que uma compreensão mais holográfica do tempo pode oferecer.

O FUTURO HOLOGRÁFICO

Por mais desconcertante que seja ter acesso a todo o passado, empalidece ao lado da noção de que o futuro também é acessível no holograma cósmico. Ainda assim, há um enorme corpo de evidências que prova que pelo menos alguns eventos futuros são tão fáceis de ver quanto os eventos passados.

Isso foi amplamente demonstrado em literalmente centenas de estudos. Na década de 1930, J. B. e Louisa Rhine descobriram que os voluntários podiam adivinhar quais cartas seriam tiradas aleatoriamente de um baralho com uma taxa de sucesso melhor do que o acaso, com probabilidades de três milhões para um. Na década de 1970, Helmut Schmidt, um físico da Boeing Aircraft em Seattle, Washington, inventou um dispositivo que lhe permitiu testar se as pessoas podiam prever eventos subatômicos aleatórios. Em testes repetidos com três voluntários e mais de 60 mil tentativas, ele obteve resultados de um bilhão para um contra o acaso.

No seu trabalho no Dream Laboratory no Maimonides Medical Center, Montague Ullman, junto com o psicólogo Stanley Krippner e o pesquisador Charles Honorton, produziu evidências convincentes de que informações precognitivas precisas também podem ser obtidas em sonhos. No seu estudo, os voluntários foram convidados a passar oito noites consecutivas no laboratório do sono, e todas as noites eles foram convidados a tentar sonhar com uma imagem que seria escolhida aleatoriamente no dia seguinte e mostrada a eles. Ullman e os seus colegas esperavam obter um sucesso em oito, mas descobriram que alguns sujeitos podiam marcar até cinco "acertos" em oito.

Por exemplo, depois de acordar, um voluntário disse que tinha sonhado com "um grande edifício de betão" do qual um "paciente" estava a tentar fugir. O paciente tinha uma bata branca vestida como uma bata de médico e só tinha chegado "até ao arco". O quadro escolhido ao acaso no dia seguinte revelou-se ser o *Corredor Hospitalar de Van Gogh em St. Rémy*, uma aguarela representando um paciente solitário no final de um corredor sombrio e maciço e saindo rapidamente por uma porta por baixo de um arco.

Nas suas experiências de visão remota no Stanford Research Institute, Puthoff e Targ descobriram que, para além de poderem descrever psiquicamente locais remotos que os experimentadores visitavam no presente, os sujeitos de teste poderiam também descrever locais que os experimentadores visitariam no futuro, antes mesmo de os locais terem sido decididos. Num caso, por exemplo, uma pessoa invulgarmente talentosa chamada Hella

Hammid, fotógrafa por vocação, foi solicitada a descrever o local que Puthoff visitaria uma meia hora depois. Ela concentrou-se e disse que o podia ver entrar "num triângulo de ferro preto". O triângulo era "maior que um homem", e embora ela não soubesse exatamente o que era, conseguia ouvir um som rítmico de ranger que ocorria "cerca de uma vez por segundo".

Dez minutos antes de o fazer, Puthoff tinha partido para uma viagem de meia hora nas áreas de Menlo Park e Palo Alto. No final da meia hora, e muito depois de Hammid ter registado a sua percepção do triângulo de ferro preto, Puthoff tirou dez envelopes selados contendo dez locais-alvo diferentes. Utilizando um gerador de números aleatórios, ele escolheu um ao acaso. No interior estava o endereço de um pequeno parque a cerca de seis milhas do laboratório. Conduziu até ao parque, e quando lá chegou encontrou um baloiço de crianças - o triângulo de ferro preto - e caminhou para ao meio dele. Quando se sentava no baloiço, guinchava ritmicamente enquanto balançava para trás e para a frente.

As descobertas de visão remota precognitiva de Puthoff e Targ foram duplicadas por vários laboratórios em todo o mundo, incluindo as instalações de pesquisa de Jahn e Dunne em Princeton. De facto, em 334 testes formais, Jahn e Dunne descobriram que os voluntários foram capazes de fornecer informações precognitivas precisas 62% das vezes.

Ainda mais dramáticos são os resultados dos chamados "testes de cadeira", uma famosa série de experimentos idealizados por Croiset. Primeiro, o experimentador seleccionaria aleatoriamente uma cadeira da planta de assentos para um próximo evento público em um grande salão ou auditório. O salão poderia estar localizado em qualquer cidade do mundo e somente eventos que não tivessem lugares reservados qualificados. Então, sem dizer a Croiset o nome ou localização do salão, ou a natureza do evento, o experimentador pedia ao médium holandês para descrever quem estaria sentado no assento durante a noite em questão.

Ao longo de um período de 25 anos, vários investigadores na Europa e na América submeteram Croiset aos rigores do teste da cadeira e descobriram que ele quase sempre era capaz de fornecer uma descrição precisa e detalhada da pessoa que estaria sentada na cadeira, incluindo a descrição do seu gênero, características faciais, vestimenta, ocupação e até mesmo incidentes do seu passado.

Por exemplo, em 6 de janeiro de 1969, num estudo conduzido pelo Dr. Jule Eisenbud, um professor clínico de psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade do Colorado, Croiset foi informado de que uma cadeira havia sido escolhida para um evento que se realizaria a 23 de janeiro de 1969. Croiset, que estava em Utrecht, Holanda, na época, disse a Eisenbud que a pessoa que se sentaria na cadeira seria um homem de um metro e setenta e cinco de altura e que penteava os seus cabelos negros para trás, tinha um dente de ouro no maxilar inferior, uma cicatriz no dedo grande do pé, que trabalhava tanto na ciência como na indústria, e por vezes tinha a sua bata de laboratório manchada por um químico

esverdeado. Em 23 de janeiro de 1969, o homem que se sentou na cadeira, que estava em um auditório em Denver, Colorado, encaixava-se na descrição de Croiset em todos os sentidos, exceto um. Ele não tinha um metro e setenta e cinco, mas um metro e noventa e cinco de altura.

A lista continua e continua.

Qual é a explicação para tais achados? Krippner acredita que a afirmação de Bohm de que a mente pode aceder a ordem implícita é uma explicação. Tanto Puthoff quanto Targ sentem que a interconexão quântica não local desempenha um papel na precognição, e Targ afirmou que durante uma experiência de visão remota a mente parece ser capaz de aceder a uma espécie de "sopa holográfica", ou domínio, em que todos os pontos estão infinitamente interconetados não apenas no espaço, mas também no tempo.

O Dr. David Loye, psicólogo clínico e ex-membro do corpo docente das faculdades de medicina de Princeton e UCLA, concorda. "Para quem está a pensar no quebra-cabeças da precognição, a teoria holográfica da mente de Pribram-Bohm parece oferecer a maior esperança de progresso em direção à solução procurada", afirma. Loye, que atualmente é codiretor do Institute for Future Forecasting no norte da Califórnia, sabe do que fala. Ele passou as últimas duas décadas a investigar a precognição e a arte de prever em geral, e desenvolve técnicas para permitir que as pessoas entrem em contato com a sua própria consciência intuitiva do futuro.

A natureza semelhante a um holograma de muitas experiências precognitivas fornece evidências adicionais de que a capacidade de prever o futuro é um fenómeno holográfico. Tal como acontece com a retrocognição, os paranormais relatam que as informações precognitivas frequentemente aparecem-lhes na forma de imagens tridimensionais. O vidente cubano Tony Cordero diz que quando vê o futuro é como assistir a um filme na sua mente. Cordero viu um dos primeiros filmes desse tipo quando era criança e teve uma visão da tomada comunista de Cuba. "Disse à minha família que via bandeiras vermelhas em Cuba, que eles teriam que deixar o país e que muitos membros da família seriam fuzilados", disse Cordero. "Eu realmente vi parentes a serem baleados. Pude sentir o cheiro do fumo e ouvir o som dos tiros. Sinto que estou nessa situação. Posso ouvir as pessoas a falarem, mas elas não podem ouvir-me ou ver-me. É como viajar no tempo ou algo assim".

As palavras que os médiuns usam para descrever as suas experiências também são semelhantes às de Bohm. Garrett descreveu a clarividência como "uma percepção intensamente aguda de alguns aspetos da vida em operação, e uma vez que nos níveis clarividentes o tempo é indiviso e completo [grifo nosso], frequentemente percebe-se o objeto ou evento nas suas fases passadas, presentes e/ou futuras em sucessões abruptamente rápidas".

TODOS NÓS SOMOS PRECOGNITIVOS

A afirmação de Bohm de que toda consciência humana tem a sua fonte implícita implica que todos nós possuímos a capacidade de aceder o futuro, e isso também é corroborado pelas evidências. A descoberta de Jahn e Dunne de que mesmo indivíduos normais se saem bem em testes de visão remota premonitória é uma indicação da natureza generalizada dessa habilidade. Numerosos outros achados, experimentais e anedóticos, fornecem evidências adicionais. Numa transmissão da BBC de 1934, Dame Edith Lytton, membro da família Balfour política e socialmente proeminente na Inglaterra e presidente da Sociedade Britânica de Pesquisa Psíquica, convidou os ouvintes a enviar relatos das suas próprias experiências precognitivas. Ela foi inundada com correspondências e, mesmo depois de eliminar os casos que não tinham provas corroborativas, ainda tinha o suficiente para preencher um volume sobre o assunto. Da mesma forma, pesquisas conduzidas por Louisa Rhine revelaram que as precognições ocorrem com mais frequência do que qualquer outro tipo de experiência psíquica.

Os estudos também mostram que as visões precognitivas tendem a ser de tragédias, com premonições de eventos infelizes superando em número os felizes em uma proporção de quatro para um. Predominam os pressentimentos de morte, com os acidentes vindo em segundo lugar e as doenças em terceiro. A razão para isso parece óbvia. Estamos totalmente condicionados a acreditar que não é possível perceber o futuro, que as nossas habilidades precognitivas naturais estão adormecidas. Assim como as forças sobre-humanas que os indivíduos exibem durante emergências com risco de vida, apenas infiltram-se nas nossas mentes conscientes em tempos de crise - quando alguém perto de nós está prestes a morrer; quando os nossos filhos ou algum outro ente querido está em perigo, e assim por diante. Que a nossa compreensão "sofisticada" da realidade é responsável pela nossa incapacidade de compreender e utilizar a verdadeira natureza da nossa relação com o tempo é evidente no facto de que as culturas primitivas quase sempre obtêm melhores resultados nos testes de PES do que as chamadas culturas civilizadas.

Outras evidências de que relegamos as nossas habilidades precognitivas inatas para o interior do inconsciente podem ser encontradas na estreita associação entre premonições e sonhos. Estudos mostram que de 60% a 68% de todas as precognições ocorrem durante o sonho. Podemos ter banido a nossa capacidade de ver o futuro das nossas mentes conscientes, mas ela ainda está muito ativa nas camadas mais profundas da nossa psique.

As culturas tribais estão bem cientes desse facto, e as tradições xamânicas quase que universalmente enfatizam a importância do sonho em adivinhar o futuro. Mesmo os nossos escritos mais antigos prestam homenagem ao poder premonitório dos sonhos, como é evidenciado no relato bíblico do sonho do Faraó de sete vacas gordas e sete vacas magras. A antiguidade dessas tradições indica que a tendência de ocorrerem premonições nos sonhos deve-se a mais do que apenas à nossa atual atitude cética em relação à precognição.

A proximidade que a mente inconsciente tem do reino atemporal do implícito também pode desempenhar um papel. Como o nosso eu que sonha está mais fundo na psique do que o nosso eu consciente - e mais próximo do oceano primordial no qual passado, presente e futuro se tornam um - pode ser mais fácil para ele aceder a informações sobre o futuro.

Seja qual for o motivo, não deve ser surpresa que outros métodos de acesso ao inconsciente também possam produzir informações precognitivas. Por exemplo, na década de 1960, Karlis Osis e o hipnotizador J. Fahler descobriram que indivíduos hipnotizados pontuaram significativamente mais alto em testes de precognição do que indivíduos não hipnotizados. Outros estudos também indicaram os efeitos da hipnose que aumentam a PES. No entanto, nenhuma quantidade de dados estatísticos áridos tem o impacto de um exemplo da vida real. No seu livro *The Future is Now: The Significance of Precognition*, Arthur Osborn regista os resultados de um experimento de hipnose e premonição envolvendo a atriz francesa Irene Muza. Depois de ser hipnotizada e questionada se podia ver o seu futuro, Muza respondeu, "A minha carreira vai ser curta: não me atrevo a dizer qual será o meu fim: vai ser terrível".

Surpresos, os experimentadores decidiram não contar a Muza o que ela havia relatado e deram-lhe uma sugestão pós-hipnótica para esquecer tudo o que ela havia dito. Quando ela acordou do seu transe, ela não tinha nenhuma lembrança do que havia previsto para si mesma. Mesmo se ela soubesse, não teria causado o tipo de morte que ela sofreu. Poucos meses depois, o seu cabeleireiro acidentalmente derramou um pouco de álcool mineral num fogão aceso, fazendo com que o cabelo e as roupas de Muza atuassem fogo. Em segundos, ela foi envolvida pelas chamas e morreu num hospital algumas horas depois.

HOSALTOS DE FÉ

Os eventos que aconteceram a Irene Muza levantam uma questão importante. Se Muza soubesse do destino que previra para si mesma, seria capaz de evitá-lo? Dito de outra forma, o futuro está congelado e completamente predeterminado ou pode ser mudado? À primeira vista, a existência de fenómenos precognitivos parece indicar que o primeiro é o caso, mas isso seria um estado de coisas muito perturbador. Se o futuro é um holograma cujos detalhes já estão fixos, isso significa que não temos livre arbítrio. Somos todos apenas fantoches do destino movendo-se sem pensar através de um roteiro que já foi escrito.

Felizmente, as evidências indicam de forma esmagadora que esse não é o caso. A literatura está repleta de exemplos de pessoas que foram capazes de usar os seus vislumbres precognitivos do futuro para evitar desastres, casos em que os indivíduos previram corretamente a destruição de um avião e evitaram a morte por não embarcarem, ou tiveram a visão dos seus filhos a serem afogados numa enchente e os tirou do caminho bem a tempo. Há dezanove casos documentados de pessoas que tiveram vislumbres precognitivos do

naufrágio do *Titanic* - alguns foram vivenciados por passageiros que prestaram atenção às suas premonições e sobreviveram, alguns foram vivenciados por passageiros que ignoraram os seus pressentimentos e afogaram-se, e alguns foram vivenciados por indivíduos que não estavam em nenhuma dessas duas categorias.

Tais incidentes sugerem fortemente que o futuro não está definido, mas é plástico e pode ser mudado. Mas essa visão também traz consigo um problema. Se o futuro ainda está a mudar, o que Croiset está a explorar quando descreve o indivíduo que se sentará em uma cadeira específica daqui a dezassete dias? Como pode o futuro existir e não existir?

Loye fornece uma resposta possível. Ele acredita que a realidade é um holograma gigante, e nele o passado, o presente e o futuro estão de facto fixos, pelo menos até certo ponto. O problema é que não é o único holograma. Existem muitas dessas entidades holográficas a flutuarem nas águas atemporais e sem espaço do implícito, empurrando-se e nadando em torno umas das outras como tantas amebas. "Essas entidades holográficas também podem ser visualizadas como mundos paralelos, universos paralelos", diz Loye.

Assim, o futuro de qualquer universo holográfico é predeterminado e, quando uma pessoa tem um vislumbre precognitivo do futuro, ela está a sintonizar-se apenas com o futuro daquele holograma específico. Mas, como as amebas, esses hologramas também ocasionalmente engolem-se e absorvem-se uns aos outros, fundindo-se e bifurcando-se como os globos protoplasmáticos de energia que realmente são. Às vezes, esses empurrões sacodem-nos e são responsáveis pelas premonições que de vez em quando absorvem-nos. E quando agimos de acordo com uma premonição e parecemos alterar o futuro, o que estamos realmente a fazer é a saltar de um holograma para outro. Loye chama a esses saltos intra holográficos de "hololeaps" e sente que são eles que nos fornecem a nossa verdadeira capacidade tanto para o insight quanto para a liberdade.

Bohm resume a mesma situação de uma maneira ligeiramente diferente. "Quando as pessoas sonham com acidentes corretamente e não pegam o avião ou o navio, não é o futuro real que estavam a ver. Era apenas algo no presente que está implícito e a mover-se para fazer esse futuro. Na verdade, o futuro que viram difere do futuro real porque o alteraram. Portanto, acho mais plausível dizer que, se esses fenómenos existem, há uma antecipação do futuro na ordem implícita do presente. Como costumavam dizer, os próximos acontecimentos lançam as suas sombras no presente. As suas sombras estão a ser fundidas no fundo da ordem implícita".

As descrições de Bohm e Loye parecem ser duas maneiras diferentes de tentar expressar a mesma coisa - uma visão do futuro como um holograma que é substantivo o suficiente para que possamos percebê-lo, mas maleável o suficiente para ser suscetível a mudanças. Outros usaram palavras ainda diferentes para resumir o que parece ser o mesmo pensamento básico. Cordero descreve o futuro como um furacão que está a começar a formar-se e a ganhar força, tornando-se mais concreto e inevitável à medida que se

aproxima. Ingo Swann, um médium talentoso que produziu resultados impressionantes em vários estudos, incluindo a pesquisa da visão remota de Puthoff e Targ, fala do futuro como composto de "possibilidades cristalizantes". Os kahunas havaianos, muito estimados pelo seu poder precognitivo, também falam do futuro como fluido, mas em processo de "cristalização", e acreditam que grandes acontecimentos mundiais cristalizam-se com a maior antecedência, assim como os acontecimentos mais importantes na vida de uma pessoa, como casamento, acidentes e mortes.

As numerosas premonições que agora se sabe que precederam tanto o assassinato de Kennedy quanto a Guerra Civil (até mesmo George Washington tinha uma visão precognitiva de uma futura guerra civil envolvendo de alguma forma a "África", a questão de que todos os homens são "irmãos" e a palavra União) parecem corroborar essa crença kahuna.

A noção de Loye de que existem muitos futuros holográficos separados e que escolhermos quais eventos irão manifestar-se e quais não serão, saltando de um holograma para outro, carrega consigo outra implicação. Escolher um futuro holográfico em vez de outro é essencialmente o mesmo que criar o futuro. Como vimos, há muitas evidências a sugerirem que a consciência desempenha um papel significativo na criação do aqui e agora. Mas se a mente pode ir além dos limites do presente e ocasionalmente perseguir a paisagem nebulosa do futuro, nós também ajudamos na criação de eventos futuros? Dito de outra forma, os caprichos da vida são realmente aleatórios ou desempenhamos um papel em literalmente esculpir o nosso próprio destino? Notavelmente, há algumas evidências intrigantes de que o último pode ser o caso.

AS COISAS SOMBRIAS DA ALMA

O Dr. Joel Whitton, professor de psiquiatria da University of Toronto Medical School, também usou a hipnose para estudar o que as pessoas sabem inconscientemente sobre si mesmas. No entanto, em vez de perguntar a eles sobre o seu futuro, Whitton, que é um especialista em hipnose clínica e também formado em neurobiologia, pergunta a eles sobre o seu passado, o seu passado distante para ser exato. Nas últimas décadas, Whitton silenciosamente e sem alarde reuniu evidências sugestivas de reencarnação.

A reencarnação é um assunto difícil, pois tantos disparates foram apresentados a respeito dele que muitas pessoas o descartam imediatamente. A maioria não. Perceba que além (e pode-se mesmo dizer apesar) das alegações sensacionais de celebridades e das histórias de Cleópatras reencarnadas que atraem a maior parte da atenção da mídia, há uma grande quantidade de pesquisas sérias a serem feitas sobre a reencarnação. Nas últimas décadas, um número pequeno, mas crescente, de pesquisadores altamente credenciados compilou um corpo de evidências impressionante sobre o assunto. Whitton é um desses pesquisadores.

A evidência não prova que a reencarnação existe, nem é a intenção deste livro fazer tal argumento. Na verdade, é difícil imaginar o que poderia constituir uma prova perfeita de reaprendizagem. Em vez disso, as descobertas que serão abordadas aqui são oferecidas apenas como possibilidades intrigantes e porque são relevantes para a nossa discussão atual. Portanto, elas merecem a nossa consideração de mente aberta.

O principal impulso da pesquisa sobre hipnose de Whitton é baseado em um facto simples e surpreendente. Quando os indivíduos são hipnotizados, muitas vezes lembram-se do que parecem ser memórias de existências anteriores. Estudos mostraram que mais de 90% de todos os indivíduos hipnotizáveis são capazes de recordar essas memórias aparentes. O fenómeno é amplamente reconhecido, até mesmo por céticos. Por exemplo, o livro de psiquiatria *Trauma, Transe e Transformação* faz com que os hipnoterapeutas novatos não fiquem surpresos se tais memórias surgirem espontaneamente nos seus pacientes hipnotizados. O autor do texto rejeita a ideia de renascimento, mas observa que, apesar disso, tais memórias podem ter um potencial de cura notável.

O significado desse fenómeno é, é claro, muito debatido. Muitos pesquisadores argumentam que tais memórias são fantasias ou fabricações da mente inconsciente, e não há dúvida de que às vezes é esse o caso, especialmente se a sessão hipnótica ou "regressão" for conduzida por um hipnotizador não qualificado que não conhece as técnicas de questionamento adequadas. necessária para proteção contra fantasias eliciadoras. Mas também há inúmeros casos registados em que indivíduos, sob a orientação de profissionais qualificados, produziram memórias que não parecem fantasias. As evidências reunidas por Whitton enquadram-se nesta categoria.

Para conduzir a sua pesquisa, Whitton reuniu um grupo central de cerca de trinta pessoas. Isso incluía indivíduos de todas as esferas da vida, de motoristas de camião a cientistas da computação, alguns dos quais acreditavam na reencarnação e outros não. Ele então hipnotizou-os individualmente e passou literalmente milhares de horas a gravar tudo o que eles tinham a dizer sobre as suas supostas existências anteriores.

Mesmo nas suas amplas pinceladas, a informação era fascinante. Um aspeto marcante foi o grau de concordância entre as experiências dos sujeitos. Todos relataram inúmeras vidas passadas, algumas de vinte a vinte e cinco, embora um limite prático tenha sido alcançado quando Whitton os regrediu ao que chama de as suas "existências de homem das cavernas", quando uma vida tornou-se indistinguível da seguinte. Todos relataram que o gênero não era específico da alma e muitos viveram pelo menos uma vida como sexo oposto. E todos relataram que o propósito da vida é evoluir e aprender, e que as múltiplas existências facilitam esse processo.

Whitton também encontrou evidências que sugeriam fortemente que as experiências eram vidas passadas reais. Uma característica incomum era a habilidade que as memórias tinham de explicar uma ampla gama de eventos e experiências aparentemente não

relacionados nas vidas atuais dos sujeitos. Por exemplo, um homem, um psicólogo nascido e criado no Canadá, possuía um inexplicável sotaque britânico quando criança. Ele também tinha um medo irracional de partir a perna, uma fobia de viagens aéreas, um terrível problema de roer as unhas, uma fascinação obsessiva pela tortura e, quando adolescente, teve uma visão breve e enigmática de estar num quarto com um oficial nazista, logo após operar os pedais de um carro durante um teste de direção. Sob hipnose, o homem lembra-se de ter sido um piloto britânico durante a Segunda Guerra Mundial. Durante uma missão na Alemanha, o seu avião foi atingido por uma chuva de balas, uma das quais penetrou na fuselagem e partiu a sua perna. Isso fez com que ele perdesse o controle dos pedais do avião, forçando-o a fazer um pouso forçado. Ele foi posteriormente capturado pelos nazistas, torturado para obter informações ao ter as suas unhas arrancadas, e morreu pouco tempo depois.

Muitos dos participantes também experimentaram profundas curas psicológicas e físicas como resultado das memórias traumáticas de vidas passadas que desenterraram e deram detalhes históricos estranhamente precisos sobre os tempos em que viveram. Alguns até falavam línguas desconhecidas para eles. Enquanto revivia uma aparente vida passada como um viking, um homem, um cientista comportamental de 37 anos, gritou palavras que as autoridades linguísticas mais tarde identificaram como Nórdico Antigo. Depois de ser regredido a uma antiga vida persa, o mesmo homem começou a escrever numa escrita de estilo árabe aranha que um especialista em línguas do Oriente Próximo identificou como uma representação autêntica de Sassanid Pahlavi, uma língua da Mesopotâmia extinta há muito tempo que floresceu entre 226 e 651 d.C..

Mas a descoberta mais notável de Whitton veio quando ele fez regressar os assuntos ao intervalo entre as vidas, um reino deslumbrante e cheio de luz em que "não existia tempo ou espaço como os conhecemos". De acordo com os seus súditos, parte do propósito deste reino era permitir que eles *planeassem a sua próxima vida, para literalmente esboçar os eventos e circunstâncias importantes que aconteceriam a eles no futuro*. Mas esse processo não foi simplesmente um exercício de conto de fadas para a realização de desejos. Whitton descobriu que, quando os indivíduos estavam no reino entre as vidas, eles entravam num estado incomum de consciência no qual eram agudamente autoconscientes e tinham um senso moral e ético aguçado. Além disso, eles não possuíam mais a capacidade de racionalizar e afastar qualquer uma das suas faltas e maldades, e viam-se com total honestidade. Para distingui-lo da nossa consciência quotidiana normal, Whitton chama esse estado mental intensamente consciencioso de "metaconsciência".

Assim, quando os sujeitos planeavam a sua próxima vida, eles o faziam com um senso de obrigação moral. Eles escolheriam renascer com pessoas a quem haviam injustiçado numa vida anterior, para que tivessem a oportunidade de reparar as suas ações. Eles planeavam encontros agradáveis com "almas gémeas", indivíduos com quem haviam construído um relacionamento amoroso e mutuamente benéfico ao longo de muitas vidas;

e agendavam eventos "acidentais" para cumprir ainda outras lições e propósitos. Um homem disse que, ao planejar a sua próxima vida, visualizou "uma espécie de instrumento mecânico no qual você poderia inserir certas peças para que consequências específicas se seguissem".

Essas consequências nem sempre foram agradáveis. Depois de ser regredida a um estado metaconsciente, uma mulher que foi estuprada quando tinha 37 anos revelou que ela realmente havia planejado o evento antes de vir para esta encarnação. Como ela explicou, foi necessário para ela passar por uma tragédia naquela idade a fim de forçá-la a mudar a sua "compleição de alma inteira" e, assim, irromper para uma compreensão mais profunda e positiva do significado da vida. Outro sujeito, um homem com uma doença renal grave e com risco de vida, revelou que escolheu a doença para se punir por uma transgressão numa vida passada. Contudo, também revelou que morrer da doença renal não fazia parte do seu guião, e antes de ter entrado nesta vida tinha também combinado encontrar alguém ou algo que o ajudasse a lembrar-se deste facto e, portanto, permitir-lhe-ia curar tanto a sua culpa como o seu corpo. Fiel à sua palavra, depois de iniciar as suas sessões com Whitton, ele experimentou uma recuperação completa quase milagrosa.

Nem todos os participantes de Whitton estavam tão ansiosos para aprender sobre o futuro que os seus eus metaconscientes haviam estabelecido para eles. Vários censuraram as suas próprias memórias e pediram a Whitton que, por favor, lhes desse instruções pós-hipnóticas para não se lembrarem de nada do que haviam dito durante o transe. Conforme explicaram, eles não queriam ser tentados a adular o guião que o seu eu metaconsciente havia escrito para eles.

Esta é uma ideia surpreendente. É possível que a nossa mente inconsciente não apenas esteja ciente do esboço do nosso destino, mas realmente nos conduza em direção ao seu cumprimento? A pesquisa de Whitton não é a única evidência de que pode ser esse o caso. Num estudo estatístico de 28 acidentes ferroviários graves nos EUA, o parapsicólogo William Cox descobriu que significativamente menos pessoas apanharam comboios em dias de acidentes do que no mesmo dia nas semanas anteriores.

A descoberta de Cox sugere que todos nós podemos estar constantemente a reconhecer inconscientemente o futuro e a tomar decisões com base nessa informação: alguns de nós optando por evitar acidentes, e talvez alguns - como a mulher que escolheu experimentar uma tragédia pessoal e o homem que escolheu suportar uma doença renal - a escolher vivenciar situações negativas para cumprir outros desígnios e propósitos inconscientes. "Cuidadosa ou aleatoriamente, escolhemos as nossas circunstâncias terrenas", diz Whitton. "A mensagem da metaconsciência é que a situação de vida de todo o ser humano não é aleatória nem inadequada. Vista objetivamente da inter-vida, toda a experiência humana é simplesmente mais uma lição na sala de aula cósmica".

É importante notar que a existência de tais agendas inconscientes não significa que as nossas vidas sejam rigidamente predestinadas e todos os destinos inevitáveis. O facto de muitos dos participantes de Whitton terem pedido para não se lembrar do que disseram sob hipnose implica novamente que o futuro está apenas esboçado e ainda sujeito a mudanças.

Whitton não é o único pesquisador de reencarnação que descobriu evidências de que o nosso inconsciente tem mais influência nas nossas vidas do que podemos imaginar. Outro é o Dr. Ian Stevenson, um professor de psiquiatria da University of Virginia Medical School. Em vez de usar a hipnose, Stevenson entrevista crianças pequenas que se lembraram espontaneamente de aparentes existências anteriores. Ele passou mais de trinta anos nessa busca e coletou e analisou milhares de casos em todo o mundo.

Segundo Stevenson, a recordação espontânea de vidas passadas é relativamente comum entre as crianças, tão comum que o número de casos que parecem valer a pena considerar excede em muito a capacidade do seu pessoal para os investigar. Geralmente as crianças têm entre dois e quatro anos de idade quando começam a falar da sua "outra vida", e frequentemente lembram-se de dezenas de pormenores, incluindo o seu nome, os nomes de familiares e amigos, onde viviam, como era a sua casa, o que faziam para viver, como morriam, e até informações obscuras, tais como onde escondiam dinheiro antes de morrerem e, em casos de homicídio, por vezes até quem os matou.

De facto, frequentemente as suas memórias são tão detalhadas que Stevenson é capaz de rastrear a identidade da sua personalidade anterior e verificar virtualmente tudo o que elas disseram. Ele até mesmo levou crianças para a área em que viveu a sua encarnação passada e observou enquanto elas navegavam sem esforço por bairros estranhos e identificavam corretamente a sua antiga casa, pertences, parentes e amigos de vidas passadas.

Como Whitton, Stevenson reuniu uma enorme quantidade de dados sugestivos de reencarnação e, até ao momento, publicou seis volumes sobre as suas descobertas. E, como Whitton, ele também encontrou evidências de que o inconsciente desempenha um papel muito maior na nossa constituição e destino do que suspeitávamos até agora.

Ele corroborou a descoberta de Whitton de que frequentemente renascemos com indivíduos que conhecemos de existências anteriores, e que a força motriz por trás das nossas escolhas é a afeição ou um sentimento de culpa ou dívida. Ele concorda que a responsabilidade pessoal, não o acaso, é o árbitro do nosso destino. Ele descobriu que embora as condições materiais de uma pessoa possam variar muito de uma vida para a outra, a sua conduta moral, interesses, aptidões e atitudes permanecem os mesmos. Indivíduos que foram criminosos na sua existência anterior tendem a ser atraídos para o comportamento criminoso novamente; pessoas que eram generosas e gentis continuam a ser generosas e gentis, e assim por diante. Disto Stevenson conclui que não são as

armadilhas externas da vida que importam, mas as internas, as alegrias, tristezas e "crescimentos internos" da personalidade, que parecem ser os mais importantes.

O mais significativo de tudo é que ele não encontrou nenhuma evidência convincente de "carma retributivo" ou qualquer indicação de que somos punidos cosmicamente pelos nossos pecados. "Não há então - se julgarmos pelas evidências dos casos - nenhum juiz externo da nossa conduta e nenhum ser que nos desloque de uma vida para outra de acordo com os nossos méritos. Se este mundo for (nas palavras de Keats) 'um vale de criadores de almas', eles são os criadores das nossas próprias almas", afirma Stevenson.

Stevenson também descobriu um fenômeno que não apareceu no estudo de Whitton, uma descoberta que fornece evidências ainda mais dramáticas do poder que a mente inconsciente tem de esculpir e influenciar as circunstâncias da nossa vida. Ele descobriu que a encarnação anterior de uma pessoa pode aparentemente afetar a própria forma e estrutura do seu corpo físico atual. Ele descobriu, por exemplo, que as crianças birmanesas que se lembram das vidas anteriores como pilotos da Força Aérea Britânica ou Americana abatidas sobre a Birmânia durante a Segunda Guerra Mundial têm cabelos e pele mais claros do que os seus irmãos.

Ele também encontrou casos em que características faciais distintas, deformidades nos pés e outras características foram transportadas de uma vida para a outra. O mais numeroso entre eles são os ferimentos físicos que se apresentam como cicatrizes ou marcas de nascença. Num caso, um menino que se lembrava de ter sido assassinado na sua vida anterior com a sua garganta cortada ainda tinha uma longa marca avermelhada semelhante a uma cicatriz no seu pescoço. Em outro, um menino que se lembrava de ter cometido suicídio com um tiro na cabeça na sua encarnação passada ainda tinha duas marcas de nascença espalhafatosas que se alinhavam perfeitamente ao longo da trajetória da bala, uma por onde a bala havia entrado e outra por onde havia saído. E em outro, um menino tinha uma marca de nascença semelhante a uma cicatriz cirúrgica completa com uma linha de marcas vermelhas que lembram feridas com pontos, no local exato onde a sua personalidade anterior havia feito a cirurgia.

Na verdade, Stevenson reuniu centenas desses casos e atualmente está a compilar um estudo de quatro volumes sobre o fenômeno. Em alguns dos casos, ele conseguiu até mesmo obter relatórios de hospitais e/ou autópsias da personalidade falecida e mostrar que tais lesões não apenas ocorreram, mas estavam no local exato da marca de nascença ou deformidade atual. Ele sente que tais marcas não apenas fornecem algumas das evidências mais fortes a favor da reencarnação, mas também sugerem a existência de algum tipo de corpo não físico intermediário que funciona como um portador desses atributos entre uma vida e a próxima. Ele afirma: "Parece-me que a impressão de feridas na personalidade anterior deve ser carregada entre vidas em algum tipo de corpo estendido que, por sua vez, atua como um modelo para a produção num novo corpo físico de marcas de nascença e deformidades que correspondem às feridas no corpo da personalidade anterior".

O "corpo modelo" teorizado por Stevenson ecoa a afirmação de Tiller de que o campo de energia humano é um modelo holográfico que orienta a forma e a estrutura do corpo físico. Dito de outra forma, é uma espécie de projeto tridimensional em torno do qual o corpo físico se forma. Da mesma forma, as suas descobertas a respeito das marcas de nascença acrescentam mais suporte à ideia de que, no fundo, somos apenas imagens, construções holográficas, criadas pelo pensamento.

Stevenson também observou que, embora a sua pesquisa sugira que somos os criadores das nossas próprias vidas e, até certo ponto, dos nossos próprios corpos, a nossa participação nesse processo é tão passiva que chega a ser quase involuntária. Estratos profundos da psique parecem estar envolvidos nessas escolhas, estratos que estão muito mais em contato com o implícito. Ou, como diz Stevenson, "Níveis de atividade mental muito mais profundos do que aqueles que regulam a digestão da nossa ceia no nosso estômago [e] a nossa respiração normal devem governar esses processos".

Por mais heterodoxas que sejam as conclusões de Stevenson, a sua reputação de investigador cuidadoso e metucioso ganhou respeito em alguns setores improváveis. As suas descobertas foram publicadas em importantes periódicos científicos como o *American Journal of Psychiatry*, o *Journal of Nervous and Mental Disease* e o *International Journal of Comparative Sociology*. E em uma revisão de uma das suas obras, o prestigioso *Journal of the American Medical Association* afirmou que ele "coletou metuculosamente e sem emoção uma série detalhada de casos em que a evidência da reencarnação é difícil de entender por qualquer outro motivo ... Ele colocou em registo uma grande quantidade de dados que não podem ser ignorados".

PENSAMENTO COMO CONSTRUTOR

Como acontece com muitas das "descobertas" que examinámos, a ideia de que alguma parte profundamente inconsciente e até espiritual de nós pode ultrapassar as fronteiras do tempo e é responsável pelo nosso destino também pode ser encontrada em muitas tradições xamânicas e outras fontes. De acordo com o povo Batak da Indonésia, tudo o que uma pessoa experimenta é determinado pela sua alma, ou *tondi*, que reencarna de um corpo para o outro e é um meio capaz de reproduzir não apenas o comportamento, mas os atributos físicos do antigo eu da pessoa. Os índios Ojibway também acreditavam que a vida de uma pessoa é roteirizada por um espírito ou alma invisível e é definida de uma maneira que promove o crescimento e o desenvolvimento. Se uma pessoa morre sem completar todas as lições que precisa aprender, o seu corpo espiritual retorna e é renascido em outro corpo físico.

Os kahunas chamam esse aspeto invisível de *aumakua*, ou "eu superior". Como a metacsciência de Whitton, é a parte inconsciente de uma pessoa que pode ver as partes

do futuro que estão cristalizadas, ou "definidas". É também a parte de nós que é responsável por criar o nosso destino, mas não está sozinho nesse processo. Como muitos dos pesquisadores mencionados neste livro, os kahunas acreditavam que os pensamentos são coisas e são compostos de uma substância energética sutil que chamavam de *kino mea*, ou "substância do corpo sombrio". Conseqüentemente, as nossas esperanças, medos, planos, preocupações, culpas, sonhos e imaginações não desaparecem depois de deixar a nossa mente, mas são transformados em formas de pensamento, e estes, também, tornam-se alguns dos fios ásperos com os quais o eu superior tece o nosso futuro.

A maioria das pessoas não controla os seus próprios pensamentos, disseram os kahunas, e bombardeiam constantemente o seu eu superior com uma mistura incontrolada e contraditória de planos, desejos e medos. Isso confunde o eu superior e é por isso que a vida da maioria das pessoas parece ser igualmente desordenada e descontrolada. Dizia-se que os kahunas poderosos que estavam em comunicação aberta com o seu eu superior eram capazes de ajudar uma pessoa a refazer o seu futuro. Da mesma forma, foi considerado extremamente importante que as pessoas reservassem um tempo em intervalos frequentes para pensar sobre as suas vidas e visualizar em termos concretos o que desejavam que acontecesse a si mesmas. Ao fazer isso, os kahunas afirmam que as pessoas podem controlar mais conscientemente os eventos que acontecem a elas e fazer o seu próprio futuro.

Numa ideia que lembra a noção de Tiller e Stevenson de um corpo intermediário sutil, os kahunas acreditavam que esse corpo sombrio também forma um modelo sobre o qual o corpo físico é moldado. Novamente foi dito que os kahunas que estavam em sintonia extraordinária com o seu eu superior podiam esculpir e reformar o corpo sombrio e, portanto, o corpo físico de outra pessoa e era assim que as curas milagrosas eram efetuadas. Essa visão também fornece um paralelo interessante com algumas das nossas próprias conclusões sobre por que pensamentos e imagens têm um impacto tão poderoso na saúde.

Os místicos tântricos do Tibete referiam-se à "matéria" dos pensamentos como *tsal* e afirmavam que toda ação mental produzia ondas dessa energia misteriosa. Eles acreditavam que todo o universo é um produto da mente e é criado e animado pelo *tsal* coletivo de todos os seres. A maioria das pessoas não sabe que possui esse poder, diziam os tantristas, porque a mente humana comum funciona "como uma pequena poça isolada do grande oceano". Diz-se que apenas grandes iogues hábeis em contatar os níveis mais profundos da mente são capazes de utilizar essas forças conscientemente, e uma das coisas que eles fizeram para atingir esse objetivo foi visualizar repetidamente a criação desejada. Os textos tântricos tibetanos são preenchidos com exercícios de visualização, ou "sadhana", projetados para tais propósitos, e monges de algumas seitas, como a Kargyupa, passariam o tempo servidos por anos em completa solidão, em uma caverna ou em uma sala lacrada, aperfeiçoando as suas habilidades de visualização.

Os sufis persas do século XII também enfatizaram a importância da visualização para alterar e remodelar o destino de alguém e chamaram a matéria sutil do pensamento de *alam*

almithal. Como muitos clarividentes, eles acreditavam que os seres humanos possuem um corpo sutil controlado por centros de energia semelhantes a chakras. Eles também sustentaram que a realidade é dividida numa série de planos mais sutis de ser, ou Hadarat, e que o plano de ser diretamente adjacente a este era uma espécie de realidade padrão em que o *alam almithal* dos pensamentos de alguém formava-se em imagens-ideias, o que, por sua vez, acabava por determinar o curso da vida de uma pessoa. Os Sufis também adicionaram um toque especial. Eles sentiam que o chacra cardíaco, ou *himma*, era o agente responsável por esse processo, e que o controle do chacra cardíaco era, portanto, um pré-requisito para controlar o destino de alguém.

Edgar Cayce também falava dos pensamentos como coisas tangíveis, uma forma mais sutil de matéria e, quando estava em transe, dizia repetidamente aos seus clientes que os seus pensamentos criavam o seu destino e que "o pensamento é o construtor". Na sua opinião, o processo de pensamento é como uma aranha girando constantemente, adicionando constantemente à sua teia. A cada momento das nossas vidas, estamos a criar as imagens e padrões que dão forma e energia ao futuro, disse Cayce.

Paramahansa Yogananda aconselhou as pessoas a visualizarem o futuro que desejavam para si mesmas e carregá-lo com a "energia da concentração". Como ele disse: "A visualização adequada pelo exercício da concentração e força de vontade permite-nos materializar pensamentos, não apenas como sonhos ou visões no reino mental, mas também como experiências no reino material.

Na verdade, essas ideias podem ser encontradas numa ampla gama de fontes díspares. "Nós somos o que pensamos", disse o Buda. "Tudo o que nos surge com os nossos pensamentos. Com os nossos pensamentos, fazemos o mundo". "À medida que um homem age, ele também se torna. Como é o desejo de um homem, assim é seu destino", afirma o hindu pré-cristão Brihadaranyaka Upanishad. "Todas as coisas no mundo da Natureza não são controladas pelo Destino, pois a alma tem um princípio próprio", disse o Filósofo Grego lamblichus do século IV. "Peça e lhe será dado. ... Se vocês tiverem fé, nada será impossível para vocês", declara a Bíblia. E, "O destino de uma pessoa está conetado com as coisas que ela mesma cria e faz", escreveu o Rabino Steinsaltz no cabalístico *Rosa de Treze Pétalas*.

UMA INDICAÇÃO DE ALGO MAIS PROFUNDO

Ainda hoje a ideia de que os nossos pensamentos criam o nosso destino ainda está no ar. É o assunto de livros de autoajuda campeões de vendas, como *Creative Visualization*, de Shakti Gawain, e *You Can heal Your Life*, de Louise L. Hay. Hay, que diz que se curou do câncer ao mudar os seus padrões mentais, dá workshops de enorme sucesso sobre as suas técnicas. É a principal filosofia inerente a muitas obras populares "canalizadas", como *A Course in Miracles* e os livros *Seth* de Jane Robert.

Também está a ser adotado por alguns psicólogos eminentes. Jean Houston, ex-presidente da Association for Humanistic Psychology e atual diretora da Foundation for Mind Research em Pomona, Nova York, discute a ideia longamente no seu livro *The Possible Human*. Houston também dá uma variedade de exercícios de visualização no trabalho e até chama um de "Orquestrando o cérebro e entrando no Holoverso".

Outro livro que se baseia fortemente no modelo holográfico para apoiar a ideia de que podemos usar a visualização para remodelar o nosso futuro é *Changing Your Destiny*, de Mary Orser e Richard A. Zaro. Além disso, Zaro é o fundador da "Futureshaping" Technologies, uma empresa que organiza seminários sobre técnicas de "modelagem futura" para empresas, e conta com a Panasonic e a International Banking and Credit Association entre os seus clientes.

O ex-astronauta Edgar Mitchell, o sexto homem a andar na lua e um explorador de longa data do espaço interior e exterior, adotou uma direção semelhante. Em 1973, ele fundou o Institute of Noetic Sciences, uma organização com sede na Califórnia dedicada a pesquisar esses poderes da mente. O instituto ainda está a fortalecer-se e os projetos atuais incluem um estudo massivo do papel da mente nas curas milagrosas e remissões espontâneas, e um estudo do papel que a consciência desempenha na criação de um futuro global positivo. "Nós criamos a nossa própria realidade porque a nossa realidade emocional interior – o nosso subconsciente – atrai-nos para as situações das quais aprendemos", afirma Mitchell. "Nós experimentamos isso como coisas estranhas a acontecer connosco [e] encontramos as pessoas nas nossas vidas que precisamos aprender. E então criamos essas circunstâncias num nível metafísico e subconsciente muito profundo".

A atual popularidade da ideia de que criamos o nosso próprio destino é apenas um modismo, ou a sua presença em tantas culturas e épocas diferentes uma indicação de algo muito mais profundo, um sinal de que é algo que todos os seres humanos sabem intuitivamente que é verdade? Atualmente, esta questão permanece sem resposta, mas num universo holográfico - universo em que a mente participa da realidade e em que o mais íntimo pessoal da nossa psique pode registrar como sincronicidades no mundo objetivo - a noção de que também somos os escultores do nosso próprio destino não é tão improvável. Parece até provável.

TRÊS ÚLTIMAS EVIDÊNCIAS

Antes de concluir, três últimas evidências merecem ser examinadas. Embora não seja conclusivo, cada uma oferece uma amostra de outras habilidades transcendentais que a consciência pode possuir num universo holográfico.

SONHOS EM MASSA DO FUTURO

Outra pesquisadora de vidas passadas que encontrou evidências sugestivas de que a mente tem uma mão na criação do destino de alguém foi a psicóloga Dra. Helen Wambach, falecida em São Francisco. A abordagem de Wambach era hipnotizar grupos de pessoas em pequenas oficinas, regredi-los a períodos de tempo específicos e fazer-lhes uma lista predeterminada de perguntas sobre sexo, estilo de roupa, ocupação, utensílios usados para comer e assim por diante. Ao longo da sua investigação de 29 anos do fenômeno de vidas passadas, ela hipnotizou literalmente milhares de indivíduos e acumulou algumas descobertas impressionantes.

Uma crítica levantada contra a reencarnação é que as pessoas parecem apenas lembrar-se de vidas passadas como personagens famosos ou históricos. Wambach, no entanto, descobriu que mais de 90% dos seus sujeitos lembravam de vidas passadas como camponeses, trabalhadores, fazendeiros e coletores de alimentos primitivos. Menos de 10% lembrava-se de encarnações como aristocratas, e nenhum lembrava-se de ser alguém famoso, uma descoberta que vai contra a noção de que as memórias de vidas passadas são fantasias. Os seus sujeitos também eram extraordinariamente precisos quando se tratava de detalhes históricos, mesmo os obscuros. Por exemplo, quando as pessoas lembraram-se de vidas no século XVIII, elas descreveram o uso de um garfo de três pontas para comer as suas refeições noturnas, mas depois de 1790 descreveram a maioria dos garfos como tendo quatro dentes, uma observação que reflete corretamente a evolução histórica do garfo. Os sujeitos foram igualmente precisos quando se tratou de descrever roupas e calçados, tipos de alimentos ingeridos etc.

Wambach descobriu que ela também podia fazer as pessoas *progredirem* para vidas futuras. Na verdade, as descrições dos seus sujeitos dos séculos vindouros foram tão fascinantes que ela conduziu um importante projeto de progressão na vida futura na França e nos Estados Unidos. Infelizmente, ela faleceu antes de concluir o estudo, mas a psicóloga Chet Snow, uma ex-colega de Wambach, continuou o seu trabalho e publicou recentemente os resultados num livro intitulado *Mass Dreams of the Future*.

Quando os relatos das 2.500 pessoas que participaram do projeto foram computados, várias características interessantes surgiram. Em primeiro lugar, virtualmente todos os entrevistados concordaram que a população da Terra havia diminuído dramaticamente. Muitos nem mesmo se encontraram em corpos físicos nos vários períodos de tempo futuros especificados, e aqueles que o fizeram notaram que a população era muito menor do que é hoje.

Além disso, os entrevistados dividiram-se nitidamente em quatro categorias, cada uma relatando um futuro diferente. Um grupo descreveu um futuro sem alegria e estéril no qual a maioria das pessoas vivia em estações espaciais, usava ternos prateados e comia comida sintética. Outro, os "New Agers", relatou uma vida mais feliz e natural em ambientes

naturais, em harmonia uns com os outros e em dedicação ao aprendizado e ao desenvolvimento espiritual. O tipo 3, os "urbanistas de alta tecnologia", descreveu um futuro mecânico sombrio no qual as pessoas viviam em cidades subterrâneas e em cidades fechadas por cúpulas e bolhas. O Tipo 4 descreveu-se como sobreviventes pós-desastre vivendo num mundo que havia sido devastado por algum desastre global, possivelmente nuclear. As pessoas desse grupo viviam em casas que variavam de ruínas urbanas a cavernas e fazendas isoladas, usavam roupas simples costuradas à mão, muitas vezes feitas de pele, e obtinham grande parte de sua comida na caça.

Qual é a explicação? Snow recorre ao modelo holográfico para obter a resposta e, como Loye, acredita que tais descobertas sugerem que há vários futuros potenciais, ou holoversos, formando-se nas brumas do destino que se acumulam. Mas, como outros pesquisadores de vidas passadas, ela também acredita que criamos o nosso próprio destino, tanto individual quanto coletivamente e, portanto, os quatro cenários são realmente um vislumbre dos vários futuros potenciais que a raça humana está a criar para si mesma em massa.

Consequentemente, Snow recomenda que, em vez de construir abrigos antiaéreos ou mudarmo-nos para áreas que não serão destruídas pelas "mudanças vindouras na Terra" previstas por alguns médiuns, devemos gastar tempo a acreditar e visualizar um futuro positivo. Ela cita a Comissão Planetária - a coleção ad hoc de milhões de indivíduos à volta do mundo que concordaram em passar das 12h00 às 13h00, horário de Greenwich, a cada 31 de dezembro unidos em oração e meditação sobre o mundo de paz e cura - como um passo na direção certa. "Se estamos continuamente a moldar a nossa futura realidade física pelos pensamentos e ações coletivas de hoje, então a hora de acordar para a alternativa que criamos é agora", afirma Snow. "As escolhas entre o tipo de Terra representado por cada um dos Tipos são claras. O que queremos para os nossos netos? O que queremos talvez que volte a nós um dia?".

MUDANDO O PASSADO

O futuro pode não ser a única coisa que pode ser formada e remodelada pelo pensamento humano. Na Convenção Anual da Associação Parapsicológica de 1988, Helmut Schmidt e Marilyn Schlitz anunciaram que vários experimentos que haviam conduzido indicavam que a mente pode ser capaz de alterar o passado também. Num estudo, Schmidt e Schlitz usaram um processo de randomização computadorizado para gravar 1.000 sequências diferentes de som. Cada sequência consistia em 100 tons de duração variada, alguns deles agradáveis ao ouvido e outros apenas explosões de ruído. Como o processo de seleção foi aleatório, de acordo com as leis da probabilidade, cada sequência deve conter cerca de 50% de sons agradáveis e 50% de ruído.

As gravações em cassete das sequências foram enviadas a voluntários. Enquanto ouviam as fitas pré-gravadas, os sujeitos foram instruídos a tentar aumentar psicocineticamente a duração dos sons agradáveis e diminuir a duração do ruído. Depois que os voluntários completaram a tarefa, eles notificaram o laboratório das suas tentativas e Schmidt e Schlitz examinaram as sequências originais. Eles descobriram que as gravações que os sujeitos ouviam continham trechos significativamente mais longos de sons agradáveis do que o ruído. Por outras palavras, parecia que os sujeitos haviam voltado psicocineticamente no tempo e tiveram um efeito no processo aleatório a partir do qual as suas cassetes *pré-gravados* foram feitos.

Em outro teste, Schmidt e Schlitz programaram o computador para produzir sequências de 100 tons compostos aleatoriamente de quatro notas diferentes, e os sujeitos foram instruídos a tentar psicocineticamente fazer com que mais notas agudas do que graves aparecessem nas fitas. Mais uma vez, foi encontrado um efeito de PK retroativo. Schmidt e Schlitz também descobriram que os voluntários que meditavam regularmente exerciam um efeito PK maior do que os não meditadores, sugerindo novamente que o contato com o inconsciente é a chave para aceder as porções da psique que estruturam a realidade.

A ideia de que podemos alterar psicocineticamente eventos que já ocorreram é uma noção perturbadora, pois estamos profundamente programados para acreditar que o passado está congelado como se fosse uma borboleta num vidro que é difícil imaginarmos o contrário. Mas num universo holográfico, um universo no qual o tempo é uma ilusão e a realidade não é mais do que uma imagem criada pela mente, é uma possibilidade à qual podemos ter que acostumar-nos.

UMA CAMINHADA PELOS JARDIM DO TEMPO

Por mais fantásticas que sejam as duas noções acima, elas são pequenas mudanças em comparação com a última categoria de anomalia de tempo que merece a nossa atenção. Em 10 de agosto de 1901, duas professoras de Oxford, Anne Moberly, a diretora do St. Hugh's College, Oxford, e Eleanor Jourdain, a vice-diretora, estavam a caminhar pelo jardim do Petit Trianon em Versalhes quando viram um efeito cintilante passar a paisagem à sua frente, não muito diferente dos efeitos especiais de um filme quando muda de uma cena para outra. Depois que o brilho passou, elas notaram que a paisagem havia mudado. De repente, as pessoas à volta delas estavam a usar trajes e perucas do século XVIII e comportando-se de maneira agitada. Enquanto as duas mulheres ficavam atónitas, um homem repulsivo com uma cara de bexiga aproximou-se e pediu que mudassem de direção. Elas o seguiram passando por uma linha de árvores até um jardim onde ouviram sons de música a flutuar no ar e viram uma senhora aristocrática a pintar uma aquarela.

Por fim, a visão desapareceu e a paisagem voltou ao normal, mas a transformação foi tão dramática que, quando as mulheres olharam para trás, perceberam que o caminho que haviam acabado de percorrer estava bloqueado por um velho muro de pedra. Quando retornaram à Inglaterra, elas pesquisaram registos históricos e concluíram que foram transportadas de volta no tempo para o dia em que ocorreu o saque das Tulherias e o massacre dos Guardas Suíços - o que explica a forma agitada das pessoas no jardim - e que a mulher no jardim era ninguém menos que Maria Antonieta. A experiência foi tão vívida que as mulheres preencheram um manuscrito do tamanho de um livro sobre a ocorrência e o apresentaram à Sociedade Britânica de Pesquisa Psíquica.

O que torna a experiência de Moberly e Jourdain tão significativa é que elas não tiveram simplesmente uma visão retrocognitiva do passado, mas realmente *voltaram ao passado*, encontrando pessoas e vagando pelo jardim das Tulherias como era há mais de cem anos. A experiência de Moberly e Jourdain é difícil de aceitar como real, mas dado que não lhes proporcionou nenhum benefício óbvio e certamente colocou em risco a sua reputação acadêmica, é difícil imaginar o que as motivaria a inventar tal história.

E não é a única ocorrência dessas nas Tulherias a ser relatada à British Society for Psychical Research. Em maio de 1955, um advogado de Londres e a sua esposa também encontraram várias figuras do século XVIII no jardim. E em outra ocasião, o pessoal de uma embaixada cujos escritórios têm vista para Versalhes afirma ter visto o jardim voltar a um período anterior da história também. Aqui nos Estados Unidos, o parapsicólogo Gardner Murphy, ex-presidente da American Psychological Association e da American Society for Psychical Research, investigou um caso semelhante no qual uma mulher identificada apenas pelo nome Buterbaugh olhou pela janela do seu escritório em Nebraska Wesleyan University e viu o campus como era cinquenta anos antes. As ruas movimentadas e as casas da fraternidade desapareceram, e no seu lugar havia um campo aberto e um punhado de árvores, as suas folhas esvoaçantes na brisa de um verão há muito passado.

A fronteira entre o presente e o passado é tão tênue que podemos, nas circunstâncias certas, voltar ao passado com a mesma facilidade com que podemos passear por um jardim? De momento, simplesmente não sabemos, mas num mundo que é composto menos de objetos sólidos a viajarem no espaço e no tempo, e mais hologramas fantasmagóricos de energia sustentados por proezas que estão pelo menos parcialmente conetadas à consciência humana, tais eventos podem não ser tão impossíveis quanto parecem.

E se isso parece perturbador - essa ideia de que as nossas mentes e até mesmo os nossos corpos estão menos limitados pelas restrições do tempo do que imaginámos anteriormente - devemos lembrar que a ideia de que a Terra é redonda provou ser igualmente assustadora para uma humanidade convencida de que era plana. As evidências apresentadas neste capítulo sugerem que ainda somos crianças quando se trata de compreender a verdadeira natureza do tempo. E como todas as crianças no limiar da idade adulta, devemos colocar de lado os nossos medos e chegar a um acordo com a maneira

como o mundo realmente é. Pois em um universo holográfico, um universo no qual todas as coisas são apenas coruscações fantasmagóricas de energia, mais do que apenas a nossa compreensão do tempo deve mudar. Existem ainda outros vislumbres na nossa paisagem, profundidades ainda mais profundas para sondar.

Capítulo 8

VIAJANDO NO SUPERHOLOGRAMA

O acesso à realidade holográfica torna-se experimentalmente disponível quando a consciência da pessoa é libertada da sua dependência do corpo físico. Enquanto a pessoa permanecer ligada ao corpo e às suas modalidades sensoriais, a realidade holográfica, na melhor das hipóteses, só pode ser uma construção intelectual. Quando alguém [é libertado do corpo], experimenta-a diretamente. É por isso que os místicos falam sobre as suas visões com tanta certeza e convicção, enquanto aqueles que não experimentaram esse reino por eles mesmos se sentem céticos ou até indiferentes.

- Kenneth Ring, Ph.D.

Life at Death

O tempo não é a única coisa ilusória num universo holográfico. O espaço também deve ser visto como um produto do nosso modo de percepção. Isso é ainda mais difícil de compreender do que a ideia de que o tempo é uma construção, ou quando se trata de tentar conceituar "não-espaço", não há analogias fáceis, nem imagens de universos amebóides ou futuros cristalizantes a que recorrer. Estamos tão condicionados a pensar em termos de espaço como um absoluto que é difícil até mesmo começar a imaginar como seria existir num reino em que o espaço não existisse. No entanto, há evidências de que, em última análise, não somos mais limitados pelo espaço do que pelo tempo.

Uma indicação poderosa de que é assim pode ser encontrada nos fenômenos extracorpóreos, experiências nas quais a percepção consciente de um indivíduo parece desligar-se do corpo físico e viajar para algum outro local. Experiências-Fora-do-Corpo, ou EFCs, foram relatadas ao longo da história por indivíduos de todas as esferas da vida. Aldous Huxley, Goethe, D.H. Lawrence, August Strindberg e Jack London relataram ter EFCs. Eles eram conhecidos pelos egípcios, índios norte-americanos, chineses, filósofos gregos, alquimistas medievais, povos oceânicos, hindus, hebreus e muçulmanos. Num estudo transcultural de 44 sociedades não ocidentais, Dean Shiels descobriu que apenas três não acreditavam em EFCs. Em um estudo semelhante, a antropóloga Erika Bourguignon examinou 488 sociedades mundiais - ou cerca de 57% de todas as sociedades conhecidas - e descobriu que 437 delas, ou 89%, tinham pelo menos alguma tradição em relação às EFCs.

Mesmo hoje, os estudos indicam que as EFCs ainda são comuns. O falecido Dr. Robert Crookall, geólogo da Universidade de Aberdeen e parapsicólogo amador, investigou casos suficientes para preencher nove livros sobre o assunto. Na década de 1960, Celia Green, diretora do Instituto de Pesquisa Psicofísica de Oxford, entrevistou 115 alunos na Universidade de Southampton e descobriu que 19% admitiam ter um EFC. Quando 380

alunos de Oxford foram questionados da mesma forma, 34% responderam afirmativamente. Numa pesquisa com 902 adultos, Haraldsson descobriu que 8% haviam experimentado estar fora do corpo pelo menos uma vez na vida. E uma pesquisa de 1980 conduzida pelo Dr. Harvey Irwin na University of New England, na Austrália, revelou que 20% dos 177 alunos haviam experimentado uma EFC. Quando calculados a média, esses números indicam que aproximadamente uma em cada cinco pessoas terá tido uma EFC em algum momento da sua vida. Outros estudos sugerem que a incidência pode ser menor para um em dez, mas o facto permanece: as EFCs são muito mais comuns do que a maioria das pessoas imagina.

A EFC típica é geralmente espontânea e ocorre mais frequentemente durante o sono, meditação, anestesia, doença e instâncias de dor traumática (embora possam ocorrer também em outras circunstâncias). De repente, uma pessoa experimenta a sensação vívida de que a sua mente se separou do seu corpo. Frequentemente, ela encontra-se a flutuar sobre o seu corpo e descobre que pode viajar ou voar para outros locais. Como é ver-se livre do físico e olhar fixamente para o próprio corpo? Num estudo de 1980 de 339 casos de viagens fora do corpo, os Drs. Glen Gabbard da Menninger Foundation em Topeka, Stuart Twemlow do Topeka Veterans Administration Medical Center e Fowler Jones da University of Kansas Medical Center descobriram que 85% descreveram a experiência como agradável e mais da metade deles disse que foi prazerosa.

Eu conheço o sentimento. Tive uma EFC espontânea quando adolescente, e depois de recuperar-me do choque de descobrir-me a flutuar sobre o meu corpo e a olhar para mim mesmo a dormir na cama, tive um tempo indescritivelmente emocionante a voar através das paredes e sobre as copas das árvores. Durante o curso da minha jornada sem corpo, até tropecei num livro da biblioteca que uma vizinha havia perdido e fui capaz de dizer a ela onde o livro estava localizado no dia seguinte. Eu descrevo essa experiência em detalhes em *Além do Quantum*.

Não é de pouca importância que Gabbard, Twemlow e Jones também estudassem o perfil psicológico das pessoas que tivessem tido uma EFC e descobrissem que eram psicologicamente normais e, em geral, extremamente bem ajustados. Na reunião de 1980 da American Psychiatric Association, eles apresentaram as suas conclusões e disseram aos seus colegas que as garantias de que as EFCs são ocorrências comuns e o encaminhamento do paciente a livros sobre o assunto pode ser "mais terapêutico" do que o tratamento psiquiátrico. Eles até sugeriram que os pacientes poderiam obter mais alívio a conversar com um iogue do que com um psiquiatra!

Apesar de tais factos, nenhuma quantidade de resultados estatísticos é tão convincente quanto os relatos reais de tais experiências. Por exemplo, Kimberly Clark, uma assistente social de um hospital em Seattle, Washington, não levou as EFCs a sério até que encontrou uma paciente coronária chamada Maria. Vários dias depois de ser internada no hospital, Maria teve uma parada cardíaca e foi rapidamente reanimada. Clark visitou-a mais

tarde naquela tarde, esperando encontrá-la ansiosa pelo facto de o seu coração ter parado. Como ela esperava, Maria estava agitada, mas não pelo motivo que ela previra.

Maria disse a Clark que havia experimentado algo muito estranho. Depois que o seu coração parou, ela de repente viu-se a olhar para baixo do teto e a observar os médicos e enfermeiras a trabalharem nela. Então, algo na entrada da sala de emergência a distraiu e, assim que ela "pensou que estava" ali, ela o fez. Em seguida, Maria "pensou o seu caminho" até o terceiro andar do edifício e viu-se "de olho no atacador" com um ténis. Era um sapato velho e ela notou que o dedo mindinho do pé tinha um buraco através do tecido. Também notou vários outros detalhes, como o facto de a renda estar presa debaixo do calcanhar. Depois de Maria ter terminado o seu relato, pediu a Clark que fosse até ao parapeito e visse se havia lá um sapato para que pudesse confirmar se a sua experiência era real ou não.

Cética, mas intrigada, Clark saiu e olhou para a saliência, mas não viu nada. Ela subiu ao terceiro andar e começou a entrar e sair dos quartos dos pacientes olhando pelas janelas tão estreitas que ela tinha que pressionar o rosto contra o vidro apenas para ver a saliência. Finalmente, ela encontrou uma sala onde pressionou o rosto contra o vidro, olhou para baixo e viu os ténis. Ainda assim, do seu ponto de vista, ela não conseguia dizer se o dedinho do pé tinha um buraco no sapato ou se algum dos outros detalhes que Maria havia descrito estava correto. Só depois de recuperar o sapato é que ela confirmou as várias observações da Maria. "A única maneira de ela imaginar tal perspectiva seria se ela estivesse a flutuar do lado de fora e bem perto dos ténis", afirma Clark, que desde então tornou-se uma crente em EFCs. "Foi uma prova muito concreta para mim".

Experimentar uma EFC durante uma parada cardíaca é relativamente comum, tão comum que Michael B. Sabom, cardiologista e professor de medicina na Emory University e médico da equipa do Atlanta Veterans Administration Medical Center, cansou-se de ouvir os seus pacientes contarem tais "fantasias" e decidiu resolver o assunto de uma vez por todas. Sabom seleccionou dois grupos de pacientes, um composto por 32 pacientes cardíacos experientes que relataram EFCs durante os seus ataques cardíacos, e um composto por 25 pacientes cardíacos experientes que nunca experimentaram uma EFC. Ele então entrevistou os pacientes, pedindo aos EFCs que descrevessem a sua ressuscitação como a haviam testemunhado do estado fora do corpo, e pedindo aos não-experimentadores que descrevessem o que eles imaginavam que deveria ter acontecido durante a sua ressuscitação.

Dos não experimentadores, 20 cometeram erros graves ao descrever as suas ressuscitações, 3 deram descrições corretas, mas gerais, e 2 não tinham nenhuma ideia do que havia acontecido. Entre as pessoas que passaram pela experiência, 26 deram descrições corretas, mas gerais, 6 deram descrições altamente detalhadas e precisas da sua própria ressuscitação e 1 fez um relato passo a passo tão preciso que Sabom ficou pasmo. Os resultados inspiraram-no a aprofundar-se no fenómeno e, como Clark, agora ele tornou-se um crente fervoroso e dá palestras sobre o assunto. Parece "não haver explicação plausível

para a precisão dessas observações envolvendo os sentidos físicos usuais", disse ele. "A hipótese fora do corpo simplesmente parece ajustar-se melhor aos dados disponíveis".

Embora as EFCs experimentadas por tais pacientes sejam espontâneas, algumas pessoas dominaram a habilidade bem o suficiente para deixar o corpo à vontade. Um dos mais famosos desses indivíduos é um ex-executivo de rádio e televisão chamado Robert Monroe. Quando Monroe teve a sua primeira EFC no final dos anos 1950, ele pensou que estava a enlouquecer e imediatamente procurou tratamento médico. Os médicos que consultou não encontraram nada de errado, mas ele continuou a ter as suas experiências estranhas e continuou a ser muito perturbado por elas. Finalmente, depois de ouvir de um amigo psicólogo que os iogues indianos relataram que deixavam os seus corpos o tempo todo, ele começou a aceitar o seu talento indesejado: "Eu tinha duas opções", lembra Monroe. "Um era sedativo para o resto da minha vida; o outro era aprender algo sobre esse estado para que eu pudesse controlá-lo".

A partir desse dia, Monroe começou a manter um diário escrito das suas experiências, documentando cuidadosamente tudo o que aprendeu sobre o estado fora-do-corpo. Descobriu que podia passar por objetos sólidos e percorrer grandes distâncias num abrir e fechar de olhos, simplesmente "pensando" ali. Descobriu que outras pessoas raramente estavam cientes da sua presença, embora os amigos ao encontro de quem ele viajava para os ver enquanto se encontrava nesse "segundo estado" rapidamente se tornassem crentes quando descrevia com precisão o seu vestuário e atividade na altura da sua visita fora-do-corpo. Também descobriu que não estava sozinho na sua busca e ocasionalmente esbarrou com outros viajantes desencarnados. Até agora catalogou as suas experiências em dois livros fascinantes, *Journeys Out of the Body* (Viagens Fora do Corpo) e *Far Journeys* (Viagens Distantes).

As EFCs também foram documentadas em laboratório. Numa experiência, o parapsicólogo Charles Tart conseguiu obter uma EFC qualificada que identifica apenas como Sra. Z para identificar corretamente um número de cinco dígitos escrito num pedaço de papel que só poderia ser alcançado se ela estivesse a flutuar no estado fora-do-corpo. Numa série de experiências conduzidas na Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica em Nova Iorque, Karlis Osis e a psicóloga Janet Lee Mitchell encontraram vários sujeitos dotados que foram capazes de "voar" a partir de vários locais em todo o país e descrever corretamente uma vasta gama de imagens alvo, incluindo objetos colocados sobre uma mesa, padrões geométricos coloridos colocados numa prateleira flutuante livre perto do teto, e ilusões óticas que só podiam ser vistas quando um observador espreitava através de uma pequena janela num dispositivo especial. O Dr. Robert Morris, diretor de investigação da Fundação de Investigação Psíquica em Durham, Carolina do Norte, utilizou mesmo animais para detetar visitas fora do corpo. Numa experiência, por exemplo, Morris descobriu que um gatinho pertencente a um sujeito talentoso fora-do-corpo chamado Keith Harary parou de miar e começou a ronronar sempre que Harary estava invisivelmente presente.

EFCs COMO UM FENÓMENO HOLOGRÁFICO

Consideradas como um todo, as evidências parecem inequívocas. Embora nos ensinam que "pensamos" com o cérebro, isso nem sempre é verdade. Sob as circunstâncias certas, a nossa consciência - a parte pensante e perceptiva de nós - pode separar-se do corpo físico e existir em qualquer lugar que quiser. O nosso conhecimento científico atual não pode explicar esse fenômeno, mas torna-se muito mais tratável em termos da ideia holográfica.

Lembre-se que, num universo holográfico, a localização é em si mesma uma ilusão. Tal como uma imagem de uma maçã não tem localização específica numa peça de filme holográfico, num universo que é organizado holograficamente, as coisas e objetos também não possuem localização definida; tudo é, em última análise, não local, incluindo a consciência. Assim, embora a nossa consciência pareça estar localizada nas nossas cabeças, sob certas condições pode igualmente parecer localizada no canto superior da sala, pairando sobre um relvado gramado, ou flutuando o olhar num sapato de ténis no terceiro piso da saliência de um edifício.

Se a ideia de uma consciência não local parece difícil de apreender, uma analogia útil pode mais uma vez ser encontrada no sonho. Imagine que está a sonhar que está a assistir a uma exposição de arte cheia de gente. À medida que vagueia entre as pessoas e se desloca pelas obras de arte, a sua consciência parece estar localizada na cabeça da pessoa que está no sonho. Mas onde está realmente a sua consciência? Uma análise rápida revelará que está realmente em tudo no sonho, nas outras pessoas que assistem à exposição, nas obras de arte, mesmo no próprio espaço do sonho. Num sonho, a localização é também uma ilusão porque tudo - pessoas, objetos, espaço, consciência, e assim por diante - está a desdobrar-se da realidade mais profunda e fundamental do sonhador.

Outra característica holográfica marcante da EFC é a plasticidade da forma que uma pessoa assume quando está fora do corpo. Depois de se separarem do corpo físico, as EFC encontram-se por vezes num corpo semelhante a um fantasma, que é uma réplica exata do seu corpo biológico. Isto levou alguns investigadores no passado a postular que os seres humanos possuem um "duplo fantasma", não muito diferente da sósia da literatura.

No entanto, descobertas recentes expuseram problemas com este pressuposto. Embora algumas EFC descrevam este duplo fantasma como estando nuas, outras encontram-se em corpos que estão completamente vestidas. Isto sugere que o duplo fantasma não é uma réplica energética permanente do corpo biológico, mas sim uma espécie de holograma que assume muitas formas. Esta noção é difundida pelo facto de as duplas fantasmas não serem as únicas formas em que as pessoas se encontram durante as EFC. Há inúmeros relatos em que as pessoas também se aperceberam de si próprias como bolas de luz, nuvens de energia sem forma, e mesmo nenhuma forma discernível.

Há mesmo provas de que a forma que uma pessoa assume durante uma EFC é uma consequência direta das suas crenças e expectativas. Por exemplo, no seu livro *The Mystical Life* de 1961, o matemático J. H. M. Whiteman revelou que experimentou pelo menos duas EFC por mês durante a maior parte da sua vida adulta e registou mais de dois mil incidentes deste tipo. Também revelou que sempre se sentiu como uma mulher presa no corpo de um homem, e durante a separação isso por vezes resultou no seu encontro com a forma feminina. Whiteman também experimentou várias outras formas durante as suas aventuras FC (Fora do Corpo), incluindo corpos de crianças, e concluiu que as crenças, tanto conscientes como inconscientes, foram os fatores determinantes na forma que este segundo corpo assumiu.

Monroe concorda e afirma que são os nossos "hábitos de pensamento" que criam as nossas formas FC. Porque estamos tão habituados a estar num corpo, temos a tendência para reproduzir a mesma forma no estado FC. Da mesma forma, acredita que é o desconforto que a maioria das pessoas sente quando estão nuas que faz com que as EFC esculpam inconscientemente a roupa para si próprias quando assumem uma forma humana. "Suspeito que se pode modificar o Segundo Corpo na forma que se desejar", diz Monroe.

Qual é a nossa verdadeira forma, se é que existe, quando nos encontramos no estado desencarnado? Monroe descobriu que uma vez que deixamos cair todos esses disfarces, estamos no coração de um "padrão vibracional [composto] de muitas frequências de interação e ressonância". Esta descoberta é também notavelmente sugestiva de que algo holográfico está a acontecer e oferece mais provas de que nós - como todas as coisas num universo holográfico - somos, em última análise, um fenómeno de frequência que a nossa mente converte em várias formas holográficas. Também acrescenta credibilidade à conclusão de Hunt de que a nossa consciência está contida, não no cérebro, mas num campo de energia holográfica plasmática que tanto permeia como envolve o corpo físico.

A forma que assumimos enquanto no estado FC não é a única coisa que exhibe esta plasticidade holográfica. Apesar da exatidão das observações feitas por talentosos viajantes FC durante as suas viagens desencarnadas, os investigadores há muito que se sentem perturbados por algumas das imprecisões gritantes que também surgem. Por exemplo, o título do livro da biblioteca perdida que encontrei durante a minha própria EFC parecia verde brilhante enquanto eu estava num estado desencarnado. Mas depois de ter voltado ao meu corpo físico e regressado para recuperar o livro, vi que as letras eram realmente negras. O teatro de mentira é arquivado com acrobacias de discrepâncias semelhantes, casos em que os viajantes da EFC descreveram com precisão uma sala distante cheia de pessoas, exceto que adicionaram uma pessoa extra ou perceberam um sofá onde havia realmente uma mesa.

Em termos da ideia holográfica, uma explicação pode ser que tais viajantes FC ainda não desenvolveram completamente a capacidade de converter as frequências que percebem quando se encontram em estado desencarnado numa representação holográfica

completamente precisa da realidade consensual. Por outras palavras, uma vez que os EFC parecem confiar num conjunto completamente novo de sentidos, estes sentidos podem ainda estar instáveis e ainda não dominar a arte de converter o domínio das frequências numa construção aparentemente objetiva da realidade.

Estes sentidos não-físicos são ainda mais dificultados pelas restrições que as nossas próprias crenças autolimitadas lhes impõem. Vários viajantes talentosos da EFC notaram que uma vez que se sentiam mais à vontade no seu segundo corpo, descobriram que podiam "ver" em todas as direções ao mesmo tempo, sem virar a cabeça. Por outras palavras, embora ver em todas as direções pareça ser normal durante o estado FC, eles estavam tão habituados a acreditar que só viam através dos olhos - mesmo quando estavam num holograma não-físico do seu corpo - que esta crença no início os impediu de perceberem que possuíam uma visão de 360 graus.

Há provas de que os nossos sentidos físicos caíram vítimas desta censura. Apesar da nossa convicção inabalável de que vemos com os nossos olhos, persistem relatos de indivíduos que possuem "visão sem olhos", ou a capacidade de ver com outras áreas dos seus corpos. Recentemente David Eisenberg, M.D., um investigador clínico da Escola Médica de Harvard, publicou um relato de duas irmãs chinesas em idade escolar em Pequim que "veem" suficientemente bem com a pele das suas axilas para ler notas e identificar cores. Em Itália, o neurologista Cesare Lombroso estudou uma rapariga cega que conseguia ver com a ponta do nariz e o lóbulo da sua orelha esquerda. Nos anos 60, a prestigiada Academia de Ciências Soviética investigou uma camponesa russa chamada Rosa Kuleshova, que podia ver fotografias e ler jornais com a ponta dos dedos, e manifestou as suas capacidades genuínas. Significativamente, os soviéticos descartaram a possibilidade de Kuleshova estar simplesmente a detetar as quantidades variáveis de calor armazenado que as diferentes cores emanam naturalmente - Kuleshova podia ler um jornal a preto e branco, *mesmo quando este era revestido com uma folha de vidro aquecido*. Kuleshova tornou-se tão famosa pelas suas capacidades que a revista *Life* acabou por publicar um artigo sobre ela.

Em suma, há provas de que também nós não estamos limitados a ver apenas através dos nossos olhos físicos. Esta é, evidentemente, a mensagem inerente à capacidade do amigo do meu pai Tom de ler a inscrição num relógio, mesmo quando este estava protegido pelo estômago da sua filha, e também no fenómeno da visão remota. Não podemos deixar de nos interrogar se a visão sem olhos é na realidade apenas mais uma prova de que a realidade é de facto maya, uma ilusão, e o nosso corpo físico, bem como toda a aparente absolutez da sua fisiologia, é tanto uma construção holográfica da nossa perceção como do nosso segundo corpo. Talvez estejamos tão profundamente habituados a acreditar que só podemos ver através dos nossos olhos que, mesmo no físico, nos desligámos de toda a gama das nossas capacidades percetivas.

Outro aspeto holográfico das EFC é o esbatimento da divisão entre passado e futuro que por vezes ocorre durante tais experiências. Por exemplo, Osis e Mitchell descobriram

que quando o Dr. Alex Tanous, um conhecido psíquico e talentoso viajante de EFC do Maine, voou e tentou descrever os objetos de teste que colocaram sobre uma mesa, teve a tendência de descrever objetos que foram colocados lá dias mais tarde! Isto sugere que o reino em que as pessoas entram durante o estado FC é um dos níveis mais subtis da realidade de que Bohm fala, uma região que está mais próxima do implícito e, portanto, mais próxima do nível da realidade em que a divisão entre passado, presente e futuro deixa de existir. Por outras palavras, parece que em vez de sintonizar nas frequências que codificam o presente, a mente de Tanous sintonizou inadvertidamente em frequências que continham informação sobre o futuro e as converteu num holograma da realidade.

Que a percepção de Tanous da sala era um fenómeno holográfico e não apenas uma visão precognitiva que teve lugar apenas na sua cabeça é sublinhado por outro facto. No dia da sua agenda para produzir uma EFC Osis pediu à psíquica nova-iorquina Christine Whiting para fazer uma vigília na sala e tentar descrever qualquer sujeito projetado que ela pudesse "ver" que lá visitasse. Apesar de Whiting ignorar quem estaria a voar ou quando, quando Tanous fez a sua visita FC, ela viu claramente a sua aparição e descreveu-o como usando calças de bombazina castanhas e uma camisa branca de algodão, a roupa que o Dr. Tanous usava no Maine na altura da sua tentativa.

Harary também fez viagens ocasionais FC para o futuro e concorda que as experiências são qualitativamente diferentes de outras experiências precognitivas. "As EFC para o tempo e espaço futuros diferem dos sonhos precognitivos regulares na medida em que estou definitivamente 'fora' e a mover-me através de uma área negra e escura que termina em alguma cena futura iluminada", afirma ele. Quando faz uma visita FC ao futuro, por vezes até já viu uma silhueta do seu eu futuro na cena, e isto não é tudo. Quando os acontecimentos que testemunhou acabam por acontecer, *ele também pode sentir o seu "eu" FC em viagem no tempo na cena real com ele*. Ele descreve esta sensação sinistra como "encontrar-me 'atrás' de mim mesmo, como se eu fosse dois seres", uma experiência que certamente deve envergonhar o normal déjà vus.

Há também casos registados de viagens FC ao passado. O dramaturgo sueco August Strindberg, ele próprio um viajante frequente FC, descreve uma no seu livro *Legends*. A ocorrência teve lugar enquanto Strindberg estava sentado numa loja de vinhos, tentando persuadir um jovem amigo a não desistir da sua carreira militar. Para reforçar a sua argumentação, Strindberg mencionou um incidente passado envolvendo ambos que tinha tido lugar uma noite numa taberna. Quando o dramaturgo começou a descrever o acontecimento, "perdeu subitamente a consciência" apenas para se encontrar sentado na taberna em questão e reviver a ocorrência. A experiência durou apenas alguns momentos, e depois voltou abruptamente a encontrar-se no seu corpo e no presente. Também se pode argumentar que as visões retrocognitivas que examinámos no último capítulo em que os clarividentes tiveram a experiência de que estavam realmente presentes durante, e mesmo

"flutuando" sobre, as cenas históricas que descreviam são também uma forma de projeção FC para o passado.

De facto, quando se lê a volumosa literatura agora disponível sobre o fenómeno da EFC, é repetidamente encontrada a semelhança entre as descrições dos viajantes FC sobre as suas experiências e as suas características que viemos agora a associar a um universo holográfico. Além de descrever o estado FC como um lugar onde o tempo e o espaço já não existem propriamente, onde o pensamento pode ser transformado em formas holográficas, e onde a consciência é, em última análise, um padrão de vibrações, ou frequências, Monroe observa que a percepção durante a EFC parece basear-se menos num "reflexo de ondas de luz" e mais numa "impressão de radiação", uma observação que sugere mais uma vez que quando se entra no domínio do FC começa-se a entrar no domínio da frequência de Pribram. Outros viajantes do FC também se referiram à frequência como a qualidade do Segundo Estado. Por exemplo, Marcel Louis Forhan, um experimentador francês de FC que escreveu sob o nome de "Yram", passa grande parte do seu livro, *Practical Astral Projection*, tentando descrever as qualidades ondulatórias e aparentemente eletromagnéticas do domínio do FC. Ainda outros comentaram a sensação de unidade cósmica que se experimenta durante o estado e resumiram-na como um sentimento de que "tudo é tudo", e "eu sou isso".

Por mais holográfica que seja a EFC, é apenas a ponta do iceberg quando se trata de uma experiência mais direta dos aspetos de frequência da realidade. Embora as EFC só sejam experimentadas por um segmento da raça humana, existe outra circunstância sob a qual todos nós entramos em contacto mais estreito com o domínio da frequência. É quando viajamos para aquele país não descoberto de onde nenhum viajante regressa. O problema, com o devido respeito por Shakespeare, é que alguns viajantes regressam. E as histórias que contam estão cheias de traços que dão mais uma vez um sabor holográfico às coisas.

A EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE

Até agora, quase todos já ouviram falar de experiências de quase-morte, ou EQM, incidentes em que indivíduos são declarados clinicamente "mortos", são ressuscitados, e relatam que durante a experiência deixaram o seu corpo físico e visitaram o que parecia ser o reino do pós-vida. Na nossa própria cultura, as EQM começaram a ganhar destaque em 1975 quando Raymond A. Moody, Jr., um psiquiatra que também tem um doutoramento em filosofia, publicou a sua investigação mais vendida sobre o assunto, *Life after Life (Vida após a Vida)*. Pouco tempo depois, Elisabeth Kubler-Ross revelou que tinha realizado simultaneamente uma investigação semelhante e que tinha duplicado as conclusões de Moody. De facto, à medida que mais e mais investigadores começaram a documentar o fenómeno, tornou-se cada vez mais claro que as EQM não estavam apenas incrivelmente disseminadas - uma sondagem Gallup de 1981 revelou que oito milhões de americanos

adultos tinham experimentado uma EQM, ou aproximadamente uma pessoa em cada vinte - mas forneceu as provas mais convincentes até à data para a sobrevivência após a morte.

Tal como as EFC, as EQM parecem ser um fenómeno universal. São descritas em pormenor tanto no Livro dos Mortos Tibetanos do século VIII como no Livro dos Mortos egípcio de 2.500 anos de idade. No Livro X de *A República* Platão dá um relato detalhado de um soldado grego chamado Er, que ganhou vida poucos segundos antes da sua pira funerária ser acesa e disse que tinha deixado o seu corpo e atravessado uma "passagem" para a terra dos mortos. O Venerável Bede dá um relato semelhante na sua obra do século VIII *A History of the English Church and People (Uma História da Igreja e do Povo Ingleses)*, e, de facto, no seu recente livro *Otherworld Journeys (Viagens a Outros Mundos)* Carol Zaleski, professora de estudo da religião em Harvard, salienta que a literatura medieval está repleta de relatos de EQM.

AS EQM também não têm características demográficas únicas. Vários estudos demonstraram que não existe qualquer relação entre as EQM e a idade, sexo, estado civil, raça, religião e/ou crenças espirituais de uma pessoa, classe social, nível educacional, rendimento, frequência da igreja, tamanho da comunidade de origem, ou área de residência. As EQM, tal como os relâmpagos, podem atingir qualquer pessoa em qualquer altura. Os devotamente religiosos não são mais propensos a ter uma EQM do que os não crentes.

Um dos aspetos mais interessantes do fenómeno QM (Quase-Morte) é a consistência que se encontra de experiência em experiência. Um resumo de uma EQM típica é o seguinte:

Um homem está a morrer e de repente vê-se a flutuar acima do seu corpo e a ver o que se está a passar. Dentro de momentos viaja a grande velocidade através de uma escuridão ou de um túnel. Ele entra num reino de luz deslumbrante e é calorosamente recebido por amigos e familiares recentemente falecidos. Frequentemente ouve música de uma beleza indescritível e vê paisagens - prados rolantes, vales cheios de flores, e riachos cintilantes - mais encantadora do que qualquer coisa que tenha visto na terra. Neste mundo cheio de luz, ele não sente dor nem medo e está impregnado de um sentimento avassalador de alegria, amor e paz. Ele encontra um "ser (e ou seres) de luz" que emana um sentimento de enorme compaixão, e é levado pelo(s) ser(es) a experimentar uma "revisão da vida", uma repetição panorâmica da sua vida. Ele fica tão extasiado com a sua experiência desta realidade maior que nada mais deseja do que ficar. No entanto, o ser diz-lhe que ainda não é o seu tempo e persuade-o a regressar à sua vida terrena e a reentrar no seu corpo físico.

É de notar que se trata apenas de uma descrição geral e nem todas as EQM contêm todos os elementos descritos. Alguns podem não conter algumas das características acima

mencionadas, e outros podem conter ingredientes adicionais. Os adereços simbólicos das experiências também podem variar. Por exemplo, embora as EQM nas culturas do Oeste tendam a entrar no reino da vida após a morte ao passarem por um túnel, os experimentadores de outras culturas podem caminhar por uma estrada ou passar por cima de um corpo de água para chegar ao mundo do além.

No entanto, existe um surpreendente grau de concordância entre as EQM relatadas por várias culturas ao longo da história. Por exemplo, a *revisão* da vida, uma característica que se repete constantemente nas EQM dos tempos modernos, é também descrita no Livro Tibetano dos Mortos, no Livro Egípcio dos Mortos, no relato de Platão sobre o que Er experimentou durante a sua estadia no futuro, e nos escritos iogues de 2.000 anos do sábio Patanjali Indiano. As semelhanças transculturais entre as EQM também foram confirmadas em estudo formal. Em 1977, Osis e Haraldsson compararam quase novecentas visões de leito de morte relatadas por doentes a médicos e outro pessoal médico tanto na Índia como nos Estados Unidos e descobriram que embora houvesse várias diferenças culturais - por exemplo, os americanos tendiam a ver o ser da luz como um personagem religioso cristão e os indianos viam-no como um hindu - o "núcleo" da experiência era substancialmente o mesmo e assemelhava-se às EQM descritas por Moody e Kubler-Ross.

Embora a visão ortodoxa das EQM seja de que são apenas alucinações, há provas substanciais de que não é esse o caso. Tal como acontece com as EFC, quando as EQM estão fora do corpo, são capazes de relatar detalhes que não têm meios sensoriais normais de saber. Por exemplo, Moody relata um caso em que uma mulher deixou o seu corpo durante uma cirurgia, flutuou para a sala de espera, e viu que a sua filha tinha vestido xadrez sem correspondência. Como se verificou, a empregada tinha vestido a menina tão apressadamente que não tinha reparado no erro e ficou espantada quando a mãe, que não viu fisicamente a menina naquele dia, comentou o facto. Num outro caso, depois de deixar o corpo, uma EQM do sexo feminino foi ao átrio do hospital e ouviu o seu cunhado dizer a um amigo que parecia que ele ia ter de cancelar uma viagem de negócios e, em vez disso, ser um dos cunhados da sua cunhada. Depois de a mulher ter recuperado, repreendeu o seu espantoso cunhado por a ter anulado tão rapidamente.

E estes nem sequer são os exemplos mais extraordinários de consciência sensorial no estado fora-do-corpo da QM. Os investigadores da EQM descobriram que mesmo os pacientes que são cegos, e que não tiveram percepção da luz durante anos, podem ver e descrever com precisão o que se passa à sua volta quando deixam os seus corpos durante uma EQM. Kubler-Ross encontrou vários desses indivíduos e entrevistou-os longamente para determinar a sua exatidão. "Para nosso espanto, eles foram capazes de descrever a cor e o estilo das roupas e joias que as pessoas presentes usavam", afirma ela.

Acima de tudo, são espantosas as EQM e visões de leito de morte que envolvem dois ou mais indivíduos. Num caso, quando uma mulher EQM se viu a mover-se através do túnel e a aproximar-se do reino da luz, viu uma amiga dela voltar! Ao passarem, a amiga

comunicou-lhe telepaticamente que tinha morrido, mas que estava a ser "enviada de volta". A mulher também foi eventualmente "mandada de volta" e depois de recuperada descobriu que a sua amiga tinha sofrido uma paragem cardíaca aproximadamente na mesma altura da sua própria experiência.

Há inúmeros outros casos registados em que indivíduos moribundos sabiam quem os esperava no mundo do além, antes de chegarem notícias da morte da pessoa através dos canais normais.

E se ainda há alguma dúvida, outro argumento contra a ideia de que as EQM são alucinações é a sua ocorrência em doentes que têm EEGs planos. Em circunstâncias normais, sempre que uma pessoa fala, pensa, imagina, sonha, ou faz qualquer outra coisa, o seu EEG regista uma enorme quantidade de atividade. Mesmo as alucinações medidas no EEG. Mas há muitos casos em que pessoas com EEGs planos tiveram EQM. Se as suas EQM tivessem sido alucinações simples, teriam sido registadas nos seus EEG.

Em resumo, quando todos estes factos são considerados em conjunto - a natureza amplamente difundida da EQM, a ausência de características demográficas, a universalidade da experiência central, a capacidade das EQM de ver e saber coisas que não têm meios sensoriais normais de ver e saber, e a ocorrência da EQM em doentes que têm EEGs planos - a conclusão parece inescapável: As pessoas que têm EQM não sofrem de alucinações ou fantasias ilusórias, *mas estão na realidade a fazer visitas a um nível de realidade completamente diferente.*

Esta é também a conclusão a que chegaram muitos investigadores da EQM. Um desses investigadores é o Dr. Melvin Morse, um pediatra em Seattle, Washington. Morse interessou-se primeiro pelas EQM depois de tratar uma vítima de sete anos de idade afogada. Quando a menina foi ressuscitada, já estava em coma profundo, tinha as pupilas fixas e dilatadas, sem reflexos musculares, e sem resposta corneana. Em termos médicos, isto deu-lhe uma Pontuação de Coma Glasgow de três, indicando que ela estava em coma tão profundo que quase nunca teve hipótese de recuperar. Apesar destas probabilidades, ela fez uma recuperação total e quando Morse olhou para ela pela primeira vez após ter recuperado a consciência, reconheceu-o e disse que o tinha observado a trabalhar no seu corpo em coma. Quando Morse a interrogou mais aprofundadamente, explicou que tinha deixado o seu corpo e passado por um túnel para o céu onde tinha conhecido "o Pai Celestial". O Pai Celestial disse-lhe que ela ainda não estava realmente destinada a lá estar e perguntou-lhe se ela queria ficar ou voltar. No início ela disse que queria ficar, mas quando o Pai Celestial salientou que essa decisão significava que ela não voltaria a ver a sua mãe, ela mudou de ideias e voltou ao seu corpo.

Morse era cético mas fascinado e a partir daí começou a aprender tudo o que podia sobre as EQM. Na altura, trabalhou para um serviço de transporte aéreo em Idaho que transportava pacientes para o hospital, e isto deu-lhe a oportunidade de falar com dezenas

de crianças reanimadas. Durante um período de dez anos entrevistou todas as crianças sobreviventes de paragens cardíacas no hospital, e repetidamente lhe disseram a mesma coisa. Depois de ficarem inconscientes, viram-se fora dos seus corpos, observaram os médicos a trabalharem neles, passaram por um túnel, e foram confortadas por seres luminosos.

Morse continuou cético, e na sua procura cada vez mais desesperada de alguma explicação lógica, leu tudo o que podia encontrar sobre os efeitos secundários dos medicamentos que os seus pacientes tomavam, e explorou várias explicações psicológicas, mas nada parecia encaixar. "Então um dia li um longo artigo numa revista médica que tentava explicar as EQM como sendo vários truques do cérebro", diz Morse. "Nessa altura já tinha estudado extensivamente as EQM e nenhuma das explicações que este investigador enumerou fazia sentido. Finalmente ficou claro para mim que ele tinha perdido a explicação mais óbvia de todas - as EQM são reais. Ele tinha perdido a possibilidade de a alma realmente viajar".

Moody ecoa o sentimento e diz que vinte anos de investigação o convenceram de que as EQM se aventuraram de facto a um outro nível de realidade. Ele acredita que a maioria dos outros investigadores da EQM sentem o mesmo. "Falei com quase todos os investigadores da EQM no mundo sobre o seu trabalho. Sei que a maioria deles acredita nos seus corações que as EQM são um vislumbre da vida após a vida. Mas como cientistas e pessoas da medicina, ainda não encontraram "provas científicas" de que uma parte de nós continua a viver depois de o nosso ser físico estar morto. Esta falta de provas impede-os de ir a público com os seus verdadeiros sentimentos".

Como resultado do seu inquérito de 1981, até George Gallup, Jr., o presidente da sondagem Gallup, concorda: "Um número crescente de investigadores tem vindo a reunir e a avaliar os relatos daqueles que tiveram estranhos encontros de quase-morte. E os resultados preliminares têm sido altamente sugestivos de algum tipo de encontro com um reino extradimensional da realidade. O nosso próprio estudo extensivo é o mais recente destes estudos e está também a revelar algumas tendências que apontam para um universo super paralelo de algum tipo.

UMA EXPLICAÇÃO HOLOGRÁFICA DA EXPERIÊNCIA QUASE-MORTE

Estas são afirmações espantosas. O que é ainda mais espantoso é que o estabelecimento científico ignorou na sua maioria tanto as conclusões destes investigadores como o vasto conjunto de provas que os obriga a fazer tais afirmações. As razões para tal são complexas e variadas. Uma delas é que atualmente não está na moda na ciência considerar seriamente qualquer fenómeno que pareça apoiar a ideia de uma realidade espiritual e, tal como mencionado no início deste livro, as crenças são como vícios e não

abdicam facilmente do seu domínio. Outra razão, como Moody menciona, é o preconceito generalizado entre os cientistas de que as únicas ideias que têm algum valor ou significado são aquelas que podem ser comprovadas num sentido estritamente científico. Ainda outra é a incapacidade da nossa atual compreensão científica da realidade, mesmo para começar a explicar as EQM, se elas forem reais.

Esta última razão, contudo, pode não ser o problema que parece ser. Vários investigadores da EQM assinalaram que o modelo holográfico nos oferece uma forma de compreender estas experiências. Um desses investigadores é o Dr. Kenneth Ring, professor de psicologia na Universidade de Connecticut e um dos primeiros investigadores da EQM a utilizar a análise estatística e técnicas de entrevista padronizadas para estudar o fenómeno. No seu livro de 1980 *Vida na Morte*, Ring passa um tempo considerável a argumentar a favor de uma explicação holográfica da EQM. Falando sem rodeios, Ring acredita que as EQM também se aventuram na maior frequência como aspetos da realidade.

Ring baseia a sua conclusão nos numerosos aspetos sugestivamente holográficos da EQM. Uma é a tendência dos experimentadores para descrever o mundo do além como um reino composto de "luz", "vibrações mais elevadas", ou "frequências". Alguns EQM referem-se mesmo à música celestial que frequentemente acompanha tais experiências como mais "uma combinação de vibrações" do que sons reais - observações que Ring acredita serem provas de que o ato de morrer envolve uma mudança de consciência para longe do mundo normal das aparências e para uma realidade mais holográfica de pura frequência. Os EQM também dizem frequentemente que o reino é inundado por uma luz mais brilhante do que alguma vez viram na Terra, mas que, apesar da sua intensidade insondável, não fere os olhos, as caracterizações que Ring sente são mais uma prova dos aspetos de frequência do além.

Outra característica que Ring encontra inegavelmente holográfica é a descrição dos EMQ do tempo e do espaço no domínio da vida após a morte. Uma das características mais frequentemente relatadas do mundo do além é que é uma dimensão em que o tempo e o espaço deixam de existir. "Dei por mim num espaço, num período de tempo, diria eu, onde todo o espaço e tempo foi negado", diz um EQM desajeitadamente. "Tem de estar fora do tempo e do espaço. Tem de estar, porque ... não pode ser colocado numa coisa de tempo", diz outro. Dado que o tempo e o espaço estão em colapso e a localização não tem significado no domínio da frequência, isto é precisamente o que esperaríamos encontrar se as EQM tivessem lugar num estado holográfico de consciência, diz Ring.

Se o reino do quase-morte é ainda mais frequente do que o nosso próprio nível de realidade, porque é que parece ter qualquer estrutura? Dado que tanto as EFC como as EQM oferecem amplas provas de que a mente pode existir independentemente do cérebro, Ring acredita que não é demasiado rebuscado assumir que ela também funciona holograficamente. Assim, quando a mente está nas frequências "superiores" da dimensão de quase-morte, continua a fazer o que faz melhor, traduzindo essas frequências para um

mundo de aparências. Ou, como diz Ring, "acredito que este é um reino que é criado pela interação de estruturas de pensamento. Estas estruturas ou 'formas de pensamento' combinam-se para formar padrões, tal como as ondas de interferência formam padrões numa placa holográfica. E tal como a imagem holográfica parece ser totalmente real quando iluminada por um raio laser, também as imagens produzidas pela interação de formas de pensamento parecem ser reais".

Ring não está sozinho nas suas especulações. No discurso principal da reunião de 1989 da Associação Internacional de Estudos de Quase-Morte (AIEQM), a Dra. Elizabeth W. Fenske, psicóloga clínica numa clínica privada em Filadélfia, anunciou que também ela acredita que as EQM são viagens para um reino holográfico de frequências mais altas. Ela concorda com a hipótese de Ring de que as paisagens, flores, estruturas físicas, e assim por diante, da dimensão pós-vida são moldadas a partir de padrões de pensamento interativos (ou interferentes). "Penso que chegámos a um ponto na investigação da EQM em que é difícil fazer uma distinção entre pensamento e luz. Na experiência de quase-morte, o pensamento parece ser luz", observa ela.

O CÉU COMO HOLOGRAMA

Para além das mencionadas por Ring e Fenske, a EQM tem numerosas outras características que são marcadamente holográficas. Tal como a EFC, depois da EQM se ter desprendido do físico, encontra-se numa de duas formas, quer como uma nuvem desencarnada de energia, quer como um corpo semelhante a um holograma esculpido pelo pensamento. Quando este último é o caso, a natureza criada pela mente do corpo é muitas vezes surpreendentemente óbvia para o EQM. Por exemplo, um sobrevivente quase-morte, diz que quando emergiu do seu corpo pela primeira vez, parecia "algo parecido com uma medusa" e caiu levemente ao chão como uma bolha de sabão. Depois expandiu-se rapidamente para uma imagem tridimensional fantasmagórica de um homem nu. No entanto, a presença de duas mulheres na sala envergonhou-o e, para sua surpresa, este sentimento levou-o subitamente a vestir-se (as mulheres, no entanto, nunca ofereceram qualquer indicação de que conseguissem ver nada disto).

Que os nossos sentimentos e desejos mais íntimos são responsáveis pela criação da forma que assumimos na dimensão pós-vida é evidente nas experiências de outros EQM. As pessoas que estão confinadas em cadeiras de rodas na sua existência física encontram-se em corpos saudáveis que podem correr e dançar. Os amputados têm invariavelmente os seus membros de volta. Os idosos habitam frequentemente em corpos jovens, e ainda mais estranhos, as crianças vêem-se frequentemente como adultos, um facto que pode refletir a fantasia de cada criança de ser um adulto, ou mais profundamente, pode ser uma indicação simbólica de que nas nossas almas alguns de nós são muito mais velhos do que imaginamos.

Estes corpos semelhantes a hologramas podem ser notavelmente detalhados. No incidente envolvendo o homem que se envergonhou da sua própria nudez, por exemplo, a roupa que ele materializou para si próprio foi tão meticulosamente trabalhada que até conseguiu ver as costuras no material! Da mesma forma, outro homem que estudou as suas mãos enquanto estava no estado QM disse que elas eram "compostas de luz com pequenas estruturas dentro delas" e quando olhou atentamente pôde até ver "as delicadas espiraladas das suas impressões digitais e tubos de luz nos seus braços".

Algumas das investigações de Whitton são também relevantes para esta questão. Surpreendentemente, quando Whitton hipnotizou pacientes e os regressou ao estado entre vidas, também eles relataram todas as características clássicas da EQM, passagem por um túnel, encontros com familiares falecidos e/ou "guias", entrada num esplendoroso reino cheio de luz em que o tempo e o espaço já não existiam, encontros com seres luminosos, e uma revisão da vida. De facto, de acordo com os sujeitos de Whitton, o principal objetivo da revisão de vida era refrescar as suas memórias para que pudessem planear mais conscientemente a sua próxima vida, um processo em que os seres de luz ajudavam suavemente e de forma não coerciva.

Tal como Ring, após estudar o testemunho dos seus súbditos Whitton concluiu que as formas e estruturas que se percebe na dimensão pós-vida são formas de pensamento criadas pela mente. "O famoso ditado de René Descartes, 'Penso, logo existo', nunca é mais pertinente do que no estado entre-vidas", diz Whitton. "Não há experiência de existência sem pensamento".

Isto foi especialmente verdadeiro quando se tratou da forma que os pacientes de Whitton assumiram no estado entre-vidas. Vários disseram que não tinham sequer um corpo, a não ser que estivessem a pensar. "Um homem descreveu-o dizendo que, se deixasse de pensar, que era apenas uma nuvem numa nuvem sem fim, indiferenciada", observa ele. "Mas assim que começou a pensar, tornou-se ele próprio" (um estado de coisas que lembra estranhamente os sujeitos da experiência de hipnose mútua de Tart que descobriram que não tinham mãos a não ser que as pensassem que existiam). No início os corpos que os súbditos de Whitton assumiram assemelhavam-se às pessoas que eles tinham sido na sua última vida. Mas à medida que a sua experiência no estado entre-vidas continuou, tornaram-se gradualmente uma espécie de composto holográfico de todas as suas vidas passadas. Esta identidade composta tinha mesmo um nome separado de qualquer dos nomes que tinham usado nas suas encarnações físicas, embora nenhum dos seus súbditos fosse capaz de o pronunciar utilizando as suas cordas vocais físicas.

Como são as EQM quando não construíram um corpo semelhante a um holograma para si próprios? Muitos dizem que não tinham consciência de qualquer forma e que eram simplesmente "eles próprios" ou "a sua mente". Outros têm impressões mais específicas e descrevem-se como "uma nuvem de cores", "uma névoa", "um padrão energético", ou "um campo energético", termos que mais uma vez sugerem que somos todos, em última análise,

apenas fenômenos de frequência, padrões de alguma energia vibratória desconhecida envolvida na maior matriz do domínio da frequência. Alguns EQM afirmam que para além de sermos compostos de frequências coloridas de luz, somos também constituídos por som. "Percebi que cada pessoa e coisa tem a sua própria gama de tons musicais, bem como a sua própria gama de cores", diz uma dona de casa do Arizona que teve uma EQM durante o parto. "Se se imaginar a entrar e sair sem esforço entre os raios prismáticos de luz e a ouvir as notas musicais de cada pessoa juntarem-se e harmonizarem-se com as suas quando as toca ou passa, terá alguma ideia do mundo invisível". A mulher, que encontrou muitos indivíduos no reino pós-vida que se manifestavam apenas como nuvens de cores e som, acredita que os tons melíferos que cada alma emana são os que as pessoas descrevem quando dizem ouvir música bonita na dimensão QM.

Tal como Monroe, alguns EQM relatam ser capazes de ver em todas as direções ao mesmo tempo enquanto se encontram no estado desencarnado. Depois de se interrogarem sobre o seu aspeto, um homem disse que de repente se viu a olhar para as suas próprias costas. Robert Sullivan, um investigador amador da EQM da Pensilvânia especializado em EQM por soldados durante o combate, entrevistou um veterano da Segunda Guerra Mundial que manteve temporariamente esta capacidade mesmo depois de ter regressado ao seu corpo físico. "Ele teve uma visão de trezentos e sessenta graus enquanto fugia de um ninho alemão de metralhadoras", diz Sullivan. "Não só conseguia ver a frente enquanto corria, como também via os artilheiros a tentarem acertarem-lhe por trás".

CONHECIMENTOS INSTANTÂNEOS

Outra parte da EQM que possui muitas características holográficas é a revisão de vida. Ring refere-se a ela como "um fenómeno holográfico por excelência". Grof e Joan Halifax, antropóloga médica de Harvard e coautora (com Grof) de *The Human Encounter with Death (O Encontro Humano com a Morte)*, também comentaram os aspetos holográficos da revisão de vida. De acordo com vários investigadores da EQM, incluindo Moody, até mesmo muitos dos próprios EQM usam o termo "holográfico" quando descrevem a experiência.

A razão para esta caracterização é óbvia assim que se começa a ler relatos da revisão de vida. Uma e outra vez os EQM usam os mesmos adjetivos para a descrever, referindo-se a ela como uma repetição incrivelmente viva, envolvente e tridimensional de toda a sua vida. "É como escalar dentro de um filme da sua vida", diz um EQM. "Cada momento de cada ano da sua vida é reproduzido em completo detalhe sensorial. Recordação total, total. E tudo acontece num instante". "Tudo isto foi realmente estranho. Eu estava lá; estava realmente a ver estes flashbacks; estava realmente a caminhar através deles, e foi tão rápido. No entanto, foi suficientemente lento para que eu pudesse absorver tudo", diz outro.

Durante esta recordação instantânea e panorâmica, os EQM revivem todas as emoções, as alegrias e as tristezas, que acompanharam todos os acontecimentos da sua vida. Mais do que isso, eles sentem também todas as emoções das pessoas com quem interagiram. Sentem a felicidade de todos os indivíduos com quem têm sido gentis. Se cometeram um ato doloroso, tornam-se conscientes da dor que a sua vítima sentiu como resultado da sua falta de consideração. Enquanto revivia um momento da sua infância, uma mulher experimentou subitamente toda a perda e impotência que a sua irmã tinha sentido depois de ela (então uma criança) ter arrancado um brinquedo à sua irmã.

A Whitton descobriu provas de que atos irrefletidos não são as únicas coisas que causam remorsos individuais durante a revisão de vida. Sob hipnose, os seus súbditos relataram que sonhos e aspirações falhados - coisas que tinham esperado realizar durante a sua vida, mas não o tinham feito - também lhes causaram dores de tristeza.

Também os pensamentos são reproduzidos com fidelidade exigente durante a revisão de vida. Revelações, rostos vislumbrados uma vez mas lembrados durante anos, coisas que nos faziam rir, a alegria que se sentia ao olhar para uma determinada pintura, preocupações infantis, e devaneios há muito esquecidos - tudo flui pela mente num segundo. Como resume um EQM, "Nem sequer os nossos pensamentos se perdem... Todos os pensamentos estavam lá".

E assim, a revisão de vida é holográfica não só na sua tridimensionalidade, mas na espantosa capacidade de armazenamento de informação que o processo apresenta. É também holográfico de uma terceira forma. Tal como o "aleph" cabalístico, um ponto mítico no espaço e no tempo que contém todos os outros pontos no espaço e no tempo, é um momento que contém todos os outros momentos. Mesmo a capacidade de perceber a revisão da vida parece holográfica na medida em que é uma faculdade capaz de experimentar algo que paradoxalmente é ao mesmo tempo incrivelmente rápido e no entanto lento o suficiente para testemunhar em pormenor. Como disse um EQM em 1821, é a capacidade de "compreender simultaneamente o todo e cada parte".

De facto, a revisão de vida revela uma marcada semelhança com as cenas de julgamento pós-vida descritas nos textos sagrados de muitas das grandes religiões do mundo, do egípcio ao judaico-cristão, mas com uma diferença crucial. Tal como os súbditos de Whitton, os EQM relatam universalmente que *nunca são julgados pelos seres de luz*, mas apenas sentem amor e aceitação na sua presença. *O único julgamento que alguma vez tem lugar é o autojulgamento e surge unicamente a partir dos próprios sentimentos de culpa e arrependimento da EQM.* Ocasionalmente os seres afirmam-se, mas em vez de se comportarem de forma autoritária, atuam como guias e conselheiros cujo único objetivo é o de ensinar.

Esta total falta de julgamento cósmico e/ou qualquer sistema divino de punição e recompensa tem sido e continua a ser um dos aspetos mais controversos da EQM entre os

grupos religiosos, mas é uma das características mais frequentemente relatadas da experiência. Qual é a explicação? Moody acredita que é tão simples como polêmica. Vivemos num universo que é muito mais benevolente do que imaginamos.

Isto não quer dizer que nada se passe durante a revisão de vida. Tal como os sujeitos hipnóticos de Whitton, após chegarem ao reino da luz, os EQM parecem entrar num estado de consciência elevada ou metaconsciente e tornarem-se lucidamente honestos nas suas autorreflexões.

Também não significa que os seres de luz não prescrevam valores. Na EQM depois da EQM, eles salientam duas coisas. Uma é a importância do amor. Repetem constantemente esta mensagem, que devemos aprender a substituir a raiva pelo amor, aprender a amar mais, aprender a perdoar e amar incondicionalmente todos, e aprender que por nossa vez *somos* amados. Este parece ser o único critério moral que os seres utilizam. Mesmo a atividade sexual deixa de possuir o estigma moral a que nós, humanos, tanto gostamos de nos apegar. Um dos súbditos de Whitton relatou que, depois de viver várias encarnações retraídas e deprimidas, foi instado a planear uma vida como uma mulher amorosa e sexualmente ativa, a fim de acrescentar equilíbrio ao desenvolvimento geral da sua alma. Parece que na mente dos seres de luz, a compaixão é o barómetro da graça, e vezes sem conta quando os EQM se perguntam se algum ato que cometeram estava certo ou errado, os seres contrapõem as suas inquirições apenas com uma pergunta: Fizeram-no por amor? A motivação era o amor?

É por isso que fomos colocados aqui na terra, digamos os seres, para aprender que o amor é a chave. Eles reconhecem que é uma tarefa difícil, mas íntima que é crucial tanto para a nossa existência biológica como espiritual, de formas que talvez nem sequer tenhamos começado a compreender. Mesmo as crianças regressam do reino da quase morte com esta mensagem firmemente impressionadas nos seus pensamentos. Afirma um rapazinho que depois de ter sido atropelado por um carro foi guiado para o mundo do além por duas pessoas com vestes "muito brancas": "O que aprendi lá é que o mais importante é amar enquanto se está vivo".

A segunda coisa que os seres enfatizam é o conhecimento. Frequentemente, os EQM comentam que os seres pareciam satisfeitos sempre que um incidente envolvendo conhecimento ou aprendizagem tremulava durante a sua revisão de vida. Alguns são abertamente aconselhados a embarcar numa busca de conhecimento depois de regressarem aos seus corpos físicos, especialmente o conhecimento relacionado com o autocrescimento ou que aumenta a capacidade de ajudar outras pessoas. Outros são aconselhados com afirmações como "a aprendizagem é um processo contínuo e continua mesmo após a morte" e "o conhecimento é uma das poucas coisas que poderá levar consigo após a sua morte".

A preeminência do conhecimento na dimensão pós-vida é visível de outra forma. Alguns EQM descobriram que, na presença da luz, tinham subitamente acesso direto a todo o conhecimento. Este acesso manifestou-se de várias maneiras. Por vezes, veio em resposta a inquéritos. Um homem disse que tudo o que tinha de fazer era fazer uma pergunta, como por exemplo, como seria ser um inseto, e imediatamente a experiência foi sua. Outro EQM descreveu-a dizendo: "Pode pensar numa pergunta... e saber imediatamente a resposta a ela. Tão simples como isso. E pode ser qualquer pergunta. Pode ser sobre um assunto sobre o qual não sabe nada, que não está na posição adequada mesmo para compreender e a luz dar-lhe-á a resposta corretiva instantânea e fará com que a compreenda".

Alguns EQM relatam que nem sequer tiveram de fazer perguntas para aceder a esta infinita biblioteca de informação. Após a sua revisão de vida, de repente sabiam tudo, todo o conhecimento que havia para saber desde o início até ao fim dos tempos. Outros entraram em contacto com este conhecimento após o ser da luz ter feito algum gesto específico, tal como acenar com a mão. Outros ainda disseram que em vez de adquirirem o conhecimento, lembraram-se dele, mas esqueceram-se da maior parte do que se lembravam assim que regressavam aos seus corpos físicos (uma amnésia que parece ser universal entre os EQM que têm conhecimento de tais visões). Seja como for, parece que uma vez que estamos no mundo do além, já não é necessário entrar num estado de consciência alterado para ter acesso ao reino informativo transpessoal e infinitamente interligado experimentado pelos pacientes de Grof.

Para além de ser holográfica em todas as formas já mencionadas, esta visão de conhecimento total tem outra característica holográfica. Os EQM dizem frequentemente que durante a visão a informação chega em "pedaços" que se registam instantaneamente no pensamento. Por outras palavras, em vez de serem enfiadas de forma linear como palavras numa frase ou cenas de um filme, todas as facetas, detalhes, imagens e pedaços de informação irrompem num instante na consciência de cada um. Um EQM referiu-se a estas explosões de informação como "pacotes de pensamento". Monroe, que também experimentou tais explosões instantâneas de informação enquanto estava no estado FC, chama-as de "bolas de pensamento".

De facto, qualquer pessoa que possua qualquer capacidade psíquica apreciável está familiarizada com esta experiência, pois esta é a forma sob a qual se recebe também informação psíquica. Por exemplo, por vezes quando encontro um estranho (e por vezes mesmo quando ouço apenas o nome de uma pessoa), uma bola de pensamento de informação sobre essa pessoa vai instantaneamente piscar na minha consciência. Esta bola de pensamento pode incluir factos importantes sobre a composição psicológica e emocional da pessoa, a sua saúde, e até cenas do seu passado. Acho que sou especialmente propenso a receber bolas de pensamento sobre pessoas que se encontram em algum tipo de crise. Por exemplo, recentemente conheci uma mulher e soube imediatamente que ela estava a contemplar o suicídio. Também conhecia algumas das razões para tal. Como sempre faço

em tais situações, comecei a falar com ela e manobrei cautelosamente a conversa para coisas psíquicas. Depois de descobrir que ela estava recetiva ao assunto, confrontei-a com o que sabia e fiz com que falasse sobre os seus problemas. Consegui que ela promettesse procurar algum tipo de aconselhamento profissional em vez da opção mais sombria que ela estava a considerar.

Receber informação desta forma é semelhante à forma como se toma consciência da informação enquanto se sonha. Praticamente todas as pessoas tiveram um sonho em que se encontram numa situação e de repente sabem todo o tipo de coisas sobre ela sem serem avisadas. Por exemplo, pode sonhar que está numa festa e assim que lá está, sabe por quem está a ser dada e porquê. Da mesma forma, todos têm tido uma ideia detalhada ou inspiração num instante. Tais experiências são versões menores do efeito da bola de pensamento.

Curiosamente, porque estas explosões de informação psíquica chegam em pedaços não lineares, por vezes levo vários momentos a traduzi-los em palavras. Tal como os gestalts psicológicos vividos por indivíduos durante experiências transpessoais, eles são holográficos no sentido em que são "totalidades" instantâneas com que as nossas mentes orientadas para o tempo têm de se esforçar por um momento para as desvendarem e convertê-las num arranjo em série de partes.

Que forma assume o conhecimento contido nas bolas de pensamento experimentadas durante as EQM? De acordo com EQM, todas as formas de comunicação são utilizadas, sons, imagens em movimento como hologramas, até mesmo telepatia - um facto que Ring acredita demonstrar mais uma vez que a vida após a morte é "um mundo de existência onde o pensamento é rei".

O leitor atento pode imediatamente interrogar-se por que é que a busca da aprendizagem é tão importante durante a vida se temos acesso a todo o conhecimento depois de morrermos? Quando lhes fizeram esta pergunta, os EQM responderam que não tinham a certeza, mas sentiram fortemente que tinha algo a ver com o propósito da vida e a capacidade de cada indivíduo para alcançar e ajudar os outros.

PLANOS DE VIDA E PISTAS DE TEMPO PARALELO

Tal como Whitton, os investigadores da EQM também descobriram provas de que as nossas vidas são planeadas antecipadamente, pelo menos em certa medida, e cada um de nós desempenha um papel na criação deste plano. Isto é evidente em vários aspetos da experiência. Frequentemente, depois de chegarem ao mundo da luz, os investigadores da EQM são informados de que "ainda não é a sua hora". Como assinala Ring, esta observação implica claramente a existência de algum tipo de 'plano de vida'. É também claro que os EQM desempenham um papel na formulação destes destinos, pois é-lhes muitas vezes dada

a escolha entre regressar ou ficar. Há mesmo casos em que os EQM são informados de que é a sua vez e ainda lhes é permitido regressar. Moody cita um caso em que um homem começou a chorar quando percebeu que estava morto porque tinha medo que a sua mulher não fosse capaz de criar o seu sobrinho sem ele. Ao ouvir isto, o ser disse-lhe que como ele não estava a pedir por si próprio, lhe seria permitido voltar atrás. Num outro caso, uma mulher argumentou que ainda não tinha dançado o suficiente. A sua observação fez com que o ser de luz desse uma gargalhada de coração e também a ela foi dada permissão para regressar à vida física".

Que o nosso futuro está pelo menos parcialmente delineado é também evidente num fenómeno a que Ring chama de "relâmpago pessoal". Ocasionalmente, durante a visão do conhecimento, os EQM têm vislumbres do seu próprio futuro. Num caso particularmente marcante, uma criança EQM foi informada de várias especificidades sobre o seu futuro, incluindo o facto de que seria casada aos vinte e oito anos de idade e teria dois filhos. Foi-lhe mesmo mostrado o seu eu adulto e os seus futuros filhos sentados numa sala da casa onde acabaria por viver, e enquanto olhava para a sala reparava em algo muito estranho na parede, algo que a sua mente não conseguia compreender. Décadas mais tarde e depois de cada uma destas previsões terem acontecido, ele viu-se na mesma cena que tinha testemunhado quando criança e percebeu que o estranho objeto na parede era um "aquecedor de ar forçado", uma espécie de aquecedor que ainda não tinha sido inventado na altura da sua EQM.

Noutro igualmente espantoso relâmpago pessoal foi mostrado a uma EQM do sexo feminino uma fotografia de Moody, foi-lhe dito o seu nome completo, e foi-lhe dito que quando chegasse a altura certa ela lhe contaria a sua experiência. O ano era 1971 e Moody ainda não tinha publicado *Vida após Vida*, pelo que o seu nome e imagem não significavam nada para a mulher. Contudo, o tempo tornou-se "certo" quatro anos mais tarde quando Moody e a sua família se mudaram involuntariamente para a própria rua em que a mulher vivia. Aquele filho de Moody no Halloween estava fora a pedir doces ou travessuras e bateu à porta da mulher. Depois de ouvir o nome do rapaz, a mulher disse-lhe para dizer ao pai que tinha de falar com ele, e quando Moody a obrigou a contar a sua notável história.

Algumas EQM apoiam até a proposta de Loye de que existem vários universos paralelos holográficos, ou linhas de tempo. Ocasionalmente, aos EQM são mostrados como relâmpagos pessoais e informados de que o futuro que testemunharam *só se concretizará se continuarem no seu caminho atual*. Num caso único foi mostrado a um EQM uma história da terra completamente diferente, uma história que se teria desenvolvido se "certos acontecimentos" não tivessem ocorrido na época do filósofo e matemático grego Pitágoras, há três mil anos atrás. A visão revelou que se estes acontecimentos, cuja natureza precisa a mulher não revela, não tivessem ocorrido, estaríamos agora a viver num mundo de paz e harmonia marcado "pela ausência de guerras religiosas e de uma figura de Cristo". Tais

experiências sugerem que as leis do tempo e do espaço operativas num universo holográfico podem ser de facto muito estranhas.

Mesmo os EQM que não experimentam provas diretas do papel que desempenham no seu próprio destino regressam frequentemente com uma firme compreensão da interligação holográfica de todas as coisas. Como diz um homem de negócios de 62 anos que teve uma EQM durante uma paragem cardíaca: "Uma coisa que aprendi foi que somos todos parte de um grande universo vivo. Se pensamos que podemos magoar outra pessoa ou outro ser vivo sem nos magoarmos a nós próprios, estamos tristemente enganados. Agora olho para uma floresta ou uma flor ou um pássaro e digo: "Isto sou eu, parte de mim. Estamos ligados a todas as coisas e se enviamos amor ao longo dessas ligações, então estamos felizes".

PODE COMER MAS NÃO PRECISA DE O FAZER

Os aspetos holográficos e mentais da dimensão de quase-morte são aparentes em inúmeras outras formas. Ao descrever o além, uma criança disse que os alimentos apareciam sempre que ela desejava, mas não havia necessidade de comer, uma observação que sublinha mais uma vez a natureza ilusória e holográfica da realidade pós-morte. Mesmo a linguagem simbólica da psique recebe uma forma "objetiva". Por exemplo, um dos súbditos de Whitton disse que quando foi apresentado a uma mulher que iria figurar de forma proeminente na sua próxima vida, em vez de aparecer como um ser humano, ela apareceu com uma forma que era metade rosa, metade cobra. Depois de ter sido orientado para descobrir o significado do simbolismo, percebeu que ele e a mulher tinham estado apaixonados um pelo outro em duas outras vidas. No entanto, ela também tinha sido duas vezes responsável pela sua morte. Assim, em vez de se manifestar como humana, os elementos amorosos e sinistros do seu carácter fizeram-na aparecer de uma forma holográfica que simbolizava melhor estas duas qualidades dramaticamente polares.

O sujeito de Whitton não está sozinho na sua experiência. Hazrat Inayat Khan disse que quando entrou num estado místico e viajou para "realidades divinas", os seres que encontrou também apareceram ocasionalmente sob formas metade humanas, metade animais. Tal como o sujeito de Whitton, Khan discordou que estas transfigurações eram simbólicas, e quando um ser aparecia como parte animal era porque o animal simbolizava alguma qualidade que o ser possuía. Por exemplo, um ser que tivesse grande força poderia aparecer com a cabeça de um leão, ou um ser que fosse invulgarmente inteligente e astuto poderia ter algumas das características de uma raposa. Khan teorizou que era por isso que culturas antigas, como a egípcia, imaginavam os deuses que governam o reino pós-vida como tendo cabeças de animais.

A propensão que a realidade próxima da morte tem para se moldar em formas semelhantes a hologramas que espelham os pensamentos, desejos e símbolos que povoam as nossas mentes explica a razão pela qual os Ocidentais tendem a perceber os seres de luz como figuras religiosas cristãs, a razão pela qual os Índios os veem como santos e divindades Hindus, e assim por diante. A plasticidade do reino QM sugere que tais aparências exteriores podem não ser mais ou menos reais do que a comida desejada pela menina acima mencionada, a mulher que apareceu como amálgama de uma cobra e de uma rosa; e a roupa espectral conjurada para existir pelo EQM que se envergonhava da sua própria nudez. Esta mesma plasticidade explica as outras diferenças culturais que se encontram em experiências de quase-morte, tais como o porquê de alguns EQM chegarem ao além viajando por um túnel, alguns atravessando uma ponte, outros passando por cima de um corpo de água, e outros simplesmente caminhando por uma estrada. Mais uma vez, parece que numa realidade criada unicamente a partir de estruturas de pensamento em interação, mesmo a própria paisagem é esculpida pelas ideias e expectativas do experimentador.

Neste momento, um ponto importante precisa ser feito. Por mais surpreendente e estranho que pareça o reino de quase-morte, as evidências apresentadas neste livro revelam que o próprio nível de existência pode não ser tão diferente. Como vimos, também podemos aceder todas as informações, só que é um pouco mais difícil para nós. Nós também ocasionalmente temos relâmpagos pessoais e ficamos cara a cara com a natureza fantasmagórica do tempo e do espaço. E nós também podemos esculpir e remodelar os nossos corpos, e às vezes até a nossa realidade, de acordo com as nossas crenças, isso nos leva um pouco mais de tempo e esforço. De facto, as habilidades de Sai Baba sugerem que podemos até materializar comida simplesmente desejando-a, e a inédia de Therese Neumann oferece evidências de que comer pode ser tão desnecessário para nós quanto é para indivíduos no reino de quase-morte.

Na verdade, parece que esta realidade e a seguinte são diferentes em grau, mas não em espécie. Ambas são construções holográficas, realidades que são estabelecidas, como Jahn e Dunne o disseram, apenas pela interação da consciência com o seu ambiente. Dito de outra forma, a nossa realidade parece ser uma versão mais congelada da dimensão pós-vida. É preciso um pouco mais de tempo para que as nossas crenças remodelem os nossos corpos em coisas como estigmas semelhantes a unhas e para que a linguagem simbólica das nossas psiques se manifeste externamente como sincronicidades. Mas manifestam-se, num rio espetacular e inexorável, um rio cuja presença persistente nos ensina que vivemos num universo que estamos apenas a começar a compreender.

INFORMAÇÕES SOBRE O REINO DE QUASE-MORTE DE OUTRAS FONTES

Não é necessário estar numa crise de risco de vida para visitar a dimensão pós-vida. Há provas de que o reino de QM também pode ser alcançado durante as EFC. Nos seus escritos,

Monroe descreve várias visitas a níveis de realidade em que encontrou amigos falecidos. Um visitante fora-do-corpo ainda mais hábil na terra dos mortos foi o místico Sueco Swedenborg. Nascido em 1688, Swedenborg foi o Leonardo da Vinci da sua época. Nos seus primeiros anos, estudou ciência. Era o principal matemático na Suécia, falava nove línguas, era gravador, político, astrónomo, e homem de negócios, construiu relógios e microscópios como hobby, escreveu livros sobre metalurgia, teoria da cor, comércio, economia, física, química, mineração e anatomia, e inventou protótipos para o avião e o submarino.

Ao longo de tudo isto ele também meditou regularmente, e quando atingiu a meia-idade, desenvolveu a capacidade de entrar em transe profundo durante o qual deixou o seu corpo e visitou o que lhe parecia ser o céu e conversou com "anjos" e "espíritos". "Que o Swedenborg estava a experimentar algo profundo durante estas viagens, não pode haver dúvidas. Tornou-se tão famoso por esta habilidade que a rainha da Suécia pediu-lhe que descobrisse por que é que o seu falecido irmão tinha negligenciado responder a uma carta que ela lhe tinha enviado antes da sua morte. Swedenborg prometeu consultar o falecido e no dia seguinte voltou com uma mensagem que a rainha confessou conter informação que só ela e o seu falecido irmão sabiam. Swedenborg realizou este serviço várias vezes para vários indivíduos que procuraram a sua ajuda, e noutra ocasião disse a uma viúva onde encontrar um compartimento secreto na secretária do seu falecido marido, no qual ela encontrou alguns documentos desesperadamente necessários. Este último incidente era tão bem conhecido que inspirou o filósofo alemão Immanuel Kant a escrever um livro inteiro sobre Swedenborg intitulado *Dreams of a Spirit-Seer (Sonhos de um Vidente de Espíritos)*.

Mas o mais espantoso dos relatos de Swedenborg sobre a vida após a morte é o quanto espelham de perto as descrições oferecidas pelos modernos EQM. Por exemplo, Swedenborg fala de passar por um túnel escuro, ser encontrado por espíritos acolhedores, paisagens mais belas do que qualquer outra na terra e uma onde o tempo e o espaço já não existem, uma luz deslumbrante que emitia um sentimento de amor, aparecer perante seres de luz, e ser envolvido por uma paz e serenidade abrangente. Diz também que lhe foi permitido observar em primeira mão a chegada dos recém falecidos ao céu, e assistir à revisão da vida, um processo a que chamou "a abertura do Livro das Vidas". Reconheceu que durante o processo uma pessoa testemunhou "tudo o que já tinha sido ou feito", mas acrescentou uma reviravolta única. Segundo o Swedenborg, a informação que surgiu durante a abertura do Livro das Vidas foi registada no sistema nervoso do corpo espiritual da pessoa. Assim, para evocar a vida, um "anjo" teve de examinar todo o corpo da pessoa "começando pelos dedos de cada mão, e prosseguindo através do todo".

Swedenborg também se refere às bolas de pensamento holográfico que os anjos usam para comunicar e diz que não são diferentes dos retratos que ele podia ver na "substância-onda" que rodeava uma pessoa. Como a maioria dos EQM, ele descreve estas explosões telepáticas de conhecimento como uma linguagem de imagem tão densa de informação que cada imagem contém mil ideias. Uma série comunicada destas representações também

pode ser bastante longa e "durar até várias horas, numa disposição tão sequencial que só se pode maravilhar".

Mas mesmo aqui Swedenborg acrescentou uma reviravolta fascinante. Para além da utilização de retratos, os anjos também empregam um discurso que contém conceitos que estão para além da compreensão humana. De facto, a principal razão pela qual usam retratos é porque é a única forma de poderem tornar até uma versão pálida dos seus pensamentos e ideias compreensíveis para os seres humanos.

As experiências de Swedenborg até corroboram alguns dos elementos menos frequentemente relatados da EQM. Ele observou que no mundo espiritual já não se precisa de comer comida, mas acrescentou que a informação toma o seu lugar como fonte de alimentação. Disse que quando os espíritos e os anjos falavam, os seus pensamentos estavam constantemente a coalescer em imagens simbólicas tridimensionais, especialmente os animais. Por exemplo, ele disse que quando os anjos falavam de amor e afeto "são apresentados animais bonitos, tais como cordeiros... Quando contudo os anjos falam de afeções malignas, estas são retratadas por animais horrendos, ferozes e inúteis, como tigres, ursos, lobos, escorpiões, cobras, e ratos". Embora não seja uma característica relatada pelos modernos EQM, Swedenborg disse que ficou surpreendido ao descobrir que no céu também há espíritos de outros planetas, uma afirmação espantosa para um homem que nasceu há mais de trezentos anos!

Mais intrigantes de todas são as observações de Swedenborg que parecem referir-se às qualidades holográficas da realidade. Por exemplo, ele disse que embora os seres humanos pareçam estar separados uns dos outros, estamos todos ligados numa unidade cósmica. Além disso, cada um de nós é um céu em miniatura, e cada pessoa, na verdade todo o universo físico, é um microcosmo da maior realidade divina. Como vimos, ele também acreditava que a realidade visível subjacente era uma substância-onda.

De facto, vários estudiosos de Swedenborg comentaram os muitos paralelos entre alguns dos conceitos de Swedenborg e a teoria de Bohm e Pribram. Um desses estudiosos é o Dr. George F. Dole, professor de teologia na Escola de Religião Swedenborg em Newton, Massachusetts. Dole, que possui licenciaturas de Yale, Oxford e Harvard, observa que um dos princípios mais básicos do pensamento de Swedenborg é que o nosso universo é constantemente criado e sustentado por dois fluxos ondulatórios, um vindo do céu e outro vindo da nossa própria alma ou espírito. "Se juntarmos estas imagens, a semelhança com o holograma é impressionante", diz Dole. "Somos constituídos pela intersecção de dois fluxos - um direto, do divino, e um indireto, do divino através do nosso ambiente. Podemos ver-nos como padrões de interferência, porque o influxo é um fenómeno de ondas, e nós estamos onde as ondas se encontram".

Swedenborg também acreditava que, apesar das suas qualidades fantasmagóricas e efémeras, o céu é na realidade um nível de realidade mais fundamental do que o nosso

próprio mundo físico. É, disse ele, a fonte arquetípica da qual todas as formas terrestres têm origem, e à qual todas as formas retornam, um conceito não muito diferente da ideia de Bohm das ordens implícitas e explícitas. Além disso, ele também acreditava que o reino pós-vida e a realidade física são diferentes em grau mas não em espécie, e que o mundo material é apenas uma versão congelada da realidade do pensamento-construído do céu. A matéria que compreende tanto o céu como a terra "flui por etapas" do Divino, disse Swedenborg, e "a cada nova etapa torna-se mais geral e, portanto, mais grosseira e turva, e torna-se mais lenta, e portanto mais viscosa e mais fria".

Swedenborg encheu quase vinte volumes com as suas experiências, e no seu leito de morte foi-lhe perguntado se havia alguma coisa que ele quisesse retratar. Ele respondeu seriamente: "Tudo o que eu escrevi é tão verdadeiro como agora me vês. Eu poderia ter dito muito mais se me tivesse sido permitido. Depois da morte vereis tudo, e então teremos muito a dizer uns aos outros sobre o assunto".

A TERRA DE LUGAR NENHUM

Swedenborg não é o único indivíduo na história que possuía a capacidade de fazer viagens fora do corpo para os níveis mais subtis da realidade. Os Sufis Persas do século XII também empregavam a meditação profunda, semelhante ao transe, para visitar a "terra onde os espíritos habitam". E mais uma vez, os paralelos entre os seus relatórios e o conjunto de provas que se acumularam neste capítulo são impressionantes. Afirmaram que, neste outro reino, se possui um "corpo subtil" e baseia-se em sentidos que nem sempre estão associados a "órgãos específicos" nesse corpo. Afirmaram que é uma dimensão povoada por muitos professores espirituais, ou imãs, e por vezes chamaram-lhe "o país do Imã escondido".

Sustentaram que é um mundo criado unicamente a partir da matéria subtil de *alam almithal*, ou pensamento. Até o próprio espaço, incluindo "proximidade", "distâncias", e lugares "distantes", foi criado pelo pensamento. Mas isto não significava que o país do imã escondido fosse irreal, um mundo constituído por puro nada. Nem era uma paisagem criada por uma só mente. Era antes um plano de existência *criado pela imaginação de muitas pessoas*, e no entanto um plano que ainda tinha a sua própria corporeidade e dimensão, as suas próprias florestas, montanhas, e mesmo cidades. Os Sufis dedicaram grande parte dos seus escritos à clarificação deste ponto. Esta ideia é tão estranha para muitos pensadores ocidentais que o falecido Henry Corbin, professor de Religião Islâmica na Sorbonne, em Paris, e uma autoridade líder no pensamento Islâmico-Iraniano, cunhou o termo imaginário para o descrever, significando um mundo que é criado pela imaginação mas que não é ontologicamente menos real do que a realidade física. "A razão pela qual tive absolutamente de encontrar outra expressão foi que, durante muitos anos, a minha profissão exigiu-me a

interpretação de textos árabes e persas, cujo significado teria sem dúvida traído se me tivesse simplesmente contentado com o termo *imaginário*", declarou Corbin.

Devido à natureza imaginária do reino pós-vida, os Sufis concluíram que a própria imaginação é uma faculdade de percepção, uma ideia que ofende uma nova luz sobre a razão pela qual o sujeito de Whitton só materializou uma mão depois de ter começado a pensar, e a razão pela qual a visualização de imagens tem um efeito tão potente na saúde e na estrutura física dos nossos corpos. Também contribuiu para a crença dos Sufis de que se podia usar a visualização, um processo a que chamavam "oração criativa", para alterar e remodelar o próprio tecido do próprio destino.

Numa noção paralela às ordens implícitas e explícitas de Bohm, os Sufis acreditavam que, apesar das suas qualidades fantasmáticas, o reino pós-vida é a matriz generativa que dá origem a todo o universo físico. Todas as coisas na realidade física surgem desta realidade espiritual, disseram os Sufis. No entanto, mesmo os mais instruídos acharam isto estranho, que ao meditar e aventurar-se profundamente na psique, chega-se a um mundo interior que "envolve, rodeia, ou contém aquilo que a princípio era exterior e visível".

Esta realização é, evidentemente, apenas mais uma referência às qualidades não locais e holográficas da realidade. Cada um de nós contém a totalidade do céu. Mais do que isso, cada um de nós contém a localização do paraíso. Ou, como dizem os Sufis, em vez de ter de procurar a realidade espiritual "no onde", o "onde" está *em nós*. De facto, ao discutir os aspetos não locais do reino do além, um místico Persa do século XII chamado Sohrawardi disse que o país do imã escondido poderia ser melhor chamado *Na-Koja-Abad*, "a terra do não-lugar".

É certo que esta ideia não é nova. É o mesmo sentimento expresso na declaração "o reino dos céus está dentro". O que é novo é a ideia de que tais noções são na realidade referências aos aspetos não locais dos níveis mais subtis da realidade. Mais uma vez, sugere-se que quando uma pessoa tem uma EFC pode não viajar realmente para qualquer lugar. Podem estar meramente a alterar o sempre ilusório holograma da realidade para que tenham a experiência de viajar para algum lugar. Num universo holográfico, a consciência não só já está em todo o lado, como também não está em lado nenhum.

A ideia de que o reino da vida após a morte está profundamente na expansão não local da psique tem sido aludida por alguns EQM. Como disse um rapaz de sete anos, "A morte é como entrar na tua mente". Bohm oferece uma visão igualmente não local do que acontece durante a nossa transição desta vida para a próxima: "Atualmente, todo o nosso processo de pensamento está a dizer-nos que temos de manter a nossa atenção aqui". Não se pode atravessar a rua, por exemplo, se não o fizermos. Mas a consciência está sempre na profundidade ilimitada que está para além do espaço e do tempo, nos níveis

mais subtis da ordem implícita. Por conseguinte, se mergulhou suficientemente fundo no presente real, então talvez não haja diferença entre este momento e o próximo. A ideia seria que, na experiência da morte, se entraria nela. O contato com a eternidade está no momento presente, mas é mediado pelo pensamento. É uma questão de atenção".

IMAGENS INTELIGENTES E COORDENADAS DA LUZ

A ideia de que os níveis mais subtis da realidade podem ser acedidos apenas através de uma mudança de consciência é também uma das principais premissas da tradição iogue. Muitas práticas iogues são concebidas especificamente para ensinar os indivíduos a fazer tais viagens. E mais uma vez, os indivíduos que são bem sucedidos nestes empreendimentos descrevem o que já é uma paisagem familiar. Um desses indivíduos foi Sri Yukteswar Giri, um homem sagrado hindu pouco conhecido mas amplamente respeitado que morreu em Puri, Índia, em 1936. Evans-Wentz, que conheceu Sri Yukteswar nos anos 20, descreveu-o como um homem de "presença agradável e de elevado carácter" plenamente "digno da veneração que os seus seguidores lhe concederam".

Sri Yukteswar parece ter sido especialmente dotado de um dom especial na passagem entre este mundo e o próximo e descreveu a dimensão pós-vida como um mundo composto de "várias vibrações subtis de luz e cor" e "centenas de vezes maior do que o cosmos material". Disse também que era infinitamente mais belo do que o nosso próprio reino de existência, e abundava com "lagos de opala, mares brilhantes, um arco-íris de rios". Porque é mais "vibrante com a luz criativa de Deus", o seu clima é sempre agradável, e as suas únicas manifestações climáticas são quedas ocasionais de "neve branca luminosa e chuva de muitas luzes coloridas".

Os indivíduos que vivem neste reino maravilhoso podem materializar qualquer corpo que queiram e podem "ver" com qualquer área do seu corpo que queiram. Podem também materializar qualquer fruta ou outro alimento que desejem, embora "estejam quase livres de qualquer necessidade de comer" e "se banqueteiem apenas com a ambrosia de conhecimentos eternamente novos".

Comunicam através de uma série telepática de "imagens de luz", alegram-se com "a imortalidade da amizade", percebem "a indestrutibilidade do amor", sentem uma dor aguda "se algum erro for cometido na conduta ou percepção da verdade", e quando são confrontados com a multidão de parentes, pais, mães, parentes, esposos e amigos adquiridos durante as suas "diferentes encarnações na terra", ficam sem saber a quem amar especialmente e, portanto, não sabem dar "um amor divino e igual a todos".

Qual é a natureza quintessencial da nossa realidade a partir do momento em que nos instalamos nesta terra luminosa? A esta pergunta, Sri Yukteswar deu uma resposta tão

simples como holográfica. Neste reino onde comer e até respirar são desnecessários, onde um único pensamento pode materializar um "jardim inteiro de flores perfumadas", e todas as lesões corporais são "curadas de uma só vez por mera vontade", somos, muito simplesmente, "imagens de luz inteligentes e coordenadas".

MAIS REFERÊNCIAS À LUZ

Sri Yukteswar não é o único professor de yoga a utilizar termos semelhantes a hologramas ao descrever os níveis mais subtis da realidade. Outro é Sri Aurobindo Ghose, um pensador, ativista político, e místico que os Índios veneram ao lado de Gandhi. Nascido em 1872 numa família indiana de classe alta, Sri Aurobindo foi educado em Inglaterra, onde rapidamente desenvolveu a sua reputação como uma espécie de prodígio. Era fluente não só em Inglês, Hindi, Russo, Alemão, e Francês, mas também em Sânscrito antigo. Ele podia ler uma caixa de livros por dia (quando jovem lia todos os muito e volumosos livros sagrados da Índia) e repetir textualmente cada palavra em cada página que lia. Os seus poderes de concentração eram lendários, e dizia-se que ele podia sentar-se a estudar na mesma postura durante toda a noite, esquecendo até mesmo as incessantes picadas dos mosquitos.

Tal como Gandhi, Sri Aurobindo esteve ativo no movimento nacionalista na Índia e passou algum tempo na prisão por sedição. Contudo, apesar de toda a sua paixão intelectual e humanitária, permaneceu ateu até que um dia viu um iogue errante curar instantaneamente o seu irmão de uma doença que ameaçava a vida. A partir daí, Sri Aurobindo dedicou a sua vida às disciplinas iogues e, tal como Sri Yukteswar, através da meditação acabou por aprender a tornar-se, nas suas próprias palavras, "um explorador dos planos de consciência".

Não foi uma tarefa fácil para Sri Aurobindo, e um dos obstáculos mais intrincados que teve de ultrapassar para alcançar o seu objetivo foi aprender a silenciar a tagarelice interminável de palavras e pensamentos que fluem incessantemente através da mente humana normal. Qualquer pessoa que alguma vez tenha tentado esvaziar a sua mente de todo o pensamento por um ou dois momentos sabe o quão assustadora é esta tarefa. Mas é também necessária, pois os textos iogues são bastante explícitos sobre este ponto. Para canalizar as regiões mais subtis e mais implícitas da psique, é de facto necessária uma mudança de atenção Bohmiana. Ou, como disse Sri Aurobindo, para descobrir o "novo país dentro de nós" temos primeiro de aprender a "deixar o antigo para trás".

Sri Aurobindo levou anos a aprender a silenciar a sua mente e a viajar para o interior, mas com sucesso conseguiu descobrir o mesmo vasto território encontrado por todos os outros Marco Polos do espírito que observámos - um reino para além do espaço e do tempo, composto por um "infinito multicolorido de vibrações" e povoado por seres não-físicos tão adiantados da consciência humana que nos fazem parecer crianças. Estes seres podem

assumir qualquer coisa por vontade própria, disse Sri Aurobindo, o mesmo ser aparecendo a um Cristão como um Santo Cristão e a um Indiano como um Hindu, embora tenha sublinhado que o seu propósito não é enganar, mas meramente tornarmo-nos mais acessíveis "a uma consciência particular".

Segundo Sri Aurobindo, na sua forma mais verdadeira, estes seres aparecem como "pura vibração". No seu trabalho de dois volumes, *On Yoga (Sobre Yoga)*, ele até gosta da sua capacidade de aparecer como uma forma ou uma vibração, à dualidade onda-partícula descoberta pela "ciência moderna". Sri Aurobindo observou também que neste reino luminoso já não se limita a receber informação de forma "ponto a ponto", mas pode absorvê-la "em grandes massas", e num único olhar perceber "grandes extensões de espaço e tempo".

De facto, muitas das afirmações de Sri Aurobindo são indistinguíveis de muitas das conclusões de Bohm e Pribram. Ele disse que a maioria dos seres humanos possui uma "tela mental" que nos impede de ver para além do "véu da matéria", mas quando se aprende a perscrutar para além deste véu descobre-se que tudo é composto de "diferentes intensidades de vibrações luminosas". Afirmou que a consciência também é composta por diferentes vibrações e acreditava que toda a matéria é, até certo ponto, consciente. Tal como Bohm, ele afirmou mesmo que a psicocinese é um resultado direto do facto de que toda a matéria é, até certo ponto, consciente. Se a matéria não estivesse consciente, nenhum iogue poderia mover um objeto com a sua mente porque não haveria possibilidade de contato entre o iogue e o objeto, diz Sri Aurobindo.

A maioria dos Bohmianos são observações de Sri Aurobindo sobre a totalidade e a fragmentação. De acordo com Sri Aurobindo, uma das coisas mais importantes que se pode ler nos "grandes e luminosos reinos do Espírito", é que toda a separatividade é uma ilusão, e todas as coisas estão finalmente interligadas e inteiras. Uma e outra vez nos seus escritos ele sublinhou este facto, e sustentou que foi apenas quando descemos dos níveis vibracionais mais elevados da realidade para os mais baixos que uma "lei progressiva de fragmentação" tomou conta. Fragmentamos as coisas porque existimos numa vibração mais baixa de consciência e realidade, diz Sri Aurobindo, e é a nossa propensão para a fragmentação que nos impede de experimentar a intensidade da consciência, alegria, amor, e deleite pela existência que são a norma nestes reinos mais altos e mais subtis.

Tal como Bohm acredita que não é possível que a desordem exista num universo que é, em última análise, inquebrável e inteiro, Sri Aurobindo acreditava que o mesmo se aplicava à consciência. Se um único ponto do universo estivesse totalmente inconsciente, todo o universo estaria totalmente inconsciente, disse ele, e se percebemos uma pedrinha à beira da estrada ou um grão de areia debaixo da nossa unha como estando sem vida e morto, a nossa percepção é novamente ilusória e provocada apenas pelo nosso sonambulismo face à fragmentação.

Como Bohm, a compreensão epifânica de Sri Aurobindo da totalidade também o fez tomar consciência da relatividade última de todas as verdades e da arbitrariedade de tentar dividir o holomovimento contínuo em "coisas". Ele estava tão convencido de que qualquer tentativa de reduzir o universo em factos absolutos e doutrina imutável apenas levava à distorção, que ele era mesmo contra a religião, e toda a sua vida salientou que a verdadeira espiritualidade não vinha de qualquer organização ou sacerdócio, mas do universo espiritual interior:

Temos não só de separar-nos dos laços da mente e dos sentidos, mas também fugir do laço do pensador, do laço do teólogo e do construtor de igrejas, das malhas da Palavra e da escravidão das Ideias. Todos estes estão dentro de nós à espera de murar o espírito com formas; mas devemos sempre ir além, renunciar sempre ao menor em benefício do maior, ao finito em benefício do Infinito; devemos estar preparados para passar de iluminação em iluminação, de experiência em experiência, de estado de alma em estado de alma... Nem devemos apegar-nos mesmo às verdades que defendemos com mais segurança, pois são apenas formas e expressões do Inefável que se recusa a limitar-se a qualquer forma ou expressão.

Mas se o cosmos é em última análise inefável, uma mistura de vibrações multicoloridas, o que são todas as formas que percebemos? O que é a realidade física? É, disse Sri Aurobindo, apenas "uma massa de luz estável".

SOBREVIVÊNCIA NO INFINITO

A imagem da realidade relatada pelos EQM é notavelmente autoconsistente e é corroborada pelo testemunho de muitos dos místicos mais talentosos do mundo também. Ainda mais espantoso é que, por mais deslumbrantes e estranhos que estes níveis mais subtis de realidade sejam para aqueles de nós que residem nas culturas mais "avançadas" do mundo, eles são territórios mundanos e familiares aos chamados povos primitivos.

Por exemplo, o Dr. E. Nandisvara Nayake Thero, um antropólogo que viveu e estudou uma comunidade de aborígenes na Austrália, salienta que o conceito aborígine do "tempo de sonho", um reino que os xamãs australianos visitam entrando num transe profundo, é quase idêntico aos planos de vida após a morte descritos em fontes ocidentais. É o reino onde os espíritos humanos vão após a morte, e uma vez lá, um xamã pode conversar com os mortos e aceder instantaneamente a todo o conhecimento. É também uma dimensão em que o tempo, o espaço, e as outras fronteiras da vida terrestre deixam de existir e é preciso aprender a lidar com o infinito. Por isso, os xamãs australianos referem-se frequentemente à vida após a morte como "sobrevivência no infinito".

Holger Kalweit, um etnopsicólogo alemão com licenciaturas tanto em psicologia como em antropologia cultural, é o Thero mas melhor. Um perito em xamanismo que também é

ativo na pesquisa de quase-morte, Kalweit salienta que praticamente todas as tradições xamânicas do mundo contêm descrições deste vasto e extradimensional reino, repleto de referências à revisão da vida, seres espirituais superiores que ensinam e guiam, comida conjurada por pensamento, e prados, florestas e montanhas indescritivelmente belos. De facto, não só a capacidade de viajar para o reino pós-vida é o requisito mais universal para ser um xamã, mas as EQM são frequentemente o próprio catalisador que impulsiona um indivíduo para o papel. Por exemplo, os Oglala Sioux, o Seneca, o Yakut Siberiano, o Guajiro Sul-Americano, o Zulu, o Kikuyu Queniano, o Mu dang Coreano, os Ilhéus Mentawai Indonésios e os Esquimós Caribus - todos têm tradições de indivíduos que se tornaram xamãs depois de uma doença fatal os ter impulsionado de cabeça para o reino da vida após a morte.

No entanto, ao contrário dos EQM ocidentais, a quem tais experiências são desorientadoramente novas, estes exploradores xamânicos parecem ter um conhecimento muito mais vasto da geografia destes reinos mais subtis e são muitas vezes capazes de regressar a eles uma e outra vez. Porquê? Kalweit acredita que é porque tais experiências são uma realidade diária para tais culturas. Enquanto a nossa sociedade suprime qualquer pensamento ou menção de morte e morrer, e desvalorizou o místico definindo a realidade estritamente em termos materiais, os povos tribais ainda têm contacto quotidiano com a natureza psíquica da realidade. Assim, eles têm uma melhor compreensão das regras que governam estes reinos interiores, diz Kalweit, e são muito mais habilidosos a navegar nos seus territórios.

O facto destas regiões interiores terem sido bem percorridas pelos povos xamânicos é evidenciado pela experiência que o antropólogo Michael Harner teve entre os Índios Conibo da Amazónia Peruana. Em 1960, o Museu Americano de História Natural enviou Harner numa expedição de um ano para estudar os Conibo e, enquanto lá, pedia aos nativos amazónicos que lhe falassem das suas crenças religiosas. Disseram-lhe que se realmente quisesse aprender, teria de tomar uma bebida sagrada xamânica feita a partir de uma planta alucinógena conhecida como *ayahuasca*, a "videira da alma". Ele concordou e depois de beber a mistura amarga teve uma experiência fora do corpo em que viajou a um nível de realidade povoada pelo que pareciam ser os deuses e demónios da mitologia dos Conibo. Ele viu demónios com cabeças de crocodilo sorridentes. Viu como uma "energia-essência" erguer-se do seu peito e flutuar em direção a um navio com cabeça de dragão, tripulado por figuras ao estilo egípcio com cabeças de gaio-azuis; e ele sentiu o que pensava ser o entorpecimento lento e progressivo da sua própria morte.

Mas a experiência mais dramática que teve durante a sua viagem espiritual foi um encontro com um grupo de seres alados, semelhantes a dragões, que emergiram da sua espinha dorsal. Depois de terem rastejado para fora do seu corpo, "projetaram" uma cena visual à sua frente, na qual lhe mostraram o que disseram ser a história "verdadeira" da terra. Através de uma espécie de "linguagem de pensamento", explicaram que eram

responsáveis tanto pela origem como pela evolução de toda a vida no planeta. De facto, residiam não só em seres humanos, mas em toda a vida, e tinham criado a multidão de formas vivas que povoam a Terra para se fornecerem de um esconderijo de algum inimigo não revelado no espaço exterior (Harner observa que embora os seres fossem quase como o ADN, na altura, 1961, ele não sabia nada de ADN).

Após esta concatenação de visões ter terminado, Harner procurou um xamã Conibo cego, conhecido pelos seus talentos paranormais, para lhe falar da experiência. O xamã, que tinha feito muitas excursões ao mundo espiritual, acenou ocasionalmente enquanto Harner relatava os acontecimentos que lhe tinham acontecido, mas quando contou ao velho homem sobre os seres semelhantes a dragões e a sua afirmação de que eram os verdadeiros mestres da terra, o xamã sorriu com divertimento. "Oh, estão sempre a dizer isso. Mas eles são apenas os mestres das trevas exteriores", corrigiu ele.

"Fiquei atordoado", diz Harner. "O que eu tinha experimentado já era familiar a este xamã descalço e cego. Conhecido pelas suas próprias explorações do mesmo mundo escondido em que eu me tinha aventurado". No entanto, este não foi o único choque que Harner recebeu. Ele também contou a sua experiência a dois missionários Cristãos que viviam perto, e ficou intrigado quando também eles pareciam saber do que ele estava a falar. Depois de ele ter terminado, disseram-lhe que algumas das suas descrições eram praticamente idênticas a certas passagens do Livro do Apocalipse, passagens que Harner, um ateu, nunca tinha lido. Assim, parece que o velho xamã Conibo talvez não tenha sido o único indivíduo a ter percorrido o mesmo terreno que Harner mais tarde percorreu de maneira mais vacilante. Algumas das visões e "viagens ao céu" descritas pelos profetas do Antigo e do Novo Testamento podem também ter sido viagens xamânicas para o reino interior.

Será possível que o que temos visto como folclore pitoresco e encantador, mas mitologia ingénua, sejam na realidade relatos sofisticados da cartografia dos níveis mais subtis da realidade? Kalweit acredita que a resposta é um enfático sim. "À luz das descobertas revolucionárias da investigação recente sobre a natureza de morrer e da morte, já não podemos olhar para as religiões tribais e as suas ideias sobre o Mundo dos Mortos como concepções limitadas", diz ele. "[Em vez disso] o xamã deve ser considerado um psicólogo mais atualizado e bem informado".

UM BRILHO ESPIRITUAL INEGÁVEL

Uma última prova da realidade da EQM é o efeito transformador que esta tem sobre aqueles que a experimentam. Os investigadores descobriram que os EQM passam quase sempre por uma profunda transformação pela sua viagem para o além. Tornam-se mais felizes, mais otimistas, mais fáceis e menos preocupados com os bens materiais. Mais

marcante ainda, a sua capacidade de amar expande-se enormemente. Os maridos distantes tornam-se subitamente guerreiros e afetuosos, os workaholics (viciados no trabalho) começam a relaxar e a dedicar tempo às suas famílias, e os introvertidos tornam-se extrovertidos. Estas mudanças são frequentemente tão dramáticas que as pessoas que conhecem os EQM observam frequentemente que ele ou ela se tornou uma pessoa completamente diferente. Há mesmo casos em que há registo de criminosos a reformar completamente os seus modos, e pregadores de fogo e enxofre a substituir a sua mensagem de condenação por uma mensagem de amor e compaixão incondicionais.

Os EQM também se tornam muito mais orientados espiritualmente. Eles voltam não só firmemente convencidos da imortalidade da alma humana, mas também com um sentido profundo e permanente de que o universo é compassivo e inteligente, e esta presença amorosa está sempre com eles. Como sempre, esta consciência não resulta necessariamente em que se tornem mais religiosos. Tal como Sri Aurobindo, muitos EQM sublinham a importância da distinção entre religião e espiritualidade, e afirmam que foi esta última que floresceu em maior plenitude nas suas vidas, e não a primeira. De facto, estudos mostram que, na sequência da sua experiência, os EQM demonstram uma maior abertura a ideias fora da sua própria origem religiosa, tais como a reencarnação e as religiões orientais.

Este alargamento de interesses estende-se frequentemente também a outras áreas. Por exemplo, os EQM desenvolvem frequentemente um fascínio acentuado pelos tipos de assuntos discutidos neste livro, em particular os fenómenos psíquicos e a nova física. Um EQM investigado por Ring, por exemplo, foi um condutor de equipamentos pesados que não demonstrou qualquer interesse em livros ou atividades académicas antes da sua experiência. Contudo, durante a sua EQM teve uma visão de conhecimento total, e embora não tenha conseguido recordar o conteúdo da visão após a sua recuperação, vários termos da física começaram a surgir-lhe na cabeça. Uma manhã, não muito depois da sua experiência, ele deixou escapar a palavra quantum. Mais tarde, anunciou de forma enigmática: "Max Planck - vais ouvir falar dele num futuro próximo", e à medida que o tempo continuou a passar, fragmentos de equações e símbolos matemáticos começaram a surgir nos seus pensamentos.

Nem ele nem a sua esposa sabiam o significado da palavra quantum, ou quem era Max Planck (amplamente visto como o pai fundador da física quântica) até o homem ir a uma biblioteca e procurar as palavras. Mas depois de descobrir que ele não falava de coisas sem sentido, começou a ler vorazmente, não só livros sobre física, mas também sobre parapsicologia, metafísica, e consciência superior; e até se matriculou na faculdade para se licenciar em física. A mulher do homem escreveu uma carta a Ring tentando descrever a transformação do seu marido:

Muitas vezes ele diz uma palavra que nunca ouviu antes na nossa realidade - pode ser uma palavra estrangeira de uma língua diferente - mas aprende-a... em relação à teoria da "luz"... Ele fala das coisas mais depressa do que a velocidade da luz e é difícil

para mim compreender... Quando [ele] pega num livro sobre física já sabe a resposta e parece sentir mais..

O homem também começou a desenvolver várias capacidades psíquicas após a sua experiência, o que não é invulgar entre os EQM. Em 1982 Bruce Greyson, psiquiatra da Universidade de Michigan e diretor de investigação da AIEQM (Associação Internacional para Estudos de Quase-Morte), deu a sessenta e nove EQM um questionário concebido para estudar esta questão, e descobriu que houve um aumento de praticamente todos os fenómenos psíquicos e relacionados com a psique que avaliou. Phyllis Atwater, uma dona de casa de Idaho que se tornou investigadora da EQM após a sua própria EQM transformadora, entrevistou dezenas de EQM e obteve resultados semelhantes. "Telepatia e dons de cura são comuns", afirma ela. "Assim como 'lembrar' o futuro. O tempo e o espaço param, e vive-se numa sequência futura em detalhe. Depois, quando o evento ocorre, você reconhece-o".

Moody acredita que as mudanças de identidade profundas e positivas a que tais indivíduos estão sujeitos é a prova mais convincente de que as EQM são na realidade viagens para algum nível espiritual da realidade. Ring concorda. "[No cerne da EQM] encontramos um brilho espiritual absoluto e inegável", diz ele. "Este núcleo espiritual é tão espantoso e esmagador que a pessoa é empurrada de uma vez e para sempre para um modo de ser inteiramente novo".

Os investigadores da EQM não são os únicos indivíduos que começam a aceitar a existência desta dimensão e a componente espiritual da raça humana. O Nobel Brian Josephson, ele próprio um meditador de longa data, está também convencido de que existem níveis mais subtis de realidade, níveis aos quais se pode aceder através da meditação e onde, muito possivelmente, se viaja após a morte.

Num simpósio de 1985 sobre a possibilidade de vida para além da morte biológica realizado na Universidade de Georgetown e convocado pelo senador Claiborne Pell dos EUA, o físico Paul Davies expressou uma abertura semelhante. "Estamos todos de acordo que, pelo menos no que diz respeito aos seres humanos, a mente é um produto da matéria, ou, mais precisamente, a mente encontra expressão através da matéria (especificamente o nosso cérebro). A lição do quantum é que a matéria só pode alcançar uma existência concreta e bem definida em conjunto com a mente. Claramente, se a mente é um padrão em vez de uma substância, então é capaz de muitas representações diferentes".

Até a psiconeuroimunologista Candace Pert, outra participante no simpósio, foi receptiva à ideia. "Penso que é importante perceber que a informação é armazenada no cérebro, e é concebível para mim que esta informação se possa transformar em algum outro reino. Para onde vai a informação após a destruição das moléculas (a massa) que a compõem? A matéria não pode ser criada nem destruída, e talvez o fluxo de informação

biológica não possa simplesmente desaparecer na morte e tenha de ser transformada noutra reino", diz ela.

Será possível que aquilo a que Bohm chamou o nível implícito da realidade seja na realidade o reino do espírito, a fonte do brilho espiritual que transfigurou os místicos de todas as idades? O próprio Bohm não rejeita a ideia. O domínio implícito "poderia igualmente ser chamado Idealismo, Espírito, Consciência", afirma ele com uma questão típica de factualidade. "A separação das duas - a matéria e o espírito - é uma abstração. O solo é sempre um só".

QUEM SÃO OS SERES DE LUZ?

Porque a maioria das observações acima foram feitas por físicos e não por teólogos, não se pode deixar de perguntar se talvez o interesse pela nova física demonstrado pelos EQM de Ring seja uma indicação de algo mais profundo. Se, como Bohm sugere, a física está a começar a fazer incursões em áreas que eram exclusivamente da província do místico, será possível que estas incursões já tenham sido antecipadas pelos seres que habitam o reino próximo da morte? É por isso que os EQM têm uma fome insaciável por tal conhecimento? Estarão eles, e por procuração o resto da raça humana, a serem preparados para alguma confluência vindoura entre a ciência e o espiritual?

Exploraremos esta possibilidade um pouco mais tarde. Em primeiro lugar, deve ser feita outra pergunta. Se a existência desta dimensão superior já não está em causa, então quais são os seus parâmetros? Mais especificamente, quem são os seres que a habitam, e como é a sua sociedade, atrevemo-nos a dizer, a sua civilização?

Estas são, evidentemente, perguntas difíceis de responder. Quando Whitton tentou descobrir a identidade dos seres que aconselharam as pessoas no estado entre-vidas, ele achou a resposta evasiva. "A impressão que os meus súbditos deram - os que podiam responder à pergunta - foi que estas eram entidades que tinham completado o seu ciclo de encarnações aqui", diz ele.

Após centenas de viagens ao reino interior, e após entrevistar dezenas de outros talentosos colegas EFC sobre o assunto, Monroe também voltou de mãos vazias. "Sejam eles quem forem, [estes seres] têm a capacidade de irradiar um calor de simpatia que evoca total confiança", observa ele. "Perceber os nossos pensamentos é absurdamente fácil para [eles]" e "toda a história da humanidade e da terra está à sua disposição no mais ínfimo pormenor". Mas Monroe também confessa ignorância quando se trata da identidade última destas entidades não físicas, salvo que a sua primeira ordem de trabalhos parece ser "totalmente solícita quanto ao bem-estar dos seres humanos a quem estão associados".

Não se pode dizer *muito mais* sobre as civilizações destes reinos subtis, exceto que indivíduos que são suficientemente privilegiados para os visitar universalmente relatam ver muitas cidades vastas e celestialmente belas lá. Pessoas que passaram por uma EQM, adeptos do yoga, e xamãs usando *ayahuasca* - todos descrevem estas misteriosas metrópoles com notável consistência. Os Sufis do século XII estavam tão familiarizados com elas que até deram nomes a várias delas.

A característica mais notória destas grandes cidades é que são brilhantemente luminosas. São também frequentemente descritas como estrangeiras na arquitetura, e tão sublimemente belas que, como todas as outras características destas dimensões, as palavras não conseguem transmitir a sua grandeza. Ao descrever uma dessas cidades, Swedenborg disse que era um lugar "de estilo arquitetônico espantoso, tão belo que se pode dizer que esta é a casa e a fonte da própria arte".

As pessoas que visitam estas cidades também afirmam frequentemente que têm um número invulgar de escolas e outros edifícios associados à busca de conhecimento. A maioria dos sujeitos de Whitton recordou ter passado pelo menos algum tempo a trabalhar em vastos salões de aprendizagem equipados com bibliotecas e salas de seminários enquanto se encontravam no estado entre-vidas. Muitos EQM também relatam ter sido mostradas "escolas", "bibliotecas" e "instituições de ensino superior" durante as suas experiências. E pode-se mesmo encontrar referências a grandes cidades dedicadas à aprendizagem e acessíveis apenas através de viagens "às profundezas ocultas da mente" em textos tibetanos do século XI. Edwin Bernbaum, um estudioso de sânscrito da Universidade da Califórnia em Berkeley, acredita que o romance de James Hilton *Lost Horizon (Horizonte Perdido)*, no qual criou a comunidade fictícia de Shangri-La, foi na realidade inspirado por uma destas lendas tibetanas.*

O único problema é que num reino imaginário tais descrições não significam muito. Nunca se pode ter a certeza se as espetaculares estruturas arquitetônicas que os EQM encontram são realidades ou apenas fantasmas alegóricos. Por exemplo, tanto Moody como Ring relataram casos em que os EQM disseram que os edifícios de ensino superior que visitaram não foram apenas dedicados ao conhecimento, mas foram literalmente *construídos* a partir do conhecimento. Esta curiosa escolha de palavras sugere que talvez as

* Ao longo dos meus anos de liceu e faculdade tive sonhos vívidos e frequentes de frequentar aulas sobre temas espirituais numa universidade estranhamente bela, num local sublime e de outro mundo. Estes não eram sonhos de ansiedade sobre ir à escola, mas sonhos voadores incrivelmente agradáveis nos quais eu flutuava sem peso para palestras sobre o campo da energia humana e da reencarnação. Durante estes sonhos encontrei por vezes pessoas que conheci nesta vida, mas que tinham morrido, e mesmo pessoas que se identificavam como almas prestes a renascer. Curiosamente, conheci vários outros indivíduos, geralmente pessoas com capacidades psíquicas mais do que normais, que também tiveram estes sonhos (um deles, um talentoso clarividente do Texas chamado Jim Gordon, ficou tão perplexo com a experiência, que muitas vezes perguntou à sua mãe perplexa por que tinha de ir à escola duas vezes, uma durante o dia com todas as outras crianças, e outra à noite enquanto dormia). É relevante mencionar aqui que Monroe e numerosos outros investigadores de EFC acreditam que os sonhos voadores são na realidade apenas EQM mal lembrados, fazendo-me pensar se talvez alguns de nós, pelo menos, estejam a visitar estas escolas incorpóreas mesmo enquanto estamos vivos. Se alguém que leia este livro também tiver tido tais experiências, eu estaria muito interessado em ouvir falar sobre elas.

visitas a estes edifícios sejam na realidade encontros com algo tão além da concepção humana - talvez uma nuvem viva dinâmica de conhecimento puro, ou no que a informação se torna, como Pert coloca, depois de ter sido *transformada noutra reino* - que traduzi-la num holograma de um edifício ou biblioteca é a única forma de a mente humana a poder processar.

O mesmo acontece com os seres que se encontram nas dimensões mais subtis. Nunca podemos saber apenas pela sua aparência o que realmente são. Por exemplo, George Russell, um conhecido vidente Irlandês do virar do século e um extraordinariamente talentoso EFC, encontrou muitos "seres de luz" durante aquilo a que chamou as suas viagens ao "mundo interior". Quando lhe pediram uma vez durante uma entrevista para descrever como eram estes seres, ele afirmou:

O primeiro destes que vi lembro-me muito claramente, e da forma como aparentava: havia inicialmente um deslumbramento de luz, e depois vi que isto vinha do coração de uma figura alta com um corpo aparentemente moldado a partir de ar semitransparente ou opalino, e por todo o corpo corria um fogo radiante e elétrico, para o qual o coração parecia o centro. À volta da cabeça deste ser e através do seu cabelo luminoso ondulante, que era soprado em todo o corpo como fios vivos de ouro, surgiram auras de asa flamejante. Do próprio ser, a luz parecia fluir para fora em todas as direções; e o efeito deixado em mim após a visão foi de uma extraordinária leveza, alegria, ou êxtase.

Por outro lado, Monroe afirma que uma vez na presença de uma destas entidades não físicas durante algum tempo, descarta a sua aparência e não percebe nada, embora continue a sentir "a radiação que é a entidade". Mais uma vez a questão pode ser colocada: Quando um viajante para as dimensões interiores encontra um ser de luz, será isso uma realidade ou apenas um fantasma alegórico? A resposta é, evidentemente, que é um pouco de ambos, pois num universo holográfico *todas* as aparências são ilusões, imagens holográficas construídas pela interação da consciência presente, mas ilusões baseadas, como diz Pribram, em algo que está lá. Tais são os dilemas que se enfrentam num universo que nos aparece de forma explícita mas que tem sempre a sua fonte em algo inefável, no implícito.

Podemos ter coragem no facto de que as imagens holográficas que as nossas mentes constroem no reino pós-vida parecem ter pelo menos alguma relação com o que existe. Quando encontramos uma nuvem desencarnada de puro conhecimento, convertemo-la numa escola ou biblioteca. Quando um EQM conhece uma mulher com quem teve uma relação de amor/ódio, vê-a como metade rosa, metade cobra, um símbolo que ainda transmite a quintessência do seu carácter; e quando os viajantes nos reinos mais subtis encontram ajuda, na forma de consciências não físicas, vêem-nas como seres luminosos e angélicos.

Quanto à identidade última destes seres, podemos deduzir do seu comportamento que são mais velhos, mais sábios e possuem alguma ligação profunda e amorosa com a espécie humana, mas para além disto a questão permanece sem resposta quanto a serem deuses, anjos, almas de seres humanos que acabaram de reencarnar, ou algo que está completamente para além da compreensão humana. Especular mais seria presunçoso na medida em que não só estaria a abordar uma questão que milhares de anos de história humana não conseguiram resolver, como também ignoraria o aviso de Sri Aurobindo contra a transformação de entendimentos espirituais em entendimentos religiosos. À medida que a ciência for recolhendo mais provas, a resposta tornar-se-á certamente mais clara, mas até lá, a questão de quem e o que são estes seres permanece em aberto.

O UNIVERSO OMNIJETIVO

O além não é o único reino em que encontramos aparições semelhantes a hologramas esculpidas pelas nossas crenças. Parece que, por vezes, podemos até ter tais experiências ao nosso nível de existência. Por exemplo, o filósofo Michael Grosso acredita que as aparições milagrosas da Virgem Maria também podem ser projeções hologramáticas criadas pelas crenças coletivas da raça humana. Uma visão "Mariana" de sabor especialmente holográfico é a conhecida aparição da Virgem em Knock, Irlanda, em 1879. Nessa ocasião, catorze pessoas viram três figuras brilhantes e estranhamente imóveis, compostas por Maria, José e São João Evangelista (identificado porque se assemelhava muito a uma estátua do santo numa aldeia próxima), de pé num prado junto à igreja local. Estas figuras brilhantes e luminosas eram tão reais que quando as testemunhas se aproximavam, podiam até ler as letras de um livro que São João estava a segurar. Mas quando uma das mulheres presentes tentou abraçar a Virgem, os seus braços fecharam-se no ar vazio. "As figuras pareciam tão cheias e realistas que eu não conseguia compreender por que é que as minhas mãos não conseguiam sentir o que era tão simples e distinto à minha vista", escreveu a mulher mais tarde.

Outra visão mariana impressionantemente holográfica é a igualmente famosa aparição da Virgem em Zeitoun, Egipto. Os avistamentos começaram em 1968 quando dois mecânicos de automóveis muçulmanos viram uma aparição luminosa de Maria de pé no parapeito da cúpula central de uma igreja copta no subúrbio pobre do Cairo. Durante os três anos seguintes, imagens tridimensionais brilhantes de Maria, José e do Menino Jesus apareceram semanalmente sobre a igreja, por vezes pairando no ar durante até seis horas.

Ao contrário das figuras de Knock, as aparições de Zeitoun movimentaram-se e acenaram às multidões de pessoas que se reuniam regularmente para as ver. No entanto, também elas tinham muitos aspetos holográficos. A sua aparência foi sempre anunciada por um brilhante clarão de luz. Tal como os hologramas que se deslocavam dos seus aspetos de frequência e lentamente se aproximavam, no início eram amorfos e lentamente coalescidos

na forma humana. Eram frequentemente acompanhadas por pombas "formadas de luz pura" que subiam por grandes distâncias sobre a multidão, mas nunca batiam as asas. Acima de tudo, após três anos de manifestações e à medida que o interesse pelo fenômeno começou a diminuir, as figuras de Zeitoun também diminuíram, tornando-se cada vez mais nebulosas até que, nas suas últimas aparições, eram pouco mais do que nuvens de nevoeiro luminoso. No entanto, durante o seu pico, as figuras foram vistas literalmente por centenas de milhares de testemunhas e foram amplamente fotografadas. "Entrevistei um grande número destas pessoas, e quando as ouvimos falar do que viram não nos conseguimos livrar da sensação de que estão a descrever algum tipo de projeção holográfica", diz Grosso.

No seu livro de reflexão *The Final Choice (A Escolha Final)*, Grosso diz que depois de estudar as provas está convencido de que tais visões não são aparições da Maria histórica, mas sim projeções holográficas psíquicas criadas pelo inconsciente coletivo. Curiosamente, nem todas as aparições marianas são silenciosas. Algumas, como as manifestações em Fátima e Lourdes, falam, e quando fazem a sua mensagem é invariavelmente um aviso de apocalipse iminente se nós mortais não remendarmos os nossos caminhos. Grosso interpreta isto como prova de que o inconsciente coletivo humano está profundamente perturbado pelo impacto violento que a ciência moderna tem tido na vida humana e na ecologia da terra. Os nossos sonhos coletivos estão, na sua essência, a avisar-nos da possibilidade da nossa própria autodestruição.

Outros também concordaram que a crença em Maria é a força motivadora que faz com que estas projeções se formem. Por exemplo, Rogo assinala que em 1925, enquanto a igreja copta que se tornou o local das manifestações de Zeitoun estava a ser construída, o filantropo responsável pela sua construção tinha um sonho em que a Virgem lhe dizia que iria aparecer na igreja assim que esta estivesse concluída. Ela não apareceu no momento prescrito, mas a profecia era bem conhecida na comunidade. Assim "*existia uma tradição de quarenta anos, segundo a qual uma visita mariana acabaria por ter lugar na igreja*", diz Rogo. "Estas preocupações podem ter gradualmente construído um 'plano' psíquico da Virgem dentro da própria igreja, ou seja, uma piscina cada vez maior de energia psíquica criada pelos pensamentos dos Zeitúnios que em 1968 se tornaram tão elevados que uma imagem da Virgem Maria irrompeu na realidade física! Em escritos anteriores, eu também ofereci uma explicação semelhante das visões marianas.

Há provas de que alguns OVNI's também podem ser algum tipo de fenômeno holográfico. Quando as pessoas começaram a relatar avistamentos do que pareciam ser naves espaciais de outros planetas no final dos anos 40, investigadores que se aprofundaram o suficiente nos relatórios para perceberem que pelo menos alguns deles tinham de ser levados a sério presumiram que eram exatamente o que pareciam ser - vislumbres de naves guiadas inteligentemente de civilizações mais avançadas e provavelmente extraterrestres. Contudo, à medida que os encontros com OVNI's se tornam mais generalizados - especialmente os que envolvem contato com ocupantes de OVNI's - e que os dados se

acumulam, torna-se cada vez mais evidente para muitos investigadores que estas chamadas naves espaciais não são de origem extraterrestre.

Algumas das características do fenómeno que indicam que não são extraterrestres incluem o seguinte: Primeiro, há demasiados avistamentos; literalmente, foram documentados milhares de encontros com OVNI's e os seus ocupantes, tantos que é difícil acreditar que todos eles possam ser visitas reais de outros planetas. Segundo, os ocupantes de OVNI's frequentemente não possuem traços que se esperaria numa forma de vida verdadeiramente extraterrestre; demasiados deles são descritos como seres humanoides que respiram o nosso ar, não mostram medo de contrair vírus terrestres, estão bem adaptados à gravidade da Terra e às emissões eletromagnéticas do Sol, exibem emoções reconhecíveis nos seus rostos, e falam a nossa língua - todos eles são traços possíveis mas improváveis de visitantes verdadeiramente extraterrestres.

Terceiro, eles não se comportam como visitantes extraterrestres. Em vez de fazerem a proverbial aterragem no relvado da Casa Branca, aparecem aos agricultores e aos automobilistas encaçados. Perseguem os jatos mas não atacam. Eles voam pelo céu permitindo que dezenas e por vezes centenas de testemunhas os vejam, mas não mostram interesse em fazer qualquer contato formal. E muitas vezes, quando contatam indivíduos, o seu comportamento ainda parece ilógico. Por exemplo, um dos tipos de contato mais frequentemente relatados é aquele que envolve algum tipo de exame médico. E, no entanto, uma civilização que possui a capacidade tecnológica de viajar por vias quase incompreensíveis do espaço exterior possuiria certamente os meios científicos para obter tais informações sem qualquer contato físico ou, no mínimo, sem ter de raptar as dezenas de pessoas que parecem ser vítimas legítimas deste misterioso fenómeno.

Finalmente, e o mais curioso de tudo, os OVNI's nem sequer se comportam como os objetos físicos. Foram observados em ecrãs de radar a fazerem curvas instantâneas em ângulos de noventa graus enquanto viajavam a velocidades enormes - uma loucura que rasgaria um objeto físico. Podem mudar de tamanho, desaparecer instantaneamente no nada, aparecer do nada, mudar de cor, e até mudar de forma (características que também são exibidas pelos seus ocupantes). Em suma, o seu comportamento não é de todo o que se esperaria de um objeto físico, mas de algo bastante diferente, algo com o qual nos tornámos mais do que um pouco familiar neste livro. Como o astrofísico Dr. Jacques Vallée, um dos mais respeitados investigadores de OVNI's do mundo e modelo para a personagem LaCombe no filme *Close Encounters of the Third Kind (Contatos Imediatos de Terceiro Grau)*, afirmou recentemente, "É o comportamento de uma imagem, ou de uma projeção holográfica".

À medida que as qualidades não-físicas e holográficas dos OVNI's se tornam cada vez mais evidentes para os investigadores, alguns concluíram que, em vez de serem de outros sistemas estelares, os OVNI's são na realidade visitantes de outras dimensões, ou níveis de realidade (é importante notar que nem todos os investigadores concordam com este ponto de vista, e alguns continuam convencidos de que os OVNI's são de origem extraterrestre).

Contudo, esta explicação ainda não explica adequadamente muitos dos outros aspetos bizarros do fenómeno, tais como a razão pela qual os OVNI's não estão a fazer contato formal, a razão pela qual eles são tão absurdos, e assim por diante.

De facto, a inadequação da explicação *extradimensional*, pelo menos nos termos em que foi inicialmente formulada, só se torna mais gritante à medida que outros aspetos ainda incomuns do fenómeno OVNI entram em foco. Um dos aspetos mais desconcertantes é a crescente evidência de que os encontros com OVNI's são menos objetivos e mais subjetivos, ou psicológicos. Por exemplo, a conhecida "viagem interrompida" de Betty e Barney Hill, um dos casos de rapto de OVNI's mais exaustivamente documentados nos registos, parece ser um verdadeiro contato alienígena de todas as formas exceto uma: o comandante do OVNI estava vestido com um uniforme Nazi, um facto que não faz sentido se os raptos de Hills fossem verdadeiramente visitantes de uma civilização alienígena, mas faz se o evento fosse de natureza psicológica e mais parecido com um sonho ou alucinação, experiências que frequentemente contêm símbolos óbvios e falhas desconcertantes na lógica.

Outros encontros de OVNI's são ainda mais surrealistas e oníricos, e na literatura pode-se encontrar casos em que entidades OVNI's cantam canções absurdas ou atiram objetos estranhos (como batatas) a testemunhas; casos que começam como raptos simples a bordo de naves espaciais mas acabam como viagens alucinógenas através de uma série de realidades dantescas; e casos em que alienígenas humanoides se transformam em pássaros, insetos gigantes, e outras criaturas fantasmagóricas.

Já em 1959, e mesmo antes de grande parte desta evidência estar presente, a componente psicológica e arquetípica do fenómeno OVNI inspirou Carl Jung a propor que os "discos voadores" eram na realidade um produto do inconsciente humano coletivo e uma espécie de mito moderno em construção. Em 1969, e à medida que a dimensão mítica das experiências de OVNI's se tornou ainda mais clara, Vallée levou a observação um passo mais longe. No seu livro de referência *Passport to Magonia (Passaporte para Magónia)*, assinala que, longe de ser um fenómeno novo, os OVNI's parecem na realidade ser um fenómeno muito antigo com um novo disfarce e muito parecido com várias tradições folclóricas, desde descrições de elfos e gnomos em países europeus a relatos medievais de anjos até aos seres sobrenaturais desertados em Lendas Americanas.

O comportamento absurdo das entidades dos OVNI's é o mesmo que o comportamento malicioso dos duendes e das fadas nas lendas celtas, dos deuses nórdicos, e das figuras trapaceiras entre os Nativos Americanos, diz Vallée. Quando despojados dos seus arquétipos subjacentes, todos estes fenómenos fazem parte da mesma vastidão, algo pulsante, algo que muda a sua aparência para se adequar à cultura e período de tempo em que se manifesta, mas que tem estado com a raça humana há muito, muito tempo. O que é esse algo? Em *Passaporte para Magónia* Vallée não dá uma resposta substantiva e diz apenas que parece ser inteligente, intemporal, e ser o fenómeno no qual todos os mitos se baseiam.

O que são, então, OVNIIS e fenômenos relacionados? Em *Passaporte para Magónia* Vallée diz que não podemos descartar a possibilidade de eles serem a expressão de alguma inteligência não humana extraordinariamente avançada, uma inteligência tão além de nós que a sua lógica nos parece apenas como absurda. Mas se isto for verdade, como explicar as conclusões dos especialistas em mitologia de Mircea Eliade a Joseph Campbell de que os mitos são uma expressão orgânica e necessária da raça humana, um subproduto humano inevitável como a linguagem e a arte? Podemos realmente aceitar que a psique humana coletiva é tão estéril e ingênua que desenvolveu mitos apenas como resposta a outra inteligência?

E ainda, se os OVNIIS e fenômenos relacionados são meras projeções psíquicas, como explicar os traços físicos que deixam para trás, os círculos queimados e as impressões profundas encontradas nos locais de aterragem, as marcas inconfundíveis que fazem nos ecrãs de radar, e as cicatrizes e marcas de incisão que deixam nas pessoas em quem efetuam os seus exames médicos? Num artigo publicado em 1976, propus que tais fenômenos são difíceis de categorizar porque estamos a tentar martelá-los numa imagem da realidade que é fundamentalmente incorreta. Dado que a física quântica nos mostrou que a mente e a matéria estão inextricavelmente ligadas, sugeri que os OVNIIS e fenômenos afins são mais uma prova desta última ausência de divisão entre o mundo psicológico e físico. Eles são de facto um produto da psique humana coletiva, *mas são também bastante reais*. Por outras palavras, são algo que a raça humana ainda não aprendeu a compreender corretamente, um fenómeno que não é nem subjetivo nem objetivo, mas "omnijetivo" um termo que cunhei para se referir a este estado invulgar de existência (não tinha conhecimento na altura que Corbin já tinha cunhado o termo *imaginal* para descrever o mesmo estado impreciso da realidade, apenas no contexto das experiências místicas dos Sufis).

Este ponto de vista tem-se tornado cada vez mais prevaecente entre os investigadores. Num artigo recente, Ring argumenta que os encontros com OVNIIS são experiências imaginárias e são semelhantes não só aos confrontos com o mundo real, mas também com a experiência de indivíduos tratados pela mente durante as EQM, mas também com as realidades míticas que os xamãs encontram durante as viagens através das dimensões mais subtis. São, em suma, mais uma prova de que a realidade é um holograma de várias camadas e gerado pela mente.

"Estou a descobrir que sou cada vez mais atraído por pontos de vista que me permitem não só reconhecer e honrar a realidade destas diferentes experiências, mas também ver as ligações entre reinos que, na sua maioria, têm sido estudados por diferentes categorias de estudiosos", afirma Ring. "O xamanismo tende a ser atirado para a antropologia. Os OVNIIS tendem a ser atirados para qualquer ufologia. As EQM são estudadas por parapsicólogos e pessoas medianas. E Stan Grof estuda experiências psicadélicas a partir de uma perspetiva psicológica transpessoal. Penso que há boas razões para esperar que o imaginário possa ser, e o holográfico ainda possa vir a ser, perspetivas que possam permitir ver não as

identidades, mas as ligações e os pontos comuns entre estes diferentes tipos de experiências". Tão convencido está Ring da relação profunda entre estes fenómenos a princípio aparentemente díspares que recentemente obteve um subsídio para fazer um estudo comparativo sobre pessoas que tiveram encontros com OVNI's e pessoas que tiveram EQM.

O Dr. Peter M. Rojcewicz, um folclorista da Escola Juilliard em Nova Iorque, concluiu também que os OVNI's são omnijetivos. De facto, ele acredita que chegou a altura de os folcloristas perceberem que provavelmente todos os fenómenos discutidos por Vallée no *Passaporte para Magónia* são tão reais como são simbólicos de processos profundos na psique humana. "Existe um continuum de experiências onde a realidade e a imaginação fluem impercetivelmente umas para as outras", afirma ele. Rojcewicz reconhece que este continuum é mais uma prova da unidade bohmiana de todas as coisas e sente que, à luz da evidência de que tais fenómenos são imaginários/omnijetivos, já não é defensável que os folcloristas os tratem simplesmente como crenças.

Numerosos outros investigadores, incluindo Vallée, Grosso, e Whitley Strieber, autor do livro mais vendido *Communion (Comunhão)* e uma das mais famosas e articuladas vítimas de um rapto de OVNI's, também reconheceram a natureza aparentemente omnijetiva do fenómeno. Como Strieber afirma, os encontros com seres dos OVNI's "podem ser a nossa primeira verdadeira descoberta quântica no mundo em grande escala": O próprio ato de o observar pode estar a criá-lo como uma realidade concreta, com sentido, definição, e uma consciência própria".

Em suma, há um consenso crescente entre os investigadores sobre este fenómeno misterioso de que o imaginário não está confinado ao reino da vida após a morte, mas que se derramou na solidez aparente do nosso mundo de bastões e pedras. Já não confinados às visões dos xamãs, os velhos deuses navegaram com as suas cascas celestiais até à porta da geração dos computadores, apenas em vez de naves com cabeça de dragão as suas naves são naves espaciais, e trocaram as suas cabeças de gaio-azuis por capacetes espaciais. Talvez já devêssemos ter antecipado este transbordo há muito tempo, esta fusão da Terra dos Mortos com o nosso próprio reino, pois como Orfeu, o poeta-músico da mitologia grega, uma vez alertou, "As portas de Plutão não devem ser abertas, no seu interior está um povo de sonhos".

Por muito significativa que seja esta perceção - que o universo não é objetivo mas omnijetivo, que logo além dos limites de nossa própria vizinhança segura existe uma vasta alteridade, uma paisagem numinosa (mais propriamente uma paisagem mental) tanto uma parte da nossa própria psique quanto ela é terra incógnita - ainda não lança luz sobre o mistério mais profundo de todos. Como Carl Raschke, membro da faculdade do Departamento de Estudos Religiosos da Universidade de Denver, observa: "No cosmos omnijetivo, onde os OVNI's têm o seu lugar ao lado de quasares e salamandras, a questão do estatuto verídico, ou alucinatório, de aparições circulares brilhantes, torna-se discutível. O

problema não é se eles existem, ou em que sentido existem, mas que objetivo último servem".

Por outras palavras, qual é a identidade final destes seres? Mais uma vez, tal como acontece com as entidades encontradas no reino próximo da morte, não há respostas claras. Num extremo do espectro, investigadores como Ring e Grosso inclinam-se para a ideia de que, apesar dos seus impactos no mundo da matéria, eles são mais projeção psíquica do que inteligência não humana. Grosso, por exemplo, pensa que, tal como as visões Marianas, eles são mais uma prova de que a psique da raça humana está em estado de agitação. Como ele afirma, "OVNIS e outros fenómenos extraordinários são manifestações de uma perturbação no inconsciente coletivo da espécie humana".

No outro extremo do espectro estão os investigadores que sustentam que, apesar das suas características arquetípicas, os OVNI's são mais inteligência alienígena do que projeção psíquica. Por exemplo, Raschke acredita que os OVNI's são "uma materialização holográfica a partir de uma dimensão conjugada do universo" e que esta interpretação "certamente deve ter precedência sobre a hipótese da projeção psíquica, que se desdobra quando se examina cuidadosamente as características espantosas, vívidas, complexas e consistentes dos 'alienígenas' e das suas 'naves espaciais' descritas pelos sequestrados".

Vallée também está neste campo: "Creio que o fenómeno OVNI é uma das formas através das quais uma forma alienígena de inteligência de incrível complexidade está a comunicar *simbolicamente* connosco. Não há qualquer indicação de que seja extraterrestre. Em vez disso, há provas crescentes de que ele... [vem de] *outras dimensões para além do tempo espacial*; de um multiverso que está à nossa volta, e do qual nos temos teimosamente recusado a considerar, apesar das provas de que dispomos há séculos".

Quanto aos meus próprios sentimentos, acredito que provavelmente nenhuma explicação pode explicar todos os vários aspetos do fenómeno dos OVNI's. Dada a aparente vastidão dos níveis mais subtis da realidade, é fácil para mim acreditar que existem sem dúvida inúmeras espécies não-físicas nos reinos vibratórios superiores. Embora a abundância de avistamentos de OVNI's possa pressagiar o seu carácter extraterrestre - dado o obstáculo colocado pelas imensas distâncias interestelares que separam a Terra das outras estrelas da galáxia - num universo holográfico, um universo no qual pode haver uma infinidade de realidades a ocuparem o mesmo espaço que o nosso próprio mundo, deixa de ser não apenas um obstáculo, mas pode, de facto, ser uma prova de quão insondavelmente abundante é o superholograma com vida inteligente.

A verdade é que simplesmente não temos a informação necessária para avaliar quantas espécies não-físicas estão a partilhar o nosso próprio espaço. Embora o cosmos físico possa vir a ser um Saara ecológico, as extensões espaciais e intemporais do cosmos interior podem ser tão ricas em vida como a floresta tropical e o recife de coral. Afinal, a investigação sobre as EQM e as experiências xamânicas têm-nos levado até agora apenas

para dentro das fronteiras deste reino envolto em nuvens. Ainda não sabemos qual a dimensão dos seus continentes ou quantos oceanos e cadeias montanhosas contêm.

E se estamos a ser visitados por seres que são tão insubstanciais e plásticos na forma como os corpos em que os EFC se encontram depois de terem exteriorizado, não é de todo surpreendente que possam aparecer numa multidão de formas camaleónicas. De facto, a sua aparência real pode estar tão além da nossa compreensão que podem ser as nossas próprias mentes holograficamente organizadas que lhes dão estas formas. Tal como convertemos os seres de luz encontrados durante as EQM em personagens históricos religiosos, e nuvens de pura informação em bibliotecas e instituições de aprendizagem, as nossas mentes podem também estar a esculpir a aparência exterior do fenómeno OVNI.

É interessante notar que se for este o caso, significa que a verdadeira realidade destes seres é aparentemente tão transmudana e estranha que temos de sondar as regiões mais profundas das nossas memórias populares e do inconsciente mitológico para encontrar os símbolos necessários para lhes dar forma. Significa também que temos de ser extremamente cuidadosos na interpretação das suas ações. Por exemplo, os exames médicos que são a peça central de tantos raptos de OVNI's podem ser apenas uma representação simbólica do que se passa. Em vez de sondarmos os nossos corpos físicos, estas inteligências não-físicas podem na realidade estar a sondar alguma parte de nós para a qual não temos atualmente rótulos, talvez a anatomia subtil dos nossos eus energéticos ou mesmo das nossas próprias almas. Tais são os problemas que se enfrentam se o fenómeno for de facto uma manifestação omnijetiva de uma inteligência não humana.

Por outro lado, se é possível que a fé dos cidadãos de Knock e Zeitoun faça aglutinar as imagens luminosas da Virgem, que as mentes dos físicos se misturem com a realidade do neutrino, e que iogues como Sai Baba materializem objetos físicos a partir do ar, só nos resta raciocinar que também nos encontraríamos inundados de projeções holográficas das nossas crenças e mitologias. Pelo menos algumas experiências anómalas podem enquadrar-se nesta categoria.

Por exemplo, a história diz-nos que Constantino e os seus soldados viram uma enorme cruz flamejante no céu, um fenómeno que parece não ser mais do que uma exteriorização psíquica das emoções que o exército responsável por nada menos do que a Cristianização do mundo pagão estava a sentir na véspera da sua empreitada histórica. A bem conhecida manifestação dos Anjos de Mons, na qual centenas de soldados britânicos da Primeira Guerra Mundial assistiram a uma imensa aparição de São Jorge e de um esquadrão de anjos no céu enquanto combatiam o que no início era uma batalha perdida na frente, em Mons, Bélgica, também parece enquadrar-se na categoria de projeção psíquica.

É claro para mim que aquilo a que chamamos OVNI e outras experiências folclóricas são realmente uma vasta gama de fenómenos e provavelmente em conluio com todos os anteriores. Também há muito que sou de opinião que estas duas explicações não são

mutuamente exclusivas. Pode ser que a cruz flamejante de Constantino tenha sido também uma manifestação de uma inteligência extradimensional. Por outras palavras, quando as nossas crenças e emoções coletivas se tornam suficientemente agudas para criar uma projeção psíquica, talvez o que realmente estamos a fazer seja abrir uma porta entre este mundo e o próximo. Talvez a única altura em que estas inteligências podem aparecer e interagir connosco seja quando as nossas próprias crenças potentes criam uma espécie de nicho psíquico para eles.

Outro conceito da nova física pode ser relevante aqui. Depois de reconhecermos que a consciência é o agente que permite que uma partícula subatômica como um eletrão surja, não devemos, portanto, saltar à conclusão de que somos os únicos agentes neste processo criativo, adverte o físico da Universidade do Texas, John Wheeler. Estamos a criar partículas subatômicas e, conseqüentemente, todo o universo, diz Wheeler, mas eles também nos estão a criar a nós. Cada um cria o outro no que ele chama uma "cosmologia de autorreferência". Vistos sob esta luz, as entidades OVNI's podem muito bem ser arquétipos do inconsciente coletivo da raça humana, mas nós também podemos ser arquétipos no seu inconsciente coletivo. Podemos ser tão parte dos seus processos psíquicos profundos como eles são dos nossos. Strieber também fez eco deste ponto e diz que o universo dos seres que o raptaram e o nosso estão "a girar uns aos outros", num ato de comunhão cósmica.

O espectro de acontecimentos que estamos a introduzir na ampla categoria de encontros de OVNI's pode também incluir fenómenos com os quais ainda nem sequer estamos familiarizados. Por exemplo, os investigadores que acreditam que o fenómeno é algum tipo de projeção psíquica assumem invariavelmente que se trata de uma projeção da mente humana coletiva. No entanto, como vimos neste livro, num universo holográfico já não se pode ver a consciência como confinada apenas ao cérebro. O facto de Carol Dryer ter sido capaz de comunicar com o meu baço e dizer-me que estava perturbado porque eu tinha gritado com ele indica que outros órgãos do nosso corpo também possuem as suas próprias formas únicas de mentalidade. Psiconeuroimunologistas dizem o mesmo sobre as células do nosso sistema imunitário, e segundo Bohm e outros físicos, mesmo as partículas subatômicas possuem esta característica. Por mais estranho que pareça, alguns aspetos dos OVNI's e fenómenos relacionados podem ser projeções destas mentalidades coletivas. Certas características do encontro de Michael Harner com os seres semelhantes a dragões sugerem certamente que ele estava a confrontar-se com uma espécie de manifestação visual da inteligência da molécula de ADN. Nesta mesma linha, Strieber sugeriu a possibilidade de os seres OVNI's serem o que "a força da evolução se parece quando é aplicada a uma mente consciente". Devemos permanecer abertos a todas estas possibilidades. Num universo que é consciente até às suas profundezas, animais, plantas, mesmo a própria matéria, podem estar todos a participar na criação destes fenómenos.

Uma coisa que sabemos é que num universo holográfico, um universo em que a separatividade deixa de existir e os processos mais íntimos da psique podem transbordar e

tornar-se tanto parte da paisagem objetiva como as flores e as árvores, a própria realidade torna-se pouco mais do que um sonho partilhado em massa. Nas dimensões mais elevadas da existência, estes aspetos semelhantes a sonhos tornam-se ainda mais aparentes, e de facto inúmeras tradições comentaram este facto. O Livro Tibetano dos Mortos enfatiza repetidamente a natureza onírica do reino pós-vida, e é também, evidentemente, por isso que os aborígenes Australianos se referem a ele como o tempo do sonho. Uma vez aceite esta noção, de que a realidade a todos os níveis é omnijetiva e tem o mesmo estatuto ontológico que um sonho, a questão torna-se: De quem é o sonho?

Das tradições religiosas e mitológicas que abordam esta questão, a maioria dá a mesma resposta: É o sonho de uma única inteligência divina, de Deus. Os Vedas Hindus e os textos iogues afirmam repetidamente que o universo é o sonho de Deus. No Cristianismo o sentimento é resumido no ditado muitas vezes repetido, "somos todos pensamentos na mente de Deus", ou como disse o poeta Keats, somos todos parte do "longo sonho imortal" de Deus.

Mas estaremos a ser sonhados por uma única inteligência divina, por Deus, ou estaremos a ser sonhados pela consciência coletiva de todas as coisas - por todos os eletrões, partículas Z, borboletas, estrelas de neutrões, pepinos do mar, inteligências humanas e não humanas no universo? Também aqui colidimos de cabeça com as barras das nossas próprias limitações conceptuais, pois num universo holográfico esta questão não tem sentido. Não podemos perguntar se a parte está a criar o todo, ou se o todo está a criar a parte *porque a parte é o todo*. Assim, quer chamemos à consciência coletiva de todas as coisas "Deus", ou simplesmente "a consciência de todas as coisas", isso não muda a situação. O universo é sustentado por um ato de criatividade tão estupendo e inefável que simplesmente não pode ser reduzido a tais termos. Mais uma vez, é uma cosmologia de autorreferência. Ou como os Bosquímanos do Kalahari tão eloquentemente o dizem, "O sonho está a sonhar-se a si próprio".

Capítulo 9

REGRESSO AO TEMPO DOS SONHOS

Apenas os seres humanos chegaram a um ponto em que já não sabem por que existem. Não usam os seus cérebros e esqueceram o conhecimento secreto dos seus corpos, dos seus sentidos, ou dos seus sonhos. Não utilizam o conhecimento que o espírito colocou em cada um deles, nem sequer estão conscientes disso, e por isso tropeçam cegamente na estrada para o lugar de hoje - uma estrada pavimentada que eles próprios derrubam e aplainam para que possam chegar mais depressa ao grande buraco vazio que encontrarão no final, à espera de os engolir. É uma superestrada rápida e confortável, mas eu sei para onde leva. Já o vi. Já lá estive na minha visão e arrepio-me ao pensar nisso.

- The Lakota Shaman Lame Deer Lame Deer Seeker of Visions

Para onde vai o modelo holográfico a partir daqui? Antes de examinarmos as possíveis respostas, podemos querer ver onde a pergunta já esteve antes. Neste livro referi-me ao conceito holográfico como uma nova teoria, e isto é verdade no sentido de que é a primeira vez que é apresentado num contexto científico. Mas, como vimos, vários aspetos desta teoria já foram prefigurados em várias tradições antigas. Não são os únicos prenúncios deste tipo, o que é intrigante, pois sugere que outros também encontraram razões para ver o universo como holográfico, ou pelo menos para intuir as suas qualidades holográficas.

Por exemplo, a ideia de Bohm de que o universo pode ser visto como o composto de duas ordens básicas, a implícita e a explícita, pode ser encontrada em muitas outras tradições. Os budistas tibetanos chamam a estes dois aspetos o vazio e o não vazio. O não vazio é a realidade dos objetos visíveis. O vazio, tal como a ordem implícita, é o local de nascimento de todas as coisas no universo, que dele emanam num "fluxo sem limites". Contudo, apenas o vazio é real e todas as formas no mundo objetivo são ilusórias, existindo apenas devido ao fluxo incessante entre as duas ordens.

Por sua vez, o vazio é descrito como "subtil", "indivisível", e "livre de características distintivas". Por ser total, não pode ser descrito por palavras. Falando corretamente, mesmo o não vazio não pode ser descrito em palavras porque também ele é uma totalidade na qual a consciência e a matéria e todas as outras coisas são indissolúveis e inteiras. Aqui reside um paradoxo, pois apesar da sua natureza ilusória o não vazio ainda contém "um complexo infinitamente vasto de universos". E no entanto, os seus aspetos indivisíveis estão sempre presentes. Como afirma o estudioso do Tibete John Blofeld, "Num universo assim composto,

tudo interpenetra, e é interpenetrado por tudo o resto; como com o vazio, assim com o não vazio - a parte é o todo".

Os tibetanos também prefiguraram algumas das ideias de Pribram. Segundo Milarepa, um iogue Tibetano do século XI e o mais conhecido dos santos Budistas Tibetanos, a razão pela qual somos incapazes de perceber diretamente o vazio é porque a nossa mente inconsciente (ou, como Milarepa diz, a nossa "consciência interior") está demasiado "condicionada" nas suas perceções. Este condicionamento não só nos impede de ver o que ele chama "a fronteira entre a mente e a matéria", ou o que chamaríamos o domínio da frequência, como também nos leva a formar um corpo para nós próprios quando estamos no estado entre-vidas e no qual já não temos um corpo. "No reino invisível dos céus... a mente ilusória é o grande culpado", escreve Milarepa, que aconselhou os seus discípulos a praticar "a visão e a contemplação perfeitas", a fim de realizar esta "Realidade Suprema".

Os Budistas Zen também reconhecem a indivisibilidade última da realidade, e de facto o principal objetivo do Zen é aprender a perceber esta plenitude. No seu livro *Games Zen Masters Play*, e em palavras que poderiam ter sido retiradas diretamente de um dos jornais de Bohm, Robert Sohl e Audrey Carr afirmam: "Confundir a natureza indivisível da realidade com os escaninhos conceituais da linguagem é a ignorância básica da qual o Zen procura libertar-nos. As respostas finais à existência não se encontram em conceitos e filosofias intelectuais, por mais sofisticados que sejam, mas sim num nível de experiência direta não conceitual [da realidade]".

Os Hindus chamam o nível implícito da realidade Brahman. Brahman é sem forma mas é o local de nascimento de todas as formas na realidade visível, que surgem dela e então se envolvem de volta nela em um voo sem fim. Tal como Bohm, que diz que a ordem implícita pode ser facilmente chamada espírito, os hindus por vezes personificam este nível de realidade e dizem que ele é composto de pré-consciência. Assim, a consciência não é apenas mais subtil para a matéria, mas é mais fundamental do que a matéria; e na cosmogonia hindu é a matéria que emergiu da consciência, e não o contrário. Ou, como dizem os Vedas, o mundo físico é trazido à existência tanto através dos poderes do "véu" como da "projeção" da consciência.

Porque o universo material é apenas uma realidade de segunda geração, uma criação de consciência velada, os hindus dizem que é transitório e irreal, ou maya. Como afirma o Svetasvatara Upanishad, "É preciso saber que a Natureza é ilusão (maya), e que Brahman é o criador da ilusão. Todo este mundo está impregnado de seres que são partes dele". Da mesma forma, a Kena Upanishad diz que Brahman é algo "que muda a sua forma a cada momento, do estribo humano para uma folha de relva".

Porque tudo se desdobra da totalidade irreduzível de Brahman, o mundo é também um todo sem inconsútil, dizem os Hindus, e é novamente o *maya* que nos impede de perceber que, em última análise, não existe separatividade. "*Maya* separa a consciência

unida para que o objeto seja visto como diferente do eu e depois como dividido nos objetos multitudinários do universo", diz o estudioso Védico Sir John Woodroffe. "E existe tal objetividade desde que a consciência [da humanidade] seja velada ou contraída. Mas na base final da experiência a divergência desaparece, pois nela reside, na massa indiferenciada, o experienciador, a experiência, e o experiente".

Este mesmo conceito pode ser encontrado no pensamento Judaico. Segundo a tradição Cabalística "toda a criação é uma projeção ilusória dos aspetos transcendentais de Deus", diz Leo Schaya, um perito suíço em Cabala. No entanto, apesar da sua natureza ilusória, não é um nada completo, "pois cada reflexo da realidade, mesmo remoto, quebrado e transitório, possui necessariamente algo da sua causa". A ideia de que a criação posta em marcha pelo Deus do Génesis é uma ilusão reflete-se mesmo na língua Hebraica, pois como o Zohar, um comentário Cabalístico do século XIII sobre o Torá e o mais famoso dos textos Judaicos esotéricos, comenta que, o verbo *baro*, "criar", implica a ideia de "criar uma ilusão".

Há também muitos conceitos holográficos no pensamento xamanista. Os kahunas Havaianos dizem que tudo no universo está infinitamente interligado e que esta interconetividade quase pode ser pensada como uma teia. O xamã, reconhecendo a interconetividade de todas as coisas, vê-se a si próprio no centro desta teia e assim capaz de afetar qualquer outra parte do universo (é interessante notar que o conceito de *maya* também é frequentemente comparado a uma teia no pensamento Hinduísta).

Tal como Bohm, que diz que a consciência tem sempre a sua fonte no implícito, os aborígenes acreditam que a verdadeira fonte da mente está na realidade transcendente do tempo dos sonhos. As pessoas normais não se apercebem disto e acreditam que a sua consciência está nos seus corpos. Como sempre, os xamãs sabem que isto não é verdade, e é por isso que são capazes de estabelecer contato com os níveis mais subtis da realidade.

O povo Dogon do Sudão também acredita que o mundo físico é o produto de um nível mais profundo e fundamental de realidade e está perpetuamente a fluir para fora e depois a fluir de novo para este aspeto mais primário da existência. Como um ancião Dogon o descreveu, "Elaborar e depois devolver o que se tinha desenhado - isto é a vida do mundo".

Na realidade, a ideia implícita/explicita pode ser encontrada em praticamente todas as tradições xamânicas. Declara Douglas Sharon no seu livro *Wizard of the Four Winds: A Shaman's Story*: "Provavelmente o conceito central do xamanismo, onde quer que se encontre no mundo, é a noção de que subjacente a todas as formas visíveis no mundo, animadas e inanimadas, existe uma essência vital da qual elas emergem e pela qual são alimentadas. Em última análise, tudo volta a este desconhecido inefável, misterioso e impessoal".

A VELA E O LASER

Certamente uma das propriedades mais fascinantes de uma peça de filme holográfico é a forma não local como uma imagem é distribuída na sua superfície. Como vimos, Bohm acredita que o próprio universo também está organizado desta forma e emprega uma experiência de pensamento envolvendo um peixe e dois monitores de televisão para explicar por que acredita que o universo é igualmente não-local. Numerosos pensadores antigos também parecem ter reconhecido, ou pelo menos intuído, este aspeto da realidade. Os Sufis do século XII resumiram-no dizendo simplesmente que "o macrocosmo é o microcosmo", uma espécie de versão anterior da noção de Blake de ver o mundo num grão de areia. Os filósofos gregos Anaxímenes de Miletus, Pitágoras, Heráclito e Platão; os antigos gnósticos; o filósofo Judeu Pré-Cristão Philo Judaeus; e o filósofo Judeu medieval Maimonides - todos abraçaram a ideia do macrocosmo-microcosmo.

Após uma visão xamânica dos níveis mais subtis da realidade, o profeta semimítico Egípcio Hermes Trismegisto empregou uma frase ligeiramente diferente e disse que uma das principais chaves do conhecimento era a compreensão de que "o exterior é como o interior das coisas; o pequeno é como o grande". Os alquimistas medievais, para quem Hermes Trismegisto se tornou uma espécie de santo padroeiro, destilaram o sentimento no lema "Como em cima, assim em baixo". Ao falar da mesma ideia de macrocosmo igual ao microcosmo, o Tantra Hindu Visvasara usa termos um pouco mais grosseiros e diz simplesmente: "O que está aqui está noutra lugar".

O curandeiro Oglala Sioux Black Elk pôs uma reviravolta ainda mais não-local no mesmo conceito. Enquanto estava em Harney Peak, nas Colinas Negras, testemunhou uma "grande visão" durante a qual "vi mais do que posso dizer e compreendi mais do que vi; pois estava a ver de uma forma sagrada as formas de todas as coisas no espírito, e a forma de todas as formas como elas devem viver juntas como um só ser". Uma das mais profundas compreensões que ele teve depois deste encontro com o inefável foi que Harney Peak era o centro do mundo. No entanto, esta distinção não se limitava a Harney Peak, pois como disse Black Elk, "Em qualquer lugar está o centro do mundo". Mais de vinte e cinco séculos antes, o filósofo Grego Empédocles esbarrou na mesma alteridade sagrada e escreveu que "Deus é um círculo cujo centro está em todo o lado, e a sua circunferência em lado nenhum".

Não satisfeitos com meras palavras, alguns pensadores antigos recorreram a analogias ainda mais elaboradas na sua tentativa de comunicar as propriedades holográficas da realidade. Para este fim, o autor do Sutra Hindu Avatamsaka comparou o universo a uma lendária rede de pérolas que dizia pairar sobre o palácio do deus Indra e "de tal forma disposta que, se olharmos para uma [pérola], vemos todas as outras refletidas nela". Como explicou o autor do Sutra: "Da mesma forma, cada objeto no mundo não é apenas ele próprio, mas envolve todos os outros objetos e, de facto, é tudo o mais".

Fa-Tsang, o fundador da escola de pensamento Budista Hua-yen do século VII, empregou uma analogia notavelmente semelhante ao tentar comunicar a interconetividade e interpenetração final de todas as coisas. Fa-Tsang, que sustentava que todo o cosmos estava implícito em cada uma das suas partes (e que também acreditava que cada ponto do cosmos era o seu centro), comparou o universo a uma rede multidimensional de joias, cada uma delas refletindo todas as outras ad infinitum.

Quando a imperatriz Wu anunciou que não compreendia o significado de Fa-Tsang nesta imagem e lhe pediu mais esclarecimentos, Fa-Tsang suspendeu uma vela no meio de uma sala cheia de espelhos. Isto, disse ele à imperatriz Wu, representava a relação do Um com os muitos. Depois pegou num cristal polido e colocou-o no centro da sala para que refletisse tudo à sua volta. Isto, disse ele, mostra a relação dos muitos com o Um. Contudo, tal como Bohm, que sublinha que o universo não é simplesmente um holograma mas um holomovimento, Fa-Tsang salientou que o seu modelo era estático e não refletia o dinamismo e o movimento constante da inter-relação cósmica entre todas as coisas no universo.

Em suma, muito antes da invenção do holograma, numerosos pensadores já tinham vislumbrado a organização não-local do universo e tinham chegado às suas próprias formas únicas de expressar esta percepção. Vale a pena notar que estas tentativas, por mais rudes que possam parecer aos que são mais sofisticados tecnologicamente, podem ter sido muito mais importantes do que imaginamos. Por exemplo, parece que o matemático e filósofo Alemão Leibniz do século XVII estava familiarizado com a escola Hua-yen do pensamento Budista. Alguns argumentaram que foi por isso que ele propôs que o universo fosse constituído a partir de entidades fundamentais a que ele chamou "mónadas", cada uma das quais contendo um reflexo de todo o universo. O que é significativo é que Leibniz também deu ao mundo o cálculo integral, e foi o cálculo integral que permitiu a Dennis Gabor inventar o holograma.

O FUTURO DA IDEIA HOLOGRÁFICA

E assim uma ideia antiga, uma ideia que parece encontrar pelo menos alguma expressão em praticamente todas as tradições filosóficas e metafísicas do mundo, fecha o círculo. Mas se estes antigos entendimentos podem levar à invenção do holograma, e a invenção do holograma pode levar à formulação do modelo holográfico de Bohm e Pribram, a que novos avanços e descobertas poderá o modelo holográfico levar? Já existem mais possibilidades no horizonte.

SOM HOLOFÓNICO

Baseando-se no modelo holográfico do cérebro de Pribram, o fisiologista Argentino Hugo Zuccarelli desenvolveu recentemente uma nova técnica de gravação que permite criar o equivalente a hologramas feitos de som e não de luz. Zuccarelli baseia a sua técnica no curioso facto de que os ouvidos humanos emitem realmente som. Percebendo que estes sons naturais eram o equivalente em áudio do "laser de referência" utilizado para recriar uma imagem holográfica, utilizou-os como base para uma nova e revolucionária técnica de gravação que reproduz sons ainda mais realistas e tridimensionais do que os produzidos através do processo estéreo. Ele chama a este novo tipo de som "som holofónico".

Depois de ouvir uma das gravações holofónicas de Zuccarelli, um repórter do Times of London escreveu recentemente: "Eu dei uma olhadela para os números tranquilizadores no meu relógio para ter a certeza de onde estava. As pessoas aproximaram-se por trás de mim onde eu sabia que só havia uma parede... Ao fim de sete minutos estava a ter a impressão de figuras, a personificação das vozes na cassette. É uma 'imagem' multidimensional criada pelo som".

Como a técnica de Zuccarelli se baseia na própria forma holográfica do cérebro de processar o som, parece ter tanto sucesso em enganar o ouvido como os hologramas de luz em enganar os olhos. Como resultado, os ouvintes movem frequentemente os pés quando ouvem uma gravação de alguém a caminhar à sua frente, e movem a cabeça quando ouvem o que parece um fósforo a ser aceso demasiado perto do rosto (alguns dizem até cheirar o fósforo). Notavelmente, porque uma gravação holofónica não tem nada a ver com o som estereofónico convencional, mantém o seu som tridimensional misterioso, mesmo quando se ouve apenas um lado de um auscultador. Os princípios holográficos envolvidos também parecem explicar por que é que pessoas que são surdas num ouvido ainda conseguem localizar a fonte de um som sem mover as suas cabeças.

Vários grandes artistas de gravação, incluindo Paul McCartney, Peter Gabriel, e Vangelis, abordaram Zuccarelli sobre o seu processo, mas devido a considerações sobre patentes ele ainda não revelou a informação necessária para uma compreensão completa da sua técnica.*

PUZZLES NÃO RESOLVIDOS EM QUÍMICA

O químico Ilya Prigogine observou recentemente que a ideia de Bohm da ordem implícita-explícita pode ajudar a explicar certos fenómenos anómalos da química. A ciência há muito que acredita que uma das regras mais absolutas do universo é que as coisas tendem sempre para um maior estado de desordem. Se deixar cair uma aparelhagem

* Uma cassette áudio de amostra de som gravado holofonicamente pode ser obtida por quinze dólares na Interface Press, Box 42211, Los Angeles, Califórnia 90042.

estereofónica do Empire State Building, quando esta embater na calçada não se torna mais ordenada e nem se transforma num gravador de vídeo. Torna-se mais desordenado e transforma-se numa pilha de peças fragmentadas.

Prigogine descobriu que isto não é verdade para todas as coisas no universo. Ele assinala que, quando misturados, alguns produtos químicos evoluem para um arranjo mais ordenado, e não mais desordenado. Ele chama a estes sistemas ordenados espontâneos "estruturas dissipativas" e ganhou um Prémio Nobel por ter desvendado os seus mistérios. Mas como pode um sistema novo e mais complexo aparecer subitamente na existência? Dito de outra forma, de onde vêm as estruturas dissipativas? Prigogine e outros têm sugerido que, longe de se materializarem do nada, são uma indicação de um nível mais profundo de ordem no universo, evidência de que os aspetos implícitos da realidade se tornam explícitos.

Se isto for verdade, poderia ter implicações profundas e, entre outras coisas, levar a uma compreensão mais profunda de como novos níveis de complexidade - tais como atitudes e novos padrões de comportamento - se tornaram realidade na consciência humana e mesmo como aquela complexidade mais intrigante de todas, a própria vida, apareceu na Terra há vários milhares de milhões de anos.

NOVOS TIPOS DE COMPUTADORES

O modelo holográfico do cérebro foi também recentemente alargado ao mundo dos computadores. No passado, os cientistas informáticos pensavam que a melhor maneira de construir um computador melhor era simplesmente construir um computador maior. Mas na última meia década mais ou menos, os investigadores desenvolveram uma nova estratégia, e em vez de construir máquinas monolíticas únicas, alguns começaram a ligar dezenas de pequenos computadores em "redes neuronais" que se assemelham mais à estrutura biológica do cérebro humano. Recentemente, Marcus S. Cohen, um cientista informático da Universidade do Estado do Novo México, salientou que os processadores que dependem de ondas de luz interferentes que passam através de "grelhas holográficas multiplexadas" podem fornecer um análogo ainda melhor da estrutura neural do cérebro. Da mesma forma, a física Dana Z. Anderson da Universidade do Colorado mostrou recentemente como as grelhas holográficas podem ser usadas para construir uma "memória ótica" que exhibe um centro associativo.

Por mais excitantes que estes desenvolvimentos sejam, são ainda apenas mais refinamentos da abordagem mecanicista para compreender o universo, avanços que ocorrem apenas dentro do quadro material da realidade. Mas como vimos, a afirmação mais extraordinária da ideia holográfica é que a materialidade do universo pode ser uma ilusão, e a realidade física pode ser apenas uma pequena parte de um vasto e senciente cosmos

não-físico. Se isto for verdade, que implicações tem para o futuro? Como é que começamos a penetrar verdadeiramente nos mistérios destas dimensões mais subtis?

A NECESSIDADE DE UMA REESTRUTURAÇÃO BÁSICA DA CIÊNCIA

Atualmente, uma das melhores ferramentas que temos para explorar os aspetos desconhecidos da realidade é a ciência. E no entanto, quando se trata de explicar as dimensões psíquicas e espirituais da existência humana, a ciência, no essencial, tem ficado repetidamente aquém das expectativas. Claramente, para que a ciência possa avançar mais nestas áreas, precisa de sofrer uma reestruturação básica, mas o que é que uma tal reestruturação pode implicar especificamente?

Obviamente, o primeiro e mais necessário passo é aceitar a existência de fenómenos psíquicos e espirituais. Willis Harman, presidente do Instituto de Ciências Noéticas e antigo cientista social sénior do Stanford Research Institute International, sente que esta aceitação é crucial não só para a ciência, mas também para a sobrevivência da civilização humana. Além disso, Harman, que escreveu extensivamente sobre a necessidade de uma reestruturação básica da ciência, está surpreendido por esta aceitação ainda não ter tido lugar. "Por que não assumimos que qualquer classe de experiências ou fenómenos que têm sido relatados, através dos tempos e através das culturas, tem uma validade facial que não pode ser negada?", pergunta ele.

Como já foi mencionado, pelo menos parte da razão é o preconceito de longa data da ciência ocidental contra tais fenómenos, mas a questão não é tão simples como isto. Considere-se, por exemplo, as memórias de vidas passadas de pessoas sob hipnose. Se estas são memórias reais de vidas anteriores ou não, ainda tem de ser provado, mas o facto permanece, o inconsciente humano tem uma propensão natural para gerar pelo menos memórias *aparentes* de encarnações anteriores. Em geral, a comunidade psiquiátrica ortodoxa ignora este facto. Porquê?

À primeira vista a resposta parece ser porque a maioria dos psiquiatras simplesmente não acredita em tais coisas, mas não é necessariamente este o caso. O psiquiatra da Flórida Brian L. Weiss, licenciado pela Escola de Medicina de Yale e atualmente presidente da psiquiatria no Mount Sinai Medical Center em Miami, diz que desde a publicação do seu best-seller *Many Lives, Many Masters* em 1988 - no qual discute como passou de cético a crente na reencarnação depois de um dos seus pacientes ter começado a falar espontaneamente sobre as suas vidas passadas enquanto estava sob hipnose - ele tem sido inundado por cartas e telefonemas de psiquiatras que dizem que também eles são crentes secretos. "Penso que isso é apenas a ponta do iceberg", diz Weiss. "Há psiquiatras que me escrevem que têm feito terapia de regressão há dez a vinte anos, na privacidade do seu

consultório, e 'por favor não digam a ninguém, mas...' Muitos estão recetivos a ela, mas não a admitem".

Da mesma forma, numa conversa recente com Whitton quando lhe perguntei se sentia que a reencarnação se tornaria um facto científico aceite, ele respondeu: "Penso que já o é. A minha experiência com cientistas é que, se leram a literatura, acreditam na reencarnação. As provas são tão convincentes que o consentimento intelectual é virtualmente natural".

As opiniões de Weiss e Whitton parecem confirmadas por um inquérito recente sobre fenómenos psíquicos. Depois de lhes ter sido assegurado que as suas respostas permaneceriam anónimas, 58% dos 228 psiquiatras que responderam (muitos deles os chefes de departamento e os decanos das escolas médicas) disseram que acreditavam que "uma compreensão dos fenómenos psíquicos" era importante para os futuros licenciados em psiquiatria! Quarenta e quatro por cento admitiram acreditar que os fatores psíquicos eram importantes no processo de cura.

Assim, parece que o medo do ridículo pode ser tanto ou mais um obstáculo do que a descrença em conseguir que o estabelecimento científico comece a tratar a investigação psíquica com a seriedade que merece. Precisamos de mais pioneiros como Weiss e Whitton (e a miríade de outros investigadores corajosos cujo trabalho tem sido discutido neste livro) para ir a público com as suas crenças e descobertas privadas. Em resumo, precisamos do equivalente parapsicológico de uma Rosa Parks.

Outra característica que deve fazer parte da reestruturação da ciência é um alargamento da definição do que constitui prova científica. Os fenómenos psíquicos e espirituais desempenharam um papel significativo na história da humanidade e ajudaram a moldar alguns dos aspetos mais fundamentais da nossa cultura. Mas, como não são fáceis de enfileirar e escrutinar num ambiente de laboratório, a ciência tem tendência a ignorá-los.

Pior ainda, quando são estudados, são muitas vezes os aspetos menos importantes dos fenómenos que são isolados e catalogados. Pois, em termos de postura, uma das poucas descobertas relativas às EFC que é considerada válida num sentido científico é que as ondas cerebrais mudam quando uma EFC sai do corpo. E no entanto, quando se lê relatos como os de Monroe, percebe-se que, se as suas experiências são reais, elas envolvem descobertas que poderiam ter tanto impacto na história humana como a descoberta do Novo Mundo por Colombo ou a invenção da bomba atómica. De facto, aqueles que assistiram ao trabalho de um clarividente verdadeiramente talentoso sabem imediatamente que testemunharam algo muito mais profundo do que é transmitido nas estatísticas secas de R. H. e Louisa Rhine.

Isto não quer dizer que o trabalho dos Rhines não seja importante. Mas quando um grande número de pessoas começa a relatar as mesmas experiências, os seus relatos anedóticos também devem ser vistos como provas importantes. Não devem ser descartados apenas porque não podem ser documentados de forma tão rigorosa como outras

características, muitas vezes menos significativas do mesmo fenómeno podem ser documentadas. Como afirma Stevenson, "creio que é melhor aprender o que é provável sobre assuntos importantes do que ter a certeza sobre assuntos triviais".

Vale a pena notar que esta regra de ouro já é aplicada a outros fenómenos naturais mais aceites. A ideia de que o universo começou numa explosão única, primordial, ou Big Bang, é aceite sem questionamento pela maioria dos cientistas. E isto é estranho porque, embora existam razões imperiosas para acreditar que isto é verdade, nunca ninguém provou que seja verdade. Por outro lado, se um psicólogo de experiências quase-morte afirmasse categoricamente que o reino da luz para onde os EQM viajam durante as suas experiências é um outro nível de realidade real, o psicólogo seria atacado por fazer uma declaração que não pode ser provada. Por outras palavras, a ciência já aceita o que é provável sobre assuntos muito importantes se esses assuntos caírem na categoria de "coisas da moda para acreditar", mas não se caírem na categoria de "coisas antiquadas para acreditar". Este padrão duplo deve ser eliminado antes que a ciência possa começar a fazer incursões significativas no estudo tanto dos fenómenos psíquicos como espirituais.

Mais crucial de tudo, a ciência deve substituir o seu enamoramento pela objetividade - a ideia de que a melhor maneira de estudar a natureza é ser desapegado, analítico e desapaixonadamente objetivo - com uma abordagem mais participativa. A importância desta mudança tem sido sublinhada por numerosos investigadores, incluindo Harman. Vimos também provas da sua necessidade repetidamente ao longo deste livro. Num universo em que a consciência de um físico afeta a realidade de uma partícula subatômica, a atitude de um médico afeta se um placebo funciona ou não, a mente de um experimentador afeta a forma de funcionamento de uma máquina, e o imaginário pode transbordar para a realidade física, já não podemos fingir que estamos separados do que estamos a estudar. Num universo holográfico e omnijetivo, um universo em que todas as coisas fazem parte de um perfeito continuum, a objetividade estrita deixa de ser possível.

Isto é especialmente verdade quando se estudam fenómenos psíquicos e espirituais e parece ser a razão pela qual alguns laboratórios são capazes de alcançar resultados espetaculares quando realizam experiências de visão remota, e alguns falham miseravelmente. De facto, alguns investigadores no campo paranormal já passaram de uma abordagem estritamente objetiva para uma abordagem mais participativa. Por exemplo, Valerie Hunt descobriu que os seus resultados experimentais foram afetados pela presença de indivíduos que tinham estado a beber álcool e que, por isso, não permitirão a entrada desses indivíduos no seu laboratório enquanto ela estiver a fazer medições. Nesta mesma linha, os parapsicólogos Russos Dubrov e Pushkin descobriram que têm mais sucesso duplicando as descobertas de outros parapsicólogos se hipnotizarem todos os sujeitos de teste presentes. Parece que a hipnose elimina a interferência causada pelos pensamentos e crenças conscientes dos sujeitos de teste, e ajuda a produzir resultados "mais limpos". Embora tais práticas, hoje em dia, possam parecer-nos estranhas ao extremo, podem tornar-

se procedimentos operacionais padrão à medida que a ciência desvende mais segredos do universo holográfico.

Uma mudança da objetividade para a participação também irá certamente afetar muito o papel do cientista. À medida que se torna cada vez mais evidente que é a experiência da observação que é importante, e não apenas o ato de observação, é lógico assumir que os cientistas, por sua vez, se verão cada vez menos como observadores e cada vez mais como experimentadores. Como afirma Harman, "A vontade de ser transformado é uma característica essencial do cientista participativo".

Mais uma vez, há provas de que algumas dessas transformações já estão a ter lugar. Por exemplo, em vez de apenas observar o que aconteceu com os Conibo depois que consumiram a *ayahuasca* da videira da alma, Harner bebeu o alucinógeno ele mesmo. É óbvio que nem todos os antropólogos estariam dispostos a correr esse risco, mas também é evidente que ao tornar-se um participante em vez de apenas um observador, ele foi capaz de aprender muito mais do que jamais poderia tê-lo feito apenas sentado na arquibancada e a fazer anotações.

O sucesso de Harner sugere que em vez de apenas entrevistar EQM (Experimentadores de Quase-Morte), EFC (Experimentadores Fora-do-Corpo), e outros viajantes para os reinos mais subtis, os cientistas participativos do futuro podem conceber eles próprios métodos de viagem para lá. Os investigadores já lúcidos estão a explorar e a relatar as suas próprias experiências de sonho lúcido. Outros podem desenvolver técnicas diferentes e ainda mais inovadoras para explorar as dimensões interiores. Por exemplo, embora não seja um cientista na definição mais estrita do termo, Monroe desenvolveu gravações de sons rítmicos especiais que ele sente facilitar experiências fora-do-corpo. Fundou também um centro de investigação chamado Instituto Monroe de Ciências Aplicadas nas Montanhas Blue Ridge e afirma ter treinado centenas de indivíduos para fazerem as mesmas viagens fora-do-corpo que ele fez. Será que tais desenvolvimentos são prenúncios do futuro, prenúncios de um tempo, quando não só os astronautas mas "psiconautas" se tornam os heróis a que assistimos nas notícias da noite?

UM IMPULSO EVOLUCIONÁRIO PARA UMA CONSCIÊNCIA SUPERIOR

A ciência pode não ser a única força que nos oferece passagem para a terra de lugar nenhum. No seu livro *Heading towards Omega (Rumo a Ómega)* Ring aponta que há provas convincentes de que as EQM estão a aumentar. Como vimos, nas culturas tribais os indivíduos que têm EQM são muitas vezes tão transformados que se tornam xamãs. As pessoas que passam por uma EQM moderna também se transformam espiritualmente, passando das suas personalidades pré-EQM para pessoas mais amorosas, compassivas e ainda mais psíquicas. A partir de Ring conclui-se que talvez o que estamos a testemunhar

seja "*a xamanização da humanidade moderna*". Mas se isto é assim, por que é que as EQM estão a aumentar? Ring acredita que a resposta é tão simples como profunda; o que estamos a testemunhar é "*um impulso evolutivo para uma consciência mais elevada para toda a humanidade*".

E as EQM podem não ser o único fenómeno transformador a borbulhar a partir da psique humana coletiva. Grosso acredita que o aumento das visões marianas durante o último século têm também implicações evolutivas. Da mesma forma, numerosos investigadores, incluindo Raschke e Vallée, sentem que a explosão de avistamentos de OVNIs nas últimas décadas têm um significado evolutivo. Vários investigadores, incluindo Ring, salientaram que os encontros de OVNIs na realidade assemelham-se a iniciações xamânicas e podem ser mais uma evidência da xamanização da humanidade moderna. Strieber concorda. "Penso que é bastante óbvio que, quer [o fenómeno OVNI esteja a ser feito por alguém ou [esteja a acontecer] naturalmente, aquilo com que estamos a lidar é um salto exponencial de uma espécie para outra. Eu suspeitaria que o que estamos a ver é o processo de evolução em ação".

Se tais especulações são verdadeiras, qual é o objetivo desta transformação evolutiva? Parece haver duas respostas. Numerosas tradições antigas falam de uma época em que o holograma da realidade física era muito mais plástico do que é agora, muito mais parecido com a realidade amorfa e fluída da dimensão pós-vida. Por exemplo, os aborígenes Australianos dizem que houve uma época em que o mundo inteiro era tempo de sonho. Edgar Cayce fez eco deste sentimento e afirmou que a terra estava "no início apenas na natureza das formas de pensamento ou visualização feitas empurrando-se para fora de si própria da forma que desejava... Depois veio a materialidade como tal à terra, através do Espírito empurrando-se a si próprio para a matéria".

Os aborígenes afirmam que chegará o dia em que a terra regressará ao tempo dos sonhos. No espírito da pura especulação, poder-se-á perguntar se, à medida que aprendemos a manipular cada vez mais o holograma da realidade, veremos o cumprimento desta profecia. À medida que nos tornamos mais adeptos de mexer no que Jahn e Dunne chamam a interface entre a consciência e o seu ambiente, será possível experimentarmos uma realidade que é novamente maleável? Se isto for verdade, precisaremos de aprender muito mais do que sabemos atualmente para manipular com segurança um tal ambiente plastificado, e talvez esse seja um dos objetivos dos processos evolutivos que parecem estar a desenrolar-se no nosso meio.

Muitas tradições antigas também afirmam que a humanidade não teve origem na terra, e que o nosso verdadeiro lar está com Deus, ou pelo menos num reino não-físico e mais paradisíaco de espírito puro. Por exemplo, existe um mito Hindu que segundo o qual a consciência humana começou como uma ondulação que decidiu deixar o oceano de "consciência como tal, intemporal, sem espaço, infinita e eterna". Despertando para si própria, esqueceu-se que fazia parte deste oceano infinito, e sentiu-se isolada e separada.

Loye argumentou que a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden também pode ser uma versão deste mito, uma memória antiga de como a consciência humana, algures no seu passado insondável, deixou o seu lar no implícito e esqueceu que fazia parte da totalidade cósmica de todas as coisas. Nesta visão, a terra é uma espécie de parque infantil "no qual se é livre de experimentar todos os prazeres da carne, desde que se perceba que se é uma projeção holográfica de uma... dimensão espacial de ordem superior".

Se isto for verdade, os fogos evolutivos que começam a cintilar e a dançar através da nossa psique coletiva podem ser a nossa chamada de despertar, a nota de trombeta que nos informa que a nossa verdadeira casa está noutra lugar e podemos voltar lá se quisermos. Strieber, por exemplo, acredita que esta é precisamente a razão pela qual os OVNIs estão aqui: "Penso que eles são provavelmente parteiros do nascimento no mundo não-físico - que é a sua origem. A minha impressão é que o mundo físico é apenas um pequeno instante num contexto muito maior e que a realidade se está a desenrolar principalmente de uma forma não física. Não penso que a realidade física seja a fonte original do ser. Penso que o ser, enquanto consciência, é provavelmente anterior ao físico".

O escritor Terence McKenna, outro apoiante de longa data do modelo holográfico, concorda:

O que parece estar em causa é que desde o momento da consciência da existência da alma até à resolução do potencial apocalíptico, existem cerca de cinquenta mil anos. Estamos agora, sem dúvida, nos últimos segundos históricos dessa crise - uma crise que envolve o fim da história, a nossa partida do planeta, [e] o triunfo sobre a morte. Estamos, de facto, a fechar distância com o acontecimento mais profundo que uma ecologia planetária pode encontrar - a libertação da vida da crisálida escura da matéria.

Claro que estas são apenas especulações. Mas quer estejamos à beira de uma transição, como Strieber e McKenna sugerem, ou se esse divisor de águas ainda está muito distante no futuro, é evidente que estamos a seguir algum caminho de evolução espiritual. Dada a natureza holográfica do universo, é também aparente que pelo menos algo como as duas possibilidades acima mencionadas nos espera algures e em algum lugar.

E para que não sejamos tentados a assumir que a liberdade do físico é o fim da evolução humana, há provas de que o reino mais plástico e imaginário do além é também um mero degrau. Por exemplo, Swedenborg disse que para além do céu que visitou havia outro céu, um céu tão brilhante e sem forma para as suas perceções, que parecia apenas como "um fluxo de luz". Os EQM também descreveram ocasionalmente estes reinos ainda mais insondáveis e ténues. "Há muitos planos superiores, e para voltar a Deus, para alcançar o plano onde o Seu espírito reside, é preciso largar a sua roupa de cada vez até que o seu espírito esteja verdadeiramente livre", afirma um dos sujeitos de Whitton. "O processo de aprendizagem nunca pára... Por vezes é-nos permitido vislumbrar os planos superiores - cada um deles é mais leve e mais brilhante do que o anterior".

Pode ser assustador para alguns que a realidade pareça tornar-se cada vez mais frequente à medida que se penetra mais profundamente no implícito. E isto é compreensível. É óbvio que ainda somos como crianças que precisam da segurança de um livro para colorir, ainda não prontos para desenhar formas livres e sem linhas para guiar as nossas mãos desajeitadas. Mergulhar no reino do fluxo de luz de Swedenborg seria o mesmo que nos lançar numa alucinação de LSD completamente fluída. E ainda não estamos suficientemente maduros ou em controlo suficiente das nossas emoções, atitudes, e crenças para lidar com os monstros que as nossas psiques criariam lá para nós próprios.

Mas talvez seja por isso que estamos a aprender a lidar com pequenas doses do omnijetivo aqui, sob a forma de confrontos relativamente limitados com o imaginário que os OVNI's e outras experiências semelhantes proporcionam.

E talvez seja por isso que os seres da luz nos dizem uma e outra vez que o objetivo da vida é aprender.

Estamos de facto numa viagem de xamã, meras crianças a lutar para se tornarem técnicos do sagrado. Estamos a aprender a lidar com a plasticidade que faz parte de um universo em que a mente e a realidade são um continuum, e nesta viagem uma lição sobressai acima de todas as outras. Enquanto a falta de forma e a liberdade de cortar a respiração do além continuarem a assustar-nos, continuaremos a sonhar com um holograma para nós próprios que seja confortavelmente sólido e bem definido.

Mas devemos sempre ter em conta o aviso de Bohm de que os escaninhos conceituais que usamos para analisar o universo são da nossa responsabilidade. Eles não existem "lá fora", pois "lá fora" é apenas a totalidade indivisível. Brahman. E quando superamos um determinado conjunto de escaninhos conceituais, devemos estar sempre preparados para avançar, para avançar de estado de alma para estado de alma, como Sri Aurobindo o disse, e de iluminação para iluminação. Pois o nosso propósito parece tão simples quanto infinito.

Estamos, como dizem os aborígenes, apenas a aprender como sobreviver no infinito.

Gullan Greyl

COMENTÁRIOS E OBSERVAÇÕES

Tive dificuldade em encontrar este livro em português. Em Portugal, até à data, não existe este livro nas livrarias editado em português. Assim, quem me ofereceu este livro, em inglês, comprou-o numa livraria em Portugal, por encomenda. Vasculhei pela internet à procura deste livro em português e quando o encontrei, em português brasileiro, teria de fazer um registo cujo valor da anuidade não compensava. Na prática, estaria a comprar um livro pelo valor de uma anuidade.

A minha atração por este livro surgiu em consequência de intuições acerca da hipótese de o Universo ser uma Projeção Holográfica. Intuições essas que vieram de uma das leituras que fiz mas que só tocou na questão muito ao de leve e pegando na tecnologia atual sobre hologramas.

Não falo nem escrevo inglês fluentemente e, em consequência disso, tenho que dar os meus parabéns à tecnologia. Pois, nunca pensei que fosse possível traduzir um livro com o recurso à mesma. Para o efeito usei o Tradutor do Google e outro programa chamado DeepL. Trabalhei com os dois em parceria. Tais programas ainda precisam de ser melhorados mas, ainda assim, o resultado foi bastante positivo. Assim, talvez uma coisa ou outra não tenha ficado bem claro mas procurei tornar o livro o mais inteligível e compreensível possível dentro das minhas limitações.

Então, à medida que o livro era traduzido, tomava conhecimento do seu conteúdo. É um livro fascinante que nos dá uma visão panorâmica sobre a Tese Holográfica do Universo. Porém, até onde vai o meu entendimento e compreensão atual, não tenho dúvidas de que o Universo é Literalmente uma Projeção Holográfica com Múltiplas Dimensões de Espaço e Tempo. O que vale dizer que, para além do nosso Universo Holográfico Multidimensional feito de Matéria e Antimatéria existem, forçosamente, outros Universos Holográficos Multidimensionais. Existimos como que Dentro de um Jogo Virtual Holográfico com Múltiplas Dimensões e Ambientes Existenciais, sendo a Humana, uma dessas dimensões e ambientes existenciais. Os nossos corpos biológicos são como Consolas que, mediante os seus Múltiplos Sentidos, fazem a Leitura e Conversão de Toda a Linguagem Holográfica numa Realidade Virtual Imersiva ao ponto de perdermos de vista o que é Real e o que é Ilusório. Desta forma, tomámos o Ilusório como sendo Real e o Real como sendo Ilusório. Vivemos Literalmente numa Auto-hipnose Coletiva.

Assim, o Salto Evolutivo Humano, passa por um Despertar da Consciência por forma a Recuperarmos a Perceção da nossa Verdadeira Identidade que, por

sua vez, nos levará a Ver o Ilusório como Ilusório e o Real como Real, mesmo quando e enquanto estejamos Dentro do Virtual.

Atingir essa Percepção Autoconsciente é atingir o Estado Iluminado.

Que este livro tenha um Valor Nutritivo para os Amantes do Saber como o teve para mim.

Atenciosamente

Gullan Greyl